

GRACILIANO RAMOS

Caetés

ROMANCE



LIVRARIA *José Olympio* EDITORA

Um grande poeta

CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE

A ROSA DO POVO

Prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira

Como o julga *Alvaro Lins*:

“.... Da atitude de *humour* do sr. Carlos Drummond de Andrade nasceu aquela deformação poética com que ele apresenta muitas vezes objetos e sentimentos sob fisionomias quase irreconhecíveis. Dela surgiu o que há de mais desconcertante, ilógico e imprevisto nas suas representações. Quase todos os seus poemas parecem diretos e simples, mas são todos metafóricos e simbólicos: eles se prolongam na inteligência e na sensibilidade do leitor através de um novo processo de imaginação. Nada dizem, porém, quando o leitor não está preparado para esse ato de recriação em harmonia com a visão particular do poeta. E há, com efeito, em toda atitude de *humour* um processo de deformação da realidade. Por excelência o humorista é o inadaptado, é o inconformista, é o desajustado. Ele tem sempre necessidade de criar uma outra realidade, de sugerir um outro mundo. Por mais comuns que sejam as suas palavras — elas contêm sugestões, simbólos e metáforas que transcendem o senso comum. Ele vive em um mundo de representação imaginativa. Por isso um autor como Swift será lido e compreendido de duas maneiras: uma pelas crianças e idiotas, a outra pelos homens experientes. A uns diverte e faz rir, aos outros faz sofrer e chorar. Quantos, por outro lado, terão percebido o que está por detrás de um conto como “O Alienista” de Machado de Assis? Também encontramos vários poemas do sr. Carlos Drummond de Andrade que mais parecem blagues, pilhérias, boas piadas. Um ou outro, isolado da sua obra e do conhecimento do seu autor, nada mais transmite do que uma impressão de extravagância ou esnobismo. Na verdade, porém, não estamos diante da boa chalaça portuguesa, de uma brincadeira ou gosto de escandalizar, mas de *humour*, isto é: uma visão estranha da realidade, uma alucinação sincera, uma luta para substituir a realidade

Olívio:

Sabemos que isto
é uma postcaria. Vem
Sáviña. Infelizmente.
Acabar está pela hora da
morte — e é necessário
preparar este lôgo p'ra
público. Abraço.

CAETÉS *fracilius*

Rio - 1947

OBRAS DE
GRACILIANO RAMOS

1. CAETÉS
2. S. BERNARDO
3. ANGÚSTIA
4. VIDAS SÉCAS
5. INSÔNIA

CAETÉS — romance — Schmidt, Editora — Rio, 1933; 2.^a ed. Livraria José Olympio Editora — Rio, 1947.

S. BERNARDO — romance — Ariel, Editora — Rio, 1934; 2.^a ed. Livraria José Olympio Editora — Rio, 1938; 3.^a ed. Livraria José Olympio Editora — Rio, 1947.

ANGÚSTIA — romance — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1936; 2.^a ed. Livraria José Olympio Editora — Rio, 1941; 3.^a ed. Livraria José Olympio Editora — Rio, 1947; edição uruguaia, Editorial Independencia — Montevidéu, 1945; edição norte-americana, Alfred A. Knopf — Nova York, 1946.

VIDAS SÉCAS — romance — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1938; 2.^a ed. Livraria José Olympio Editora — Rio, 1947.

HISTÓRIAS DE ALEXANDRE — folclore — Cia. Editora Leitura — Rio, 1944.

INFÂNCIA — memórias — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1945.

DOIS DEDOS — contos — R. A. — Rio, 1945.

HISTÓRIAS INCOMPLETAS — Livraria do Globo — Pôrto Alegre, 1946.

OBRAS DE GRACILIANO RAMOS

VOLUME 1

CAETÉS

ROMANCE

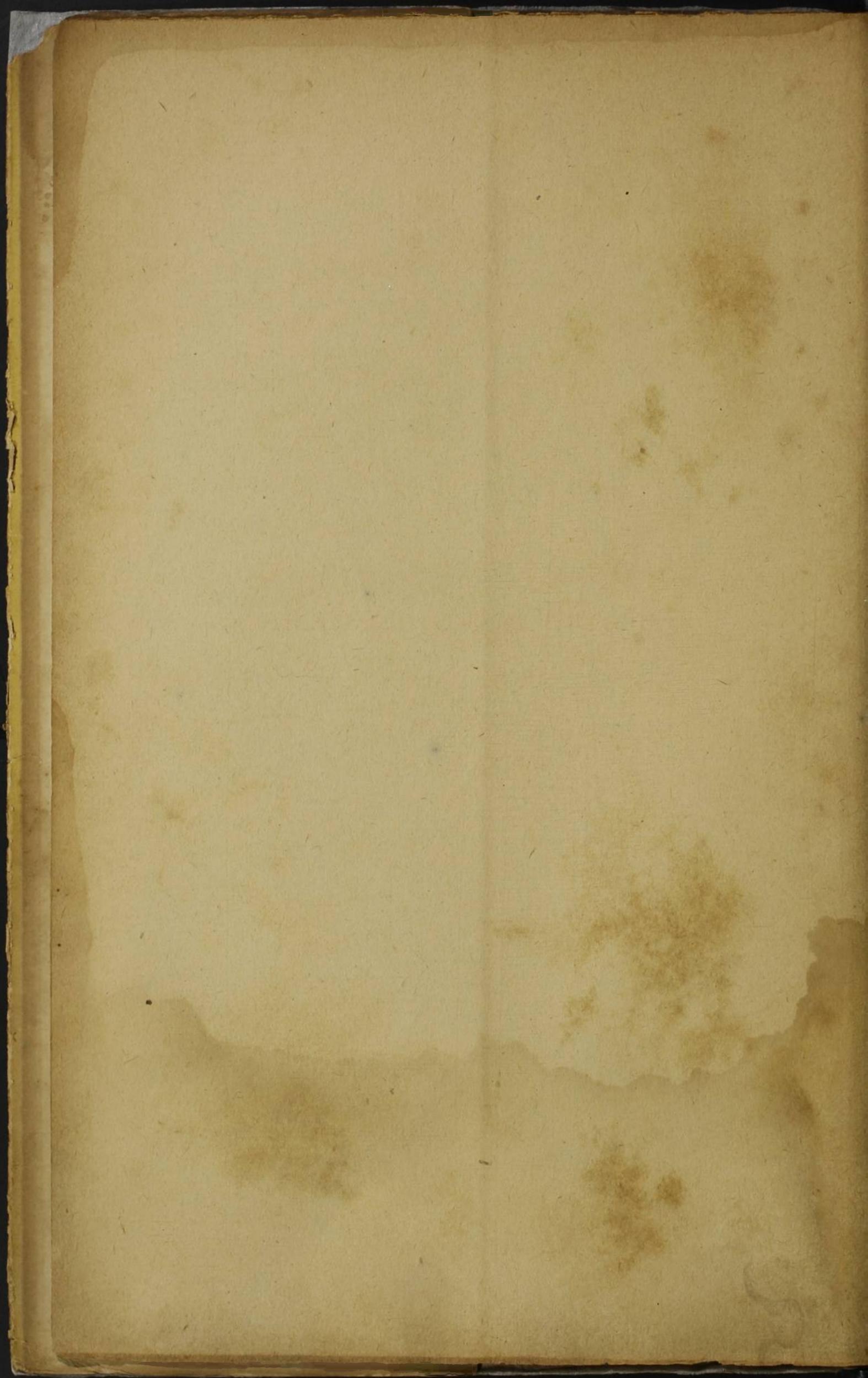
2.^a EDIÇÃO

ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO DE
FLORIANO GONÇALVES

Capa de SANTA ROSA

1947

LIVRARIA JOSÉ OLIMPIO EDITORA
Rua do Ouvidor, 110, Rio — Rua dos Gusmões, 104, S. Paulo



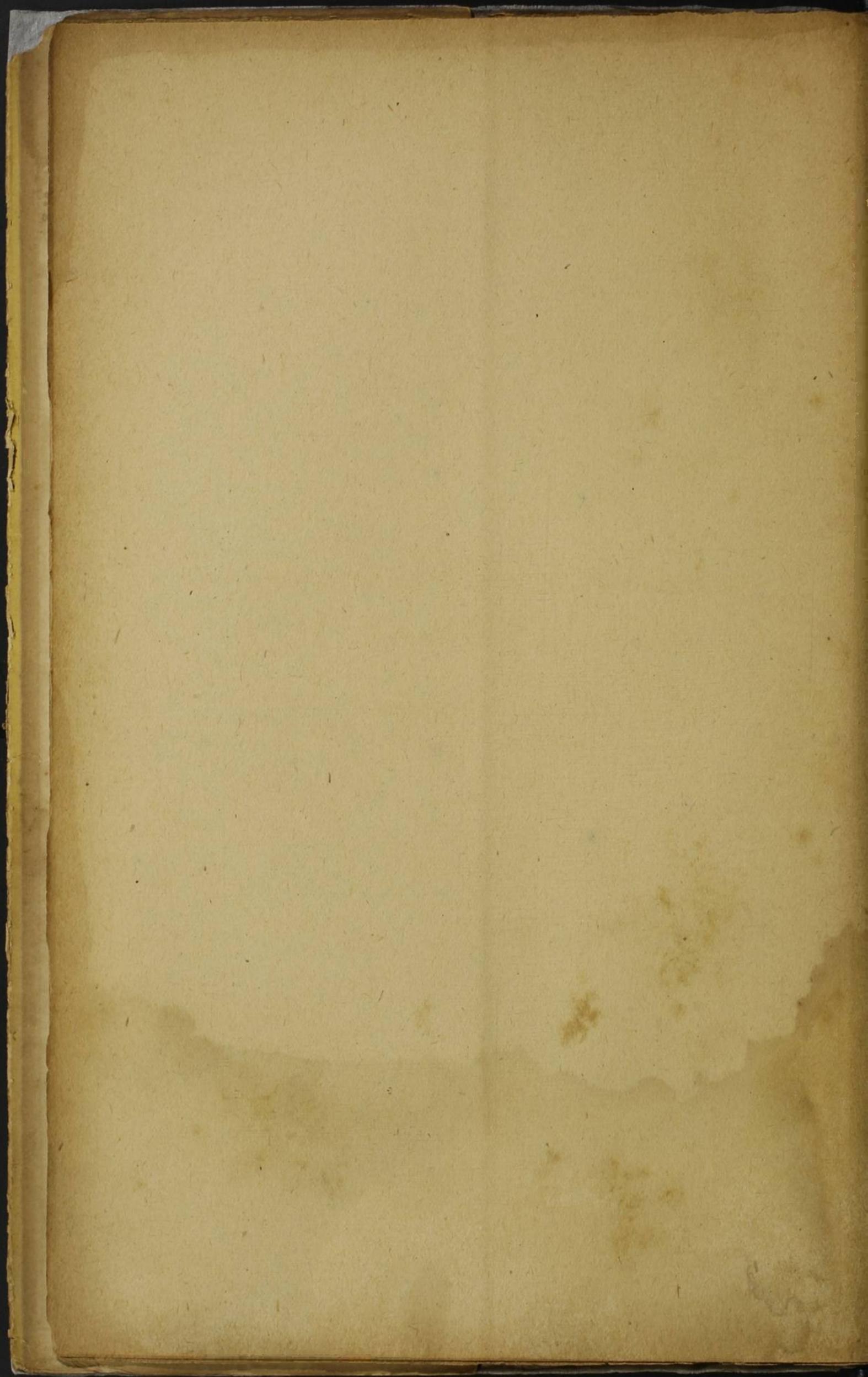
A

ALBERTO PASSOS GUIMARÃES

JORGE AMADO

E

SANTA ROSA



GRACILIANO RAMOS E O ROMANCE

ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO

FLORIANO GONÇALVES

Edições citadas neste estudo:

CAETÉS — Schmidt Editora — 1934.

S. BERNARDO — Livraria José Olympio Editora — 2.^a ed. — 1938.

ANGÚSTIA — Livraria José Olympio Editora — 2.^a ed. — 1941.

VIDAS SÉCAS — Livraria José Olympio Editora — 1938.

1

Um ensaio de interpretação deve sempre partir da definição do objecto interpretado, e quando o objecto é o romance, a definição é mais necessária, dado o limite imenso da arte para comportar definições. Por isso, no romance, é encarecida a conveniência de se partir de uma definição, ao menos da suposição de um conceito de romance como obra de arte. Definição ou conceito até onde um fenômeno pode caber dentro de sistemas e definições.

É natural que o romance, exactamente por ser obra de arte, não se reduza a conceitos de linhas geométricamente definidas, como um teorema ou a descrição de um sólido. A obra de arte supõe um dinamismo constante, em cada instante ela contém os germes da própria evolução, é a síntese de um momento que está, fatalmente, sujeito a evolucional com a progressiva quebra dos elementos que a compõem, ou do equilíbrio ou unidade destes elementos. E se admitirmos que a obra de arte nasce da contradição "homem-natureza", então esta evolução não só é evidente, como necessária. Contradição, aqui, não tem sentido formal, pragmático, de luta inevitável. É oposição dialéctica do pensamento, da sensibilidade, como condição preliminar de limitação e conhecimento. A sensibilidade oferecerá à contradição o carácter estético. Desta forma a obra de arte cabe no processo de desenvolvimento progressivo e emergente da dialéctica.

Mas isto não é definição de romance, é gênese do desenvolvimento de toda criação artística. O romance é uma forma particular desta criação. E se sua natureza instável e evolutiva anula qualquer tentativa de subordinação matemática a definições, ao menos seus elementos constitutivos (ou, apenas, a essência deles) devem comportar uma definição. Porque há na essência da natureza e do homem uma incoercível sugestão de eternidade. E é nesta oposição dialéctica "homem-natureza" que deve estar o conceito de romance e dos materiais da construção romanesca. Finalmente, todas as artes são formas particulares de expressão desta contradição.

Mas a pintura, por exemplo, já tem seus elementos definidos. Um pensamento clássico limitou a cor e a forma como valores expressivos da pintura. Luz e sombra se reduzem a aspectos da cor e da forma. Quando a pintura vai além dis-

to e procura o lado descriptivo e anedótico da côr e da forma, está fugindo à sua pureza, à essencialidade de seus elementos expressionais. É decadente, no sentido de insuficiência de se expressar, apenas, com seus valores puros e próprios. A escultura joga com volumes e movimentos em procura dum como equilíbrio dinâmico. Quando foge disto, quando seus movimentos vão além de se conterem e sugerirem, além dêste equilíbrio dinâmico, e se realizam inteiramente, com intenções descriptivas, também se revela a insuficiência expressional da escultura e ela será decadente.

Naturalmente os valores relativos da estética destas artes não se aplicam ao romance, mas as leis fundamentais da sua criação, as que condicionam seus elementos expressionais, devem ser as mesmas. Se se exige pureza para os materiais da pintura e da escultura, é natural que se exija também para os do romance. Finalmente, se se define o campo expressional de uma, deve-se definir o de todas. Isto não daria ainda uma definição de romance, mas lhe delimitaria um campo de expressão ou, pelo menos, indicaria até onde seus valores poderiam evoluir sem se contaminarem. Além disso, classificaria os próprios materiais do romance e o máximo de seu poder de expressão pura. Já seria um conceito para funcionar como regulador normal da estética do romance.

Se é certo que toda arte nasce da contradição dialéctica "homem-natureza", também é certo que sómente o romance tenta interpretar completamente esta contradição. Isto, por um lado, lhe enriquece o material de expressão, por outro, lhe cria leis muito mais amplas e complexas. Só no romance, por exemplo, aparece o tempo como elemento constitutivo e estético, e a personalidade humana é também elemento de construção, enquanto nas demais artes, não da palavra, sómente se manifesta como aspecto singular do processo criador. É a marca do artista, o estilo da luta. No romance, ela é a tese mesma, cheia, total, dinâmica, em progressão no tempo. E como a antítese da contradição é a natureza, o objecto final do romance é traduzir a síntese dialéctica da unidade dos contrários "homem-natureza", evoluindo no tempo. Mas por natureza se compreenderá todo o "não eu", inclusive o social, o fundo panorâmico do homem. Apenas, a tese, o homem, poderá evoluir para símbolo universal e assimilar todos os elementos humanos do "não eu". Então se realizará a síntese: romance, expressão universal de arte. Mas, para que a síntese atinja o quadro estético da arte, é necessário que a contradição se realize num sentido particular e estético.

Finalmente, caberia, como tentativa de conceituar o romance: "a expressão síntese da contradição homem-natureza, realizada e criada num sentido estético." Assim estaria situado o campo expressional do romance, e êsse campo incluiria em si os campos particulares de tôdas as artes. Comportar-se-ia arquitecturalmente e exigiria equilíbrio estrutural, participaria do ritmo, da música e das sugestões de forma, luz, côr e sombra. Exactamente porque seria a expressão síntese dos contrários homem-natureza.

Mas onde ficaria a marca singular do romance, seu íntimo distintivo? A palavra sómente não chega, porque ela é apenas veículo das sensações, exactamente como as massas geométricas não definem a arquitectura, nem a côr a pintura. Talvez ficasse na solução estética que o comportamento humano sugerisse. E nem êsse comportamento precisa ser total: um só ângulo da oposição pode conter o quadrante inteiro da luta. De qualquer forma, a marca particular do romance, como obra de arte, estaria em conter uma solução estética na síntese que traduz o comportamento humano, na oposição dialéctica homem-natureza. E a contribuição específica do romance seria o processo dinâmico, evolutivo, de seus elementos expressionais, os valores humanos tomados num momento relativo, reagindo sobre seu fundo panorâmico. É que o romance inclui o tempo como conteúdo estético, e é no tempo que seus valores procuram a solução de beleza, isto é, sua própria realização.

Há ainda o problema dos limites expressionais do material do romance. Ele participa de tôdas as manifestações artísticas, mas como e até onde é legítimo que participe? Quando a pintura é descritiva e anedótica, perde em expressividade pura porque ultrapassou seus limites estéticos. Quando então a procura de sugestão de côr, por exemplo, leva o romance a desbordar de seus limites e ser decadente, no sentido anterior? Quando o plano de técnica arquitectural o leva a perder sua expressividade pura? Qual será, finalmente, o comportamento clássico de seus elementos?

Aqui é necessário ir até a própria função estética do material artístico. Estes materiais são o homem e a natureza, mas não tomados como realmente são, e sim como elementos de arte. O homem, como um pensamento que avalia, sofreia, reage sobre as paixões e instintos, estiliza-os. A natureza, tomada como fundo panorâmico, onde o homem evoluciona, mas como representação do próprio homem, reflectida nêle, em dado instante. Assim, êsse material passa a ser elemento e não vale pelo que é em si, mas pelas sensações que consegue des-

pertar e transmitir. Desta forma, é legítima a sensação de paz, de dor, do que fôr, e também legítimo o elemento que a estimule. Mas sensação que nasça da sugestão pura e imediata da obra, como o frescor parece nascer da sombra, sensação que não seja motivada por pensamentos anteriores, que até seja motivo de pensamentos posteriores, isto sim. Pintando literariamente uma floresta, a sensação de silêncio e paz não deve vir destas palavras repetidas sempre, mas da sugestão de quietude, lentidão, distância, mistério, luz fria da composição geral. A palavra que traduz o material e o torna elemento de arte é apenas meio, e, num plano ideal, ela deixaria após a leitura principalmente sensações. Como na pintura a sensação de movimento não deve nascer duma figura a sacudir a perna, mas do equilíbrio dinâmico de sua composição a sugerir o movimento que se contém, no romance a palavra não deve aparecer únicamente como estímulo de reacções intelectivas puras, mas sim de sensações que emergirão da concorrência de vários elementos intelectivos. Desta forma o limite expressional do romance seria proporcional à pureza relativa da sensação não discriminista ou estética, estimulada e associada às discursivas discriministas. E quando a palavra fôr sómente elemento discursivo ou intelectivo, êle é decadente como forma de arte.

Poderá ser ensaio, ou o que fôr, não romance, forma de arte com tendência para a pureza clássica.

Mas a síntese que o romance é pode tomar aspectos infinitos, como varia infinitamente o elemento "homem" da contradição. E a "natureza" se apresenta, em cada instante, conforme o aspecto particular da representação em cada homem. E a síntese guardará a marca singular da tese. Isto parece justificar qualquer objecção à limitação do campo e da expressividade do romance. Mas a limitação não é ao campo nem aos elementos capazes de entrar nêle, traçando-lhes uma linha nítida para a evolução. É, antes, indicação de até onde o elemento se pode contaminar sem deixar de ser romanesco e quais os tornáveis romanescos. E decorre que é o próprio romancista que estabelece fins à síntese. As variações se condicionam às possíveis riquezas de cada temperamento, cuja fôrça estenderá variavelmente a capacidade de transformação estética dos materiais da oposição em materiais particulares da síntese. Uma limitação essencialmente dialéctica. Em resumo, quem não reagir com sensações especificamente romanescas realizará tudo, não romance. Mas se ao contrário, todo o material se transformará de intelectivo em estético, como também um só ângulo da contradição poderá su-

gerir todo quadrante. Isto não limita os meios expressionais do romance, limita a expressividade dos meios, e o fenômeno deixa de ter uma classificação rígida e estável para se apresentar relativo e dialéctico. E todo o espectáculo da contradição caberá na síntese estética. Mas sómente alguns serão eleitos e recriados como estímulos universais de sensações estéticas para conter a sugestão universal do espectáculo. Uma limitação parece haver, em cada momento e estática, mas dos temperamentos artísticos e não do material. A transformação dêste pode ser tão ampla que inclua toda a natureza, mas o romancista a apresentará como estímulos, na proporção de sua própria força. Finalmente, dentro do conceito de romance caberiam todas as tentativas e experiências, porque nada foge à contradição dialéctica homem-natureza. Mas a síntese terá de ser estética e conter o fluido que desperta emoções estéticas e sugere universalmente a luta humana em qualquer sentido.

Então, o campo do romance, como o de qualquer arte, é a sensação não intelectiva, e o romance só se realiza como obra de arte quando desperta e transmite sensações. A maior ou menor intensidade dêste poder e sua freqüência dão origem aos fenômenos do "pato", da "vivência", da capacidade de "empatia" do artista, finalmente são a força, a vida, a sugestão de beleza. Fora disto não há romance, num sentido puro de arte.

Mas se todo material é romanceável, contudo só se torna romanesco quando tratado de forma estética específica. Não basta que a palavra traduza maneiras do comportamento humano, é necessário que traduza tão esteticamente que perca em poder intelectivo e adquira em poder de sugerir a beleza, ou o aspecto estético que o comportamento contém, até atingir a síntese de expressividade universal. E esta universalidade só poderá ser atingida através da sensação; por isto a maior ou menor capacidade de estimulá-la marca os limites de legitimidade do material romanesco. Mas a legitimidade funcional relativa, não de eleição. Esta está condicionada ao homem da oposição, ao romancista, e como sua variabilidade emotiva é infinita e condicionada também ao seu ângulo de fundo panorâmico, a pesquisa, os campos de experimentação, são amplos, os caminhos a percorrer levam por zonas diferentes. E qualquer aspecto da contradição, através de qualquer sensibilidade, em qualquer tempo e espaço, cabe num romance. E a sensação é o veículo do fim a atingir, e é por intermédio dela que o romancista realiza sua intenção. E como romance é obra de arte

que tem um fim em si, a procura de expressão estética que êle é, a sua estruturação, tem de se condicionar à intenção. Por isto que o romance é a síntese da experiência do homem, com sentido estético, num instante de sua própria evolução dialéctica. E cabem neste conceito Tolstoi, Dostoievski e Somerset, Huxley, Proust e François Mauriac, Eça, Machado de Assis e Graciliano Ramos.

Há aqui, naturalmente, maior ou menor aproximação do tipo ideal do conceito. E, por isto mesmo, se evidencia a necessidade de, ao menos, uma noção conceitual de romance. Então, será justo avaliar a obra de arte que o romance é, compará-la ao tipo símbolo, medir seu grau de aproximação, estabelecer o juízo clássico do melhor. Assim, a crítica e o ensaio assumirão aspecto justo de ciência e poderão criar suas leis.

E é, principalmente, necessária esta classificação porque melhor e belo não querem dizer o que agrada mais, mais imediatamente, ao maior número. A beleza exige preparação para ser percebida, e o melhor não se impõe por sua natureza, porque ela não é absoluta nem universal. Isto não exclui uma possibilidade de classificação evolutiva e progressiva do belo, porque há uma lei universal, em função da qual ela evoluciona: a lei fundamental do ritmo do desenvolvimento dialéctico. Segundo esta lei, a tese e a antítese constituem uma contradição em unidade, em equilíbrio dinâmico instável, e é de sua essência fazer emergirem novos valores que modificarão o quadro e criarião novos equilíbrios instáveis, porque a condição de emergência se repetiu. E é belo em cada estádio dêste equilíbrio o que aí parece belo e a sensação registra estéticamente. Tudo relativo e condicionado, mas em ritmo progressivo. E o equilíbrio que se sucede deve ser superior ao que o antecedeu e guardar em si a essência da natureza dêle. Assim é que mais facilmente se comprehende a sucessão natural dos elementos de uma linha melódica do que o complexo desenho de uma harmonia polifônica. O belo é estágio superior do ritmo universal, em cada instante. Daí, ser necessário atingir o mesmo estágio de um ritmo particular e belo para poder entendê-lo ou sentí-lo.

A lei universal do ritmo nos oferece exemplos a cada passo. É conhecido o ritmo evolutivo dos vegetais, até que espécies superiores dessem flores. E o belo só foi capaz de se converter em valor quando o homem, estágio superior do ritmo universal, apareceu, pensou e agiu. E como é necessário ser homem para atingir a consciência diferencial do belo e criá-la, também é necessário estar num estágio de preparação particular da evolução

para compreender e criar as formas superiores de sensação de beleza.

Assim, o conceito, tão próximo quanto possível, do puro, do mais belo e melhor, agirá como regulador do grau de evolução do romance para sua forma ideal, em cada instante do ritmo universal. E em cada instante, porque este ideal tem em si, como própria lei, a condição de se transformar em formas superiores. E, retornando a este pensamento, cada instante rítmico é uma forma de equilíbrio instável e progressivo, um equilíbrio de movimentos e que sofre a reacção da nova forma de movimentos que está gerando inevitavelmente e que será o próprio equilíbrio superior. Assim, cada instante sempre se romperá e se transformará, em busca de outro instante, que é ainda uma como que sugestão do que se transforma. E a sugestão virá a ser um equilíbrio que se romperá pela repetição do processo. Assim eternamente. É a lei da evolução dialéctica.

Ora, o romance não pode evitar que os elementos de sua composição sejam de natureza íntima discursiva, porque este é o processo de conhecimento do homem: a transformação de todo elemento de conhecimento em elemento discursivo. É arte que se dirige à sensação, mas por via do intelectivo, ou, pelo menos, atravessando intermediariamente a zona intelectiva. Desta forma seu problema é transformar qualitativamente seus materiais, isto é, partir de elementos intelectivos puros e criar sensações estéticas. Então, quanto mais discriminista e racionalizante fôr o processo romanesco, mais parece ele estar-se distanciando de seu ideal.

Em resumo, não é pintura a côr, apenas, porque estimule uma sensação cromática, mas uma sensação cromática-estética. Nem os volumes, em escultura, porque expressem sensações geométricas, mas porque estimulem sensações de equilíbrio-estético. Nem, no romance, a palavra porque efectue descargas de pensamentos discursivos e discriminantes, mas porque estimule uma sensação intelectiva-estética. Tomemos como exemplo as últimas páginas de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Paulo Honório viveu uma vida inteira, construíu uma vida inteira e ela não lhe deu felicidade. Ele terminou desencantado e vazio, vendo tudo se gastar inutilmente; a cérca dos vizinhos, que ele distanciara a seu favor, volta sobre suas terras. Nada mais importa, depois da consciência da inutilidade de seus esforços para ser feliz. Então, o que há é uma grande desolação e a existência escorrendo como uma bica

aberta, sem sentido e sem utilidade. Dentro de Paulo Honório, vazio; em volta, desolação.

Mas nem uma vez Graciliano Ramos diz estas coisas diretamente e expressamente: elas nascem do arranjo de detalhes capazes de inspirá-las. São detalhes de valores expressos, discriminantes, mas que não valem isoladamente, se fundem na intenção do quadro. Perdem seus valores de elementos descriptivos absolutos para adquirirem valores relativos de estímulos de sensações estético-intelectivas. São como tons concorrendo para cambiantes, notas diferentes criando um conjunto harmônico. As últimas páginas de *São Bernardo* não deixam memórias esparsas de côtos de velas a se consumirem, nem da cara grande e dos dedos grandes de Honório, mas de macia, angustiosa, difusa sensação de vazio e de inutilidade de coisas a se acabarem. E um grande, desencantado isolamento de Paulo Honório. Eis o fim das páginas: "Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma bôca enorme, dedos enormes.

Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio.

Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exibe essas deformidades monstruosas.

A vela está quase a extinguir-se.

Julgo que delirei e sonhei com atoleiros, rios cheios e uma figura de lobisomem.

Lá fora há uma treva dos diabos, um grande silêncio. Entretanto o luar entra por uma janela fechada e o nordeste fúrioso espalha fôlhas sêcas no chão.

E horrível. Se aparecesse alguém... Estão todos dormindo.

Se ao menos a criança chorasse... Nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria!

Casimiro Lopes está dormindo. Marciano está dormindo. Patifes!

E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos." (Págs. 254-255. S. B.)

Bela e legítima página de romance esta de Graciliano Ramos. Dificilmente se encontrarão exemplos iguais em toda literatura nacional moderna.

É isto, é esta estranha expressividade do material do romance que o caracteriza como material estético romanesco. Estímulo de sensações estéticas. Estas podem, depois, sugerir

descargas de pensamentos. É outro caso. Assim, quanto mais a palavra contribua com seu carácter intelectivo para criar estímulos puros de sensações, mais legítimo é o seu conteúdo expressional. Enfim, é bom lembrar que a palavra é o veículo das sensações estéticas e estas o verdadeiro fim do material do romance.

2

EM ARTE, o conceito de sensação comporta um sentido bem mais amplo que em psicologia pura. Nesta, pode ser sómente o estado de consciência que registra um estado mais geral da sensibilidade. E as sensações podem ser discriminadas e classificadas, embora exista uma zona crítica donde cada sensação diferencial pode evolucionar para outra forma. Em arte, as classificações são mais instáveis e o estado de relativa pureza é mais difícil. O comum é a concorrência de várias sensações, com possível predominância transitória de alguma. Mas, sobretudo, o contínuo estado de evolução é que caracteriza a sensação de natureza estética. A sensação de frio pode ser delimitada, localizada, pode não afectar a consciência que a registra de um modo verificável. Mas a sensação estética é difusa, o mesmo frio sentido através de uma sensação estética é difuso, não se limita nem se localiza, afecta simultaneamente a consciência, como líquido derramado sobre um monte, a revestí-lo igualmente. Talvez isto decorra de seu processo ser inverso. Ao invés de partir do elemento sensorial para a consciência, parte desta para as reacções da sensibilidade diferenciada. Seja como fôr, a reacção estética contamina integralmente a consciência e é associada a uma outra ou outras sensações diferenciais. Isto explica como elementos intelectivos possam agir como estímulos de reflexos condicionados e associados.

O que caracteriza a sensação estética, além do processo, é o facto de criar um estado geral de comoção branda, isto é, um estado difuso que afecta toda a sensibilidade. E sua evolução é descontínua, caminha aos lances, de intensidade desigual, conforme o conteúdo estético de cada sensação diferencial associada que a estimula. Por isso o que interessa para a arte é o conteúdo estético de cada sensação, ou sua capacidade de associá-lo. Aqui se renovam as questões da relatividade da natureza do belo e de sua evolução. Quer dizer, também este evoluciona através do tempo? A natureza, o fundo panorâmico que constitui o contrário do homem, apresenta aspectos relativos de beleza? A beleza será como uma propriedade das coisas, uma forma distintiva de ser, um atributo, finalmente?

Neste caso, dois conceitos de beleza, em duas épocas diferentes, implicariam transformação de fundo específico no ambiente panorâmico do homem, e a aparente unidade das coisas, dentro da transmutação constante, estaria comprometida essencialmente.

Mas é preciso observar que a beleza não é feição particular da coisa, porque ela não é específica para cada espécie de coisa. Nem há espécies de beleza, há uma sensação de beleza, uma sensação estética associada. Quando a coisa a infunde, há, para o observador, beleza na coisa, naquele momento. Então, beleza é antes um estado singular das sensações, que se associa a seu estado diferencial. Uma sensação pode ser de luz e também estética. E dizemos que há a sensação estética. Já se disse que o belo é um outro lado da verdade. Se é assim, a sensação de belo será a reacção instintiva ao ritmo universal e uma palpitação uníssona com ele. E ritmo universal é, em cada instante, o equilíbrio dinâmico e essencial das formas e processos evolutivos, com sua incoercível vocação para formas e processos novos de novos ritmos que se realizarão superiormente. E explica-se porque o homem de um instante não é o homem do instante seguinte. Seu ritmo já é outro, e o das coisas também. O encontro dos movimentos uníssonos se dará noutro instante e sob outros aspectos. Deve ser assim que a sensação estética evoluciona, associada à sensibilidade geral.

Se o romance traduz esteticamente a síntese da contradição homem-natureza, tem de evoluciona procurando novas sensações, procurando a fórmula do encontro uníssono de novos ritmos. Então o aspecto belo de seus materiais parece ter mudado, enquanto a sensação estética do homem é que mudou e foi encontrar estímulos noutras feições das mesmas coisas. Ainda é este fenômeno que possibilita a conceituação de romance como obra de arte, ou, pelo menos, distingue o romance do não-romance e une num mesmo conceito duas obras diferentes de dois tempos diferentes. Duas obras, por mais diversas que sejam entre si, serão ambas romances se tiverem conseguido despertar no homem sensações estéticas que o identifiquem consigo mesmo, com as coisas e com seus anseios que ainda nem tomaram forma pragmática. E é possível que o homem sinta a beleza de duas obras de ritmos e tempos diversos, porque na consciência profunda da vida há algo que não se perde e identifica o homem eternamente igual a si mesmo, como um processo de existência particular.

Chegamos a um conceito de sensação estética que a coloca como fenômeno consequente e associado, sempre dependendo de outra sensação diferencial. Não há sensação pura

de beleza, e sómente a música a realiza num relativo grau de pureza e simplicidade. O belo é mais um estado particular da consciência geral de uma sensação ou de várias simultâneas. Este estado particular também evoluciona no tempo para atingir formas superiores de ritmo. O medo tem o mesmo processo fisiológico em dois homens diferentes, mesmo que alguns reflexos que condiciona sejam diversos. Contudo sua fisiologia característica e sua bioquímica são idênticas. Mas uma mesma sensação, com um mesmo processo bioquímico e fisiológico, pode não ter o mesmo conteúdo estético para dois indivíduos, tomados isoladamente. Na música êstes exemplos são vulgares. Isto ainda afirma que o belo é subjetivo, pertence ao equilíbrio dinâmico de cada indivíduo e, mais amplamente, de cada povo, em cada época, e não aos estímulos artísticos como propriedades definidoras dêles. E todos os estímulos estilizados, isto é, todos os estímulos artísticos podem apresentar capacidade de despertar sensações estéticas. Sómente é necessário que êles sejam estilizados de forma que harmonizem o ritmo da sensação que causarem com o ritmo do instante-equilíbrio do observador. E isto é mais verdade porque o belo deixa a alma sem poder exigir mais, sem poder ansiar por outra forma que seja, ainda, uma sugestão daquele instante. Verdade essencial. E para o belo arbitrariamente tomado em si como um fenômeno isolado esta seria a única definição. Mas em estética tudo é relativo e participante.

Enfim, o que importa é conceituar a sensação que o romance deve despertar e estimular e seu processo de evolução, que é, sobretudo, dinâmico e progressivo.

Se tôdas as coisas, e, portanto, tôdas as sensações que decorrem delas, podem conter, não um elemento, mas uma capacidade particular de ser estética, de realizar a harmonia rítmica que leva a não ansiar sensivelmente por novas formas, tôdas elas podem conter-se esteticamente num romance. E serão tanto mais românticas quanto mais se realizem por sua capacidade particular de agir como estímulos estéticos. Isto define as sensações no romance. Elas não perdem seu caráter diferencial, mas para serem românticas, elas se apresentam de forma que sejam, simultaneamente, o que são em si e, ainda, estímulos estéticos. Então os materiais do romance serão legítimos e puros se agirem como estímulos diferenciais que se comportam esteticamente. A palavra não perde sua força de veículo de sensações intelectivas ou discursivas, mas o que fará não será atingir imediatamente o foco de uma sensação específica pura, como o dedo numa tecla dum teclado de piano.

Ela deve despertar estados gerais que correspondam a sensações também gerais, mas sob a branda comoção que caracteriza o estado estético. No domínio da fisiologia é criação paralela à das constelações de tons nos conjuntos harmônicos musicais. A palavra não vai especificamente à reacção desejada, mas cria estados estéticos que moverão associadas sensações diferenciais, inclusive intelectivas e discriministas. Mas é preciso repetir que a palavra não deve perder seu poder intelectivo; apenas a sensação estética não se fará de reacções específicas e correlativas deste poder, mas nascerá emergentemente da concorrência dos valores intelectivos. Entretanto, as contínuas correntes de pensamento que elas criarem deverão conduzir e desenvolver o tema do romance, mas êstes pensamentos e estas imagens evolucionarão sob aquela branda comoção estética. Quando se exige da palavra puramente função de reactivo estético, então sucedem os excessos do simbolismo e do super-realismo. E a sensação não nasce do afluxo de pensamentos e sentenças lúcidas, numa corrente interior, sob a comoção estética, branda e macia, tal como as correntes profundas de um rio profundo que se movimenta sob a aparente docilidade da superfície.

A anulação completa da especificidade do estímulo pode mesmo convir em algumas artes; na música, por exemplo. Mas o romance tem de sempre ser uma história, a síntese estética da oposição homem-natureza. Por isso seu meio de atingir as sensações é intelectivo. E sua estrutura, como história que é, tem de ser intelectiva também. Daqui as sensações não devem sacrificar o pensamento que o romance deve conter, nem êste se apresentar sécamente, frio, de uma pureza essencial. O excelente é que o material de que se compuser o romance afecte a sensibilidade como elemento discursivo, mas que estimule sensações estéticas. O equilíbrio destas duas funções realiza o clássico no romance.

Serve para exemplo o capítulo 19 de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Morre Madalena, e no coração grosso de Honório penetra uma leve saudade. Mas êle não é homem que traga ao limiar da consciência êsse magoado remorso e essa saudade que, apenas, lhe atinge o coração, como luz da manhã penumbrando numa sala pela frincha duma porta. Tudo se passa em meios tons, criando sensações flutuantes que vacilam entre o fantástico e o real, tal como a saudade e o remorso, que também não são uma realidade admitida por Honório. Então o romancista pinta um quadro de meias tintas, e meia luz. Os detalhes não se fixam nem no tempo nem no espaço, as

recordações vêm sóltas, vacilantes, sem se encadearem em associações que as precisem e localizem. Tudo se passa num ambiente quase super-realista, como o tresvario de uma febre branda. E o capítulo se envolve mesmo nesse quebranto de saudade doentia, de exaustão da alma. A orquestração dos grilos, sapos e corujas faz a noite assombrosa. O chapéu de Casimiro Lopes é a nota do medo de Honório. A impotência de escrever traduz sua exaustão e brutalidade. E ele, que jamais compreendeu a espôsa ou admitiu sua superioridade, não pode agora fixá-la num retrato. Ela sómente vive no fundo dêle pelas impressões que deixou.

A eleição de detalhes, a palavra justa e sóbria e a medida da frase, inteiramente condicionada à maciez da matéria, dão o estímulo estético para as sensações de saudade, medo, arrependimento, solidão, desânimo da vida, acabamento de tudo. Estas sensações evolucionam descontínuamente, se sucedem, se transformam, finalmente se fundem no conjunto estético do capítulo. E vem a saudade: "Emoções indefiníveis me agitam — inquietação terrível, desejo doido de voltar, de tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saude? Não, não é isto: é desespere, raiva, um peso enorme no coração". E medo: "Lá fora os sapos aren-gavam, o vento gemia, as árvores do pomar tornavam-se massas negras.

— Casimiro!

Casimiro Lopes estava no jardim, acocorado ao pé da janela, vigiando.

— Casimiro!

A figura de Casimiro Lopes aparece à janela, os sapos gritam, o vento sacode as árvores, apenas visíveis na treva. Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz." E o arrependimento: "Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos. Absurdo." E solidão: "Há um grande silêncio. Estamos em Julho. O nordeste não sopra e os sapos dormem. Quanto às corujas, Marciano subiu ao fôrro da igreja e acabou com elas a pau. E foram tapados os buracos de grilos. (Págs. 132-135. S.B.)

Em Graciliano Ramos o romance é assim. E todo o capítulo dá a impressão de fim das coisas que Honório sonhou e realizou, para, depois, não ser feliz com elas. Aqui as sensa-

ções foram despertadas pelo material intelectivo do capítulo, mas êle não se fêz valer absolutamente por si, mas pelas várias sensações que também estimulou e associou, e foi legítimo pelo sabor estético de que envolveu tudo.

3

A GÊNESE da obra de arte, principalmente do romance, é a consciência do sentido da oposição dialética. Consciência não deve ser tomada aqui como fenômeno moral, mas como conhecimento do sentido que a tese oferece à antítese, que o homem oferece à natureza, isto é, o processo qualitativo da contradição. Quando a oposição se realiza com a naturalidade com que as aves despertam à luz do dia, então não há consciência do sentido dela, nem arte. Desta forma a arte é a consciência dêste sentido e a tradução estética dêste sentido. Em literatura isto se revela do próprio material do romance, que é como que uma consequência da luta. Todo romance é, de forma intencional ou não, a tentativa de definir um estilo para o sentido da contradição. O romancista pode ou não atingir a definição, isto é outro caso. Mas, em essência, o romance é a intenção de definir. E, mais profundamente, é o próprio estilo que o romancista desejaria impor à sua oposição, ou que lhe foi imposto e êle revela. É a vitória da tese ou da antítese condicionando a síntese. Daqui a predominância do homem levando ao romantismo, ou a importância excessiva da natureza dando no realismo e no naturalismo. E o homem impõe arbitrariamente seu estilo à natureza (romantismo) ou se reduz à condição inelutável e sem vez de eleição, de uma consequência de seu fundo panorâmico (realismo e naturalismo). O equilíbrio destas funções dá o clássico.

De qualquer forma, quando o romance traduz a vitória do romancista e, por isto mesmo, do homem universal, sugere um estilo para o sentido da oposição. E sómente dêste plano para diante o romance começa a ser obra de arte numa categoria superior. Vitória não é exactamente o facto de o homem impor uma condição à vida, como derrota não seria uma condição incoercível imposta pela vida. Vitória é a consciência do sentido que a contradição tomou. O romancista poderá traduzir, para o homem, a inevitável condição de desen-

volvimento dentro de um determinismo superior que será o amplo desenho invariável da vida; poderá traduzir isto e haver a consciência do estilo. Haverá também vitória, na acepção dêste estudo. E nem é necessário também que se uniformize uma predominância, ou que se ande pelos extremos dela. A sucessão de predominâncias, a constância acentuada de uma, ou o equilíbrio das posições podem caber num romance. Será êste o estilo da síntese.

Em Graciliano Ramos o tom geral da síntese, o estilo, é um tom de explicação da predominância da vida, apresentada como uma determinante incoercível do comportamento do homem. Vitória para o homem de Graciliano Ramos é a consciência desta condição de determinado. Então todos os valores humanos se mostram terrivelmente relativos, nada vale essencialmente, sua humanidade não é boa nem má, vive em função da vida, carrega e sofre as condicionantes hereditárias, tem consciência delas, luta para vencê-las, mas sempre conclui por verificar melancolicamente que foi vencida. Os dois últimos capítulos de *São Bernardo* e *Caetés* são êste depoimento melancólico em face das determinantes incoercíveis. Em *Caetés* Valério diz, concluindo uma auto-análise: "Diferenças também, é claro. Outras raças, outros costumes, quatrocentos anos... Mas no íntimo, um caeté... Um caeté descrente." (Pág. 229. C.)

Valério amou, errou, fêz sofrer, sofreu, criou novos hábitos e novos vícios, tentou um estilo particular para sua luta, mas, no fim, sofreu a vida e percorreu o desenho que os elementos profundos que a compunham lhe impuserem. Um caeté que lutou contra o elemento caeté, mas que concluíu amargamente que era, de forma inevitável, um caeté.

Em *São Bernardo* o sentido consciente e amargo ainda é mais desolador, a derrota é mais nítida. Honório lutou e pensou construir, pedra a pedra, um estilo de felicidade para a vida. Mas, enquanto o construía, e mesmo para construí-lo, desgastava o frescor dos sentimentos, arranhava o lustre vacilante que suavizava o bruto, esta outra forma de ser "caeté", e reduzia Honório à consciência cínica de sua brutalidade. Engrossava o coração do homem, na frase de seu criador. E não era só. As coisas que entravam em luta com êle eram batidas ou degradadas. Madalena morreu, o velho guarda-livros e o professor desertaram, a velha tia se foi com sua persistente e discreta dignidade. E Paulo Honório se inventaria no úl-

timº capítulo, numa terrível solidão de tudo, concluindo pela inutilidade de tôdas as coisas que construíu. E confessa:

“O que estou é velho. Cinqüenta anos pelo S. Pedro. Cinqüenta anos perdidos, cinqüenta anos gastos sem objectivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embota-dada.

Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo tôdas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo?

Sol, chuva, noites de insônia, cálculos, combinações, violências, perigos — e nem sequer me resta a ilusão de ter realizado obra proveitosa. O jardim, a horta, o pomar — abandonados; os marrecos de Pequim — mortos; o algodão, a mamona — secando. E as cercas dos vizinhos, inimigos ferozes, avançam.”

.....

“Mas para quê? Para quê? Não me dirão? Nesse movimento e nesse rumor haveria muito chôro e haveria muita praga. As criancinhas, nos casebres úmidos e frios, inchariam roídas pela verminose. E Madalena não estaria aqui para mandar-lhes remédio e leite. Os homens e as mulheres seriam animais tristes”. (Págs. 248-249. S.B.)

E mais adiante, falando dos homens que o cercaram: “Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoraram uns aos outros, lá em baixo, tinham lâmpadas eléctricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.

Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, volvendo à esquerda, volvendo à direita, fazendo sentinelas. Outros buscaram pastos diferentes.

Se eu povoasse os currais, teria boas safras, depositaria dinheiro nos bancos, compraria mais terra e construiria novos

currais. Para quê? Nada disso me traria satisfação." (Pág. 250. S. B.)

Para depois arrematar neste tom, talvez saüdoso da simplicidade antiga, do colo simples da negra Margarida:

"Julgo que me desnorteei numa errada.

Se houvesse continuado a arear o tacho de cobre da velha Margarida, eu e ela teríamos uma existência quieta. Falaríamos pouco, pensaríamos pouco, e à noite, na esteira, depois do café com rapadura, rezaríamos rezas africanas, na graça de Deus.

Se não tivesse ferido o João Fagundes, se tivesse casado com a Germana, possuïria meia dúzia de cavalos, um pequeno cercado de capim, encerados, cangalhas, seria um bom almoocreve. Teria crédito para comprar cem mil-réis de fazenda nas lojas da cidade e pelas quatro festas do ano a mulher e os meninos vestiriam roupa nova. Os meus desejos percorreriam uma órbita acanhada. Não me atormentariam preocupações excessivas, não ofenderia ninguém. E, em manhãs de inverno, tangendo os cargueiros, dando estalos com o buranhém, de alpercatas, chapéu de ouricuri, alguns níqueis na capanga, beberia um gole de cachaça para espantar o frio e cantaria por êstes caminhos, alegre como um desgraçado.

Hoje não canto nem rio. Se me vejo ao espelho, a dureza da bôca e a dureza dos olhos me descontentam." (Págs. 251-252. S.B.)

Apesar de uma doce poesia, de um ritmo macio de canção sigela que se evola das considerações acima, há uma amarga, pungente, definitiva consciência do sentido inútil da luta. Dentro dêste sentido ninguém se salva, e a única vitória ainda é saber que se foi vencido e que há uma inexorável inutilidade consumindo todos os desejos e esforços para ser feliz.

Também Luís, em *Angústia*, vivendo os instantes que antecedem o assassinio de Julião Tavares, inventariando-se na essência mais íntima de si mesmo, sentindo que sua tentativa de ser feliz tinha escorrido dolorosamente levando tudo que êle ainda conseguira juntar, conclui que é um irmão mais novo de José Baía, outro jeito de ser caeté ou bruto. E, analisando o cabra, resume: "O ouvido atento a qualquer rumor que viesse do caminho estreito, o joelho no chão, em cima do chapéu de couro, o ôlho na mira, a arma escorada a uma forquilha, com certeza não pensava, não sentia. Estava ali forçado pela necessidade. No dia seguinte faria com a faca de

ponta um novo risco na coronha do clavinote e contaria no alpendre histórias de onças.

— Que fim levou, José Baía?

— Por aí, caminhando.

Nenhum remorso. Fôra a necessidade. Nenhum pensamento. O patrão, que dera a ordem, devia ter lá as suas razões. As histórias do alpendre eram simples: as onças que armavam ciladas aos bodes não tinham ferocidade. José Baía, bom tipo. Quando passasse pela cruzinha de pau que ia apodrecer numa volta do caminho, rezaria um padre-nosso e uma ave-maria pelo defunto. Um novo enfraquecimento estirou-me os dedos e retardou-me a caminhada. Tive saúdade de José Baía e das conversas infantis no copiar." (Págs. 268-269. A.)

Nas últimas páginas, finalizando *Angústia*, Luís delira e a procissão dos brutos e sofredores sem remédio, que povoam a obra de Graciliano Ramos, desfila. E vêm d. Albertina e sua placa de parteira, Vitória, o homem cabeludo, a mulher da garrafa pendurada no dedo, Rosenda, cabo José da Luz, Amaro vaqueiro e vagabundos. E José Baía, o irmão mais velho, a acenar camaradamente. "José Baía, meu irmão, estás também aí?" E o outro lá ia, na testa da marcha: "Um, dois, um, dois."

É esta a triste oferenda da experiência de Luís da Silva, o mundo que êle viu, o mundo onde vivêu, as gentes que o encheram. Sempre a predominância das incoercíveis condicionantes hereditárias a se ajustarem a um estilo que as condições econômicas da vida impunham. José Baía despachava alguém numa tocaia, mas Luís considerava: "Nenhum remorso. Fôra a necessidade. Nenhum pensamento. O patrão, que dera a ordem, devia ter lá as suas razões." E patrão era a estrutura econômica, era a sobrevivência, era a vida, dolorosa, mas vida. E José Baía era menos miserável que Luís, porque não lutava contra a vida, se ajustava a ela sem, pensamento, sem consciência de um estilo, como água a uma superfície côncava. Ao menos, não amargava a derrota inevitável, dentro do conceito fundamental de estilo de *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*.

A humanidade de Graciliano Ramos é assim, nem boa, nem má. Tôda ela portadora de um fundo essencial, irreduzível em sua vocação de ser livre e ser feliz, de se evadir de sua condição. E luta contra a própria condição, mas exaustivamente e inutilmente. Depois de suas experiências, Valério,

Honório e Luís persistem respectivamente caeté, bruto, José Baía. Mas êstes três irmãos mais velhos das personagens não são essencialmente bons ou maus, justos ou injustos. A vida é que age sobre seus fundos de vocações irredutíveis e os faz, virtualmente, uma coisa ou outra. Para o romancista de *Vidas Sêcas* a regeneração e a felicidade não parecem poder vir do próprio elemento humano que luta, sofre, baqueia sempre. Nunca a salvação sairá tão intimamente dêsses homens como o ruído parece sair duma concha levada ao ouvido. Eles caíram muito para que encontrem em si mesmos a força que melhora. Em *São Bernardo* e *Vidas Sêcas*, dentro da estrutura social que condiciona os homens, nem a casa, a luz, a higiene, melhores pagas, chegariam para erguer a vida. O dinheiro de Honório não lhe adiantou, porque êle deveria ficar areando o tacho de doces da velha Margarida, ou, como almoocreve, cantando como um desgraçado para ser feliz.

Ninguém para Graciliano Ramos está fundamentalmente salvo, nem é fundamentalmente uma persistência igual a si mesmo. Honório, o realista duro, de coração engrossado pela vida, o homem que viu Madalena morrer lentamente e gostava de humilhar Padilha e os cabras, achando que êles nasceram para isto mesmo, tinha uma comovente, pura, doce bondade com a velha Margarida, que o criara. E imagina que poderia ter sido bom comprar cem mil-réis de fazendas para a mulher e as crianças, uma vez por ano, e irem à festa. Uma réplica dêste almoocreve, nem bom nem mau, irá viver em Fabiano de *Vidas Sêcas*. Mas nada de essencial neste homem que é Honório, além do fundo irredutível à vitória e à felicidade. Os sentimentos, a moralidade, as sensações, se condicionam a uma relatividade assombrosa, são virtuais. Esta é uma das contribuições de Graciliano Ramos para o romance brasileiro. Um conceito de relatividade total dos valores morais do homem e uma consciência terrível da instabilidade de caracteres dos mestiços, dos caetés e das raças que há quatrocentos anos povoaam o Brasil. E o romancista submete suas personagens ao implacável determinismo das forças estruturais da vida, quer elas sejam vagas ainda como se apresentam no enquadramento do panorama provinciano de *Caetés*, quer sejam econômicas como em *São Bernardo* e *Vidas Sêcas*, ou, finalmente, forças do sexo como a evolução do conteúdo mórbido da "personalidade" de Luís em *Angústia*. Mas sempre preside a isto a carga hereditária à maneira de um peso, tornando sensível-

mente nítidas as evoluções dos instintos, das paixões, dos sentimentos de seus homens e mulheres. Um peso e uma atracção, porque invariavelmente termina por fazê-los voltar e identificar-se com o conteúdo núcleo da marca hereditária. Às vezes, uma luta sempre inglória parece levar a "personalidade" à libertação e as pessoas dão a impressão de evolucionarem voluntariamente. Mas tudo se passa como uma bola a girar na ponta dum elástico, e, à medida que a velocidade do giro aumenta, a bola semelha vencer a força centrípeta. Mas tão depressa a luta desfalece, lá volta a bola à medida do elástico. Todos os capítulos de *Angústia* que preparam o assassinio cabem neste raciocínio. Luís anda implacavelmente pelos locais onde deve andar Julião Tavares. A memória procura razões para seu comportamento, que já é como um destino inevitável. A razão também tenta a libertação, também intensifica a luta para aumentar a órbita do giro da bolinha da "personalidade". Ah! mas a voz do chamamento de José Baía: "José Baía, meu irmão..." E o destino vai-se cumprindo passo a passo. E Luís, exausto, desanimado, sem vontade de mais nada, se identifica com José Baía e consuma o crime. Depois, angústia, nunca remorso: aquilo era uma fatalidade, estava escrito no conteúdo hereditário. Mas o verdadeiramente angustioso na obra de Graciliano Ramos é que jamais a luz nasce da contradição violenta entre o ideal de liberdade do homem e o conteúdo hereditário. A auto-análise dos últimos capítulos sempre conclui pela imposição de um estilo condicionado aos antecedentes. Sómente canta uma ilusão em Fabiano de *Vidas Sêcas*, e ele sonha, ainda sonha com os filhos a ler numa cidade grande, sinha Vitória a dormir em cama de lastro de couro como a de seu Tomás da bolandeira. Mas isto é no fim, um lampejo que termina o livro, e a felicidade de Fabiano não é para ele, é para os outros. O autor mostra assim que o homem não está de todo perdido, porque há luz dentro dele; apenas, ela não se pode acender e tornar fogueira sob a implacável estrutura social que o constringe. Piedade de Graciliano por aquêle destino igual e amargo, escorrendo sem surpresas como um córrego de estio pelo leito intransferível. Mas em Fabiano o conteúdo hereditário já falou antes, diante do soldado amarelo: "Alguma coisa o empurrava para a direita ou para a esquerda. Era essa coisa que ia partindo a cabeça do amarelo. Se ela tivesse demorado um minuto, Fabiano seria uma cabra valente." (Pág. 155. V. S.) É o impulso que faz

do sertanejo um cavaleiro hábil ou cangaceiro. E já nos filhos êle vê apontar essa mesma coisa, como há muitas e muitas gerações desponta nos filhos de todos os Fabianos. E cada filho de cabra será cabra, pela mesma lei por que Valério foi caeté, Honório bruto e Luís José Baía. Assim: "Baleia voou de novo entre as macambiras, inútilmente. As crianças divertiram-se, animaram-se, e o espírito de Fabiano se destoldou. Aquilo é que estava certo. Baleia não podia achar a novilha num banco de macambira, mas era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercício fácil — bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal. A cachorra tornou a voltar, a língua pendurada, arquejando. Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito com a lição, pensando na égua que ia montar, uma égua que não fôra ferrada nem levara sela. Haveria na catinga um barulho medonho." (Pág. 27. V.S.)

E o filho mais novo já vai estilizando a vida, como gerações de filhos já estilizaram. "Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberam cortar mandacaru para o gado, consertar cércaas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morrera por causa do estômago doente e das pernas fracas." (Pág. 32. V. S.)

E os pequenos revelavam a necessidade de aprender a lição por si mesmos: "A égua alazã e o bode misturavam-se, êle e o pai misturavam-se também.

Rodeou o chiqueiro, mexendo-se como um urubu, arremedando Fabiano.

Evidentemente êle não era Fabiano. Mas se fôsse? Precisava mostrar que podia ser Fabiano. Conversando, talvez conseguisse explicar-se." (Pág. 73. V. S.)

Este terrível determinismo de Graciliano Ramos não deixa a luz nascer nem a alegria cantar. Nunca a salvação virá de dentro do homem, que é sempre vencido pelas fôrças que o geraram. Sómente uma mudança no enquadramento das fôrças que o cercam e esmagam poderá transformar o caeté, o bruto, José Baía e Fabiano. Nisto a arte de Graciliano Ramos é a mais intensamente revolucionária de todos os es-

critores brasileiros vivos. Seu pensamento é dialéctico, e a revolução é uma necessidade essencial dentro dos quadros de vida que ele pinta. *Angústia* é o menos revolucionário de seus livros neste sentido, e *Vidas Sêcas* é o ponto mais alto desta lógica. E êstes quadros gerais Graciliano os pinta com uma triste consciência; se ele não tem pieguices sentimentais para êles, estuda-os na humildade de seus detalhes. E só um desejo de limpar a vida e uma vontade de que o homem melhore e sofra menos podem animar a realização de uma obra destas. Não há demagogias inúteis e falsas no tom da análise de Graciliano Ramos, nem "intenções sociais" pedantes pelo didactismo fácil. Sua sabedoria e sua lição nascem dêste triste, duro, amargo critério de honestidade com que ele levanta a vida em seus livros. É o mais legítimo e completo romancista brasileiro moderno, e é em sua obra que se encontram os melhores inventários do material humano e social sôbre que a revolução um dia trabalhará.

É o único representante do pensamento que se contém em sua obra, pensamento que vem de Machado de Assis. Em ambos há esta triste consciência de que o homem difficilmente achará, em si, tomado como uma consequência hereditária em oposição ao seu fundo panorâmico bio-social, as fôrças de sua libertação. Isto é um problema ético que êles puseram em equação para ser solucionado. Se Graciliano põe o filho de Fabiano a imitá-lo, Machado de Assis indaga se o homem já se continha na criança, esta consequência quâsi pura das contribuições hereditárias. Ambos têm preferência pelos romances contados na primeira pessoa, e se Machado de Assis termina se inventariando e concluindo que, no escoamento de tudo e na inutilidade de todos os esforços, ao menos não transmitiu a ninguém o legado de sua miserável condição de homem, Graciliano Ramos, vendo o escoamento de tudo e a inutilidade da luta, não ama o filho, acha isto uma miséria e preferiria ter ficado a polir o tacho de doces da infância. Em ambos a mesma atitude com que Machado de Assis diz ter-se retirado tarde, cansado, aborrecido do espectáculo da vida.

O romancista de *Angústia* é o único legítimo herdeiro do pensamento machadiano, o que não quer dizer relação de discípulo, porque Graciliano fêz seu caminho e realizou um estilo particular para a consciência de sua contradição homem-natureza. Além disto, o conceito de relatividade dos valores, para Graciliano, já é uma verdade científica. Freud e Einstein, Marx e Engels já haviam formulado suas leis. Por isso

Graciliano surgiu quando o pensamento relativista era uma verdade comum e a alma se reduzia a uma série de manifestações descontínuas e virtuais, síntese da contradição consciente-subconsciente. E suas personagens traduzem esta mesma relatividade, enquanto as do mestre que o precedeu eram preferentemente más. Mas nos dois há a mesma necessidade de destruir valores falsos ou redutíveis e a mesma sensualidade erótica. Em Machado de Assis difusa na obra, em Graciliano Ramos intensamente condensada em *Angústia*. A mesma inevitável intromissão da personalidade na obra, porque a preferência de falar na primeira pessoa já é sintomática de temperamentos do mesmo perfil psicológico. Exactamente por isto, o estudo de ambos deve ser feito à margem de suas obras.

Ainda há, marcando o temperamento geral em que êstes dois romancistas se incluem, a falta de êxtase diante da natureza, da païsagem. O velho mestre é insensível à païsagem, ao menos na obra. Vê-se que ela não foi um caso particular na consciência de seu estilo. Em Graciliano, quando a païsagem entra, é como se estivesse apenas marcando valores no enquadramento geral da composição. Ele registra a païsagem como um pintor que a introduzisse sómente para equilibrar o quadro. Não a analisa, não lhe procura os valores estéticos; ela não o impressionou, também, para que chegasse a constituir material autônomo de sua arte. Registra-a como quem risca o desenho nu numa fôlha de aço polido, parcimonioso, sóbrio, desinteressado de seus efeitos.

Entretanto, onde Graciliano Ramos difere de Machado de Assis é na conceituação do homem particular. Para o velho mestre de *D. Casmurro* o homem é quâsi uniformemente mau. Parece que foi uma como que consciência das correntes românticas, cansada de acreditar no indivíduo e em sua origem e tendência para o bem. E, cansada de ter acreditado e esperado tanto, reagiu e pensou, então, ver sómente um chamento para o mal, constante e irresistível, e um impulso de egoísmo condicionando tudo, até a total destruição: "ao vencedor as batatas" — e humanitas oscula e devora humanitas. Graciliano foi mais fundo e constatou que o bem e o mal são virtuais, que nem sempre o comportamento do homem é cincicamente dirigido a um fim. Paulo Honório é a mais cínica de suas personagens, parece viver sempre com a intenção de um fim, mas Honório é puramente bom e sem objectivos utilitários quando manda procurar a velha Margarida. E dela só se lembra ou refere em termos de uma felicidade perdida.

Para Graciliano Ramos o bem e o mal são virtuais, não só pelas intenções finais que contêm como pelas determinantes anteriores. Um mesmo impluso pode levar um homem a ser bom ou mau, segundo o conteúdo de sua formação e o instante e as circunstâncias de sua realização. Nêle não há preferência constante para o mal, como em Machado de Assis. Neste, só os loucos praticam bondades, o normal age como o outro da recompensa ao almoçreve. No autor de *Caetés* o que há é necessidade de completação ou compensação, em cada um e em cada instante. E Honório pensa: "Teria crédito para comprar cem mil-reis de fazenda nas lojas da cidade e pelas quatro festas do ano a mulher e os meninos vestiriam roupa nova". (Pág. 251. S. B.) Mas, noutras circunstâncias, noutro instante: "Para ser franco, declaro que êsses infelizes não me inspiram simpatia. Lastimo a situação em que se acham, reconheço ter contribuído para isso, mas não vou além. Estamos tão separados! A princípio estávamos juntos, mas esta desgraçada profissão nos distanciou." E mais adiante: "Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em tôda a parte!" (Pág. 254. S. B.)

Em Machado de Assis há mais a virtualidade quantitativa do mal e do egoísmo, segundo o interesse próximo ou remoto do homem. Em Graciliano há a virtualidade qualitativa, bem e mal, segundo as circunstâncias e as determinantes. O primeiro era um romântico à procura do equilíbrio clássico, reagindo, analisando, contendo-se, vendo o homem à maneira constante e inteiriça dum romântico, mas sómente pelo lado mau ou pior. O segundo, também buscando o equilíbrio clássico, é mais realista que romântico, é dialéctico, vê e analisa também, conclui pela virtualidade dos valores morais e dos esforços, embora saiba que o homem pode até ser bom. Talvez disto decorra a comovente seriedade com que Graciliano Ramos pinta a vida a partir de *São Bernardo*, em lugar da tinta da galhofa em que Machado de Assis sempre molha sua pena. Também, talvez por isto, o criador de Fabiano respeita mais a vida e não crê tê-la entendido tôda, a ponto de chegar ao excesso de conceito da obra de Machado de Assis.

Finalmente, Graciliano é o único legítimo representante do pensamento machadiano no romance, é mesmo o único que traz uma conceituação geral da vida e do homem. Por isto sua obra contém uma mensagem, no mais íntimo sentido de

mensagem, que é uma fórmula para a salvação do homem. É obra essencialmente revolucionária, porque mostra a estruturação social brasileira viciada nas origens, anulando as possibilidades de evolução e libertação do homem. O quadro de vida que êle pinta em seus romances pesa sobre a criatura como um factor de dissolução inevitável. Cria monstros no campo e assassinos na cidade. E o tema de seus romances evoluciona de um crime ou em torno dêle. De um êrro nasce a acção e a prosperidade de Valério e Honório, e no êrro Luís pensa encontrar libertação. Mas os brutos ficam brutos, apesar de tudo.

As realidades artísticas são transposições de outras realidades, mas com íntima identidade ética e estética. E as realidades artísticas procuram sempre o sentido universal. Daí se concluir que seus erros e crimes são símbolos tendentes à universalidade e contendo um sentido simbólico. Esta observação leva ao raciocínio de que Graciliano só vê jeito de evolução dentro dos quadros da sociedade meio burguesa, meio patriarcal, meio industrializada, sempre capitalista, que êle pinta, pelo êrro, pela violência contra ela, pela revolução. E revolução econômica, no conceito burguês de moral social, é o crime levado ao nível colectivo. A revolução inevitável é o sentido da mensagem de Graciliano Ramos.

Num plano individual, tomando a personalidade como estruturada pela síntese da oposição entre os valores sociais e o conteúdo núcleo hereditário, também o êrro, o crime, é a libertação do homem anárquico pelo rompimento da estrutura síntese. Neste sentido a mensagem do romancista é a condenação da virtude cômoda do burguês. Ser virtuoso quando se pode e convém. O crime contra êste postulado não deixa remorso, porque é, antes, uma recuperação do núcleo sobre os valores que o contêm. E na obra dêste romancista não há remorsos pelos erros e crimes, mas somente uma explicação de como e porque êles se realizaram. Daí o estilo geral, a consciência do sentido de sua oposição tomar o tom de explicação quâsi cínica de erros e crimes que não são erros nem crimes essenciais, mas relativos, virtuais.

4

QUANDO Graciliano Ramos publicou *Caetés*, a literatura, no Brasil, estava em plena efervescência. A língua quebrava fó-

mulas que sobreviveram além das necessidades que as criaram e entrava a procurar moldes novos, correspondentes a desejos novos de expressão, a uma estética de novos valores.

No romance a língua age, ora como estímulo de reacções estéticas, ora como instrumento de reacções intelectivas. Mas em nenhum destes dois casos ela é um estímulo absoluto, capaz de provocar reacções inteiramente e especificamente condicionadas à sua natureza, isto é, a qualidade e a quantidade da reacção não se acham numa relação matemática pura de quantidade e qualidade com o estímulo. A palavra provoca reacções reflexas, condicionadas, e, por isto mesmo, com uma considerável margem de flutuação funcional. A quantidade e a qualidade do estímulo podem variar num certo limite, sem que afectem sensivelmente a natureza e o volume da sensação. Por outro lado, a constante alteração que o homem imprime a seu fundo panorâmico, à antítese de sua contradição, cria um comportamento novo para si mesmo, como tese que é do processo evolutivo. Daqui, os estímulos não produzem as sensações de modo constante, em volume e natureza, e até despertarem novas reacções correspondentes a novos aspectos da tese e da antítese. Este novo enquadramento, fazendo emergir novos valores, se estende das sensações estéticas às discriministas. A história da evolução do pensamento e da arte mostra esta sucessão descontínua de formas e pensamentos. E o fenômeno tanto vale para dois instantes diferentes de um povo como para dois povos diferentes, embora num mesmo instante. Ora, a língua, como consequência mais íntima e mais imediata de cada povo, traduz estas particularidades diferenciais. Além das diferenças de forma, estrutura e som, duas línguas têm ainda, cada uma, sua marca íntima. Aquilo que já se chamou gênio da língua. Para a palavra, tomada como material estético, a necessidade de condicioná-la a uma época e a um povo é maior. Pintando o homem artísticamente, a palavra não o apresenta como o fenômeno natural objectivo que élle é, mas como, no instante, afecta a sensibilidade, se condiciona e se reflecte no pensamento. Como élle, tôdas as coisas interessam à arte como são para nossos sentidos e não para nossa experiência científica. Doutra forma, poderíamos ter arte e literatura indiferençadas universalmente, como a geometria, por exemplo, que se dirige ao raciocínio puro. E exactamente porque dois povos em duas épocas não têm iguais reacções para as mesmas coisas, suas representações delas não são invariáveis; senão aconteceria a desconexão entre estímulo e reacção desejada. Esta desconexão foi o fenômeno de psicologia artística que determinou o movimento literário moderno e determina tôdas as transformações artísticas.

Neste sentido tôdas as revoluções são românticas, isto é, um esfôrço para impor à arte, ou ao que seja, as novas reacções do homem. Em arte, uma prepoderância da intensidade do processo da tese — homem — sobre a antítese — natureza ou fundo panorâmico total.

Outro motivo de desconexão é que um estímulo, à custa de despertar determinada reacção, passa a parecer conter o elemento específico daquela reacção ou sensação. Mas o específico ou diferencial está apenas no comportamento do homem e não no estímulo. Entretanto o emprêgo repetido do estímulo com igual reacção, durante algum tempo, leva ao conceito de que está nêle e não no homem o diferencial da sensação. Então, a arte passa a fazer-se de determinados materiais que deveriam funcionar autônomamente como belos. Mas o homem evoluciona, reage de outra forma, e se impõe a transformação dos estímulos. E os materiais que eram classificados isoladamente como belos e não belos perdem a significação no tempo e nas sensações, porque a evolução do processo de comportamento do homem tem de se realizar antes da revisão de seus valores-estímulos. Sucede ainda que reacções modificadas ficam à espera de estímulos correspondentes, ou de apresentação correspondente de estímulos, impondo uma necessidade de procura. Por outro lado, persistem materiais com função inútil de estímulos estéticos, materiais mortos, com a vida prolongada artificialmente pela persistência das formas que chegaram a fixação mais ou menos prolongada.

Há ainda a considerar que as reacções muito repetidas criam um processo funcional quase autônomo, reflexos condicionados, uma série de movimentos reflexos e condicionados que se repetem, enquanto são legítimos e, além disto, pela mesma lei da persistência dos hábitos, embora não correspondam à necessidade do novo ritmo interior do homem.

Então, para os chamados modernistas da literatura, o que se impunha era a quebra de velhos estímulos e a criação de novos, correspondentes às sensações novas despertadas ou por despertar. De qualquer forma, uma língua nova, com novos estímulos, com outros valores estéticos, criada por um povo para um povo novo, outro ritmo evolutivo, outro enquadramento de valores. Aqui avulta a importância da língua como elemento criador de unidade política e moral.

Então a renovação se iniciou, tendo como principal centro irradiador São-Paulo, também centro onde mais nítidamente se processou a transformação da infra-estrutura econômica do Brasil. Esta transformação condicionou um novo comporta-

mento do homem e, com a intensificação do processo de diferenciação da infra-estrutura econômica, o homem foi mais valorizado, mais observado, e sua contribuição particular aumentou progressivamente de quantidade até produzir uma transformação específica na qualidade da língua falada e, depois, escrita.

Este trabalho de transformação da língua é sempre realizado em duas etapas. A primeira de quebra dos antigos moldes e desarticulação dos sistemas vazios de sensação legítima, mas que se prolongam pela lei de persistência dos valores que se fixaram durante algum tempo, sejam fenômenos estéticos puros, ou fenômenos gerais de qualquer natureza biológica. A segunda etapa é a da criação de valores novos, correspondentes a aspectos renovados das sensações. Aqui a palavra artística precisa ser criada, o aspecto da língua que servirá de estímulo estético necessita ser encontrado. Finalmente, o problema que se impõe a esta segunda fase é o da transformação da língua em novo ritmo estético que corresponda à antítese — natureza — no sentido dialéctico, tal como o homem contemporâneo a sente. Recriar as coisas como elas agora são sentidas e não como realmente elas são, ou foram sentidas antes. Esta segunda etapa apenas principia a realizar-se no Brasil, tudo o mais foi a destruição preliminar e inevitável. E será a evolução da intensidade do processo de negação da antítese, depois, a negação da negação. Depois ainda, síntese que será novamente negada por outras preponderâncias da tese, tal a que caracterizou o modernismo.

Quando Graciliano Ramos publicou *Caetés*, a literatura, no Brasil, estava em plena agitação. Mas este romancista em nada mostra tê-la sentido: seu livro ainda se orientava por velhos modelos. Isto deve decorrer de estar a matéria que ele pintava longe do centro da agitação, matéria que constituía um mundo estagnado, que não imprimia ao fundo panorâmico um movimento diferenciador, específico, de renovação. *Caetés* é a síntese com que se inicia o movimento de sua obra, que marca uma linha de evolução completa. O livro é falado na primeira pessoa, mas o tom objectivo, tom mais característico de construções de terceira pessoa, é o dominante. Há cenas em que se perde a noção da primeira pessoa. Depois vêm *S. Bernardo* e *Angústia*, nitidamente pessoais e introspectivos, e finalmente *Vidas Sêcas*, em que se retorna ao processo de terceira pessoa com toda a riqueza adquirida na experiência da obra realizada.

Mas no livro inicial era Eça de Queirós lhe dando a estruturação do romance francês, bem equilibrado nos capítulos, muito movimento, muita dialogação. De Eça de Queirós, sobretudo, lhe vem o gosto de caracterizar as personagens caricaturalmente, em acção, quando estão falando. Por isto, em *Caetés* as personagens se definem nas reuniões, pela maneira particular e caricatural de falar, com um uso impressionista de palavras de efeito, repetidas de propósito. Este trecho de diálogo cabe no melhor de *Os Maias* ou nos serões de *Crime do Padre Amaro*:

“— Quem é esse sujeito? perguntou o dr. Castro quando Nicolau se retirou.

— Um santo.

— Que faz êle?

— Nada. Passeia pela Cafurna, pelo Tanque, pelo Chucuru, e dedica-se a espiritismo e esoterismo. É um vagabundo. S. Nicolau Varejão, mártir, uma das melhores coisas de *Palmeira-dos-índios*.

— Vagabundo e bom homem? Ora essa!

— Porque não? Um santo. Como vai Manuel Tavares?” (Pág. 115. C.) E ainda como Eça, ao levantar o ambiente que salienta a vida da província, Graciliano pinta as cenas que se estendem da página 85 à 87.

Mas a linguagem de Graciliano já tem êste doce ritmo que virá a ser um dos valores de *São Bernardo*. Em *Caetés* é justa, sóbria, melódica, às vezes sugerindo uma tênue melancolia pela vida que passou sem ter trazido a felicidade, nem modificar fundamentalmente o homem para melhor. A paisagem aparece, ao longe, e êle fala dela com carinho, talvez revelando ainda a influência do mestre português. Porque nos outros livros Graciliano não retorna à natureza como valor estético de sua obra. A frase é equilibrada, procura e realiza o ritmo e a medida que convêm à matéria trabalhada. Tomamos êste exemplo do capítulo final de *Caetés*: “Uma tarde, girando por estas ruas, parei na beira do açude, lembrei-me da estréla vermelha e da noite em que Luísa me repeliu. Afastei-me lento, subi pelos Italianos. O casarão estava fechado agora, e as grades do jardim eram um muro verde de trepadeiras. O pequenino lago, os tinhorões, a graça de bronze, tudo invisível. Como aquilo ia longe!

Entrei a vagar pela cidade, maquinalmente, levado por uma onda de recordações. À bôca da noite achava-me na calçada da igreja.

Da paisagem admirável apenas se divisavam massas confusas de serras cobertas de sombras.

A estréla vermelha brilhava à esquerda. Pareceu-me pequena, como as outras, uma estréla comum. Comum, como as outras. E estive um dia muito tempo a contemplá-la com respeito supersticioso, contando-lhe cá de baixo os segredos do meu coração! E lamentei não ser selvagem para colocá-la entre os meus deuses e adorá-la.

O vento zumbia no fio telegráfico. À porta do hospital de S. Vicente de Paulo gente discutia. A escuridão chegou.

Não ser selvagem! Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido, com uma ténue camada de verniz por fora? Quatrocentos anos de civilização, outras raças, outros costumes... E eu disse que não sabia o que se passava na alma de um caeté! Provavelmente o que se passa na minha, com algumas diferenças. Um caeté de olhos azuis, que fala português ruim, sabe escrituração mercantil, lê jornal, ouve missas... É isto, um caeté" (Págs. 227-228. C.)

Ainda lembra Eça de Queirós das cenas de província de *Os Maias* e *Crime do Padre Amaro* este capítulo em que Valério sai a passear com as senhoras e a mostrar-lhes a paisagem, a ajudá-las a saltar pinguelas. Pode-se objectar que é uma simples coincidência de angulação de paisagem e de acção. Naturalmente pode ser, mas acontece que estas coincidências só se verificam em *Caetés*, quando a consciência do estilo particular de Graciliano Ramos ainda não se havia realizado. E não se trata de romancistas de artes comuns, nem pela forma nem pelo estilo. São dois grandes romancistas diferentes. Por isto é interessante o estudo da influência de um sobre o outro. E no desenvolvimento dos romances posteriores de Graciliano Ramos o processo nunca mais foi o de cenas elegantes, nem de tipos tratados caricaturalmente, como em Eça de Queirós. Porque é um romancista de vigor, Graciliano recebeu a influência de Eça, condicionou-a, venceu-a. Repito que sómente por isto interessa o estudo das influências e "coincidências."

É ainda dos portugueses em geral o hábito de meter o artigo antes dos nomes próprios, e de Eça particularmente o de procurar o detalhe ridículo para entremetê-lo na solenidade ou importância da cena ou situação. E, ainda, a estrutura geral do livro, mais sustentada pela ampla dialogação, a quase nula monologação e um pouco de carpintaria de capa e espada no desenvolvimento do tema, tais alguns lances de Eça em *Os Maias*, ou como nos romances de Balzac, onde também o português buscava modelos. Amplos diálogos e raros monólogos num romancista de natureza introspectiva como Graciliano se revelou! *Caetés* lança o leitor no fluxo da acção, produzindo-

-lhe um choque na sensibilidade, aguçando-lhe o desejo de saber. Depois, as reuniões e os diálogos vão sustentando e desenvolvendo a acção. É um livro que não revela a passagem do movimento literário que agitava o Brasil. Seus valores estéticos estão muito próximos daqueles que andavam a tentar destruir: cuidado dominante da forma, estruturação movimentada e artificialmente dialogada em prejuízo da sintaxe e da cadência brasileiras, preocupação de retratar a província caricaturalmente, metendo a ridículo as autoridades do padre, do tabelião e do prefeito, os elementos que sustentam a vida social provinciana e comparecem às reuniões nocturnas. Finalmente, nada das constantes nascentes entre os modernistas.

Entretanto o pensamento que tenho chamado de machadiano já se insinua na observação sarcástica dos valores, na ironia com que os destrói e na procura da virtualidade destes mesmos valores que os românticos davam como absolutos. Remoendo a raiva de ter sido convidado para almoçar e de o convite ser trazido por um negro, Valério vai a contorná-la deste jeito: "Sim, senhor! Mandar o preto convidar-me! Era, sem contestação, uma ofensa mortal. Pois não tornava a pisar ali. Fôsse tudo para o diabo. Também não me fazia grande falta deixar de ouvir tocar piano e ver jogar xadrez, que não gosto de música nem de jôgo. Que me importava o xadrez? que me importava o piano?"

Do piano resvalei para Marta Varejão e para os quinhentos contos de d. Engrácia. Marta Varejão, muito bem. Não andava ora a mostrar os dentes, ora de carranca. Pois casava com ela e havia de ser feliz, em Andaraí, na Tijuca ou em outro bairro dos que vi nos livros. Uma bonita situação. E o amor de Luísa, se ela me tivesse amor, só me renderia desgostos, sobressaltos, remorsos, trezentos mil-réis por mês e oito por cento nos lucros dos irmãos Teixeira.

O criado preto! "Diga a seu Valério que venha comer." Isto a mim, a mim que era... Procurei alguma coisa que eu fôsse. Não era nada, realmente, mas tinha boa figura e os caetés no segundo capítulo. E vinte e quatro anos, a escrituração mercantil, a amizade de padre Atanásio, vários elementos de êxito.

O Zacarias! Marta Varejão m^o chamara na véspera com um sorriso. E dissera muitas amabilidades junto a um palácio veneziano, falara no baile da prefeitura, no Marino Faliero." (Págs. 97-98. C.) Isto cabe bem em Machado de Assis. Mais abaixo já converteu a raiva em tolerância: "Não senhora.

Eu julgava que não estivesse com fome, e até almocei. Deve ter sido por causa do conhaque.

Notei então que a cólera se havia dissipado. Devia ter sido também efeito do conhaque. Afinal convidar uma pessoa por intermédio de outra não é desfeita. Compreendi que se Luísa me tornasse a olhar como um dia me olhou junto à garça displicente, Marta Varejão, com os seus livros franceses, suas músicas e suas flores de parafina, rapidamente se extinguiria.

— Impostora! resmunguei deitando açúcar no café. Hipócrita! “Festa de muita piedade...” (Pág. 99-100. C.)

E, finalmente, libertado: “Daí passei para a Iracema, da Iracema para o meu romance, que ia naufragando com os restos do bergantim de d. Pêro. Não era mau tentar salvá-lo, agora que, com o armazém fechado, eu podia dispor da tarde inteira. Decidi-me antes que o entusiasmo esfriasse.” (Pág. 100. C.)

Mais para além vem um incidente que bem lembra o célebre caso do bilhete marcando encontro e o salto do muro que tanto fêz desesperar Brás Cubas. Ora, êle, um homem de respeito e posição, a saltar muros alheios. Depois, lê a data e se lembra de que foi e saltou o muro, o coração cheio de ansiedade. Mas em outra época, outras circunstâncias. Em Graciliano, o caso está assim: “No carnaval estive meia hora a tagarelar com ela e ouvi um provérbio que me atrapalhou, em francês. Desejei-a depois, por insinuações do Pinheiro. Nesse tempo ela andava de cabeça virada para o Mendonça filho, que vale mais que eu. Voltava agora, infelizmente fora de propósito. Censurei-lhe o método. Um romance emprestado, a intervenção de Casimira, que estragava tudo. Puhlices. Sem se comprometer, pedindo-me de longe que lhe escrevesse. Tive pena. E mastiguei as evasivas que usamos no armazém para evitar fregueses importunos: “Não pode ser, minha querida senhora. Estou aflito, acredite. Se tivesse aparecido antes, ali por Março ou Abril... Agora é inteiramente impossível. Não disponho de meios.” (Pág. 112-113. C.)

Finalmente, outros exemplos poderiam ser escolhidos em *Caetés*. Em *São Bernardo* ainda são mais abundantes. É a evolução de Graciliano Ramos consistiu na libertação das influências de Eça de Queirós e na transformação do pensamento machadiano num pensamento de Graciliano, que é, finalmente, uma rectificação e uma completação do primeiro. Em síntese, a contribuição de *Caetés* pode-se resumir assim:

A estrutura do livro corre paralela ao jeito eciano de construir o romance mais por movimento e detalhe que pela pesquisa introspectiva dos personagens. Há mesmo um lance construído com efeito premeditado para esticar a curiosidade do leitor: a cena do beijo em Luísa. Depois, a acção se desenrola com longos diálogos nas repetidas reuniões da casa de Adrião. Sómente Valério, que relata o livro na primeira pessoa, às vezes deixando que a acção corra livre até a impressão de romance feito na terceira pessoa, medita um pouco e termina o livro com a auto-análise do capítulo final. Nada que leve a adivinhar o Graciliano Ramos introspectionista dos futuros romances de monólogos extensos e intensos. É interessante observar que Graciliano inicia sua obra com um livro principalmente dialogado para atingir o mutismo, a insuficiência expressional de Fabiano de *Vidas Sêcas*. Da observação ressalta o quanto era artificial nêle a influência do romancista português. Partindo de *Caetés*, êle percorre uma nítida curva para atingir a sobriedade de *Vidas Sêcas*, único livro escrito na terceira pessoa. Nêle, Graciliano atingiu o máximo de sua expressão, a língua é justa, sóbria, pessoal.

Finalmente, uma última citação registrando a influência de Eça, salientando o jeito do romancista português de pegar dois aspectos dum mesmo sentimento, um grandioso e outro mesquinho. Eça comenta a curiosidade de uma empregada que espiava pela frincha de uma porta, dizendo ser a mesma curiosidade que levara Colombo a descobrir a América. Isto anda por qualquer lugar de sua obra.

Graciliano termina assim um capítulo: "Voltei para a calçada do armazém e ruminei o procedimento do Neves. Que interesse tinha êle em revelar aquilo? Nenhum. Mostrar que sabia..."

— Animal infeliz! exclamei em voz alta.

Referia-me ao Neves, a Adrião, a mim, ao Miranda Nazaré, a toda a gente. Necessidade idiota de saber e espalhar o que sabemos! Depois de muitos dias ou muitos anos de cansseira e conjectura, um sujeito descobre uma lei da natureza — outro faz uma carta anônima contando os amores de Luísa Teixeira com um João Valério como eu." (Pág. 194. C.)

Além disto, ainda quanto ao elemento intencional do livro, isto é, quanto ao pensamento de vida e natureza, quanto ao sentido da síntese dialéctica, já aparece o que tenho chamado de pensamento machadiano. Graciliano Ramos introduz em sua análise a noção de virtualidade dos valores morais, e se não os apresenta preferentemente maus, lhes destrói qualquer

essência absoluta. O trecho que se estende da página 169 à 171 bem revela isto. Este pensamento engrossará e dominará toda obra futura de Graciliano Ramos. É um dos raros aspectos de *Caetés* que revelam o romancista como será de *São Bernardo* para diante. O que ainda frágil aparece em Valério e será constante em Honório e Luís é a falta de sentimento de comunidade. Isto é marca fundamental das personagens centrais do romancista.

Em *Caetés* há o levantamento de um retrato total da sociedade provinciana, com seus elementos importantes metidos a ridículo. É o mundo inevitavelmente morto dos promotores, prefeitos, padres, tabeliães, comerciantes e coronéis. E o romancista os retrata como componentes de um mundo sem remédio. Sem remédio porque os moços, como Valério, ou o doutor que chegou para ser deputado, são também moços mortos. Não há os Carlos da Maia, os Ega, os Ramires para renovar os quadros sociais pela luta contra os valores dominantes. É uma sociedade morta, porque não tem em si mesma a contradição que renova os elementos. Não tem diferenciação consciente e política de classe, porque povo não existe e burguês não revela uma consciência de sua condição. E a economia flutua entre restos de agricultura colonial e inícios de industrialização rudimentaríssima. Na cidade o comércio agoniza e não há indústria. Sem êstes elementos não há contradição dialéctica de classes nem revolução renovadora. Valério não tem consciência social, e o doutor veio para fazer uma carreira de deputado de província.

Na forma, *Caetés* é um romance eciano, revelando a particular preocupação com o emprêgo da palavra justa, com um ritmo e uma medida harmoniosos para as frases, mas frases ainda assim: "Se eu fôsse crente, ter-me-ia lançado aos pés do reverendo, abrindo as portas da minha alma." (Pág. 133). É bela, harmoniosa, mas gramatical.

Mas, sobretudo, êste grande retrato com que o livro termina. É peça de alto lavor literário e mostra os valores de ritmo, de pureza, a honestidade de eleição de palavras, que serão valores dominantes da obra do romancista. E justeza, e sobriedade. Eis um trecho do retrato:

"Que semelhanças não haverá entre mim e êles! Porque procurei os brutos de 1556 para personagens da novela que nunca pude acabar? Porque fui provocar o dr. Castro sem motivo e fiz de um taco ivarapema para rachar-lhe a cabeça?

Um caeté... Com que facilidade esqueci a promessa feita ao Mendonça! E êste hábito de fumar imoderadamente, êste

desejo súbito de embriagar-me quando experimento qualquer abalo, alegria ou tristeza!" (Pág. 229.C.)

A agitação modernista passava sem lhe atingir a arte, *Caetés* ainda não é livro intimamente brasileiro, nem pela forma nem pelo pensamento. Quanto ao tema, nota-se que nasce dum "crime" cuja explicação e evolução levam ao suicídio de Adrião, suicídio de que Valério não se dispõe a aceitar a culpa. E é falado na primeira pessoa.

As mulheres, neste livro, não têm, mas querem arremediar uma desenvoltura social, à maneira das de Eça. Não se definem, ficam num meio tom. Principalmente as amorosas não são de desenhos precisos, ficam assim como as de Machado de Assis, sensuais e flutuantes, docemente irrevêladas, tímidas, dando-se sem se entregarem ou definindo por falta de homens. Este queimar inútil das mulheres que não encontram homens é outro aspecto da sociedade que o romancista revela. Na província só há um destino para as mulheres, o casamento. Fora disto é a tragédia.

Afinal, em *Caetés*, nenhuma preocupação de moral burguesa na intenção do livro, nenhuma preocupação de Deus como problema fundamental da vida, nenhuma preocupação econômica nos homens como função condicionante da vida. Pode-se dizer que *Caetés* é uma síntese que revela um equilíbrio estagnado entre a tese e a antítese, entre o homem e seu fundo panorâmico. Ele surge nu, corajosamente auscultando as fôrças que o geraram e as modificações que elas sofreram. E conclui que não mudou nada, que o homem caeté é o mesmo desde quatrocentos anos. Não arrola particularmente as influências vindas do pai como elemento educador. Daqui nascerá outra valiosa contribuição de Graciliano Ramos para o estudo da formação brasileira. É a função negativa do pai brasileiro e provinciano, como agente de educação. Talvez na falta de comunhão entre pai e filho, comunhão compreendida como entendimento e naturalidade de relações, nasça a falta de sentimento de comunidade do homem do Brasil. Ele se habitua a defender-se, já com o pai, e termina reagindo contra todos. Talvez isto seja mais culpado da falta de comunidade do que o suposto estilo individualista dos povos de origem e civilização latinas. Mesmo, há muitas outras contribuições para nossa "raça" e civilização. Os negros têm em alto grau os sentimentos de comunidade e o índio contribuiu muito pouco com sua desconfiança, apesar da tese Graciliano-Valério.

EM *São Bernardo* Graciliano Ramos se liberta inteiramente da influência de Eça de Queirós e supera e completa, em certo sentido, o pensamento machadiano. É que suas personagens não são tão esquemáticas como as de Machado de Assis nem mais intensamente caricaturais como as de Eça de Queirós. E se não atinge sempre a agudeza esquemática de análise do criador de Bentinho, suas personagens são mais amplas, a vida é apreendida num âmbito bem maior e o homem surge mais plenamente humano.

A vitória sobre a influência se faz pelo tom decididamente pessoal do livro, na conversa directa com o leitor e na meditação e auto-critica de Honório, como que preparando a intensa monologia de *Angústia*. Um livro inteiramente introspectivo, aspecto que o afasta definitivamente de Eça. Este lhe deixou, apenas, o gôsto pela frase bela, a preocupação estética da eleição e apresentação do material, a medida, a harmonia, a pureza da palavra. O romancista português confessou em sua correspondência que sofria da tortura de transformar cada frase num motivo de beleza, e, respondendo a um editor, justificou a demora de restituïção de provas lembrando o quanto as emendava. O estilo de Graciliano deve ser filho de uma melhora constante e de um severo castigo à palavra. E nisto Graciliano é singular na literatura moderna, há nêle uma como doença preocupação da palavra honesta. Esta preocupação atinge o máximo em *Vidas Sêcas*, chegando à apresentação nua do movimento e da vida. Exemplo: "Foi levantar o têsto, recebeu na cara vermelha uma baforada de vapor. Não é que ia deixando a comida esturrar? Pôs água nela e remexeu-a com a quenga preta de côco. Em seguida provou o caldo. Ensosso, nem parecia bóia de cristão. Chegou-se ao jirau onde se guardavam combucos e mantas de carne, abriu a mochila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panela.

Agora pensava no bebedouro, onde havia um líquido escuro que bicho enjeitava. Só tinha medo da seca.

Olhou de novo os pés espalmados. Efectivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem dúvida, matuto anda assim. Para que fazer vergonha à gente? Arreliava-se com a comparação. (Págs. 60-61. V. S.)

Nada supérfluo, nem uma palavra a excluir. Sómente a acção seguida e explicada, às vezes. De *São Bernardo* para

diante a frase toma uma medida e um ritmo em nenhum outro escritor moderno igualados. Graciliano parece ser o único romancista vivo que tem uma preocupação de beleza insistente quando constrói seus livros. Escolho um trecho de *São Bernardo* e é isto: "Ali pelos cafus desci as escadas, bastante satisfeito. Apesar de ser um indivíduo medianamente impressionável, convenci-me de que este mundo não é mau. Quinze metros acima do solo, experimentamos a vaga sensação de ter crescido quinze metros. E quando, assim agigantados, vemos rebanhos numerosos a nossos pés, plantações estirando-se por terras largas, tudo nosso, e avistamos a fumaça que se eleva de casas nossas, onde vive gente que nos teme, respeita e talvez até nos ame, porque depende de nós, uma grande serenidade nos envolve. Sentimo-nos bons, sentimo-nos fortes. E se há ali perto inimigos morrendo, sejam embora inimigos de pouca monta que um moleque devasta a cacete, a convicção que temos da nossa fortaleza tornar-se estável e aumenta. Diante disto, uma boneca traçando linhas invisíveis num papel apenas visível merece pequena consideração. Desci, pois, as escadas em paz com Deus e com os homens, e esperava que aquêles pios infames me deixassem enfim tranqüilo." (Págs. 212-213. S. B.)

De Eça lhe ficou a consciência de beleza da frase e a procura de sua harmonia interior. E Graciliano Ramos, por quem o movimento modernista passou sem vestígios, em *Caetés*, surge em *São Bernardo* como o romancista brasileiro que mais conhece os segredos íntimos da língua que seu povo fala e o único que tem propriamente um estilo.

Mas voltemos ao conteúdo da obra e ao que parece ser o conceito de erro fundamental da existência em *São Bernardo* e nos outros dois livros escritos na primeira pessoa. A vida deste romance também nasce dum crime, ou gira e evoluciona em torno dêle. Aqui é o crime como condição de vitória econômica. Na estruturação meio feudal, meio burguesa-capitalista da sociedade de província e de sua economia, sómente pela fraude ou pelo crime há possibilidade de vitórias pessoais. Foi assim com Honório. Mesmo a morte lenta, primeiro moral, depois física que ele impõe a Madalena, é uma resultante dolorosa da luta econômica. E Honório confessa: "Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo.

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em tôda a parte!" (Pág. 254. S.B.)

Mas nada de remorsos, a culpa, a verdadeira culpa, é virtual, e está em função do jôgo duro e egoísta da vida que condiciona e virtualiza o fundo da ânsia irredutível de libertação da criatura humana, no conceito machadiano superado e completado por Graciliano Ramos. Para êste, o homem poderá ser mesmo bom, como Honório com a velha que o criou, Fabiano comovido diante do filho de pernas finas e bambas.

As demais personagens são outros tantos aspectos das personagens que constituem o fundo panorâmico de Valério em *Caetés*. Aliás, em suas obras contadas na primeira pessoa, tudo, excepto Valério, Honório e Luís, se reduz a segundo plano. Isto é inevitável, é mesmo marca dos romances de grande conteúdo autobiográfico, que sempre são, em alguma coisa, os dêste tipo de construção. São as outras personagens tabeliães, juízes, padres, tipógrafos e jornalistas, guarda-livros, etc. O mesmo inventário de *Caetés*.

As mulheres centrais, em *São Bernardo*, como em *Caetés*, têm sempre contornos esfumados. Luísa e Madalena são iguais na compaixão das dores alheias: se Luísa auxiliava o sapateiro doente, Madalena mandava comida e roupas para os cabras de Honório. Luísa se deu a Valério, mas rapidamente sentiu que não lhe viria mais amor nem felicidade do homem. O capítulo do rompimento, em *Caetés*, é dos pontos mais altos de tôda obra do romancista. Já há nêle a sobriedade e o sentido das sugestões que aparecem depois, em *São Bernardo*, quando Honório resolve eliminar o vizinho Mendonça. Assim:

“ — Só? tornou a perguntar Casimiro Lopes.

Apanhei o pensamento que lhe escorregava pelos cabelos emaranhados, pela testa estreita, pelas maçãs enormes e pelos beiços grossos. Talvez êle tivesse razão. Era preciso mexer-me com prudência, evitar as moitas, ter cuidado com os caminhos. E aquela casa esburacada, de paredes caídas...

Decidi convidar mestre Caetano e cavouqueiros.

Diabo! Agitei a cabeça e afastei um plano mal esboçado.

— Por enquanto, só.” (Pág. 35-36. S.B.)

Dias depois Mendonça aparecia morto num caminho.

Luísa se deu mais como quem concede e não como quem deseja amor. Madalena nunca esperou encontrar amor ou felicidade com Honório. Também se deu esperando em troca paz para ela e para a velha tia que já trabalhara muito e sofrera de mais.

Ambas são discretas, velam as emoções, deixam-nas viver e morrer em segredo, não surgem nunca inteiramente como desenhos nítidos, impressionando pela vontade ou pela vocação, por um traço firme qualquer, finalmente. É isto, não se definem como desenhos firmes, sólidos, detalhados. Nada que se pareça com criações realistas ou naturalistas. Parecem mais composições impressionistas, tudo se solucionando em meias tintas, num fundo difuso de sombras coloridas, vacilantes, como se a vida e as emoções lhes acontecessem sómente até ao meio. Vacilam antes de agir, temendo tisnar uma pureza fundamental, que afinal Valério e Honório conspurcam. Depois Luís, em *Angústia*, também destruirá Marina no único instante em que a dor a redimira, apesar do abôrto. Sómente Fabiano não destrói sinha Vitória. Mas Valério, Honório e Luís conspurcam a única coisa boa que encontraram. É como uma necessidade terrível esta de êles destruírem, reduzirem, profanarem o amor. Aliás, nestes três livros, o amor é sempre sensual, libidinoso, erótico. Em *Caetés* Graciliano vela cuidadosamente a natureza do amor de Valério; em *São Bernardo* o amor de Honório não passa das esteiras das mulheres dos cabras, e, quando ascende até Madalena, é para destruí-la. Em *Angústia* Luís vive numa atmosfera intensamente impregnada de cheiro e sugestão de sexo, se atormenta com as noitadas amorosas dos vizinhos, acompanha os movimentos de Marina no banheiro, pelos ruídos, e beija sôfregamente a bainha das saias da mulher. Mas diante da prostituta nua, no quarto miserável, se comove e sai sem tocá-la. Estranho. Ali não há pureza nem resistências a vencer. E os valores falsos, que o burguês ainda alimenta, já se gastaram. Todo o amor está neste plano, e quando brilha um instante de pureza, êles o destroem numa terrível necessidade de reduzir, humilhar as mulheres, cobrar-se de tantas baixezas a que a vida os teria levado por elas e com elas. É como se desejassem dominar as mulheres, trazê-las com êles para escabujarem. A resistência os irrita e êles destroem-nas quando não as podem reduzir ou poluir.

Das três mulheres vencidas sómente Marina desejou alguma coisa e se interessou pelo amor como um meio, mas Graciliano Ramos faz que ela pague caro por isto.

Inventariando os valores éticos de *São Bernardo*, conclui-se que o romancista continua fiel a sua tese implícita, já ressaltante em *Caetés*, de que o homem está inapelavelmente preso à miséria de sua condição humana, nenhuma salvação podendo

vir dêle mesmo, sofrendo de uma virtualidade aterradora de valores morais. Nada é absoluto ou essencial. Honório sobe quinze metros e vê as coisas desta altura, e já é outro homem, mais forte, disposto mesmo à condescendência, superior, superior quinze metros. Faz lembrar o conto machadiano *Idéias de Canário*. Desce, acha um pedaço de carta, e recomeça o martírio. E êle, transitóriamente maior que os outros, é, na realidade, menor e mais fraco. Duas condições, duas medidas de valores.

A vida do livro se desenvolve sobre um "crime", e não há nem remorso, nem sentimento de culpa. A consciência do êrro de organização da sociedade e da retribuição dos valores humanos efectivos no plano econômico, em *São Bernardo*, é expressa pelo "crime" como única possibilidade de vitória. Um êrro contra outro maior, por isto não há culpa nem remorso. O fundo de vocação irredutível do homem, condicionado por valores maus, teria que dar frutos maus. E Honório revela esta consciência quando confessa não saber o que foi bom ou mau em sua existência: "Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus actos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as acções que me levaram a obtê-las." (Pág. 52. S. B.)

A culpa é geral, não é particular, e Honório conclui que a existência e a profissão o fizeram explorador e criminoso, apesar dêle. É cínico porque tem coragem de examinar a verdade que o condicionou e concluir sobre ela. Ainda uma vez, completa ausência da influência do pai como elemento de educação ou de formação ética. E quando êste factor é examinado, em *Angústia*, é para lhe evidenciar o sentido negativo e degradante.

As mulheres aparecem numa condição econômica inferior, fatalmente sujeitas, a depender do homem que lhes molda o destino e engrossa os sentimentos. Elas vivem sob compreensão e perdem qualquer espontaneidade de sentimento, ou fres-

cor de atitudes. O amor não depende de eleição de desejos ou tendências delas, é reduzido à necessidade insuportável de achar quem as sustente. E um casamento infeliz é um êrro definitivo, porque mulher sem marido é fenômeno que não cabe nos moldes da moralidade burguesa dos quadros éticos da província. As mulheres dos cabras são máquinas de ter filhos dos cabras e dos coronéis, molambos de gente, na classificação do romancista. As mulheres dos coronéis são máquinas de ter filhos dêles só e uns pesos econômicos que êles sustentam sem prazer. É inevitável que tenham a religião dos hábitos fáceis de cumprir e de bons efeitos para a vista. Também a religião da província não exige mais de seus fiéis. São padres acomodados que gestam dos bons serões e dos bons vinhos, à boa maneira dos portugueses de *Eça de Queirós*. Isto de pureza de fé e doutrina é outro caso, e êles não estão para agitá-lo. Uma vez por ano a lei de Deus legaliza uniões dos cabras, para descanso da consciência das mulheres dos coronéis e dos padres, os cabras continuam a estourar no eito, no bangüê, no cafèzal ou no que fôr, mas os jantares continuarão e todos os domingos haverá missa para as mulheres gôrdas de crucifixo ao peito. É uma religião cômoda, que não cria muitos embraços, nem de ordem religiosa ou moral, nem de ordem econômica. E é bom tê-la. Mulher que não vai à missa é de maus costumes — e pobre dela.

Mas uma das mais sérias revelações do livro é a da ausência de povo nas regiões agrícolas do Brasil. Graciliano não é inédito nisto, nem o único, mas é em *São Bernardo* que o problema é causticamente revelado. Fora das capitais e de algumas cidades maiores, não há povo no Brasil, no sentido de classe social, ao menos em formação. Há gente se degradando e dissolvendo, animais vivendo para desgraça dêles e benefício de quantos Honórios, pequenos e grandes proprietários, existem pelo interior. E o causticante da revelação de Graciliano é que o problema aparece sem esperanças. Não há povo e nunca êle poderá formar-se dentro dos quadros de valores econômicos que dissolvem e desmoralizam o homem do interior.

A produção é estagnada, com uma produtividade mínima, não deixando margem para a mais leve expansão. Em tais condições, não há inversão de novos capitais nem criação de massas trabalhadoras, que, finalmente, fariam emergir a consciência do povo como uma classe capaz de renovar os valores sociais.

É assim que Honório raciocina sobre seus trabalhadores:

“Houve um apito demorado e os trabalhadores largaram o serviço.

Consultei o relógio: seis horas.

— É horrível! bradou Madalena.

— Como?

— Horrible! insistiu.

— Que é?

— O seu procedimento. Que barbaridade!

Despropósito.

— Que diabo de história...

Estaria tresvariando? Não: estava bem acordada, com os beiços contraídos, uma ruga entre as sobrancelhas.

— Não entendo. Explique-se.

Indignada, a voz trêmula:

— Como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma?

— Ah! sim! por causa do Marciano. Pensei que fosse coisa séria. Assustou-me.

Naquele momento não supus que um caso tão insignificante pudesse provocar desavença entre pessoas razoáveis.

— Bater assim num homem! Que horror!

Julguei que ela se aborrecesse por outro motivo, pois aquilo era uma frivolidade.

— Ninharia, filha. Está você aí se afogando em pouca água. Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada. E Marciano não é propriamente um homem.

— Porquê?

— Eu sei lá! Foi vontade de Deus. É um molambo.

— Claro. Você vive a humilha-lo.

— Protesto! exclamei alterando-me. Quando o conheci, já ele era molambo.

— Provavelmente porque sempre foi tratado a pontapés.

— Qual nada! É molambo porque nasceu molambo.”

(Págs. 144-146. S. B.)

Tudo é assim, duro, cínico, inexorável. Nenhuma preocupação moral num sentido formalmente expresso, nenhuma preocupação de Deus como elemento fundamental da alma ou da vida. Em *São Bernardo*, nem a igreja nem a escola valearam para melhorar os Marcianos. Afinal, Honório acha que eles serão sempre molambos porque já nasceram molambos. É a incoercibilidade das forças econômicas determinando a es-

sência da estruturação das outras fôrças-formas sociais e condicionando inelutavelmente o homem, criando-lhe um limite intransponível para a evolução. Dentro dêsse quadro e vindo dêsse homens-molambos, não há salvação possível. Para que o pensamento previsor e activo do homem processe uma alteração em seu meio panorâmico é essencial uma margem mínima de liberdade econômica, ao menos uma consciência do êrro social que o constringe. Um dêsses elementos levará à estilização da luta e ao início da revolução contra a estrutura social errada. Mas Marcianos e Fabianos recebem o mal como uma fatalidade inevitável e exaustiva. O êrro, para êles, é de origem, é a marca do próprio nascimento, e nada há que fazer contra as leis que vêm de Deus. Dentro dessa consciência não nasce o germe da reforma, e a salvação terá de vir de fora. A ausência da consciência política de povo lesa o processo de evolução no seu dinamismo íntimo mesmo. Neste sentido é que deve ser tomado o conceito de irredutibilidade do homem, na obra de Graciliano Ramos. Ele não duvida nem desanima do homem como criatura universal, mas como criatura particular nos quadros econômico-sociais do Brasil interior. Seu aparente pessimismo e seu aparente desamor e falta de entusiasmo pelo homem devem decorrer disto. Este é o tom melancólico das auto-analises com que suas personagens terminam os livros, mas êste é, também, o tom de sua mensagem revolucionária no mais íntimo sentido do têrmo.

São Bernardo, como análise e estilização do humano, como síntese que contém a consciência do estilo da contradição homem-natureza, é a mais alta realização de Graciliano Ramos. *Vidas Sêcas* o supera como obra literária, mas não em conteúdo humano de luta, de libertação. *Angústia* é mais o exame corajoso dos condicionantes do comportamento de Luís. Honório luta para vencer o determinismo terrível da existência dentro de seus quadros de cidade de província. Fabiano mede as próprias fôrças e conclui que é melhor deixar que as coisas passem como são. Luís luta dentro de si mesmo. Mas Fabiano é o cabra puro e Honório é o bruto arvorado em pequeno proprietário, absolutamente nu de sentimento de comunidade.

A frase, libertada da influência de Eça, se enriquece das aquisições do modernismo, se encurta, os pronomes são mais naturais, a sintaxe é mais directa e o ritmo geral se aproxima do gênio nascente do português do Brasil. Às vezes, toma êste jeito macio de quem conversa bem e descansado: “Era

domingo, de tarde, e eu voltava do descaroçador e da serraria, onde tinha estado a arengar com o maquinista. Um volante empenado e um dínamo que emperrava. O homem prometera endireitar tudo em dois dias. Contratempo. Montes de madeira, algodão enchendo os paióis." (Pág. 157. S. B.)

E mais adiante, meditando sobre coisas de sua vida: "Materialista. Lembrei-me de ter ouvido Costa Brito falar em materialismo histórico. Que significava materialismo histórico?

A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. Admito Deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça. Tenho portanto um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível." (Pág. 175. S. B.)

Perdeu a necessidade confessada em *Caetés* de andar a pendurar adjectivos nas frases, aborrecendo-se de quase todos eles, mas sempre a pendurá-los. Do meio para diante Graciliano reduz as referências directas ao leitor, e o livro entra direito na acção e se conclui com um capítulo que é dos melhores da obra. É outro auto-retrato como o de *Caetés* e com a mesma essência de pensamento. Inutilidade de todos os esforços, tentativa frustrada de ser feliz, envelhecimento, desolação. E ele não ama nem o filho. "Que miséria!" E os outros dormem. "Patifes." Sentimento trágico da vida que se degrada inevitavelmente, nada que salve o destino humano, nada que o induza à beleza. O velho guarda-livros e Madalena, que acreditaram na eleição dos homens, sucumbiram. Ela morre. O velho deserta para não desesperar. Em *São Bernardo* há a consciência do sentido trágico e profundo da vida. O pensamento machadiano se completa e o homem já não é aquela esquematização quase absoluta e sofrendo preferentemente a atração do mal. O homem de Graciliano Ramos é mais completo e mais relativo em seus valores. Um homem virtual e condicionado.

6

EM *Caetés* o crime acontece contingentemente, consequência dum determinismo que lembra a teoria das bolas a comunicarem movimentos, de Machado de Assis. E Valério pros-

pera sobre ele. Mas, de qualquer forma, não é um acto directo de Valério nem ele se dispõe a lhe aceitar a culpa. Adrião morreu porque, finalmente, sempre teria de morrer. Se a morte interessa Valério, melhor para ele. A vida é assim mesmo, a felicidade ou bem de alguém há-de custar caro a outros. Quasi digo aqui: "ao vencedor as batatas", ao vencido a derrota. Tudo é tão virtual que, se ao vencido não cabe a culpa da derrota, ao vencedor não fica a glória de haver vencido. E porque ser condescendente ou eqüitativo, se ninguém está seguro da posição nem, de facto, é senhor dela? O melhor é gozá-la sózinho, porque uma virtualidade menos feliz poderá arrebatar-a. "Ao vencedor as batatas", enquanto lhe pertencem. E que mérito tem o vencedor em ter vencido?

Em *São Bernardo* este pensamento deixa de ser uma consequência geral da obra para se tornar o próprio filosofismo profundo de Honório. Graciliano ascende para o conceito de condicionamento dialéctico, em que o homem pode mudar o quadro de valores que constituem sua antítese, e, mudada a antítese, operar a transformação da síntese. Por isso, em *Caetés*, o crime acontece ainda por um encadeamento de circunstâncias independentes da vontade de Valério, mas em que, também, ele não procura interferir. Mas Honório já tem consciência deste determinismo inevitavelmente presente e que virtualiza todos os valores. E caminha conscientemente para ele, precipita-lhe os lances. Graciliano parece atingir a consciência do estilo dialéctico de sua oposição e o revela com uma coragem cínica, através de Honório. O "crime" é arquitetado e praticado voluntariamente pelo homem, embora "voluntário", em se tratando do pensamento da obra de Graciliano, nunca tenha o sentido filosófico de livre. Mas de acção cujas consequências se conhecem, e que é desejada e realizada mesmo assim. De qualquer forma, o "crime" entra no jôgo dos acontecimentos porque Honório o pressente e fá-lo realizar-se. Depois dele tudo crescerá, mas tudo será devorado. Sob este aspecto a obra do romancista é profundamente moral. No mundo em que seus personagens vivem, o "crime" e a "fraude" são inevitáveis, mas deles, se vem uma relativa vitória sobre o mundo errado, nunca vem a felicidade nem a paz essenciais. Sómente Fabiano, que não transgrediu, que não se evadiu pela fraude, termina sonhando. Também nunca tentou a vitória. O fundo de formação burguesa inevitável de Graciliano Ramos afere finalmente a última consequência de seu pensa-

mento. O crime funciona como um símbolo da correção da estrutura errada da moral e da economia feudal-burguesas, mas a consciência do crime persiste. Por isto nenhuma personagem se liberta verdadeiramente pela sua prática, nem encontra a felicidade depois de praticá-lo. É que ele foi um meio de evasão, mas sempre um crime. É que a sociedade é um fenômeno irrecusável, e o crime contra suas forças normativas é sempre um crime, embora a sociedade tenha utilizado mal as próprias forças normativas. Esta é uma observação que coincide, mas também transeende dos limites de interpretação burguesa de moralidade. O crime, se não deixa a consciência burguesa de culpa, também não liberta nem traz felicidade.

Nos quadros da sociedade agônica que o romancista retrata, não há mesmo vez para a felicidade. O homem é impotente para ser feliz, a menos que se alterem as condições gerais que o dominam.

Em *Angústia* é o processo íntimo do crime vivido em si. Este livro termina um assombroso ciclo de depoimentos e confissões que é, ao mesmo tempo, o mais completo inventário da vida desde Machado de Assis. Depois Graciliano Ramos aparece amplo em sua experiência, senhor de sua técnica, apurado e singular em seu estilo, para realizar o sóbrio e doloroso *Vidas Sêcas*.

Os valores e as constantes de sua obra surgem aqui plenamente, tentam a luta de libertação e tombam impotentes. E o homem lutou, sofreu, foi impotente para vencer e se reconhece amargamente irredutível. Luís se confessa um irmão mais novo de José Baía. Graciliano revela um grande conhecimento da alma humana e se propõe desnudar inteiramente sua experiência. E o livro se desenrola num tom de reminiscência, intercalado de cenas presentes. A sucessão de planos, que aflora em *São Bernardo*, evoluciona em *Angústia* para técnica estrutural. Seu processo de não marcar planos definidos para os detalhes, mas de apresentá-los segundo a conveniência caricatural, em *Caetés*, e segundo o movimento interior da personagem, em *São Bernardo*, sofre, em *Angústia*, uma modificação. O livro é trabalhado inteiramente com a anotação e repetição de detalhes ambientes. O homem que enche dornas e a mulher que lava garrafas, a mancha de umidade da parede, as árvores e o monte de lixo do quintal, as

ripas da cerca, os vizinhos e a alucinante repetição do espectáculo dos fios como cordas bambas. Este último detalhe, monotonamente condicionado e repetido, conduz a acção ao desfecho. É um comportamento condicionado ao conteúdo do "crime" que já existia em Luís. Lembra Dostoiewski pelo andamento geral da acção, mas na conceituação particular do tema difere fundamentalmente. No russo, a virtualidade do crime e da culpa evoluem para um plano filosófico do divino. Em Graciliano, esta virtualidade está no determinismo incoercível do humano. Mesmo o conceito de Deus, como fundamental do humano, continua inexistente para Graciliano. Além disto, ao dualismo essencial de Dostoiewski têm de corresponder um bem e um mal essenciais e absolutos. Para Graciliano êstes conceitos estão sujeitos ao pensamento dialéctico da reversibilidade e emersão das forças da alma humana, em novos jogos de contradições. Ele não procura a essência do bem e do mal, porque sabe que esta essência, em si, não é diferencial. Ela evoluciona num sentido virtualmente bom ou mau. Sómente reversibilidade e emersão dialécticas. Isto não quer dizer que a estilização do bem e do mal não seja legítima e não constitua grau da evolução humana no caminho social. Mas, de qualquer forma, esta estilização já é síntese de uma outra contradição indivíduo-grupo, no equilíbrio normativo das sociedades. Finalmente, de Dostoiewski só se aproxima na morbidez da atmosfera ambiente do livro, lembrando *Vozes Subterrâneas* e *Crime e Castigo*.

Angústia é o clímax do desfecho das constantes da psicologia de Graciliano Ramos sobre a criatura para triturá-la. Em *Vidas Sêcas* o autor voltará a êste tema num sentido dialéctico e social mais amplo. Por enquanto, as reacções de Luís são o foco da acção — e o livro toma um jeito demagógico. Mas as constantes persistem e se evidenciam. Luís pratica o crime contra Julião Tavares, mas é doentiamente bom com a velha empregada e sente solidariamente o drama do pai de Marina. Com a empregada, chega a torturar-se por ter lançado a dúvida no reduzido mundo de segurança da velha. Homem condicionado e virtual. Ausência completa do problema de Deus, oposição à moral burguesa, sentido revolucionário, inexorabilidade da estrutura social, simbolizada em Julião Tavares, contra quem Luís comete o crime.

Neste livro o problema do sexo se estiliza e o autor tenta libertá-lo, mas êle descamba para o sensual e erótico. Mulhe-

res ainda sem ter realmente vontade, vítimas inevitáveis da condição social-econômica e da moralidade formal. Mas, sobretudo, o amor é em *Angústia* mórbido e erótico. É o instinto alucinante roendo as entranhas de Luís como ratos. Ratos, o símbolo das coisas ruins do livro. São ratos os instintos, Julião Tavares, o judeu, o pai de Marina, Luís, todos ratos. Mas Luís se tortura por ser rato e revela assim a consciência de um tipo de homem superior. O fundo de vocação, irredutível em si, poderia ter sido virtualizado para o bem.

Estas constantes se armam como fôrças poderosas, levam Luís inexoravelmente à pratica do crime, mas se abatem sobre ele e o esmagam. Também desta vez a aparente libertação pela fraude não conduz à paz essencial que é o anseio irreduzível do fundo humano. E uma vez mais se salienta o sentido ético da obra do romancista. A libertação e a vitória do homem virá da quebra da estrutura panorâmica, mas com o enquadramento de novos valores e um sentido consciente da luta. Enquanto a fôrça selvagem das determinantes hereditárias e a estagnação do complexo social existente forem a fôrça-forma normativa da estrutura, sem nenhum condicionamento prevíSOR, o crime será apenas um protesto, mas nunca um passo para a felicidade. É uma desforra do indivíduo, ou uma consequência da virtualização para o mal, mas não corrige o social, nem apaga esta nostalgia de felicidade do homem.

Duas constantes fazem do homem de Graciliano um ser nô e solitário: ausência da consciência de Deus e falta de influência dos pais como factores de educação e criação do sentimento de comunidade. Da ausência da consciência de Deus decorre o desaproveitamento do misticismo do homem, decorre a falta de estilização desta fôrça social que levaria às grandes religiões, correntes de fôrças inevitáveis num determinado estádio da evolução dialéctica da consciência social humana. Sob este aspecto, as religiões não são nem boas nem más, são uma necessidade num instante da marcha do pensamento. Um estilo que o homem necessitou impor a sua oposição. Com o desenvolvimento da consciência materialista dialéctica, com a cessação das necessidades econômicas fundamentais, a fôrça das religiões se irá reduzindo. Mas, de qualquer forma, o misticismo estilizado em religiões foi um elemento considerável na evolução dos grupos sociais, uma como defesa contra o desconhecido, elemento de unificação primitivo, desejo de invulnerabilidade, desejo de eternidade. Porque o mais in-

timamente legítimo movimento da criatura é o da eternização da espécie, através da eternidade de si mesma. Se as fôrças da religião foram aproveitadas pelas classes dominantes contra as dominadas, isto é outro fenômeno e sua solução depende de solução econômica. Mas a religiosidade, em si, é veículo de comunidade e solidariedade humanas.

E a falta de fôrças de religião, nesta altura do pensamento humano, retarda o fenômeno de constituição dos grupos que se vêem privados de uma de suas fôrças-formas, elemento centrípeto de suas formações. Que depois elas se enquadrem, alterem as oposições, façam emergir novas fôrças, é ainda dialéctico e essencial ao progresso do grupo. E em sociedades de hábitos e processos econômicos primitivos, de analfabetismo e ignorância com altos índices, de diversidade étnica, como no Brasil, a falta de aproveitamento profundo da religiosidade da massa inculta e a falta da intensa estilização para as massas letradas retardam a formação de povo, no sentido de classe político-econômica, elemento de oposição dialéctica.

O facto de as religiões se terem tornado entraves à libertação do homem foi consequência de sua própria evolução dialéctica, dentro dos valores que a enquadrvam. Isto se explica pela emergência de novas fôrças quando as correntes religiosas se enquadram e alteraram o aspecto da antítese. As grandes fôrças religiosas da Europa, que estimularam e sustentaram a Idade Média, depois serviram para ajudar a emergência do capitalismo burguês, e êste gerou a consciência universal do trabalhador como classe social-econômica. Se o processo de emergência não fôr violentamente alterado, as religiões, em sua luta para sobreviver organizadamente, se unirão aos trabalhadores e auxiliarão o enquadramento do trabalhador, como um sentido de consciência universal, impondo seu estilo à síntese. Por enquanto, elas estão apegadas à última classe econômica dominante que se formou. E só por isso estão contraditórias e opondo-se à libertação do homem universal.

Ora, se o Brasil sofresse o mesmo processo evolutivo, estaria apenas se incluindo no ritmo geral da época que se estendeu pelo período de seu descobrimento, passou ao da colonização, do império, até à república. Então se justificava, mesmo se impunha, o aproveitamento das fontes de religiosidade. Mas, no Brasil, o que se fêz nunca teve um sentido étnico profundo, uma preocupação de aproveitar na fonte as fôrças de religiosidade, ou uma adaptação da religião im-

portada às condições étnicas existentes. Isto se deve à universalidade do catolicismo e à não nacionalização do clero. Religiões manipuladas por clero estrangeiro, em maioria, não se contaminam das etnias particulares de cada povo, não sofrem a influência dos impulsos nacionais do próprio clero indígena. Daí Graciliano retratar uma sociedade sem religiosidade de profundas raízes estilizadas, nem cambiantes étnicas de religião, e um povo sem consciência de sua classe ou condição. Em *Vidas Sêcas* este pensamento chega a uma simplicidade e a uma clareza de cristal no capítulo *Festa*. Nem Fabiano, nem sinha Vitória, nem os garotos revelam o mais leve comportamento religioso. O que os leva à igreja é o hábito e a curiosidade sómente. E Fabiano fica doido para sair da igreja, porque faz calor e os calos lhe doem.

Em *São Bernardo* a religião foi uma tentativa inútil de Honório para agradar ao padre e ao prefeito. Não interessou os cabras nem lhes trouxe felicidade. Em *Caetés* a religião é a caricatura irônica de um padre medíocre e comensal do burguês Adrião. Entretanto o homem que Graciliano pinta é lírico, religioso, crente, como um caeté: "Descrente? Engano. Não há ninguém mais crédulo que eu. E esta exaltação, quase veneração, como que ouço falar em artistas que não conheço, filósofos que não sei se existiram!"

Ateu? Não é verdade. Tenho passado a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo — uma estréla no céu, algumas mulheres na terra..." (Pág. 229.C.)

Que se criasse religiões para auxiliar o povo a formar uma consciência de nação e de classe. Depois, no vazio dos símbolos divinos mortos se colocassem os símbolos dialécticos de homem universal, de igualdade, de justiça, de direito aos benefícios que o trabalho cria.

A outra constante é a falta de, principalmente, mãe como elemento afectivo de formação do homem. A falta do pai, ou a influência negativa do pai, agindo mais como um inimigo, em oposição a quem a criança precisa estar sempre, levou à ausência do sentimento de comunidade de nosso homem médio principalmente. Valério, Honório e Luís sugerem isto. Os semelhantes dêles são, quase sempre: "ratos", "patifes" e "inimigos".

A influência do pai não é arrolada em *Caetés* e em *São Bernardo*, e em *Angústia* aparece sempre apavorantemente. Luís aprendeu a nadar com os bichos para se livrar dos mergulhos que o pai lhe dava no poço da Pedra. E, relembrando a morte do pai, Luís pensa: "Que ia ser de mim, sólto no mundo?"

Pensava nos pés de Camilo Pereira da Silva, sujos, com tendões da grossura de um dedo, cheios de nós, as unhas roxas. Eram magros, ossudos, enormes. O resto do corpo estava debaixo do lençol branco, que fazia um vinco entre as pernas compridas. Eu não podia ter saudade daqueles pés horríveis, cheio de calos e joanetes. Procurava chorar — lembrava-me dos mergulhos no poço da Pedra, das primeiras lições do alfabeto, que me rendiam cocorotes e bolos. Desejava em vão sentir a morte de meu pai. Tudo aquilo era desagradável.

— Isto é um cavalo de pau com dez anos e não conhece a mão direita.

— Agora eu tinha catorze, conhecia a mão direita e os verbos".
(Pág. 21. A.)

Um cão, talvez, ensinou Luís a nadar, e como os personagens de Graciliano têm sempre muito de seu autor, o romancista revela um amor e uma predileção carinhosa pelos animais, através deles. Durante todo o livro Luís rememora o pai, o avô, os antepassados grotescamente, deprimindo-os, mostrando que a única influência que deixaram foi negativa. O velho

Trajano nada tem dos avós recordados à maneira do Maia de Eça de Queirós, como outros que andam pelos romances brasileiros. É um avô fazedor de filhos nas escravas, econômica mente incapaz, absorvente da mulher, terminando louco. Para os homens, Graciliano Ramos não tem indulgência quando lhes inventaria a contribuição para a formação moral dos tipos que ele cria compendiando seu povo. A religião que deixaram é a que Fabiano tem, postica e inútil, servindo unicamente ao burguês como outra força de domínio. O conceito de autoridade paterna se resume nas lembranças que Luís guarda de Camilo Pereira da Silva, incapaz de sofrer pela sua morte. O sentimento de amor que deixaram nasceu nas esteiras das negras e das fêmeas dos cabras, e, assim, veio até Honório e passou a Luís, encontrando esta revelação: "Passava uma hora no banheiro, e a roupa branca que vestia cheirava. Nos nossos momentos de intimidade eu sentia às vezes uma tentação maluca: baixava-me, agarrava-lhe a orla da camisa, beijava-a, mordia-a. Isto me dava um prazer muito vivo." (Pág. 93. A.)

O conceito de valor da mulher como mãe e esposa, na família, é ainda o de Trajano em relação a sinha Germana: "Os músculos de mestre Domingos eram do velho Trajano. Os músculos e o ventre de Quitéria também. Sinha Germana concebia e paria no couro de boi, a que o atrito e a velhice tinham levado o cabelo. Quitéria engendrava filhos no chão, debaixo das catingueiras, atrás do curral, e despejava-os na esteira da

isidora, em partos difíceis. Crias de côres e idades diferentes espalhavam-se por aquela ribeira, vários de Trajano, cabras alatoadas que apareciam de longe em longe e pediam a bênção do velho às escondidas. Os partos de sinha Germana perderam-se: escapou apenas Camilo Pereira da Silva, que para-fusou no romance e me transmitiu esta inclinação para os impressos. Quitéria e outras semelhantes povoaram a catinga de mulatos fortes e brabos que pertenciam a Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva." (Pág. 199. A.)

A relação entre os homens que viria a ser a semente do sentimento de comunidade é o sadismo agressivo de Camilo Pereira da Silva fingindo afogar o filho, ou apresentando-o como um cavalo de pau.

É lutando contra este legado hereditário e condicionado por él que evoluciona o fundo de ânsia irredutível de ser livre e feliz e que se contém no homem de Graciliano. Este fundo luta por se libertar, mas conclui invariavelmente por constatar que, afinal, continua um legítimo fruto do enquadramento de valores que o geraram e moldaram. Daí a conclusão de que o homem de Graciliano Ramos nunca encontrará salvação nêle mesmo, se deixado em luta solitária contra seu meio panorâmico. Luís é a realização trágica desta experiência. Entretanto, esta luta criará a receptividade para a consciência da necessidade categórica da revolução. Do desespôro impotente se gerará o movimento que fará emergir novos valores humanos, se se mudarem os quadros materiais e econômicos que afogam o homem. E a obra do romancista é uma grave advertência, um chamamento de consciência para revolucionar os elementos bases e precipitar a libertação do indivíduo. Reside nisto a superioridade do pensamento dialéctico, élé facilita ao homem uma atitude consciente e condicionada a um fim, acelerando o processo natural de desenvolvimento. É isto que a obra de Graciliano adverte e é por isto que ela clama. Sob este critério, é o mais revolucionário dos romancistas brasileiros, ainda que seu estilo é sua forma tendam para um macio classicismo estrutural.

Mas o aspecto doloroso da constante de falta de elemento paternal como factor de formação ética é a quásí inafectividade da mãe ou sua total ausência no conjunto moral das obras do romancista. A mãe não surge como o foco dominante e acolhedor do mundo afectivo da família, e se surge, é dolorosa, mesquinha, insignificante. Não é que o romancista subestime o valor étnico ou a capacidade de ser mãe e boa da mulher brasileira. Apenas, estuda-a e revela-a como ela foi para sua experiência e com a função que tem, condicionada ao meio da

formação familiar brasileira. Sem uma grande família moral, no sentido de quase religiosidade de sentimentos filiais em torno do pai e cultivo de suas qualidades de chefe e condutor da tribo, não poderia avultar a figura da mãe. No Brasil, a mulher, elemento econômicamente improdutivo, constituiu sempre uma carga e foi, aos poucos, sendo reduzida de proporções, passou para a humildade e se anulou. E como a autoridade, nas famílias de moldes burgueses, decorre da função econômica, ela perdeu qualquer influência decisiva nos conselhos familiares. Sem autoridade, não foi respeitada. Não era espôsa, era máquina de fazer filhos, e dela não se esperava, espontaneamente, nem fidelidade. Por precaução, foi até subtraída do convívio social. A actividade e a liberdade das mulheres se resumiam ao trato com as negras da cozinha e ao dos filhos, enquanto lhes andavam agarrados às saias. Os maridos lhes enchiam os ventres de filhos, e enchiam também copiáres com outros gerados em ventres alheios. Elas nem tinham o relativo privilégio de ser mães exclusivas dos filhos de seus homens.

As crianças nasciam e se criavam dentro desta experiência e cedo procuravam mulher também. O conceito de mãe, para elas, não era o de centro intocável de afectuosidade e equilíbrio da família. Assim, não sentiam a íntima necessidade de se unir à mãe nem de lhes receber a autoridade suave, como uma reafirmação de solidez e moralidade do grupo familiar.

Em *Angústia*, Luís acha que sinha Germana e Quitéria se equivaleram: ambas prestavam para gerar filhos do velho Trajano. Diferiram porque uma os teve dolorosamente na cama de lastro de couro e a outra facilmente nas esteiras. Com tais conceitos nenhum filho necessita do carinho e do calor moral da mãe.

Por outro lado, a mulher, relegada a tão ínfima condição, também não sentia desejos nem deveres de ser o fulcro moral e regulador da autoridade do grupo. E como sem este fulcro a família burguesa não se forma, Graciliano retratou-a como ela é, dissolvida e dissolvente, negativa. E o homem nascia e se criava nu, agressivo, solitário, cedo imitando o pai e se tornando erótico e libidinoso, carácter amolecido pelo calor das coxas das negras, que às vezes já se haviam deitado com o pai dêle. Muita vez, começa na esteira de uma negra a concorrência entre pai e filho, e a agressividade que nascia ali foi sempre a lei entre ambos.

Mas acontece que a criatura humana necessita também de carinho, afecto, calor moral, acolhimento. E o menino brasilei-

ro, já muito acostumado às coxas das negras, e estas, acostumadas a amar os filhos dos brancos, porque muitos se geraram em seus ventres, criaram um símbolo comovente de carinho: a mãe preta. A mãe preta emergiu da necessidade de aconchego do animal humano novo, da ausência da mãe como fonte dêste carinho, da natural comunidade da negra e, no Brasil, também da participação desta na cama do senhor branco que lhe deixava filhos no ventre.

A mãe preta satisfaz a necessidade de um sentimento tão fundamental da alma que Luís tem relações de filho com sua velha empregada, e Honório só mostrou pureza e amor para a velha negra que o criara.

A mãe de Marina, em *Angústia*, encarna a situação geral da mãe no Brasil, mesmo considerando que sua posição é atenuada pelo meio da cidade em que vivem. Mas tôdas as mulheres são desgraçadas na obra de Graciliano Ramos. E quando lutam para se libertar da miséria que as comprime, lá está o exemplo de Marina. Julião Tavares, que tem função de símbolo da sociedade em que vive, se incumbe de lhes castigar o arrôjo. Seu Ivo, o judeu, os demais, entram no livro para movimentar a acção e compor o quadro de cidade pequena e decadente, quadro que Graciliano temia deixar cair na monotonia a que leva a intensa monologação. Contudo, apesar dos valores do livro, à vezes as cenas se desenrolam lentamente, monotonamente.

Pois bem, *Angústia* encerra o espantoso ciclo de confissões, depoimentos e análises a que o romancista se propôs implicitamente em *Caetés*. Completa a negação dos extensos diálogos e repetidas reuniões que sustentam e desenvolvem a acção do primeiro livro e negam também o jeito de romance falado na terceira pessoa que o livro toma, apesar de ser construído na primeira pessoa. Com *S. Bernardo*, é a primeira negação na linha de desenvolvimento da obra do romancista, compreendida entre *Caetés* e *Vidas Sêcas*. Depois virá este último, negando a negação anterior e ampliando a experiência de *Caetés* no que ele tem de livro objectivo, construído na terceira pessoa, para encerrar o primeiro tempo do movimento evolutivo da linha dialéctica das criações do romancista. *Vidas Sêcas* é um livro clássico: objectivo sem ser extremamente realista, equilibrado na observação da natureza e no desenho do homem. Talvez excessivamente descontínuo no arranjo dos capítulos como partes condicionadas à unidade do todo que o livro é, ou deve ser.

Dentro desta linha de desenvolvimento, todos os valores e constantes que se esboçam em *Caetés*, evolucionam em *S. Ber-*

nardo, atingem o clímax em *Angústia*. E retornam para criar o maravilhoso enquadramento social do homem do campo, realizado em *Vidas Sêcas*. E este enquadramento se estende como uma ampla gravura em aço polido, como o fundo panorâmico em que luta e morre o homem, como o quadro inexorável e invencível que condiciona o comportamento dissolvente e negativo do cabra, do enxadeiro, do matuto, do cangaceiro, de todos os molambos de gente que o romancista pinta e faz sofrer.

Assim, o conjunto da obra do romancista tem um alto sentido social. Os três primeiros romances, falados na primeira pessoa, são como revistas passadas aos elementos de luta e formação do autor, como homem brasileiro que é. E sua coragem atinge o cinismo, sua sinceridade sangra, sua impiedade caustica quando, através dos personagens, se auto-analisa. Mas reafirmo o que antes já afirmei: as verdades e valores artísticos são transposições de experiências que apenas guardam o mesmo espírito ético e estético. Por isso, os raciocínios anteriores não atribuem ao romancista as experiências formalmente, como foram recriadas. De qualquer forma, na dureza e na verdade com que analisa está a redenção do autor e de suas criações. Eles desenrolam as condicionantes da virtualidade de seus valores, lutam contra elas e são impotentes. Mas ficaram conhecendo-as.

E vem *Vidas Sêcas*, no sentido literário a maior realização do autor. Então se evidenciam com uma sóbria firmeza as dominantes e condicionantes e as consequências dialécticas delas. E dá-nos o amargo, assombroso, mas discreto quadro panorâmico do cabra, sua família, sua paisagem geo-económica. E o comportamento inevitável que aí se impõe.

E Graciliano Ramos, que apareceu em *Caetés* se moldando em *Eça de Queirós*, apenas esboçando o que chamei pensamento machadiano no romance, passa por *S. Bernardo* com um instrumento de expressão que é dos mais belos e dos mais brasileiros no sentido da revolução literária. Este instrumento se enriquece das aquisições modernistas, mas esboça uma tendência para o equilíbrio clássico. E ainda completa e supera o pensamento machadiano.

Depois, ressurge em *Angústia*, dialéctico pelo processo do pensamento amadurecido em *S. Bernardo*, senhor do pensamento machadiano pela humaníssima condição que lhe extraíu da filosofia, para inventariar e elevar ao clímax os valores que evolucionaram através de seus livros.

Talvez por um imperativo da densidade da matéria, perde algo da plasticidade e do ritmo de fala natural que atingira em *S. Bernardo*. Mas foi um imperativo da matéria intensa-

mente introspectiva e nua de païsagem. Apesar disto, é ainda o escritor seguro e original, cioso da palavra honesta e justa, sóbrio no ritmo e na medida da frase, directo, correcto. A mania de pendurar adjetivos, confessada em *Caetés*, não ressurge mais, e o labor do ofício, confessado desde Valério, se renova em Luís. Porque todos os personagens centrais se preocupam com literatura.

A psicologia toma métodos novos de procura das determinantes de atitudes e se dirige pelos processos freudianos de análise. Surge a intenção de evidenciar comportamentos condicionados a estados interiores prevalentes, como a persistência alucinatória da imagem dos fios da rede de iluminação e telégrafos, dos contactos da corda, das imagens associadas às cordas, da alucinação dos ratos roendo, dos ratos andando colados aos muros, ratos roubando as gentes miseráveis, de cheiro de sexo, de sexo em tudo. A repetição desses detalhes às vezes chega à monotonia, mas outras dá capítulos como o do encontro com a mulher grávida, inteiramente condicionado ao estado de conhecimento subconsciente e prevalente da prenhez de Marina.

Finalmente, é senhor dessa técnica e desse novo conceito da alma humana e da vida que Graciliano Ramos inicia *Vidas Sêcas*. Então sua linguagem retorna à doce plasticidade de *S. Bernardo* e ao harmonioso ritmo revelado no último capítulo de *Caetés*. Apenas, a singeleza da frase se precisa tanto que a ação às vezes surge nua, como um desenho bem marcado por uma linha nítida.

7

E SURGE *Vidas Sêcas*. Antes o romancista estudara os processos de sua psicologia, procurara a essência ética de seu pensamento, pesquisara o sentido íntimo da contradição do homem, analisando simultaneamente o grau de determinação de cada elemento na composição do equilíbrio de suas personagens. Em *Angústia*, os capítulos se encadeiam num sólido processo de causalidade, o anterior colocando o problema para o posterior. Ainda, em *Angústia* e *S. Bernardo*, cria duas sensações de tempo: o tempo que se marca pela sucessão de fenômenos objectivos e o tempo interior, elemento de análise. Com isto entra mais fundo na procura da ação simultânea das condicionantes de cada "estado interior" das personagens. O tempo objectivo é imposto pela corrente de fenômenos necessários ao facto mais amplo de as personagens contarem suas histórias.

Honório e Luís contam-nas intercalando-as de lances presentes, de longas cenas. O tempo entra como categoria estrutural da obra.

O outro tempo, o "interior", é marcado pelo afluxo das associações de lembranças das personagens. É reversível. E assim se conjugam os tempos nas várias contradições de valores e tendências com que o romancista procura explicar a evolução de seu pensamento de relatividade e condicionamento formal de todos os elementos morais.

Em *Angústia* o tempo "interior" iguala e suplanta o "objectivo", e a acção se desenrola, na maior parte, pela contribuição de memórias e de marcas mais longínquas e profundas da formação moral de Luís. De qualquer forma, o real e o imaginário se sucedem, se conjugam, se confundem. A alucinação do último capítulo transcorre nesses dois tempos e é uma recapitulação das forças profundas que condicionaram o homem de *Angústia*. Luís está febril e tresvaria, e seu tresvario tem como conteúdo os elementos interiores que serviram para o crescendo do drama. Tempo "objectivo" e tempo "interior" se confundem. A acção é freqüentemente atirada para o imaginário e lá se desenvolve, enquanto, simultaneamente, como um fundo apenas perceptível, o tempo presente progride. A vida de Luís foi levada para a infância, e ele vive-a lá inteiramente, com nítidos registros de realidade. E a revê até a procissão de monstros com que o livro acaba.

Em *Vidas Sêcas* nada dessas interferências de planos ou acções em tempos diferentes. O romancista parece concluir sua própria evolução num sentido clássico. Os elementos de sua arte são bem estudados e classificados, se equilibram, se completam, mas não se interpenetram nem se contaminam. Sobretudo o livro é descontínuo, o tema se realiza descontínuamente, cada capítulo contém um enquadramento especial e específico de valores. E o quadro geral do homem do campo, de sua família, da sêca, que não o deixa fixar-se definitivamente em lado algum, emerge dos quadros particulares dos capítulos. A acção não corre como o fio de uma história que se conta, antes é sugerida pelo conteúdo de cada parte que concorre descontínuamente para a sugestão do todo. A vida total do grupo de Fabiano, que é o motivo do livro, é relatada por incidentes que não estão em relação de causalidade, antes são saltos na linha geral da existência da família do homem, mas todos formando uma unidade qualitativa impressionante. Nesta descontinuidade reside um dos valores particulares do livro. Porque a vida também é descontínua, e só

mente a persistência de cada momento diferente dá à alma este sentido de unidade da vida.

Mas, em *Vidas Sêcas*, Graciliano Ramos não prossegue com a técnica de estudar a persistência na memória dos momentos próximos ou longínquos, que são a gênese e a condicionante de cada momento presente: prefere narrá-los como eles se apresentam, com a simplicidade e a nitidez de quem grava em superfície de aço. E a vida se apresenta com pureza de linhas e salienta impressionantemente o sentido de estilo de sua contradição dialéctica.

O romancista avalia a contribuição de cada elemento da composição para o todo do livro, depura-o, fixa-o, apresenta-o, e não necessita explicá-lo ou analisar-lhe o conteúdo e a gênese. Os tipos aparecem e se impõem pelo rigoroso desenho de suas realidades imediatas. Fabiano, sinha Vitória e os pequenos surgem como são, a um tempo síntese condicionada às suas cargas hereditárias, em contradição com seu meio panorâmico, e já condutores de um estilo que se revelará como aspecto final de sua própria contradição homem-natureza.

O livro é clássico neste sentido de justeza, de equilíbrio dos materiais que o compõem e de sobriedade estética. Nêle não é necessário recapitular a composição psicológica de cada atitude, porque a ação que a revela sugere sua essência. Fabiano mostra que também é irmão mais novo de José Baía quando ergue o facão para o soldado no capítulo *O Soldado Amarelo*. É o impulso atávico, é o cabra a ponto de se desgraçar para ir ser cangaceiro depois: "Era essa coisa que ia partindo a cabeça do amarelo. Se ela tivesse demorado um minuto, Fabiano seria um cabra valente." (Pág. 155. V. S.)

Tudo neste livro surge assim, sobriamente, discretamente. E porque Graciliano se aproxima de seu ideal clássico, o livro precisa ser meditado para ser entendido.

Abre *Vidas Sêcas* o trágico cenário da seca tangendo o cabra e a família. A seca, a tragédia periódica e incoercível desmoralizando e dissolvendo o homem com a força de uma fatalidade. Contra ela é inútil lutar, e o mais que a criatura consegue, no frente-a-frente desigual, é acabar com vida, porque foi mais duro que a desgraça. O drama é tão sem tamanho para as forças do cabra que ele nem crê que a seca possa ser vencida um dia e a recebe como um destino inevitável. Assim: "Chegou à porta, olhou as fôlhas amarelas das catingueiras. Suspirou. Deus não havia de permitir outra desgraça." (Pág. 62. V.S.) Não lhe pode ocorrer um pensamento de luta consciente contra a fatalidade. É a vitória integral da natureza

sôbre o homem, é o assombroso espanto do homem primário, ignorante, impotente, reduzido. É a natureza varrendo dêle a iniciativa da luta e a intenção consciente de lhe opor um comportamento vitorioso. É ainda a tese implícita do romanista de que dentro da infra-estrutura econômico-social que constringe o homem do campo êle não tem salvação possível. E Graciliano desenvolve as conseqüências disto e mostra um homem que não é seguro em lado algum e não crê definitivamente em nenhuma segurança. Tangido sempre, a fixação é impossível e seu trem de vida se apouca e se adapta à vida volante. Sinha Vitória sonha com um luxo fabuloso, uma cama de lastro de couro como a de seu Tomás da bolandeira. Mas é inútil sonhar, porque toda sua mobília tem de se reduzir ao que possa ser carregado nas trágicas retiradas. Todo o conjunto da família não deverá ir além dela, Fabiano, os pequenos, um cão, um papagaio, espingarda de passarinhos. Mesmo que Fabiano lhe quisesse dar uma cama para ser abandonada quando a seca viesse, isto lhe seria impossível, porque as contas sempre são contra êle. E ao patrão não interessa que êle se vá, porque a própria seca se incumbirá de tangê-lo um dia. Ali não há nenhuma construção definitiva que exija a persistência do homem e valorize seu trabalho. O cabra não presta nem para ser explorado continuamente. O flagelo impossibilita inversão e crescimento de capitais e a criação de vínculos efectivos entre o cabra e o fazendeiro, de forma que a vida tivesse um carácter estável, conferisse ao homem a sensação de relativa segurança e direito de exigir alguma coisa, um ordenado que chegasse para a cama de couro de sinha Vitória. Mas não, a vida é um pequeno repouso entre duas retiradas. E o grupo esquálido, revelando uma tenacidade além do que justificam as fôrças que possam ter, tinindo ao sol, esfaimado, exausto, alonga dolorosamente a vista e vê sempre o descampado, a côr de areia branca, côr de coisas queimadas, côr de galhos secos, côr de desolação, côr de morte. Sómente dois juazeiros tingem de verde a paisagem, mas não chegam para amaciar a sugestão de desgraça que vem dela. Ali a lei é viver a todo custo, apesar de tudo. Assim:

“— Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como uma facta necessário — e a obstinação da criança irritava-o. Certamente êste obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.” (Pág. 8. V. S.)

Ah, Fabiano! Homem triste, esquálido, explorado, sem amarras constantes a nenhum lugar definitivo, sem nem um pensamento de que a gente não precisa inevitavelmente morrer na seca, sem perceberes que a seca que tange sinha Vitória e os meninos diminui tua coragem de pedir mais ao patrão. E por isso até é boa para ele. Ah! esmaga essa vontade de matar o filho porque ele não pôde evitar endurecer o peso de tua carga. A fraqueza dêle é um traste novo no teu trem de vida. Anda, guarda a faca e põe o menino nas costas, ele carece viver para ser um Fabiano futuro de um fazendeiro qualquer. Isto mesmo lhe irás ensinar mais tarde, e te apouentarás quando ele custar a perceber que nasceu para cabra. Será preciso engrossar o couro e o coração para sentir menos a desgraça. Feito boi de canga, criando calo para resistir ao serviço duro. Vamos, Fabiano, a seca te desmoralizou, e tu nasceste mesmo para ser cabra e molambo. Vamos, assim, chega à sombra daquele juazeiro e vê se alguma casa espera a tua miséria, e se houver esta casa, fica por lá mesmo. Depois virá o inverno e Fabiano conserará cérkas e rezará na bicheira do gado que engordará para o patrão. Sinha Vitória quererá ter o luxo de plantar cravos numa panela velha e losna num caco de bacia, e fica matutando numa soleira de porta com uma cama que nem a de seu Tomás da bolandeira.

Fabiano cumpre um destino que tem para ele a força inevitável duma fatalidade, e o romancista mostra como os filhos dêle serão inevitavelmente cabras. Nem o pai prevê para eles outra vida: "Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, conservar cérkas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe sirvira tanto livro, tanto jornal? Morreia por causa do estômago doente e das pernas fracas." (Pág. 32. V. S.)

Mas Fabiano também sonha com o fim milagroso das secas. Se elas acabassem, a miséria do cabra também diminuiria, os filhos poderiam saber ler como o da bolandeira: "Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia dêles." (Pág. 32. V. S.) O homem sente que a seca o deprime, esmaga, desmoraliza, que sem ela os meninos poderiam até ter caprichos. Mas o que

ele não comprehende é que o próprio homem possa acabar com a seca. Nem pode adivinhar, ela é como a força de um Deus impiedoso que o destrói sem possibilidade de resistência. Da experiência dêle não pode nascer o pensamento de que o flagelo seja vencível senão por uma outra vontade de Deus.

E é o mesmo flagelo que o levará a ver satisfeito despontar nos filhos o comportamento do futuro cabra, porque ser cabra ainda é o único jeito de sobreviver. Sobreviver pagando juros de um empréstimo que não fêz, engordando gado para vender por quaisquer níqueis para querosene, porque a fumaça está cegando sinha Vitória. E se sobrarem alguns cruzados, o soldado amarelo vai roubá-los no jôgo e depois desafiar Fabiano para arranjar um "desacato à autoridade". Se não conseguir, será a mesma coisa, o homem será espancado de qualquer maneira e dormirá na cadeia. Sobre a miséria da seca a autoridade, que é o símbolo do Estado, para os cabras, virá aumentar a desmoralização do homem, fazê-lo sentir que ele não vale nada, que um soldado mofino pode espancá-lo e metê-lo na cadeia. E se não quiser que seja assim, é o cangaço. Mas como Fabiano é homem de bem, destolda o espírito quando vê que os filhos serão bons cabras:

"Baleia voou de novo entre as macambiras, inutilmente. As crianças divertiram-se, animaram-se, e o espírito de Fabiano se destoldou. Aquilo é que estava certo. Baleia não podia achar a novilha num banco de macambira, mas era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercício fácil — bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal. A cachorra tornou a voltar, a língua pendurada, arquejando. Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito com a lição, pensando na égua que ia montar, uma égua que não fôra ferrada nem levara sela. Haveria na catinga um barulho medonho." (Pág. 27. V.S.) E mais adiante, considerando a má educação dos filhos, criados soltos porque sinha Vitória era pouca para os serviços da casa: "E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha." (Pág. 28. V. S.)

Mas Fabiano não teria muito que se apoquentar, porque a miséria da condição já estava inscrita na carne dos filhos. O romancista os mostrará mais adiante condicionados à lei hereditária, fazendo já de cabras, imitando o pai: "Rodeiou o chiqueiro, mexendo-se como um urubu, arremedando Fabiano.

A necessidade de consultar o irmão apareceu e desapareceu. O outro iria rir-se, mangar dêle, avisar sinha Vitória.

Teve medo do riso e da mangação. Se falasse naquilo, sinha Vitória lhe puxaria as orelhas.

Evidentemente ele não era Fabiano. Mas se fosse? Precisava mostrar que podia ser Fabiano. Conversando, talvez conseguisse explicar-se." (Pág. 73. V. S.)

E teria de infalivelmente ser assim. Os meninos teriam de imitar alguém para se desenvolverem, e no seu reduzido mundo sómente poderiam imitar o pai. A miséria da condição não é ter de imitar alguém, é sómente ter Fabiano para imitar. E mais desmoralizante ainda é o pai sentir necessidade de que eles o imitem, porque no mundo que Graciliano lhes pinta não há outro jeito de salvação. A vida é miserável, mas é a única que eles poderão ter. Nada os salvará, porque em suas concepções de luta não há vez para vitória, apenas poderão resistir à morte. É a terrível infra-estrutura econômica anulando qualquer esforço do homem, é a necessidade do crime como possibilidade de evasão. Mas Fabiano é o único personagem de Graciliano Ramos que não comete o crime e é o único que não esboça a tentativa de evasão. Retorno à tese de não-salvação do homem dentro dos moldes de moralidade burguesa, constante na obra do romancista. Assim, ele pinta um destino para Fabiano, incoercível e inexorável. E o romancista mostra-o a desenvolver-se em quadros descontínuos da vida do sertanejo. E o destino se desenrola inelutavelmente infeliz: embora Fabiano sangre na luta, a salvação nunca poderá vir dêle mesmo. Seu fundo panorâmico é rude e econômica mente invencível, e nêle só uma coisa é certa: nova mudança, a família já diminuída, porque sinha Vitória matara o papagaio na beira do rio para salvar seu grupo da fome e Baleia morreria como um vivente sem sorte, os quartos chumbados e sonhando com preás. Também o papagaio não falava, e o romancista acha que nem poderia falar, vivendo com aquela gente triste e calada. Baleia também já não serviria mais para trazer a caça e se contentar com o couro. Trastes que pesem sem ter serventia não poderão aumentar a carga da retirada. A lei da vida ali é assim. Ah! Fabiano...

Mas...

“— Um dia um homem faz besteira e se desgraça.

Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nasceria com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era pos-

sível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacuru, ensebar látigos — aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dêle, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Porque seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias.”

(Págs. 145-146. V. S.)

Mas não adianta Fabiano concluir estas coisas, porque a vida já lhe gastou as últimas fontes de energia. Nunca mais ele será o cabra capaz de se desgraçar, romper mundo e ir-se agasalhar no cangaço. A natureza implacável, que o faz rolar pelo cenário flagelado, lhe dissolveu as fôrças, lhe criou a consciência de sua impotência, lhe fez pensar que era um fraco. E se a seca não bastasse, o soldado amarelo lhe mostraria que o “govêrno” é aliado dela. E o homem vencido constata:

“O suor umedeceu-lhe as mãos duras. Então? Suando com medo de uma peste que se escondia tremendo? Não era uma infelicidade grande, a maior das infelicidades? Provavelmente não se esquentaria nunca mais, passaria o resto da vida assim mole e roncero. Como a gente muda! Era. Estava mudado. Outro indivíduo, muito diferente do Fabiano que levantava poeira nas salas de dança. Um Fabiano bom para agüentar facão no lombo e dormir na cadeia.

Virou a cara, enxergou o fatão de rasto. Aquilo nem era facão, não servia para nada.” (Pág. 161. V. S.)

O homem está desmoralizado. A seca, a fome, instabilidade em todo lugar e o “govêrno” lhe minaram a coragem de se desgraçar e ele amunhecou:

“Vacilou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins.

Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

— Govêrno é govêrno.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.” (Págs. 162-163. V. S.)

Está definitivamente dissolvido, as fôrças que se concentravam nêle, o legado hereditário de muitos cangaceiros, a necessidade do crime como evasão baquearam desta vez diante do implacável condicionante da antítese, do implacável fundo pa-

norâmico. Fabiano compreendeu que havia muitos bichinhos ruins daqueles e o crime não o libertaria: apenas seria a desferra do homem isolado. E esta desferra não libertou nem fêz felizes Valério, Honório e Luís. Aqui se equilibram a necessidade do crime e a inutilidade do crime isolado para a salvação do homem. E impõe-se, implicitamente, a necessidade do crime colectivo, dentro do conceito de moralidade burguesa, a revolução social. Matar um soldado amarelo vale tanto para destruir o "governo" como atirar nas arribações vale para evitar a seca. E governo e seca são duas fatalidades inevitáveis para Fabiano. Não há mesmo vez de vitória particular para o homem que Graciliano Ramos pinta. E o pensamento do romancista, que se esboça em *Caetés*, pensamento da contingência de romper a super-estrutura da sociedade semi-medieval, semi-burguesa, que anula o homem do interior do Brasil, se desenvolve como um dos contrários de sua tese-homem, através de *S. Bernardo* e *Angústia*, para realizar sua conclusão em *Vidas Sêcas*, constatando que a acção isolada é impotente, ou para libertar, ou para fazer feliz. Mas impõe-se, implicitamente, necessidade inevitável de acção colectiva. E a revolução, dentro dos moldes de moralidade burguesa, é o crime elevado à altura de golpe contra a tentativa de eternização e integridade da constituição das classes sociais burguesas.

Não há mesmo vez de vitória para esse homem vencido e sózinho, perdido na imensidão das terras desoladas pela seca, sem se sentir parte de coisa alguma grandiosa que o receba e acolha. Nem o sentimento de Deus o prende à sua terra e à sua gente. Não lhe deram uma religião que fosse boa para ele como a chuva é boa para as terras comburidas. Nem procuraram estilizar seus terrores de homem mal saído da natureza, numa religião que fosse tão étnicamente dêle e tão condicionada à simplicidade de seus terrores como a sombra é condicionada à forma do corpo que a projecta. Nada o liga fundamentalmente a nada, além da saudade da terra, saudade seca e sem esperança que ele e sinha Vitória compreenderão que é preciso vencer. Porque, "então êles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos?" (Pág. 190. V. S.)

Tirante essa saudade de sertanejo, ele é um homem solitário e insignificante, triste e medroso, porque nem Deus ele tem como promessa de solução profunda e longínqua de todas as suas desgraças. Nenhuma religião lhe dá o sentimento de pertencer a alguma coisa forte que o proteja. E o romancista o mostra temendo a noite, o mostra com esse terror do homem íntimo da natureza e sempre vencido por ela:

“Diante dos juazeiros, Fabiano apressou-se. Sabia lá se a alma de Baleia andava por ali, fazendo visagem?

Chegou-se a casa, com medo. Ia escurecendo, e àquela hora ele sentia sempre uns vagos terrores. Últimamente via esmorecido, moçino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar sinha Vitória, combinar a viagem, livrarse das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele.” (Pág. 177. V.S.)

Fiel ainda a outra constante de sua obra, a da ausência do factor tradição de família como elemento de eleição étnica, ou a mostrá-lo negativo e dissolvente, Graciliano salienta que a lembrança da família, em Fabiano, terminava no avô. E pai e avô lhe ensinaram o que ele transmitirá aos filhos: a condição de cabra.

Mas vem o último capítulo e se cumprirá o ciclo da vida de Fabiano. A seca, que o atirou à fazenda, onde ele engordou o gado do patrão, foi roubado por ele, matou Baleia, foi preso e sofreu, vai tangê-lo novamente para o ôco do mundo. O amor do sertanejo à terra onde sofreu e sangrou o faz vacilar. Mas a morte, alongando-se por tudo, o empurra para o sul, para a retirada. A saudade o punge em meio da viagem, e ele ainda pensa que os meninos virão a vaquejar por aquelas bandas. Mas sinha Vitória reage e o homem atenta no que ela diz. Então vê sinha Vitória, vê as ancas, vê as pernas sólidas da mulher. Ela se ruboriza e a caminhada prossegue. Ali não é lugar para cuidar dessas coisas. Mas a solidez e a determinação da mulher dão alma nova ao homem, ele inventaria a vida, reage à saudade e afirma, para sinha Vitória ouvir:

— “Tenho comido tocino com mais cabelo, declarou Fabiano desafiando o céu, os espinhos e os urubus.” (Pág. 195. V.S.)

A mulher concorda e lá vão eles sumidos na paisagem trágica, insignificantes, espoliados, infelizes, mas sonhando ainda com um mundo melhor para os meninos:

“Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho. As palavras de sinha Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinha Vitória, as palavras que sinha Vitória

murmurava porque tinha confiança nêle. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos." (Págs. 196-197. V. S.)

Ah! Fabiano, homem sem destino, única personagem de Graciliano Ramos que, depois de sofrer a vida, ainda sonha. Finalmente, *Vidas Sêcas* realiza plenamente o que chamamos a consciência de estilo da contradição homem e natureza. E em Graciliano Ramos esta consciência de estilo está em ser vencido, mas com conhecimento das razões por que se foi vencido.

Literariamente é o livro mais plástico e mais bem realizado do romancista. A linguagem, como material estético, atinge uma pureza nunca antes igualada, nem em sua própria obra, nem na de nenhum outro escritor brasileiro moderno. A frase polida, harmoniosa, justa, fria, que lhe veio através de Eça de Queirós, se depura dos excessos literários, dos cuidados de uma harmonia que não era a estilização do ritmo íntimo do português falado no Brasil e se afirma clássicamente em *Vidas Sêcas*. Serve para exemplificar o capítulo *Inverno*. É uma grande cena pintada com sobriedade, tudo justo, cada detalhe se fundindo no quadro todo, efeitos maravilhosos de luz, meditação, ambiente prenhe e palpitante das coisas que as criaturas pensam e não têm palavras para dizer, movimentos instintivos das crianças, movimentos tão naturais que são semelhantes aos de Baleia. Um capítulo construído com sobriedade e equilíbrio clássicos. É uma cena de interior, meio iluminada pela luz rubra da fogueira que espanta o frio. As pessoas agrupadas em derredor do fogo, metade reflectindo a luz viva e nervosa, metade sumindo na sombra, aconchegando-se como animais, instintivamente se defendendo do frio, enchendo o ambiente dum silêncio grosso, denso de preocupações. A frase é medida, precisa como o desenho duma circunferência, criando as figuras e os valores que se resolvem na cambiante da luz triste e inquieta. Há equilíbrio de elementos como na composição clássica dum grupo antigo, as figuras estão postas como se esperassem a eternidade. As pessoas e o animal se comportam movidos pelo mesmo instinto, gozando animalmente o calor do fogo, defendendo-se animal-

mente do frio. A noite de inverno entrando pelas frinchas da porta e da janela, a escuridão engolindo rapidamente a luz do fogo fazem o fundo deste quadro, onde o silêncio e a coisa mais rica, mais trágica, mais sensível. Uma quietude rica de desgraças e de apreensões.

Relembro aqui que em *Caetés*, livro construído na primeira pessoa, o romancista revela uma nítida tendência para as construções de estrutura objectiva, com valorização específica de elementos independentes do ângulo particular da observação do narrador do romance, ao contrário do que freqüentemente sucede com obras de tal categoria. É um livro de primeira pessoa em que seu contrário, o de terceira pessoa, já se insinua e se revela. E é também no capítulo do rompimento de Valério com Luísa que Graciliano Ramos mostra o manejo magistral do silêncio como categoria estética. Depois, retorna a utilizá-lo em *S. Bernardo* no trecho em que tacitamente se resolve a morte do vizinho Mendonça. Afinal aplica-o surpreendentemente neste *Inverno de Vidas Sêcas*.

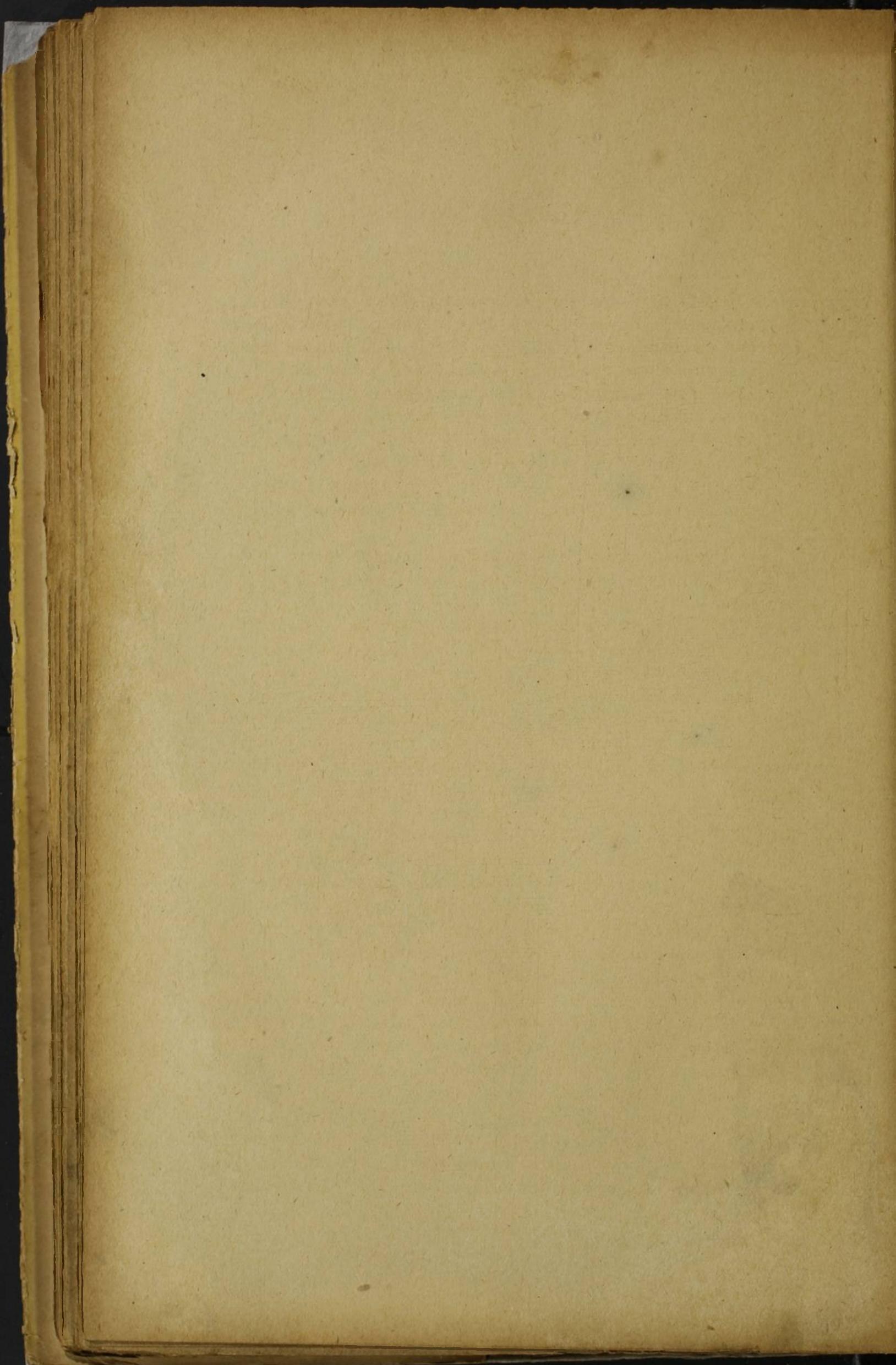
Retornando à tentativa de definição de romance como síntese estética da contradição homem e natureza, relembro ainda que isto supõe duas linhas dependentes de evolução. A primeira compreendendo a série de romances de um romancista e a segunda o desenvolvimento de cada romance tomado em si. Pouco importa que não se encontrem todos os elementos dialécticos em cada obra ou livro. O defeito seria do artista e não do processo de evolução da obra. Desta forma o conceito de contradição se desenvolve em síntese, posteriormente, e dentro da própria síntese se avolumam os contrários da unidade sintética. E não devem ser tomados êstes aspectos do processo em sentido mecânico. O mesmo romance contém a afirmação do homem como tese e a representação que ele tem da natureza como antítese. Então tese é ou vem a ser o desenvolvimento do processo personalidade se enriquecendo e se opondo, se aumentando pela oposição ao processo de crescimento do todo de que a personalidade também é um aspecto. Por sua vez, a antítese é o processo constante de enriquecimento de conhecimento do todo, do reflexo do todo na tese, como facto, como verdade objectiva.

Em literatura, os tempos nodais desta linha de evolução seriam as oscilações da exaltação das formas de romantismo, hipertrofia da tese ou personalidade, e das imposições violentas da antítese, predominância da natureza. O clássico daria a síntese perfeita, enriquecida com as sucessivas negações.

Em Graciliano Ramos, *Caetés* esboça um equilíbrio instável entre a tese — primeira pessoa — e a tendência da antítese — natureza ou fundo panorâmico se realizando nas reuniões que vivem independentes do ângulo de observação e deformação de Valério. Depois vêm duas negações da antítese, que são os livros escritos e inteiramente conformados à primeira pessoa, *S. Bernardo* e *Angústia*. Finalmente é a tese que se nega e o livro se realiza na terceira pessoa, *Vidas Sêcas*. E cumpre-se um ciclo na obra de Graciliano Ramos, obra que é o mais legítimo desenvolvimento do processo do romance como arte na moderna literatura do Brasil.

RIO, JUNHO — 945.

CAETÉS



I

ADRIÃO, arrastando a perna, tinha-se recolhido ao quarto, queixando-se de uma forte dor de cabeça. Fui colocar a xícara na bandeja. E dispunha-me a sair, porque sentia acanhamento e não encontrava assunto para conversar.

Luísa quis mostrar-me uma passagem no livro que lia. Curvou-se. Não me contive e dei-lhe dois beijos no cachaço. Ela ergueu-se, indignada:

— O senhor é doido? Que ousadia é essa? Eu...

Não pôde continuar. Dos olhos, que deitavam faíscas, saltaram lágrimas. Desesperadamente perturbado, gaguejei tremendo:

— Perdoe, minha senhora. Foi uma dojdice.

— É bom que se vá embora, gemeu Luísa com o lenço no rosto.

— Foi uma tentação, balbuciei sufocado, agarrando o chapéu. Se a senhora soubesse... Três anos nisto! O que tenho sofrido por sua causa... Não volto aqui. Adeus.

Retirei-me aniquilado. Na rua considerei com assombro a grandeza do meu atrevimento. Como fiz aquilo? Deus do céu! Lançar em tamanha perturbação uma criaturinha delicada e sensível! Tive raiva de mim. Animal estúpido e lúbrico.

E que escândalo! Naturalmente ela avisaria o marido. Adrião Teixeira com certeza ia dizer-me: "Você, meu filho, não presta". E mandaria balancear a casa Teixeira & Irmão, onde eu era guarda-livros e interessado, para afastar-me da sociedade. O inventário é rápido num estabelecimento que só vende aguardente, álcool e açúcar. Vitorino Teixeira, acavalando os óculos de ouro no grosso nariz vermelho, abriria o cofre, contaria o meu saldo com lentidão e, pondo o dinheiro sobre a carteira, deixaria cair, naquela voz morosa e nasal, que dá arrepios, este epílogo arrasador: "Tome lá, João Valério, veja se confere. Nós julgávamos que o Valério fosse homem direito. Enganámo-nos: é um traste". E eu saíria escorregado, morto de vergonha.

Segredo que quatro pessoas sabem transpira: alguma coisa havia de propalar-se na cidade. D. Engrácia teceria mexericos; o Neves forjaria uma calúnia; Nicolau Varejão narraria mentiras espantosas. Assim pensando, eu experimen-

tava grande mal-estar, menos pelos dissabores que as chocahices me trariam que por antever misturado a elas o nome de Luísa.

Eu amava aquela mulher. Nunca lhe havia dito nada, porque sou tímido, mas à noite fazia-lhe sózinho confidências apaixonadas e passava uma hora, antes de adormecer, a acariciá-la mentalmente. Até certo ponto isto bastava à minha natureza preguiçosa.

Às quintas e aos domingos ia aos chás de Adrião. Ficávamos tempo estirado cavaqueando — e era para mim verdadeiro prazer tomar parte em duas conversações cruzadas sobre moda e câmbio. Algumas vezes Luísa falava de contos, versos, novelas. O marido ferrava no sono. Ou então, com enormes bocejos, lá se ia claudicando, a lamentar que a enxaqueca não lhe permitisse saborear um enrêdo tão filosófico. Ele entendia bem de comércio; o resto era filosofia.

Quando vinha o advogado Barroca, sério, cortês, bem aprumado, a sala se animava. Também aparecia com freqüência o tabelião Miranda, Miranda Nazaré, jogador de xadrez, com a filha, a Clementina. E o vigário, o dr. Liberato, Isidoro Pinheiro, jornalista, pequeno proprietário, colector federal, tipo excelente. Luísa, ao piano, divagava por trechos de operetas; Evaristo Barroca, com os olhos no livro de músicas, tocava flauta.

Uma estranha doçura me invadia, dissipava os aborrecimentos que fervilham nesta vida pacata, vagarosamente arrastada entre o escritório e a fôlha hebdomadária de padre Atanásio. Os velhos móveis, as paredes altas e escuras, quadros que não se distinguiam na claridade vaga das lâmpadas de abat-jour espesso, que uma rendilha pardacenta reveste, tudo me dava sossêgo. Fugiam-me os pensamentos e os desejos. A religiosidade de que a minha alma é capaz ali se concentrava, diante de Luísa, enquanto, entranhados nas combinações de partidas rancorosas, Adrião grunhia impertinente e Nazaré piscava os olhinhos de pálpebras engelhadas, coçava os quatro pêlos brancos que lhe ornam o queixo agudo. Vitorino dormia. E Clementina, de cabeça à banda, procurava os cantos e esfregava-se nas ombreiras das portas.

Coitada. Nunca achou quem a quisesse. Tenho pena dela. Não a tornaria a ver encolhida à sombra do piano, fascinada pelos bigodes de Evaristo, negros e densos. Nem veria as cortinas pesadas, os montes de revistas, a mesa do xadrez. Tudo perdido.

Percorri à toa as ruas desertas, envoltas num luar baço, tentando achar tranqüilidade no pó e no calor de Janeiro. Mais tarde, na hospedaria de d. Maria José, curti uma insônia atroz, rolei horas no colchão duro, ouvindo os roncos dos companheiros de casa e conjecturando o que me iriam dizer no dia seguinte os irmãos Teixeira.

II

NÃO DISSERAM nada que se referisse ao desastroso sucesso. Logo que abri o diário, com mão trêmula, tão perturbado que receei baralhar as partidas, Adrião chegou-se à minha carteira, folheou o contas-correntes, mexeu os dedos, calculando, e ordenou:

— Escreva a d. Engrácia, João Valério.

Saiu-me um peso do coração.

— Escreva que o que tem cá em depósito está às ordens, pode mandar receber.

— E que se quiser deixar por mais um ano... atalhou Vitorino.

— Não senhor, fêz Adrião. Apenas isto: principal e juros à disposição dela. E dê a entender na carta que não nos interessa a renovação do negócio.

— Mas interessa muito, exclamou Vitorino mostrando o caixa. O mano sabe que interessa. Olhe estas entradas.

— De acôrdo, concluiu o outro. Se ela mandar retirar, que não manda, ofereça quinze por cento em vez dos doze que pagamos. Não retira, não tem em que empregar capital. Levou muito calote últimamente, os gêneros estão caros, a febre aftosa deu no gado. Não retira.

Por um instante esqueci as minhas inquietações e admirei o tino de Adrião. Não serei um comerciante nunca. Eu teria, inconsideradamente, mandado propor os quinze por cento a d. Engrácia.

Fiz a carta com inveja. Ora ali estava aquela viúva anti-pática, podre de rica, morando numa casa grande como um convento, só se ocupando em ouvir missa, comungar e rezar o têrço, aumentando a fortuna com avareza para a filha de Nicolau Varejão. E eu, em mangas de camisa, a estragar-me no escritório dos Teixeira, eu, moço, que sabia metrificação, vantajosa prenda, colaborava na *Semana* de padre Atanásio e tinha um romance começado na gaveta. É verdade que o

romance não andava, encravado miseravelmente no segundo capítulo. Em todo o caso sempre era uma tentativa.

Quinhentos contos, seiscentos contos, nem sei, dinheiro como o diabo nas mãos de uma velha inútil. E a afilhada, a Marta Varejão, beata e sonsa, é que ia apanhar o cobre. Mundo muito mal arranjado.

Arrumei as contas no diário, scripturei o razão, passei os lançamentos do borrador para os livros auxiliares. Pouco a pouco vieram afigir-me as preocupações da véspera. Luísa guardara segredo. Provavelmente confessaria tudo depois. Senti uma espécie de frenesi. Quasi desejei que ela falasse e os Teixeira me mandassem logo embora.

Afinal eu não tinha culpa. Tão linda, branca e forte, com as mãos de longos dedos bons para beijos, os olhos grandes e azuis... De Adrião Teixeira, um velhote calvo, amarelo, reumático, encharcado de tisanas. Outra injustiça da sorte. Para que servia homem tão combalido, a perna trôpega, cifras e combinações de xadrez na cabeça? Eu, sim, estava a calhar para marido dela, que sou desempenado, gozo saúde e arranho literatura. Nova e bonita, casada com aquilo, que desgraça!

III

PASSEI uma semana inquieto, e na quinta-feira não tive um momento de sossêgo. Ao fechar o armazém, Adrião despediu-se de mim:

— Até mais tarde, João Valério.

Até mais tarde! Como se eu pudesse lá voltar. Precisava inventar uma desculpa.

Encontrei os companheiros de pensão a jantar, sob o sorriso de d. Maria José, gordinha e miúda.

— Uma novidade! gritou Pascoal quando desdobrei o guardanapo. A Clementina vai casar.

Era a eterna pilhória: não se cansavam de forjar casamentos para a pobre da Clementina.

— Quem é o noivo? inquiriu o dr. Liberato erguendo os grossos vidros das suas lunetas de míope.

— Não se sabe, respondeu Pascoal. Foi um espírito que deu a notícia na última sessão. Clementina ficou actuada...

— Então isso continua? interveio Isidoro Pinheiro. Essas sessões têm dado água pela barba a padre Atanásio. Ainda

ontem estava arengando com o Neves por causa das materializações.

Falaram de espiritismo, de pessoas conhecidas que se desgarravam da Igreja. Aqui e ali apareciam timidamente alguns adeptos. Na opinião do dr. Liberato, eram êles os verdadeiros crentes: tinham uma convicção que faltava aos outros.

- Crentes? exclamou Pascoal. Então o Neves é crente?
- Com certeza. Não é o chefe dessa mixórdia?
- Um safado é o que êle é.
- E que tem isso? fêz o doutor.

Interrompeu-se, engolindo o pigarro. Isidoro Pinheiro endireitou-se, ia decerto defender o Neves, quando Nicolau Varejão entrou na sala:

- Espiritismo? É a única verdade que há neste mundo.
- Como é que o senhor sabe? perguntaram.
- Pelos sonhos. Coisa que eu sonho é um evangelho. Não falha, nunca falhou. Assim que enviüvei... Nem gosto de pensar, é um caso triste. E aqui para nós: eu me lembro da minha última encarnação.
- O senhor se lembra... atalhou Pascoal.
- Positivamente. Sou reservado porque há muito incrédulo, mas juro, meto a mão no fogo.
- Extraordinário! bradou Isidoro Pinheiro, sério, oferecendo-lhe uma cadeira. O senhor era homem ou mulher?

Nicolau Varejão olhou-o por cima dos óculos de vidros rachados, sentou-se, franziu as narinas, disse em tom confidencial:

- Homem.
- Brasileiro?
- Brasileiro, carioca. Como os amigos não ignoram, lembrar-se a gente do que foi noutra vida é comum. E eu apelo aqui para o doutor.
- Certamente, confirmou o dr. Liberato. Vá contando.
- Pois lá vai. Eu era tipógrafo no Rio-de-Janeiro, um bom tipógrafo, mas naquele tempo a minha vocação era para militar. Na guerra do Paraguai fui voluntário, entrei na dança e andei pelo sul quase até o fim da campanha. Como tinha vocação...
- Chegou a general?
- Não senhor, cheguei a sargento, na batalha de S. Bartolomeu. S. Bartolomeu ou S. Bonifácio. Não me recordo, uma batalha importante. Enfim cheguei a sargento. Ora, por

arte do diabo, um oficial puxou questão comigo e tirou a espada para me bater no lombo. E cá no meu lombo ninguém bate. Matei o oficial com uma estocada, porque eu era feroz, e fugi para a República-Argentina. Depois larguei-me para a Europa, para a sua terra, seu Pascoal. Não é na Europa a sua terra?

— É isso mesmo. Continue.

— Pois eu estive lá, numa cidade grande. Onde foi que o senhor nasceu?

— Em Turim.

— Turim, exactamente. Morei trinta anos em Turim e ganhei o pão como tipógrafo. Não há uma tipografia em Turim? Aprendi o italiano. Ainda sei algumas palavras: *Marconi, mucarroni, massoni...* Tudo em italiano acaba em *oni*. Terra boa, Turim. Cada pedaço de mulher!

— Morreu lá? perguntou o dr. Liberato.

— Não, tive saudades da pátria. Voltei quando o crime prescreveu.

Em roda louvaram aquela memória admirável.

— O senhor devia publicar isso, aconselhou Isidoro Pinheiro. Um furo.

— Publicar? Não seria mau. A dificuldade é escrever. Idéias não me faltam, mas de gerúndio não entendo. Demais onde queria você que se fôsse publicar uma história assim? No jornal de um padre?

Todos lamentaram que a *Semana*, fôlha católica, não pudesse propagar aquela revelação tremenda.

— Que informações preciosas sobre a história do Brasil! opinou o dr. Liberato.

— Que triunfo para o espiritismo! E que baque para as outras religiões! ajuntou Pascoal.

— Sem contar que a reputação do autor garantiria a veracidade do facto, acrescentou Isidoro. A sua vida... Diga aí um adjetivo, doutor.

— Impoluta.

— Impoluta... vá lá, vida impoluta. Que idade tem o senhor, seu Varejão?

— Sessenta, meu filho. Sessenta anos na corcunda. Tenho muito Janeiro.

— Como! bradou o dr. Liberato. Sessenta anos? Não é possível. Setenta com trinta... Caso o senhor tenha morrido e nascido logo que voltou da Itália, não pode ter mais de vinte e seis. E se ainda viveu algum tempo e andou vagan-

do no espaço... Não é por lá que vocês andam quando morrem? Se se calcular isso direito, o senhor está morto, seu Varejão.

Uma gargalhada estalou na sala. Nicolau Varejão, que ia pegar uma xícara de café, deixou pender a mão suja e em-batucou. Depois, ressentido:

— Então, pelo que vejo, não acreditam.

— Acreditar? Acreditamos, afirmou o doutor. Mas sessenta anos é que o senhor não tem.

Nicolau baixou o carão trigueiro, coberto de marcas de varíola, ajeitou os óculos, tomou o café e declarou com lealdade:

— Parece que me enganei. Não foi na guerra do Paraguai, foi noutra mais velha. Não houve outra antes? Pois foi nessa. Tinha graça eu esquecer o que me aconteceu no exército! Eu até me chamava Cunha, o sargento Cunha. Está aí uma prova.

Levantou-se e saiu.

— Magnífico! exclamou Isidoro Pinheiro.

— E a filha é a herdeira mais rica da cidade, se a d. Engrácia lhe deixar a fortuna, observou o dr. Liberato.

— Deixa, asseverou Isidoro. O Miranda me disse. O Miranda sabe. Herdeira rica, sim senhor. Porque não se engata com ela, João Valério?

— Obrigado, respondi. Com um pai dêste! E a carolice, os bentinhos, a fita azul... Antes a Clementina.

— O pai não existe, o pai está morto, pelas contas do doutor. A pequena é da d. Engrácia, nunca viveu com ele. Bonita como o diabo. Eu, se não tivesse trinta e oito anos, um emprêgo tão bêsta e um desconchavo no coração, atirava-me a ela.

Falaram novamente na Clementina, coitada, nos ataques que a fazem morder, rasgar, despedaçar. O dr. Liberato receava que aquilo acabasse em loucura.

— É pena que não lhe arranjem um homem.

— Um homem? Credo! Pois o doutor queria dar um homem à moça? E isso lhe traria saúde?

— Talvez trouxesse.

Citou autores, empregou têrmos arrevesados e a conversa morreu com três respeitosas inclinações de cabeça.

— Porque será que ele inventa sempre essas histórias? murmurou Isidoro Pinheiro.

Tirei o relógio, impaciente. Que haveria àquela hora em casa de Adrião?

— Ele quem? O Nicolau?

— Sim, o sargento Cunha.

— Necessidade, explicou o doutor. Com certeza julga que os outros o tomam a sério. Em todo o caso tem muita imaginação.

Que estariam fazendo na sala do Teixeira? Ele, com a calva brilhando sob um foco eléctrico, o beiço caído, a pálpebra meio cerrada, os óculos na ponta da venta, percorria a parte comercial dos jornais. Luisa lia um romance francês; ou tocava piano; ou pensava indignada nos beijos que lhe dei no pescoço.

— Necessidade de mentir, doutor? objectou Pascoal.

— De mentir, de matar, de beber água, de abraçar alguém, de roer as unhas, tudo é necessidade.

Puxei de novo o relógio. Sete horas. Porque não teria ela exposto ao marido o meu procedimento ruim? Compaixão. Inspirar compaixão, que miséria! Levantei-me:

— Com licença, meus senhores. Boa noite. Vou deitar-me.

— Deitar-se? Que diabo tem você para dormir tão cedo? exclamou Isidoro.

Acharam-me apático e murcho. D. Maria José perguntou, solícita, se as comidas me desagradavam. Maçada. As comidas eram óptimas, respondi, mas o estômago e a cabeça não me iam bem. O dr. Liberato indicou um remédio. Agradecki e recolhi-me.

Deitei-me vestido, às escuras, diligenciei afastar aquela obsessão. Inútilmente. Ergui-me, procurei pelo tato o comutador, sentei-me à banca, tirei da gaveta o romance começado. Li a última tira. Prosa chata, imensamente chata, com erros. Fazia semanas que não metia ali uma palavra. Quanta dificuldade! E eu supus concluir aquilo em seis meses. Que estupidez capacitar-me de que a construção de um livro era empreitada para mim! Iniciei a coisa depois que fiquei órfão, quando a Felícia me levou o dinheiro da herança, precisei vender a casa, vender o gado, e Adrião me empregou no escritório como guarda-livros. Fôlha hoje, fôlha amanhã, largos intervalos de embrutecimento e preguiça — um capítulo desde aquêle tempo.

Também aventurar-me a fabricar um romance histórico sem conhecer história! Os meus caetés realmente não têm verosimilhança, porque dêles apenas sei que existiram, andavam nus e comiam gente. Li, na escola primária, uns carapetões interessantes no Gonçalves Dias e no Alencar, mas já

esqueci quase tudo. Sorria-me, entretanto, a esperança de poder transformar esse material arcaico numa brochura de cem a duzentas páginas, cheia de lorotas em bom estilo, editada no Ramalho.

Corrigi os erros, pus um enfeite a mais na barriga de um caboclo, cortei dois advérbios — e passei meia hora com a pena suspensa. Nada. Paciência. Quem esperou cinco anos pode esperar mais um dia. Atirei os papéis à gaveta.

Naquele momento Adrião devia estar com o Miranda Nazaré defronte do tabuleiro de xadrez.

Caciques. Que entendia eu de caciques? Melhor seria compor uma novela em que arrumasse padre Atanásio, o dr. Liberato, Nicolau Varejão, o Pinheiro, d. Engrácia. Mas como achar enrèdo, dispor as personagens, dar-lhes vida? Decididamente não tinha habilidade para a emprêsa: por mais que me esforçasse, só conseguia garatujar uma narrativa embaciada e amorfa.

De repente imaginei o moruxixaba pregando dois beijos na filha do pajé. Mas, reflectindo, comprehendi que era tolice. Um selvagem, no meu caso, não teria beijado Luísa: tê-la-ia provavelmente jogado para cima do piano, com dentadas e coices, se ela se fizesse arisca. Infelizmente não sou selvagem. E ali estava, mudando a roupa com desânimo, civilizado, triste, de cuecas.

— Porque foi que ela não contou aquilo?

Veio-me um pensamento agradável. Talvez gostasse de mim. Era possível. Olhei-me ao espelho. Tenho o nariz bem feito, os olhos azuis, os dentes brancos, o cabelo louro — vantagens. Que diabo! Se ela me preferisse ao marido, não fazia mau negócio. E quando o velhote morresse, que aquêle trambolho não podia durar, eu amarrava-me a ela, passava a sócio da firma e engendrava filhos muito bonitos.

Embrenhei-me numa fantasia doida por aí além, de tal sorte que em poucos minutos Adrião se finou, padre Atanásio pôs a estola sobre a minha mão e a de Luísa, os meninos cresceram, gordos, vermelhos, dois machos e duas fêmeas. À meia-noite andávamos pelo Rio-de-Janeiro; os rapazes estavam na academia, tudo sabido, quase doutor; uma pequena tinha casado com um médico, a outra com um fazendeiro — e nós íamos no dia seguinte visitá-las em S. Paulo.

Um cão uivava na rua; os galos entraram a cantar. O dr. Liberato pigarreava; Isidoro Pinheiro roncava o sono dos justos; esmoreciam no corredor as pisadas sutis do Pascoal e um rumor, também sutil, na porta do quarto de d. Maria José.

Excelente criatura. Depois que enviüvou, não consta que haja conhecido outro homem. Aqui pela hospedaria passam dezenas dêles. Nenhum lhe agrada. O italiano, robusto, sangüíneo e de bigodes, satisfaz-lhe plenamente as necessidades do corpo e da alma. Boa mulher. Deus a conserve por muitos anos.

IV

— ENTRE, respondi sem saber quem batia.

Evaristo Barroca entreabriu a porta de manso.

— Ia sair, seu Valério?

— Não senhor, cheguei agora.

— Vinha roubar-lhe dez minutos, disse êle com uns modos excessivamente corteses, de que não gosto. Mas se sou importuno...

— Importuno? Não senhor. Entre pra aí.

Retirei uma pilha de jornais da cadeira, abri a janela que dá para a rua:

— Então, que é que há?

Evaristo avançou com gravidade, pôs o chapéu e a bengala sobre a mesa empoeirada, olhou com desconfiança a palha da cadeira e sentou-se, sem se recostar, com medo de sujar a roupa. Maneiras detestáveis.

Ia para seis anos que eu conhecia aquêle tipo, encontrava-o quâsi diariamente. Horrível. Empertigava-se para largar trivialidades abjectas, e o pior é que só muito depois de as ter dito me vinha a compreensão de que aquilo não valia nada.

— Vamos lá, doutor. Que é que há? perguntei de novo.

— Há isto, respondeu o visitante. Primeiramente necessito a sua opinião a respeito de um assunto que requer minucioso exame.

— Assim de importância... ia eu interrompendo.

Mas Evaristo continuou, aprumado, com os olhos fixos em mim, movendo lentamente, num gesto de orador, a mão bem tratada, onde um rubi punha em evidência o seu grau de bacharel:

— Em segundo lugar venho solicitar-lhe um obséquio.

— Perfeitamente. Vamos ver.

— O senhor se dá com o Fortunato?

— O padeiro? Dou-me. O Fortunato é bom homem.

Na opinião de padre Atanásio...

— Não, não é o padeiro. O Mesquita, o Fortunato Mesquita, prefeito. O senhor se dá com êle?

— Com o prefeito? Que tenho eu com o prefeito? Isso é política. Eu entendo de política?

— O Fortunato é exemplar. Como funcionário é um modelo; como chefe de família, um espelho.

Afagou o queixo largo, ficou algum tempo em silêncio, esperando o efeito daquele açúcar todo. Depois tornou, e foi aí que percebi que êle tinha dito três vezes a mesma coisa.

— Não possui talvez inteligência muito lúcida, mas o coração é de ouro. O protector dos pobres, absolutamente desinteressado. Sem aludir à nobre parentela...

— Já sei. Ele diz que é bisneto de Matias de Albuquerque, ou tataraneto. Vamos ao resto.

— Pois sim. Pareceu-me... (É sobre isto que o consulto. Expresse-me o seu pensamento com franqueza.) Pareceu-me obra meritória demonstrar publicamente a gratidão do município...

— Ao Mesquita? Que fêz êle pelo município, doutor? Evaristo recolheu-se um momento, disse com lentidão:

— Tem feito pouco, mas sempre tem feito. E se o apoiarmos, o senhor comprehende, se o estimularmos, fará muito mais. Foi por isso que tracei uns artigues... Sim, não falo em capacidade para administrar. Deixemos isto de parte. Mas os atributos morais, pondere, os atributos morais são de facto dignos de encômio. E aqui está o favor que venho pedir-lhe.

Meteu a mão no bôlso e entregou-me uns papéis:

— Eu desejava obter a publicação dos artigos no jornal do vigário. Mas não me posso dirigir a êle. Foram intrigar-me: que sou ateu, livre-pensador — calúnias. É um desaguisado que pretendo desfazer, pois nada me inspira mais respeito que o catolicismo. O papado, que instituição, o papado! Eu tenciono...

— Espere lá, doutor. Elogio ao Mesquita? Não convém. O Mesquita é uma bêsta.

— Não senhor, é exagêro. Antes de tudo...

— Um quartau. Quando diz *sim*, balança a cabeça negativamente; quando diz *não*, afirma com a cabeça. Não há no mundo inteiro um sujeito mais burro. E o doutor vem cantar laus ao Mesquita? De mais a mais padre Atanásio é levado do diabo...

— Porquê? Não seja irreflectido nos seus julgamentos. Fale com o reverendo. Uma questão de interesse geral!

Eu ia desculpar-me, recusar, mas o bacharel prosseguiu:

— Escrevi os artigos de um fôlego. Têm imperfeições, evidentemente. Não me sobra tempo para cultivar a língua vernácula. Aí só se aproveita a idéia, a forma é incorreta. Emendem. E adeus.

Deixou-me espantado. Sim senhor. Maneira interessante de forçar a gente a prestar um serviço. Loquaz, amável, espichado, sem se apoiar no encôsto da cadeira — que impertinência! Até logo, adeus. Que descaramento!

Já agora, porém, era feio correr atrás dêle para restituir-lhe a papelada. Desdobrei as tiras e li burrices consideráveis em honra do Mesquita, recheadas de adjetivos fofos. A família do Mesquita, que ia entroncar na de fidalgos lusos; a caridade do Mesquita, um largo rio de benefícios inundando Palmeira-dos-Índios; o pedaço de rua que o Mesquita andava a calçar, sem pressa; a roupa branca do Mesquita, o asseio do Mesquita, os banhos, as ensaboadelas, a barba escanhoada. Uma chusma de sandices.

— Vá lá. Isto não tira nem pôe. Se fôsse desafôro, podia render desgôsto; como é adulação, se bem não fizer, mal não faz. Sempre vou ver se padre Atanásio quer publicar esta porcaria.

Era domingo. Eu tinha entrado em casa para escrever algumas páginas no meu romance, e a tarde voara com as saújices daquele imbecil. Olhei o relógio: quatro horas.

Ia agüentar um jantar em casa do Vitorino. Na ausência de d. Josefa, aquilo é fúnebre.

E que negócio tinha comigo Isidoro, que me fôra pela manhã procurar à tipografia?

Lá dentro arranjavam louça.

— Dia perdido. Vamos com esta cruz ao Vitorino.

Cheguei à porta do corredor:

— O d. Maria José, o Pinheiro está aí?

— Não senhor. Venha para a mesa.

— Obrigado, d. Maria. Não espere por mim.

Ao sair, reflecti com espanto na insensatez que Evaristo revelava engrossando o Fortunato. Que maluco! Empenharse para meter na *Semana* aquêles rapapés indecentes.

A rua dos Italianos estava deserta. Quando atravessei a praça da Independência, o antigo Quadro, também deserto, a campainha do cinema começou a bater. Demorei-me à esquina da padaria, vendo um cartaz encostado a um poste. De repente dei uma palmada na testa:

— O idiota sou eu. Ali há interesse, ali há cavação.

Descendo pela rua Floriano Peixoto, admirei o talento do Barroca.

Sim senhor, é um alho, pensei. Faz seis anos que aqui chegou, pobre, saído de fresco da academia, sem recomendações, com os cotovelos no fio e os fundilhos remendados. E lá vai furando, verrumando. Grande clientela, relações com gente boa. Construiu uma casa, comprou fazenda de gado e terra com plantações de café, colocou dinheiro nos bancos e veste-se no melhor alfaiate da capital. Improvisa discursos com abundância de chavões sonoros, dança admiravelmente, joga o poker com arte, toca flauta e impinge às senhoras expressões amanteigadas que elas recebem com deleite. Tem recursos para reconciliar dois indivíduos que se malquistam, ficando credor da gratidão de ambos. Como advogado, sabe captar a confiança dos clientes e, o que é melhor, a confiança das partes contrárias.

— Boa tarde, doutor.

Era uma prova da perícia do Barroca: o administrador da recebedoria, que passava pela calçada fronteira, macilento, com a mulher de banda, enorme, apertada num vestido de xadrez.

Ofereceram a Evaristo aquêle cargo de administrador. Rendimento pequeno. Agradeceu e indicou para o lugar um colega cheio de necessidades. Naturalmente ganhou com a indicação, pois os negócios lhe andaram sempre de vento em pôpa. E estava à bica para deputado estadual.

— Sim senhor, disse comigo. Deputado!

V

O DIRECTOR da *Semana* mourejava na extracção de um dos seus complicados períodos, que ninguém entende. Tinha aberto o dicionário três vezes. Soltou o livro com desânimo, olhou de esguelha para a banca de Isidoro e perguntou-me em voz baixa:

— Eucalipto é com *i* ou com *y*? Estou esquecido, e o dicionário não dá.

— Eucalipto... eucalipto... respondi indeciso. Também não sei, padre Atanásio. Ó Pinheiro, como é que se escreve eucalipto?

— Com *p*, ensinou Isidoro, solícito.

— Não é isso. Nós queremos saber se é com *i* ou com *y*.

— Deve ser com *i*. Ou com *y*. Uma das duas, penso eu. O *y* sempre é mais bonito. Para que eucalipto?

— Para plantar na beira do açude, explicou o vigário. Um conselho ao prefeito. Faltava um pedaço da segunda página.

Ajeitou a volta, abotoou a batina, passou o lenço pelo rosto vermelho e suado, coçou o queixo enorme, enterrado entre os ombros, que lhe chegam quase às orelhas, e atirou de chofre uma das suas falas embaralhadas:

— Pois, meninos, não foi senão isto. Quem havia de supor, hem? Estes dicionários miúdos não prestam. Faltava um pedaço da segunda página. É cavador. Parece que o eucalipto seca os pântanos. A gente abre e não encontra nunca o que procura. E dá beleza. Vem o sargento: “Quarenta linhas.” É cavador, é cavador.

— Quem é que é cavador, padre Atanásio? inquiriu Isidoro com um sorriso que lhe mostrava os largos dentes brancos.

O director da *Semana* pregou nêle os grandes bugalhos dos olhos surpreendidos, sacudiu a cabeça com um gesto de nervoso e engrolou uma explicação:

— O advogado, homem, esse Barroca. Também você não percebe nada. Foram os artigos, João Valério, aqueles artigos. É cavador. Deputado, hem? Não foi senão isto. Os artigos. Quem havia de supor?

— Eu conheci logo que ele me mostrou os originais, acudi. Aquilo não mete prego sem estôpa. Não lhe invejo o gôsto. Tanta chaleirice, tanta baixeza, por uma cadeira na câmara de Alagoas. É um pulha. Antes ficasse aqui, explorando os matutos, que fazia melhor negócio. Um idiota.

— Está enganado, retorquiu Isidoro. Tem talento. Entra deputado estadual e sai senador federal. Vai longe. Em três anos será para aí um figurão. Quem fôr vivo há-de ver. Inteligência, e muita, é que ninguém lhe pode negar.

O vigário, que mordia de leve os beiços grossos, passou a mão pela testa, arrancou uma idéia:

— Talvez seja boato. Não há certeza. Era conveniente dar uma notícia, mas não há certeza.

— Há, fêz Isidoro. Foi o Neves que me contou. O Neves está no segredo da política.

— Esse é outro, resmunguei. Você se dá com essa pústula?

Mas Isidoro, que defende toda a gente, defendeu o Neves:

— Porquê, homem? O Neves é inofensivo.
— Um canalha, um maldizente.
— Como sabe você disso? Não priva com êle.
— Nem desejo.
— Pois então? É injustiça.
— Um caluniador, um miserável.

Isidoro Pinheiro franziu a cara, com desconsôlo, e padre Atanásio, que não gosta do Neves, censurou a violência da minha linguagem:

— Leviandade, João Valério. Não se ofende assim uma pessoa ausente. Deixe para dizer isso a êle, se tiver razão para dizer. Razão e coragem. A nós, não.

Interrompeu-se, gritou para a saleta da tipografia:

— Sargento, traga uma segunda prova dessa besteira.

O tipógrafo, sargento reformado, sujo, magro, de casquete, entrou e pôs sólre a mesa do reverendo duas provas muito manchadas. Padre Atanásio conferiu uma com a outra, corrigiu, continuou:

— A nós, não. Sapeque logo essa trapalhada, sargento. A nós, não. Que eu lorotas de espiritismo não tolero. E o Allan Kardec...

Concentrou-se um instante, os olhos arregalados, o beiço pendente. Depois acrescentou:

— O Allan Kardec e essa cambada, o William Crookes, o Flammarion, o João Lício Marques, um que apareceu agora... Como se chama êle? Que o Neves tem a língua um bocado comprida, tem, eu reconheço. Tem, ora essa, seu Pinheiro! Tem, e o William Crookes é um parlapatão. Onde foi que já se viu defunto conversando com gente viva?

Abracei o director da *Semana*, um amigo, sem ressentimento pelo que êle me havia dito:

— Está bem, padre Atanásio, fica o resto para outro dia. Ande lá, Pinheiro, isto é quásí meia-noite.

Isidoro levantou-se, vestiu o jaquetão preto, pôs o chapéu de grandes abas.

— Esperem aí, bradou o vigário. Vamos deitar êsse negócio de reencarnaçâo em pratos limpos. Vejam vocês o Platão. Aquilo é coisa séria, ninguém pode contestar. Dizem vocês...

— Não dizemos nada, padre Atanásio. Boa noite.

E deixámos o excelente eclesiástico remoendo Platão.

Andámos algum tempo em silêncio, na rua mal iluminada. Para as bandas do quartel da polícia um trovador afinava o violão. No céu negro uma coruja passou alto, piando.

— Diabo! exclamou Isidoro, supersticioso, estremecendo. Não gosto de ouvir êstes amaldiçoados gritos. Justamente por cima da casa do Silvério, que está de cama, esta peste voar, rasgando mortalha.

Levantou a gola, arrepiado, baixou a voz:

— Pensou no que lhe disse ontem?

— Hem? Não me lembro. É o empréstimo?

Tínhamos chegado ao fim da rua de Baixo, estávamos em frente às balaústradas do paredão do açude. Tomámos pela direita, deixámos atrás a pracinha.

— Não, não é o empréstimo. Que horas são?

Consultou o relógio da usina eléctrica:

— Só onze? Julguei que fôsse mais tarde. Vamos para diante, quebrar as pernas pelos buracos do Pernambuco-Novo.

Olhei a frontaria da casa de Adrião, fechada. Hesitei receoso.

— Não há ninguém, tudo deserto. Vamos dar um passeio, insinuou Isidoro.

Penetrámos cautelosamente no Pernambuco-Novo, o bairro das meretrizes.

— Não era ao empréstimo que eu me referia. Mas já que tocámos nisto, você falou aos homens?

— Esqueci, Pinheiro, respondi com acanhamento. Falo amanhã. Que nem sei se êles poderão. Muitas obrigações a pagar... Talvez não aceitem.

— E a hipoteca do sítio, criatura? Uma propriedade que me está em mais de cinco contos! Afinal se não fizer com êles, faço com outro.

Era um empréstimo que desejava contrair com os Teixeira, por meu intermédio, operação regular, com efeito; mas Teixeira & Irmão não tinham fundos suficientes para dedicar-se à agiotagem.

— Faço com outro, prosseguiu Isidoro, invisível nas trevas da rua. Faço com o banco, faço com o Monteiro. É um usurário, um ladrão, esfola a gente com juro de judeu, mas não recusa nunca, tem sempre dinheiro, é um excelente velho. E não recebo favor. Que diabo! Para uma transacção de um conto e quinhentos garantia de cinco contos!

Calou-se, amuado. Acendeu um cigarro. E, à luz do fósforo, surgiram à direita calçadas altas e desiguais. À esquerda, entre sombras confusas de arvoredos, a mancha negra do açude avultava. Formas vagas, cheiro de aguardente, injúrias obscenas, sons de pífano.

Subimos o alto dos Bodes. Isidoro Pinheiro deitou fora a ponta do cigarro, deu um trambolhão, agarrou-me um braço e berrou:

— Que lembrança a sua de vir passear, com uma noite assim, neste inferno!

Depois, calmo, já perto da igreja do Rosário, na indecisão claridade que vinha da rua de Cima:

— Boa caminhada, sim senhor, isto por aqui é pitoresco. Que fim terá levado a Maria de Carmo? Gosto dela. Se não fosse tão descarada... Enfim cada qual como Deus o fêz, que a gente não é rapadura, para sair tudo igual. Você viu êsse anjo?

Torceu o caminho para não perturbar um noivado de cães. Entrámos no Quadro. Eu não tinha visto anjo nenhum. E que me queria dizer o amigo Pinheiro lá em baixo? O amigo Pinheiro não se recordava.

— Foi o empréstimo que me esquentou o sangue. Não admito que desconfiem de mim. Acabou-se, vou falar com o Monteiro.

Estacou:

— Ah! sim! a história de ontem, êsse infeliz que anda morrendo de fome.

— O sapateiro?

— O sapateiro. Vive quâsi nu, uma indecência. E imundo que faz nojo. Uma penca de filhos! Vamos ver se ajudamos êsse desgraçado, que tem vergonha de pedir esmolas. A mulher tísica, no catre, lançando sangue, homem!

Pôs-se a caminhar, triste. De repente apontou a casa de d. Engrácia, grande como um convento, defronte do armazém dos Teixeira:

— E se você casasse com a Marta?

Casar com a Marta? Recuei, deconfiado:

— Que interesse tem você nisso, Pinheiro?

— Interesse? Nenhum. Mas acho...

— O que nãc comprehendo é essa preocupação de me querer amarrar à fôrça. Já me deu três vezes o mesmo conselho.

— É que desejo a sua felicidade, rapaz.

— E quem lhe disse que eu seria feliz casando com ela?

— Quem me disse? E porque não seria? A pequena é bonita, bem-educada, toca piano, esteve no colégio das freiras. Onde se vai achar outra em melhores condições? Se aquela não lhe agrada, só mandando fazer uma de encomenda.

Interrompeu-se, bateu-me no ombro, exclamou com admiração e energia, quâsi engasgado:

— Olhe aquilo, veja que prédio. Vale vinte contos. Pedra e madeira de lei. E terras, cada zebu de trinta arrôbas, libra esterlina por desgraça, fortuna grossa, meu filho, e tudo da Marta, que o Miranda me contou. Atraque-se com a moça.

Não contive o riso. Estava êle certo de que a Marta Varejão aceitava o arranjo?

— Porque não? Que diabo pode ela querer mais? Você é bem apessoado, tem boas relações, sabe escrituração mercantil e um bocado de aritmética. Oh! demônio! Lá se apagou a luz.

Chegámos à rua dos Italianos. À porta da pensão, quando ia introduzir a chave na fechadura, ouvi rumor lá dentro. E Isidoro Pinheiro soprou-me ao ouvido:

— Espere aí, não abra agora.

— Que é?

— O Pascoal que vai entrar no quarto de d. Maria. É bom demorar um pouco.

VI

NO ESCRITÓRIO dos Teixeira, passando para o razão os diversos a diversos em bonita letra apurada, pensei naquela insistência de Isidoro.

É um ofício que se presta às divagações do espírito, êste meu. Enquanto se vão acumulando cifras à direita, cifras à esquerda, e se enche a página de linhas horizontais e oblíquas, a imaginação foge dali. Organizar partidas e escrever a correspondência comercial são coisas que a gente faz brincando. E para molhar o papel de sêda, enxugá-lo, pôr a factura ao lado, apertar o livro na prensa não é necessário esforço de pensamento. Dedicava-me às minhas ocupações singelas — e as idéias esvoaçavam em redor de Marta Varejão.

Realmente não era feia, com aquêle rostinho moreno, grandes olhos pretos, boca vermelha de beiços carnudos, cabelos tenebrosos, mãos de mulher que vive a rezar. E alta, airosa, simpática, sim senhor, óptima fêmea. Se ela me quisesse, eu não tinha razão para considerar-me infeliz.

Queria. Na segunda-feira do carnaval, defronte do cinema, fôra muito amável comigo. Olhadelas, sorrisos, um provérbio embaracado, em francês. Aquilo prometia. Estava acabado, ia atirar-me a ela, como diz o Pinheiro. E se a d.

Engrácia lhe deixasse a fortuna, bom casamento, negócio magnífico. Não que me preocupe exclusivamente com o dinheiro, pois se Marta fôsse vesga e coxa, não a aceitaria por preço nenhum. Mas era bonita, e os bens da viúva davam-lhe encantos que a princípio eu não tinha descoberto.

Tocava piano. Naquele momento reconheci no piano um caminho seguro para a perfeição. Falava francês. Não havia certamente exercício mais honesto que falar francês, língua admirável. Fazia flores de parafina. Compreendi que as flores de parafina eram na realidade os únicos objectos úteis. O resto não valia nada.

Não seria difícil travar na igreja um namôro com ela, na missa da sete, e mandar-lhe, por intermédio de Casimira, umas cartas cheias de inflamações alambicadas, versos de Olavo Bilac e frases estrangeiras, dessas que vêm nas fôlhas côr-de-rosa do pequeno Larousse. Talvez, com algum trabalho, conseguisse completar para ela um soneto que andei compondo aos quinze anos e que teria saído bom se não emperrasse no fim. Depois obteria umas entrevistas à noite, à janela, e, conversa puxa conversa, pregava-lhe, ao cabo de uma semana, meia dúzia de beijos. Ficávamos noivos, casávamos, d. Engrácia morria. Imaginei-me proprietário, vendendo tudo, arredondando aí uns quinhentos contos, indo viver no Rio-de-Janeiro com Marta, entre romances franceses, papéis de música e flores de parafina. Onde iria morar? Na Tijuca, em Santa Teresa, ou em Copacabana, um dos bairros que vi nos jornais. Eu seria um marido exemplar e Marta uma companheira deliciosa, dessas fabricadas por poetas solteiros. Atribuí-lhe os filhos destinados a Luísa, quatro diabretes fortes e espertos. Suprii radicalmente Nicolau Varejão, ser inútil.

Achava-me em pleno sonho, num camarote do Municipal, quando Adrião se abeirou da carteira:

— Diga-me cá, porque foi que você não apareceu mais lá em casa?

Abandonei a representação e voltei à realidade, com um nó na garganta. Vascolejei o cérebro à cata de uma resposta.

— Vamos ver, continuou Adrião. Detesto mistérios. Fizeram-lhe alguma grosseria por lá? Se fizeram...

— Não senhor, não fizeram. Não fazem. Que é que haviam de fazer?

— Então que sumiço foi êsse? Eu perguntei à Luísa. Não sabe, ninguém sabe. Você gostava de conversar com ela essas embrulhadas.

Procurei mostrar-me tranqüilo:

— Sempre me distinguiram com amabilidades que não mereço.

— Lambanças, homem. Deixe-se disso, fale direito, atalhou Adrião.

— Justamente. O senhor comprehende, eu gosto de escrevinhar. Assim de noite, quando a gente não tem sono...

— Já sei, já sei. Essas filosofias são prejudiciais. É o padre Atanásio que lhe anda metendo bobagens no quengo.

— De mais a mais a minha presença não serve de nada. Com franqueza...

— Ora! ora! ora! Vai para cinco anos que você está cá na casa, e só agora pensou nisso. Mas eu hei-de decifrar essa charada. E diga ao dr. Liberato que mude aquela receita. Não pude dormir ontem, com uma dor de cabeça dos pecados. Uma peste.

Retirou-se claudicando, a amaldiçoar os médicos. Fiquei atordoado, perguntando ansiosamente ao cofre, à prensa, ao copiador, à máquina de escrever, como me saíria de semelhante dificuldade. Adrião Teixeira queria descobrir o motivo do meu afastamento. Se êle apertasse com Luísa, era possível que ela se aborrecesse e contasse que eu lhe tinha dado dois beijos no pescoço. Marta, o soneto e os quinhenhos contos de d. Engrácia num instante se evaporaram.

Resignei-me a ir no domingo ao casarão dos Italianos. Uma impertinência, mas calculei que poderia, finda a atrapalhação do primeiro momento, esgueirar-me para a varanda e esconder-me por detrás das cortinas. Talvez Luísa nem reparasse em mim. Excelente coração. Outra qualquer teria feito da minha tolice um cavalo de batalha — e desmantelava-se êste honesto rapaz que arranca um pão insípido às fôlhas das costaneiras; ela não: provavelmente julgara aquilo uma ligeira ousadia que apenas lhe tocara a epiderme. Blindada contra os sentimentos de um miserável João Valério, com certeza erguera os ombros: “Deixá-lo. Pobre diabo”.

Sentia-me terrivelmente perturbado. Tanto que, durante o jantar, nem dei atenção a duas perguntas de Isidoro. O dr. Liberato ajeitou as lunetas, tossiu, disse com impaciência:

— Mexa-se, homem. Que tem você?

— Eu? Não tenho nada, não houve nada, não me fizeram nada.

Compreendi o disparate e emendei:

— Estava distraído. Uns cálculos. E por falar em cálculos, doutor, lá o patrão mandou pedir outra receita. Anda com a cabeça doendo. A cabeça, a bexiga e as pernas.

Exploraram o Teixeira.

— Qual é a doença dêle? perguntou Isidoro, inquieto.

Quando ouve qualquer referência a enfermidades, murcha e apalpa o coração.

— Um bando de vísceras escangalhadas, explicou o dr. Liberato. Vida sedentária, poucas precauções...

— Temos viúva, interrompeu o Pascoal. Quanto tempo durará êle ainda? Liquidado. Qual é a fortuna, João Válio?

Ninguém respondeu. Isidoro apalpou novamente o coração, e d. Maria José referiu o caso medonho de uma preta que morrera queimada na semana anterior. Espalhou-se pela mesa uma sombra de morte. Baixei a cabeça, com pena da negra. O dr. Liberato interrogou d. Maria com exagerado interesse, pedindo minudências, o que me trouxe aborrecimento e nojo. O italiano, que é robusto, tomava café e sorria.

A mulher tinha perdido no fogo os braços e as pernas, e do nariz corria um grude esverdeado.

— Ó d. Maria, exclamou o Pinheiro, repelindo a xícara e fazendo uma careta, para que vem contar essas histórias?

Levantou-se, desesperado. Eu e Pascoal levantámo-nos também. Saímos a passear pela rua.

— Preciso ver a Maria do Carmo, grunhiu Isidoro.

Entrámos na farmácia do Neves. Encostado à grade, um sujeito escondia no lenço manchado de pus o rosto meio comido por uma chaga. Fugimos. O italiano pôs-se a cantarolar entre dentes coisas aflitivas, com *mamma* e *bara* repetidas muitas vezes.

Às nove horas estávamos na redacção da *Semana*. Não encontrámos padre Atanásio.

— Foi confessar mestre Simão, que deu uma queda do andaime e vomitou sangue, informou o sargento. Os senhores querem escrever a notícia?

Não quisemos. Ficámos sentados, carrancudos.

— Com os demônios! bradou Isidoro, erguendo-se. Isto por aqui está fúnebre.

Subimos a rua do Melão. Lá para o caminho da Ribeira ouvimos rumor de vozes. Aproximámo-nos. Eram cantos, rezas, choros, ladinhas — uma sentinela de defuntos.

— Vamos ver, convidou Pascoal, interessado. A gente às vezes acha nas sentinelas muito boas mulheres. Vamos ver. Talvez esteja lá a Maria do Carmo.

— Ora pílulas! berrou Isidoro, furioso. Antes ir passar no cemitério.

VII

SÁBADO pela manhã Evaristo Barroca partiu para a capital. Ia furar, cavar, politicar. Depois que saíra deputado, andava sempre por lá, farejando. Bem diz o Pinheiro, aquêle vai longe. Ao meio-dia Clementina teve um ataque, meteu as unhas na cara do pai, fêz um alarido que atraíu os vizinhos, bateu com a cabeça nas paredes, gritou, espumou, ficou estatelada na cama. De sorte que no domingo era provável haver poucas pessoas em casa de Adrião.

Como me sentisse inquieto, resolvi distrair-me aproveitando parte da noite a trabalhar no meu romance. Fui à sala de jantar:

— Ó d. Maria, dê-me uma xícara de café, por favor.

Bebí o café, tranquei-me no quarto, tirei o manuscrito da gaveta:

— Vamos a isto.

E descrevi um cemitério indígena, que havia imaginado no escritório, enquanto Vitorino folheava o caixa.

Desviando-me de pormenores comprometedores, construí uma cerca de troncos, enterrei aqui e ali camucins com esqueletos, espetei em estacas um número razoável de caveiras e, prudentemente, dei a descrição por terminada. Julgo que não me afastei muito da verdade. Vi coisa parecida quando os trabalhadores da estrada de ferro encontraram no caminho do Tanque uns vasos que rebentaram. Havia dentro ossos esfarelados, cachimbos, pontas de frechas e pedras talhadas à feição de meia-lúa. O meu fito realmente era empregar uma palavra de grande efeito: tibicoara. Se alguém me lesse, pensaria talvez que entendo de tupi, e isto me seria agradável.

Continuei. Suando, escrevi dez tiras salpicadas de maracás, igaçabas, penas de arara, cestos, rôdes de caroá, jiraus, cabaças, arcos e tacapes. Dei pedaços de Adrião Teixeira ao pajé: o beiço caído, a perna claudicante, os olhos embaçados; para completá-lo, emprestei-lhe as orelhas de padre Atanásio. Fiz do morubixaba um bicho feroz, pintei-lhe o corpo e en-

feitei-o. Mas aqui surgiu uma dúvida: fiquei sem saber se devia amarrar-lhe na cintura o enduape ou o canitar. Vacilei alguns minutos e afinal me resolvi a pôr-lhe o enduape na cabeça e o canitar entre parênteses.

— Está muito ocupado, seu Valério?

Abotoei a camisa, vesti um jaquetão e fui abrir:

— Não, d. Maria José. Ora essa!

Ela entrou de manso, com uns modos acanhados, acerrou-se da mesa, os olhos baixos.

— Alguma novidade, d. Maria?

— É quê... O senhor poderá tirar-me de um apêrto? Não falei lá dentro porque tive vergonha. Já lhe devo tantas obrigações...

Ora sebo!

— Vergonha? E porquê? Não há razão, fiz eu com um sorriso amarelo, esperando o golpe.

— Tenho precisão de cento e cinqüenta mil-réis. Venho importuná-lo ainda.

— Cento e cinqüenta mil-réis, d. Maria? Agora é impossível, e amanhã não se abre o armazém. Só lá para segunda-feira.

— Eu queria hoje. É até o mês vindouro.

— Perfeitamente. Mas onde vou buscar? Talvez na segunda-feira... E nem sei se poderei arranjar. Tenho quarenta. Servem-lhe quarenta?

Ela aceitou, com um gesto de resignação desalentada.

Retirei a Bíblia da gaveta e procurei dinheiro entre as páginas do Eclesiastes, que é o meu cofre.

— Muito agradecida, suspirou d. Maria, recebendo as duas notas, meio desapontada. É por pouco tempo.

— Não se preocupe, respondi acompanhando-a. Se não puder pagar, fica aí como adiantamento, não tem dúvida.

Voltei ao trabalho interrompido. Não pagava. Já me devia mais de quinhentos mil-réis, devia também ao dr. Liberato e ao Pinheiro. Nós sabíamos que aquilo era para o italiano, que vive a enganá-la, vai aos bordéis do Pernambuco-Novo, mas não tínhamos coragem de recusar. Tão boa, tão amável! Era pena que tivesse aquela desgraçada ligação com um traste como o Pascoal.

Embrenhei-me novamente nas selvas. Li a última tira e balancei a cabeça, desgostoso. Catei algumas expressões infelizes e introduzi na floresta, batida pelo vento, uma quantidade considerável de pássaros a cantar, macacos e sagüis em dança acrobática pelos ramos, cotias ariscas espreitando

à beira da caiçara. Mas isto veio espremido e rebuscado. Tudo culpa do Pascoal.

De mais a mais a dificuldade era grande, as idéias min-guadas recalcitravam, agora que eu ia tentar descrever a impressão produzida no rude espírito da minha gente pelo galeão de d. Pêro Sardinha. Em todo o caso apinhei os índios em alvorôço no centro da ocara, aterrorizados, gritando por Tupã, e afoguei um bando de marujos portugueses. Mas não os achei bem afogados, nem achei a bulha dos caetés suficientemente desenvolvida.

Com a pena irresoluta, muito tempo contemplei destroços flutuantes. Eu tinha confiado naquele naufrágio, idealizara um grande naufrágio cheio de adjetivos enérgicos, e por fim me aparecia um pequenino naufrágio inexpressivo, um naufrágio reles. E curto: dezoito linhas de letra espi-chada, com emendas. Pôr no meu livro um navio que se afunda! Tolice. Onde vi eu um galeão? E quem me disse que era galeão? Talvez fôsse uma caravela. Ou um bergantim. Melhor teria feito se houvesse arrumado os caetés no interior do país e deixado a embarcação escangalhar-se como Deus quisesse.

E não sei onde se deu o desastre. Para os lados de S. Miguel-de-Campos, ou Coruripe-da-Praia, por aí. Talvez o dr. Liberato soubesse. Levantei-me, bati à porta do quarto dêle. Ninguém. Atravessei o corredor, despertei d. Maria José, que dormitava encostada à mesa da sala de jantar:

— Ó d. Maria, que é do dr. Liberato?

Tinha ido a casa do Mendonça, que era dia de anos de d. Eulália.

— E o Pinheiro? O Pinheiro também foi?

O Pinheiro também tinha ido. Que diabo! Fugirem todos, justamente na ocasião em que eram necessários! Lem-brei-me de padre Atanásio. Dez horas. Bem, devia estar acordado, decidi consultá-lo. Voltei ao quarto, mudei a roupa e saí, satisfeito por ter achado um pretexto para aban-donar aquela estopada.

Na redacção da *Semana* encontrei o reverendo sentado à banca, só, pregando um botão na batina.

— Ó padre Atanásio, diga-me cá. O senhor conhece Coruripe-da-Praia?

— Conheço. É uma boa cidade. Muito sal, muito co-queiro. E então o povo... Você tem algum negócio em Coruripe-da-Praia?

— Não, é outra coisa, a novela que estou escrevendo, o romance dos índios. Preciso dos baixios de D. Rodrigo. O senhor conhece os baixios de D. Rodrigo?

— Não. Onde fica isso?

— Era o que eu queria saber. Fica por essas bandas, em Coruripe, em S. Miguel, não sei onde. O senhor nunca ouviu falar? Vem na história. Coruripe... Julgo que foi em Coruripe que mataram o bispo.

Padre Atanásio soltou a agulha, assombrado, e esbugalhou os olhos:

— O bispo? que bispo?

— O Sardinha, padre Atanásio. Aquêle dos caetés, um sujeito célebre. O d. Pêro. Vem nos livros.

O director da *Semana* retomou a agulha, a linha e o botão:

— Ah! sim! Pensei que fôsse o d. Jonas. Ou o d. Santino. Que susto! O d. Pêro... Nem me lembra.

VIII

DOMINGO à noite fui a casa do Teixeira. Quando Zácarias abriu o portão, havia rumor lá em cima. Atravessei o jardim, subi a escada, cheguei à sala, aturdido.

— Ora sim senhor, disse-me Adrião. Veio arrastado, mas veio.

Luísa acolheu-me como se me tivesse visto na véspera. Cumprimentei, com as orelhas em brasa, Vitorino, padre Atanásio, Miranda Nazaré. Vi Clementina escondida entre o piano e a parede. Balbuciando, pedi informações sobre a saúde dela.

Não ia bem.

Sim? Pois não parecia. Tanta vivacidade, tão boas cores...

Ela atirou-me um olhar de agradecimento e encolheu-se. Eu ia encolher-me também, por detrás das cortinas, mas Adrião se levantou, convidou:

— Vamos para a mesa.

Entrámos. Pelo corredor o vigário prosseguiu numa arenga interrompida com a minha chegada. Era àcerca dos nomes esquisitos que agora dão às crianças. Ao sentar-se, estava indignado:

— Palavras estrangeiras. Vocês já viram? Pronúncia errada. Eu reclamo: "Besteira, homem! Ambrósio, Guilherme, Ricardo, isto é que é". Não querem. Extravagâncias. De Jerônimo e Amália fazem Jerália. Vocês já viram?

Serviu-se o chá. E todos assegurámos que aquilo efectivamente era atroz.

— Está claro. Eu às vezes me zango: "Gregório, ponham-lhe Gregório, pelo amor de Deus". Não querem.

Calou-se.

— Porque não tem aparecido últimamente, João Valério?

Num sobressalto, larguei a torrada, ergui os olhos ansiosos para o outro lado da mesa, tornei a baixá-los, perturbado, e gaguejei:

— Nem sei, minha senhora. Por aí, à toa... Ocupações.

— Vi ontem, disse Vitorino, duas figurinhas do Cassiano aleijado: um mendigo com a sacola e um S. Miguel com a balança. Muito bonitas.

Mas Nazaré interrompeu-o. Não se capacitava de que os trabalhos do aleijado prestassem:

— Um ignorante, um analfabeto.

— Só por isso? murmurou Luísa, que protege o Cassiano.

— Naturalmente. Ele não aprendeu escultura.

— Eu achei as figurinhas engraçadas, arriscou Vitorino. E quanto a não saber ler...

— Quem é bom já nasce feito, apeiou o reverendo. Vejam o Miguel Ângelo. Agora mesmo, no livro de um francês...

Investiu contra Nazaré:

— E Tubalcaim, homem, e Jubal, Noé, essa gente da Bíblia? Quem ensinou o Noé a fabricar vinho? Ora, o livro do francês... E a torre de Babel, a embrulhada das línguas? São factos, estão nas escrituras.

— Que diz o livro? perguntou Adrião.

— Diz muito, respondeu o director da *Semana*. É de um francês extraordinariamente instruído. Sabe tudo. Aquelas embromações do Laplace. Nebulosas, potocas. Porque o Genêse... Enfim uma sabedoria imensa. Trata do sol, da lua, das estrélas, de uns bichos brabos que existiram antigamente. Dinossauros, seu Miranda? É isso mesmo. E outros: megatérios, gliptodontes. Um monumento.

— Mas afinal, objectou Nazaré, que relação tem isso com os bonecos do aleijado?

— Relação? fêz o vigário, espantado. Ora essa! Tem relação. Eu ainda não acabei.

Coçou a testa, aflito, tentando recordar-se. De repente, com uma alegria infantil:

— Ah! sim. É que há no livro umas estatuetas desenterradas lá por onde Judas perdeu as botas, uns bisões que têm muitos milhares de anos. Ótimos.

— O dr. Liberato afirma que as imagens do Cassiano também são ótimas, observei eu.

— O dr. Liberato? inquiriu Adrião com azedume. Que entende disso o dr. Liberato?

— Que entende? Deve entender. Não é médico? Se as imagens estivessem erradas, êle sabia.

— Pois era melhor que entendesse de medicina, replicou Adrião, descontente. Ainda não me deu uma receita que prestasse.

E com o beiço caído, cheio de amargura, grande murchidão no rosto enxofrado, mastigou impropérios em voz baixa. Em redor informaram-se do estado dêle, com solicitude. Não melhorava. Uma peste. Referiu achaques complicados e deteve-se numa dorzinha renitente que se alojara debaixo da última costela esquerda. Houve um silêncio compungido.

E eu pensei que o conhecimento daqueles pequeninos bisões de terracota afeiçoados pelos dedos rudes de um bárbaro, há milênios, numa caverna lóbrega entre penhascos, era para mim aquisição preciosa. Talvez eu pudesse também, com exígua ciência e aturado esforço, chegar um dia a alinhavar os meus caetés. Não que esperasse embasbacar os povos do futuro. Oh! não! As minhas ambições são modestas. Contentava-me um triunfo caseiro e transitório, que impressionasse Luísa, Marta Varejão, os Mendonça, Evaristo Barroca. Desejava que nas barbearias, no cinema, na farmácia Neves, no café Bacurau, dissessem: “Então já leram o romance do Valério?” Ou que, na redacção da *Semana*, em discussões entre Isidoro e padre Atanásio, a minha autoridade fôsse invocada: “Isto de selvagens e histórias velhas é com o Valério”.

— Que há de novo sobre Manuel Tavares? perguntou Adrião depois de um longo suspiro. Parece que está provado que foi êle, hem?

— Provadíssimo, confirmou Nazaré. Vão ver que ainda desta vez o júri manda para a rua aquêle bandido.

E pormenorizou a novidade de resistência: um sujeito assassinado enquanto dormia, enterrado num quintal, exumado depois de um ano, por acaso.

— Que a polícia nunca teve intenção de prender Manuel Tavares. A polícia não tem intenção. Foi um parceiro do assassino que brigou com ele e veio denunciá-lo. O móvel do crime? Vinte mil-réis falsos e uma roupa de mescla. Tem aí o padre Atanásio matéria para escangalhar no seu jornal a polícia, Manuel Tavares e o conselho de sentença que o absolver.

— Se absolver, resmungou o vigário. Um caso tão monstruoso...

— Absolve, não há dúvida. Está na rua, é protegido do Evaristo. E que me dizem dêsses artigos que estão saindo na *Gazeta* contra o Mesquita?

— Terríveis! exclamou Vitorino. Tôda a sorte de ridículos. Afinal o pobre homem não tem culpa de ser estúpido, se é estúpido.

Levantámo-nos. E íamos chegando à sala quando a campainha retiniu e pouco depois soaram na ante-câmara os passos apressados do dr. Liberato. Entrou, distrikuíu apertos de mão, recusou o chá que Zacarias lhe trouxe, quis saber da preciosa saúde dos seus bons amigos. Apoderou-se do tabelião e dissertou abundantemente. A chegada de Isidoro interrompeu, muito a propósito, a amolação dêle. O Pinheiro trazia um jornal enrolado:

— Leram?

Todos tinham lido, menos as senhoras.

— Tremendo! opinou Adrião.

— Horroroso! acrescentou Vitorino. Estábamos falando nisso quando o doutor chegou. E eu dizia que o Fortunato não tem culpa...

— Esplêndido! atalhou Nazaré erguendo os ombros, o que lhe aumentava a corcunda. Soberbo!

— Você é inimigo do Mesquita? perguntou Isidoro.

— Não, não sou inimigo de ninguém. Mas gosto daquela maneira de achincalhar um tipo. A família do Mesquita... Magnífico! Heróis que lutaram com os holandeses! A generosidade do Mesquita... Impagável! Empresta cinco tostões a juro de cento por cento e espalha que fêz favor. E as camisas do Mesquita, os colarinhos do Mesquita, a navalha de barba do Mesquita...

Como Luísa e Clementina estivessem afastadas, dirigiu-se ao dr. Liberato e ao Pinheiro, baixando a voz:

— A navalha de barba... Repararam? Uma brinca-deira safada. Perceberam? Uma pilhéria de arrancar couro e cabelo.

— Você não tem coração, exclamou Isidoro.

— Eu? retorquiu Nazaré alegremente. Tenho um coração razoável. Agora viver lamentando os males do vizinho, não, principalmente se o vizinho é tolo. E os artigos estão bons. Muito progrediu ele depois que publicou os outros.

— Os outros? Então o senhor conhece o autor dos artigos? estranhou o médico.

— Conheço.

— Quem é? interrogámos todos, excitados.

Nazaré estudou as caras em roda, com pachorra:

— Não sabem?

— Não.

— Nem suspeitam?

— Suspeitar o quê! bradou Vitorino. Não há suspeita. Provavelmente aquilo é da redacção: algum dinheiro que o Fortunato recusou ao Brito.

— O Brito? Qual Brito! O Brito, coitado, meteu aquilo na *Gazeta*, mas nem leu.

— Quem foi? gritou padre Atanásio já com raiva. Se não queria dizer, não começasse.

— E eu não ia dizer, resistiu Nazaré. É segredo. Enfim, como os senhores insistem e estou aqui entre amigos... foi o Evaristo.

Houve um momento de estupefacção. Em seguida atacámos o Miranda:

— Não é possível!

— Absurdo!

— Que lembrança!

— Foi ele, murmurou Nazaré sem se alterar. Juro por todos os santos...

— Não jure em vão, homem, retrucou padre Atanásio. O Barroca fêz elogios daquele tamanho ao Mesquita.

— Perfeitamente, concordou Nazaré. Mas foi ele. Lembrou os pés do Mesquita e chegou a deputado. Hoje procura derrubá-lo. Derruba.

— Tem certeza? indagou Isidoro.

— Como tenho certeza de que dois e dois são quatro, como tenho certeza de que o som diminui à medida que a distância...

— Deixe lá o som, deixe a distância, atalhou Adrião. O que nos interessa é o Barroca. Se foi ele, é um miserável.

— Nem por isso. Não precisa mais do outro.
— Talvez o senhor se engane, aventureou o médico.
— Qual nada! O Mesquita está no chão. Não dou trés vinténs por êle. Se o Evaristo visse que não o deitava abaixou, não escrevia aquilo.

Calámo-nos impressionados, menos pelas palavras de Nazaré que pela maneira como êle as dizia. Vendo-lhe a cabecinha calva, os olhos inquietos, brilhando como contas de vidro, a ponta da língua a remexer-se, umedecendo os beiços delgados, recuei instintivamente, como se êle me pudesse morder.

Fugi para a varanda. Veio do piano um tango arrastado. Acendi um cigarro. As notas diluíam-se no barulho da usina eléctrica.

Na calçada do armazém fronteiro duas mulheres iam e vinham; à direita vultos esquivos esgueiravam-se para o Pernambuco-Novo; à esquerda um automóvel rodava silencioso; em frente, além da estrada da Lagoa, negra àquela hora, tremiam ao longe pequeninos pontos luminosos.

Voltei-me. Tornava a contemplar Luísa, oculto por detrás das cortinas, enlevado, enquanto lá dentro as conversações zumbiam.

— Joguei uma partida de xadrez, pediu o dr. Liberato. Vamos apreciar isso.

Adrião sentou-se à mesa pequena, sob o lustre, e começou a dispor as peças no tabuleiro; Nazaré, defronte dêle, estendeu-lhe as mãos fechadas, a sorteiar as côres:

— Peão de dama, hem?

Lá estava, grande e loura, correndo os dedos pelo teclado, indiferente e esquecida, como se, em vez de me achar ali, trincando um cigarro, eu me conservasse arredio, num quarto de pensão, compondo crônicas para a *Semana* ou sonhando com o bergantim de d. Pêro. Via-a — e os desejos acordavam.

Nazaré e Adrião volviam as peças com rancor. O dr. Liberato seguia os lances da partida sem interesse. Padre Atanásio e Isidoro cochichavam. Vitorino dormia.

Agora não era tango, era mazurca. Se Luísa me amasse, eu daria por ela de bom grado um milheiro de Martas, um milhão de Clementinas.

— Essa é boa! gritou Adrião. Dois bispos nas linhas brancas!

— É verdade. Que descuido! exclamou Nazaré tentando justificar-se.

E houve em redor do tabuleiro um debate medonho.
Aproximei-me, afectei uma curiosidade desenxabida:

— Então? Dois bispos?

— Em casas brancas! trovejou Adrião. Viu que ia perder e tirou um bispo do lugar.

Nazaré, sem se ofender, alvitrou que se reconstituísse o jôgo.

— Não é possível. Quem sabe lá em que ponto foi isso?

— Um engano.

— Que engano! Você é cego?

Deram a partida como nula, iniciaram outra. E logo no princípio Adrião, irritado, deixou sem defesa um peão do centro, perdeu-o, moveu a dama expondo o rei a xeque de cavalo antes de rocar e soltou uma praga.

— Ó Pinheiro, recite uma poesia, pediu Vitorino, bocejando.

Isidoro desculpou-se, estava rouco.

Luísa interrompeu a mazurca e quis ouvir Clementina. Todos aplaudiram, menos Adrião, que rosnava, e Nazaré, que amiüdava os xeques. Mas Clementina relutava, debatia-se, enroscava-se. Enfim cedeu. Encostada ao piano, pálida, sussurrou uma cantiga lamuriante. Foi até o fim sem um gesto, e logo que terminou, já alheia ao compasso, voltou a sentar-se, agradeceu com os olhos úmidos as palmas que lhe demos e enroscou-se mais.

Eram dez horas. Zacarias entrou com uma bandeja. Adrião, que só tinha duas peças grandes, levantou-se furioso:

— Abandono. Vamos ao café. Dama e tôrre. Mate de tôrre e dama. Não passa daí.

— Temos então o homem definitivamente grudado a Palmeira, hem Miranda? perguntou Vitorino recebendo a xícara.

— Quem?

— O Barroca. Se é verdade o que você pensa, naturalmente há-de rebentar por aqui qualquer dia, desmantelar esta geringonça, fazer de novo. Agarra-se como sanguessuga. Eu só tenho pena do pobre do Xavier.

— Aqui é que êle não fica, disse Nazaré. Vem, toma conta das posições, coloca os amigos, deixa um testa-de-ferro, o Cesário ou o administrador, dirigindo a entrosa e volta. Depois aparece, dá uma vista às propriedades, ao gado, aos eleitores e torna a voltar. Não fica. Aquilo é ambicioso, trepa. E se os senhores tiverem alguma pretensão, peguem-se com êle. Aceitem o meu conselho: peguem-se com êle.

Estava satisfeito com a queda do Mesquita e desesperado com a vitória do Barroca. Falava cortando as palavras, constrangido: o êxito dos outros acabrunha-o.

IX

VOLTEI. Às quintas e aos domingos lá ia encontrar os mesmos indivíduos discutindo os pequeninos acontecimentos da cidade, tão constantes que a ausência de um deles prejudicava a harmonia do conjunto.

Às vezes, tempestuosa, surgia d. Engrácia, de vastas roupas negras; botinas de elástico, mantilha e guarda-chuva. Como tinha trinta contos em depósito no armazém dos Teixeira, dispensavam-lhe atenções especiais. Terrivelmente indiscreta, censurava, diante de Luísa, os decotes baixos e os cabelos curtos, imoralidades, e dizia a Clementina que histerismo é descaramento. Esquadrihava tudo, metia em tudo o rosto de fuinha, e se alguma coisa via que lhe desagradasse, desembuchava logo. Agressiva e espalhafatosa, falava como se quisesse espetar a gente com o nariz em bico. Detestavam-na, mas temiam-lhe a língua. E era geralmente respeitada. Quinhentos contos em terras de café e algodão, prédios, letras, acções da Cachoeira e da Fernão-Velho.

Vinha sempre com ela a pupila, séria, de colarinho alto e mangas que lhe chegam aos pulsos. Veste-se assim por causa da madrinha. Percebe-se que não revela o que tem dentro. Confrontando-a com Luísa, eu notava entre as duas uma diferença enorme.

Luísa era franca — movimentos decididos, riso claro, grandes olhos azuis que lhe deixavam ver a alma. Tive a impressão extravagante de que ela andava nua. Saíam-lhe nus os pensamentos. E os vestidos escassos apenas lhe cobriam parte do corpo, belo, que se poderia mostrar inteiramente nu.

Luísa era boa, de uma bondade que se derramava sobre todos os viventes. Sou apenas um insecto, mas, para insecto, recebi tratamento exagerado.

Luísa era pura. Imaginei que nunca nem desejo ruim lhe havia perturbado os sonhos.

Foi assim que pensei. Entretive-me durante um mês a orná-la com abundância de virtudes raras. Além das que ela possui, e que são muitas, dei-lhe as outras. E lamentei que

o meu espírito minguado não pudesse conceber perfeições maiores para jogar sobre ela. Nisto se exauria o esforço de que sou capaz. Devaneava — e nem sabia exprimir-me. Enquanto os amigos em volta da mesa parolavam, eu ficava em silêncio, recolhido, sem nada ouvir, contemplando-a.

Pouco a pouco a minha confusão se dissipou. Luísa me dizia coisas lindas, que eu escutava enlevado, procurando um alcance que não tinham e que cheguei a descobrir.

Diante das visitas, era reservada: não ia além de uma ou outra frase risonha lançada na conversação. Em família, tornava-se expansiva. É o que se observa entre as senhoras do Nordeste. Como os homens aqui são indelicados e não raro brutais, elas se esquivam, tímidas.

Às vezes Luísa se revoltava. E era sempre em razão de uma desgraça que não podia suprimir. Atirava tumultuosamente expressões confusas, que traduziam idéias justas, com certeza, e bons sentimentos, porque eram dela. Falava do sapateiro que tem a mulher tísica e uma ninhada de filhos:

— Está lá na tripeça, batendo. E os pequenos esfarrapados, sujos... Ouço daqui os pancadas do martelo e a tosse da mulher. Vocês não ouvem?

Ninguém ouvia.

— Os pés inchados, tão amarelo, as roupas imundas!

Adrião erguia os ombros com enfado:

— Que nos interessa isso, filha de Deus? O homem ganha a vida, é natural. Deixá-lo.

— Mas é que morre de fome. Vocês sabem lá o que é ter fome?

Manifestei-lhe um dia a minha surpresa:

— Não sabemos. Com efeito, não sabemos. Mas a senhora também não sabe. Deve padecer muito. Faz pena. Afinal não é o único.

Levou as mãos ao estômago, deitou-me uns olhos que me espantaram, e julguei que até as dores físicas do desgraçado passavam para ela.

— Aquilo dói, deve doer muito. Uma casa nojenta! É duro. Há lá crianças nuas.

Compreendi a razão por que Luísa não confessou ao marido a minha temeridade. Uma criatura como ela não agravaria nunca o sofrimento alheio.

X

UMA NOITE de lua cheia, no banco do jardim, Vitorino me acirrou a paciência com a exposição arrastada e nasal dos méritos da filha, que deixara o Coração de Jesus, onde ensinava pintura. Estive a escutá-lo uma hora.

Luísa veio descansar numa cadeira ao pé de nós. Quando Vitorino se retirou, depois de uma extensa relação de quadros, disfarcei o meu enleio a observar as manchas dos tinhões. Mudo e constrangido, levantei-me também.

— Já se vai embora, João Valério? perguntou Luísa com tanta simplicidade que tornei a sentar-me.

Sobre os canteiros espalhou-se a sombra de uma nuvem. Lembrei-me dos beijos que dei no pescoço de Luísa, imaginei que nunca teria coragem de lhe falar naquilo. Reapareceu o luar. E, sem preparar-me, balbuciei, com os olhos na platibanda do armazém fronteiro:

— Eu lhe devo uma explicação. Veja a senhora...

Calei-me, perturbado, tentei moderar a violência do coração.

— Nem sei como principiar. Nem sei o que vou dizer.

— Pois não diga, murmurou Luísa.

Procurei decifrar-lhe a intenção, o que não consegui. Perfeitamente sossegada.

— Tem razão.

E senti um imenso desalento.

— Mas essa generosidade é terrível, desabafei quase cônico.

— O Valério está exaltado. Não pensemos mais nisso.

— Não pensar? É o meu pensamento. A senhora depositou confiança em mim... Sou um canalha. O que eu queria era saber porque me trata dessa forma. Porque é?

Ela não respondeu. Olhou desatenta as grades do jardim, as fôlhas das palmeiras, o lago do centro, pequenino, que tem à margem a estatueta desconsolada de uma garça.

— Quando voltei, não esperava ser recebido assim. Fala comigo como se eu prestasse. Porquê?

Esqueci a explicação a que me havia referido, fazia-lhe perguntas que nunca supus fazer. Ela pareceu acordar, passou a mão pela fronte:

— O Valério é uma criança, é como se fosse nosso filho. E desde que está arrependido...

— Quem lhe disse isso? Filho! Que brincadeira! Somos da mesma idade. Não me entende. O desgôsto que lhe causei... Vivo acabrunhado. E foi aquêle o único momento feliz que tive.

— Essa confissão é uma indignidade, exclamou Luísa com um rigor que não achei natural.

— É, concordei. E a senhora vai perdoar, já perdoou. Era melhor que me expulsasse de sua casa. Vejo-a, e não me canso de vê-la. Antes de dormir, sonho... Nem sei. Sonho que morreria contente se lhe desse um beijo.

— Cale-se, fêz ela com leve tremor na voz.

— E a senhora sorri, quando eu chego. Acha-me tão miserável... Nenhum ressentimento...

— Pobre rapaz, disse Luísa Iaixinho. Deve ter sofrido muito.

Brilhavam-lhe nas pestanas traços de lágrimas, o que me causou violenta comoção.

— Porque havíamos de ficar inimigos? prosseguiu. Uma leviandade sem consequência. Vive aqui há cinco anos.

— Não, não é isso. Eu me explico.

— Decerto, atalhou ela rapidamente. Vou auxiliá-lo. Há por aí muita moça. A Clementina, coitadinha...

— A Clementina? Quem lhe pediu essa substituição? É a senhora que eu amo, a senhora, a senhora.

Ela ergueu-se de chofre:

— Fiz mal em ouvir essas loucuras.

Afastou-se quâsi sufocada. Compreendi então que estava num banco de jardim. E espantei-me de encontrar em redor tudo em ordem. A lua andava brincando com as nuvens, como se aquêle extraordinário acontecimento não alterasse a harmonia do universo. Moviam-se levemente os tinhorões. A fachada do armazém fronteiro não se tinha desmoronado. E a garça de bronze, à beira da água, levantava a perna inútil com displicênciia, mostrava-me o bico num conselho mudo, que não percebi.

Na rua, apesar da aparênciia calma do mundo exterior, pareceu-me que havia em qualquer parte um cataclismo. É possível que naquele momento alguma operação se realizasse no meu cérebro. Não tive disto nenhuma consciênciia, apenas sei que duas ou três frases me feriam os ouvidos, com obstinação. Ouvi distintamente alguém invisível dizer-me: "Pobre rapaz. Tem sofrido muito." Passados instantes, a mesma voz continuou: "Porque havíamos de ficar inimigos? Uma leviandade sem consequência."

À entrada do Pinga-Fogo, o administrador da recebedoria cumprimentou-me, parou:

— Faz o obséquio de me dar o seu fósforo?

Não retribuí o cumprimento e atentei naquele ser fantástico, alto, magro, de prêto e de gravata branca.

— Pedi-lhe fósforos. Faz favor...

Meti a mão no bolso, maquinalmente, dei-lhe a caixa de fósforos.

“Pobre rapaz. Deve ter sofrido muito...” martelou-me a voz aos ouvidos. E pensei nas marteladas do sapateiro, que Luísa ouve.

À esquina da rua Floriano Peixoto, o Neves farmacêutico, apertado num velho fraque de gola ensebada e roído de traças, perguntou-me se não ia ao baile da prefeitura. Balancei a cabeça negativamente e achei o Neves absurdo.

— Festança grossa, resmungou o boticário com animação frouxa no carão chupado. É conveniente ir, agradar o Barroca. Esse sarapatel de política... Vai o mundo abaixo. O Mesquita passou o exercício ao Mendonça.

O Mesquita, sim. Era possível que houvesse um Mesquita, um Barroca, um Mendonça, outros indivíduos talvez. Não sabia para onde me encaminhava. Ia provavelmente à redação da *Semana*, mas, ouvindo música para os lados da praça da Independência, endireitei para lá, sem me despedir do Neves.

À entrada do beco do Leite, Nicolau Varejão e Silvério comentavam a mudança do destacamento policial e a demissão do promotor.

Havia agora alguma ordem nas minhas idéias. As palavras de Luísa acompanhavam-me. Conseguí dar a elas uma significação, o que ainda não tinha podido fazer.

No largo, muito tempo fiquei encostado à esquina da padaria, olhando as portas fechadas dos estabelecimentos comerciais, as bandeiras de papel esvoaçando em honra de Evaristo Barroca, a frontaria salpicada de luzes do paço municipal.

Nas trevas do meu espírito faiscavam milhares de vagalumes. Porque me deixara Luísa entrar, depois de longa ausência, na intimidade do casarão dos Italianos? Que podia ela esperar de mim? “O Valério é como se fosse um filho.” Despropósito. Depois a lembrança de querer impingir-me a Clementina. E hesitação, ambigüidade.

Aproximei-me vagarosamente do local da festa, cheguei-me a uma das janelas, onde o *sereno* afluía.

Poucos pares. Nas cadeiras, senhoras graves, de ar hí culo: d. Eulália Mendonça e as duas filhas, as xifópagas, co-

mo lhes chama o dr. Liberato, porque andam sempre juntas; a mulher do juiz de direito; d. Josefa Teixeira, miúdinha, lourinha, a única que parecia à vontade, linda muchacha, conversando com uma criatura agreste, sardenta e de tromba; Clementina, outras. Pelos cantos, indivíduos contrafeitos numa elegância precária: Miranda Nazaré, mais magro, mais curvado, de queixo mais agudo; o juiz de direito; Vitorino, cabibaixo, sonolento; o Monteiro agiota, com a barba crescida; Mendonça pai, que é Cesário, e Mendonça filho, que é Valentim; eleitores bisonhos, os membros do conselho, sujeitos desconhecidos, de Quebrangulo e Santana do Ipanema. Aprumado e encasacado, Evaristo Barroca discorria com o delegado regional.

No apertão que havia na calçada, Maria do Carmo asseverava ao regente da filarmônica:

— Todo o mundo sabe que eu sou uma mulher honesta.

O regente da filarmônica afastou-se dela e perguntou a Xavier filho se o Mesquita estava na fazenda. Xavier filho explicou que ele se havia metido em casa, porque d. Guiomar adoecera, que não precisava de política para viver e que aquela mudança era um benefício que lhe tinham feito. O outro concordou. E quis saber se eu pertencia ao partido do dr. Barroca.

— Uma mulher honesta, repetiu Maria do Carmo. Não sou disso, todo o mundo sabe.

Retirei-me, atravessei o Quadro, entrei no café Bacurau. Porque me dissera Luísa aquelas palavras equívocas?

— Que é que vai, seu Valério? gritou Bacurau, que estava trepado numa escada, desceu quando me viu. Cerveja?

— Conhaque.

Ele trouxe a garrafa e voltou-se para Isidoro, que entrava:

— Conhaque, seu Pinheiro?

— Café, bucurônico amigo, respondeu Isidoro sentando-se à minha mesa.

E logo me interpelou com azedume:

— Então não vai, hem?

— Não.

— Pois é tolice. Podia encontrar ocasião de falar com a Marta, que deve ir para lá. Olhe.

Apontou Marta Varejão, que saía do convento, em companhia da madrinha.

— Para que diabo quer a d. Engrácia um guarda-chuva a esta hora, com um luar dêste? perguntou noutro tom.

Bebeu o café, levantou-sé:

— Não nos poderá arranjar uma beberagem menos indecente, Bacurau? A vida inteira êste café marca peste para dar aos fregueses, homem! Muito perde você, João Valério.

— Não perco nada. Que me importa essa corja?

— Quem? O Evaristo...

— Todos. Uns malandros.

— Que entende você disso? exclamou Isidoro com severidade. Política é escrituração mercantil? Ainda hoje me dizia o Miranda... Não venha com os seus modos de troça, que o Miranda está no segredo da política. Conhece tudo, tem faro, fique sabendo. E adeus, vou meter-me naquele fox-trot. Eu dou o cavaco pelos fox-trots. *A rivederci*, como diz o Pascoal.

XI

O DR. LIBERATO, de perna estirada, mostrando a meia de sêda preta, a esmeralda no índice pedagógico, acabava de contar a história de um colega dêle que, em exame de anatomia, tinha dito do útero: "É o laboratório da humanidade."

Não achámos graça, esperámos que o narrador continuasse a anedota, e quando vimos que estava concluída, afectámos um risinho inexpressivo. Nazaré, que ouvira distraído, riu fora do tempo, e padre Atanásio, encostando as orelhas aos ombros, declarou que a definição não deixava de ser justa: o útero era aquilo mesmo. O doutor, meio desorientado, com as lunetas faiscando de indignação, tentou explicar-nos que o útero é um órgão situado...

Calou-se, porque à portinhola da grade assomou d. Josefa Teixeira, gordinha, com duas covas no rosto vermelho, risonha e cumprimenteira, em companhia da rapariga sardenta que estivera com ela dias antes no baile da prefeitura. Vinha encomendar um cento de cartões.

— Cartões? disse o reverendo levantando-se. Perfeitamente. Cartões! sargento. Façam a favor de sentar-se.

Como as cadeiras eram insuficientes, eu e o vigário ficámos de pé. O sargento trouxe a coleção de amostras.

Enquanto as senhoras escolhiam, aproximei-me de Isidoro, olhei a notícia que êle preparava: "Deu-nos o prazer da sua encantadora visita a senhorita Josefa Teixeira, dilecta filha do abastado comerciante e nosso particular amigo Viterino Tei-

xeira, que nos encantou em deliciosa palestra com os sublimados dotes do seu espírito."

O noticiarista levantou a pena e atirou-me ao ouvido:

— Este *sublimados* aqui não está mau, hem?

— Está óptimo. Está igual ao Camões. Mas como você fêz, parece que a conversa foi com o Vitorino.

— Ora essa! Realmente, exclamou Isidoro desapontado. Desmanchar tudo!

— Não é preciso, sussurrou padre Atanásio, que se acercara, lera o período. Deite um ponto no *Vitorino Teixeira*, corte o que e meta depois *A visitante*. Pronto. *A visitante* sem vírgula, é melhor sem vírgula.

Louvei sinceramente a inteligência de padre Atanásio e aconselhei também:

— Acho bom suprimir o *encantou*, que já há uma *encantadora* atrás. Ponha *cativou*, fica esplêndido. E a *senhorita*, risque a *senhorita*, para não rimar com *visita*. Escreva *d. Josefa Teixeira*, como nós chamamos. Deixe a *senhorita* para a outra.

O jornalista aceitou os conselhos.

— E a outra? Quem é a outra?

Abeirei-me da mesa, onde a escolha se eternizava. Não descobriam tipo que agradasse.

— Como se chama essa sua companheira? perguntei em voz baixa à Teixeira moça.

Dão-lhe este nome para distinguí-la de uma criatura que também é Teixeira, mas de família diferente: *d. Emiliana Teixeira*, a Teixeira velha.

D. Josefa pôs termo à encomenda e apresentou *d. Priscila Fernandes*, professora do Coração de Jesus. Isidoro, que não ouviu, interrogou-me com a cabeça.

— Priscila, segredou-lhe o director da fôlha. *D. Priscila Fernandes*, *d. Priscila* com dois *ll*.

A Teixeira, que se ia embora, voltou da porta, convidou sorrindo:

— Já me ia esquecendo. Vão jantar todos lá em casa amanhã.

Nazaré estranhou o convite:

— Todos? Que é que há no Pinga-Fogo? É festa?

— É o aniversário do papai.

— Essa agora! bradou o Pinheiro com uma palmada na testa. Que memória a minha! Pois eu tenho tudo isto anotado.

Abriu a gaveta da banca, tirou um registro, folheou-o:

— Exactamente, vinte e um de Dezembro, está aqui. Onde ando eu com a cabeça? A senhora caíu do céu, d. Josefa.

Pôs um linguado sobre a pasta e entrou a redigir vagarosamente.

— Às quatro horas, acrescentou a Teixeira. Um cento, reverendo, com envelopes. Quatro horas.

Despediu-se mostrando os dentinhos brancos. D. Priscila Fernandes também nos deu um sorriso trombudo. E partiram.

— Era o que faltava! exclamou Isidoro. Deixar de publicar o aniversário do Vitorino, um amigo!

Apanhou sorrateiramente o dicionário e, com êle nas pernas, fêz uma consulta rápida. Emendou a última linha e chamou o compositor:

— Sargent, olhe isto. Entrelinhado, corpo dez, no princípio das *Sociais*.

O tipógrafo calculou:

— Não há espaço. Estão impressas três páginas. Não há espaço. Salvo se eu retirar o anúncio dos calos.

— Retire, concordou padre Atanásio. O anúncio dos calos é pequeno, não serve de nada. Retire o anúncio dos calos.

— Como ia dizendo, recomeçou o dr. Liberato, o útero...

— O doutor já disse, atalhou Nazaré. Órgão da gestação. Isso mesmo, em forma de pêra, o doutor já disse.

E quis saber de quem era o artigo sobre a caridade que saíra no domingo anterior. Como não era de nenhuma das pessoas presentes, achou aquilo, com franqueza, um disparate.

— Exagêro, opinou Isidoro. O artigo está bom, o autor conhece gramática.

— Quem se importa com gramática? O fabricante daquela xaropada é um idiota.

— Porque defende a caridade?

— Por tudo. Um fonógrafo.

— Mas a caridade... arriscou padre Atanásio.

— Os senhores são incoerentes, gritou Nazaré. No mesmo número vinha uma coluna reclamando a intervenção da polícia contra a mendicidade. Reclamação justa, porque enfim todos nós reconhecemos... Nada disso, padre Atanásio. Que préstimo tem essa gente?

Como a coluna havia sido feita por mim, achei o tabelião Miranda um sujeito de senso.

— Que utilidade tem essa récua? prosseguiu êle. Eu queria ver tudo morto. Pode ficar tranqüilo, não se perdia nada. A eutanasia...

Mas o dr. Liberato se declarou inimigo da eutanasia. Abusou de expressões científicas e alegou a fragilidade dos conhecimentos humanos. Nazaré, que escutara esbrugando o polegar com os dentes, aplicou-lhe, quando êle se calou, razões desconcertadoras. Embrenharam-se numa discussão difícil, e ninguém os pôde acompanhar. Isidoro rabiscou um pedaço de papel, escondeu-o no bolso, e o vigário, que examinava pensativo a cabeleira revôlta do médico, aproveitou uma brecha na polêmica, manifestou-se:

— Tudo isso está muito bem, mas, digam lá o que disserem, a caridade é a caridade, e ninguém me tira disto. Os senhores não ignoram que o Evangelho... Perfeitamente, o Evangelho, e porque não? O Evangelho! Uma revista que li... Afinal a revista não influi no caso. Mas veja a história da mulher adúlera, seu Miranda. Veja a cena em casa de Simão, o fariseu. Veja o bom samaritano.

— Qual fariseu! bradou Nazaré. Qual samaritano! Não há samaritano, o que há é uma súcia de vagabundos que exploram a gente e merecem cacete. E chegou a propósito o Nicolau Varejão, que vai falar sobre o bom samaritano.

— Hem? que samaritano? inquiriu Nicolau Varejão entrando. Quem é êle?

— Um bodegueiro que mora na banda de lá do açude, explicou o Miranda. Existiu antigamente na Palestina e forneceu assunto a S. Lucas. Mas faz muito tempo, foi noutra encarnação.

Nicolau, que tem mês do vigário, não gostou da pilharia e enrugou a cara, resmungando evasivas covardes. Não conhecia S. Lucas, sempre fôra bom católico, assim Deus o ajudasse, e espiritismo era com o farmacêutico.

Padre Atanásio encarou-o erguendo os ombros, mas nós o acolhemos ruïdosamente. Isidoro deu-lhe a cadeira e sentou-se na mesa. Porque se estava vendendo tão caro? A presença dêle naquela casa era uma necessidade para todos, era como um banho de alegria que a alma da gente tomava. Ouvindo falar em banho, olhei as mãos de Nicolau, horrivelmente sujas.

— É bondade dos senhores, fêz êle já desanuviado, escanchando-se na cadeira, cruzando os braços sobre o encôsto. Que vale um pobre como eu?

— Modéstia! gritou Isidoro. O senhor tem uma imaginação baita. Ia agora contar aos amigos aquilo de ontem à noite, no Bacurau. Fiquei impressionado, seu Varejão.

— Sim? Acudiu Nicolau radiante. Pois eu apenas repeti as informações dos jornais. Foi um caso divulgado, rolou por este Brasil todo. Os senhores com certeza leram. *O Correio da Manhã*, *o Estado de S. Paulo*, outro de nome arrevesado, publicaram. E eu, que não gosto de propaganda, até me acanhei.

— Conte lá isso, pediu Nazaré.

— Já vocês começam, intrometeu-se o vigário, incapaz de zombaria.

Ninguém lhe deu ouvidos.

— Vamos, tornou o Miranda.

Nicolau Varejão tomou a palavra:

— 1922 foi um ano safado, o princípio dessa encrenca de revolução. O tempo que passei no Rio...

— Esteve no Rio? inquiriu o dr. Liberato.

— Em 1922. Fui vender papagaios. Garantiram-me que era bom negócio, mas a bordo morreu tudo. Papagaio a bordo morre, é um bicho desgraçado para morrer depressa. Desembarquei com o bôlso limpo e não pude ganhar dinheiro para voltar. Andei por lá uns meses, de tanga, procurando passagem, cemendo na banda podre. Veio o furdunço. E, como não tinha que fazer da vida, peguei no pau-furado.

— O senhor entrou na revolução? perguntei.

— No forte de Copacabana. Estava mesmo disposto a suicidar-me. A bandeira cortada, lembram-se? Os jornais publicaram. Quando os rapazes saíram da fortaleza, eu ia na frente, com um pedaço de pano amarrado no braço. *Ordem e Progresso*, imaginem. Aqui, no braço direito. Já viram algum combate?

Não, graças a Deus.

— Então não fazem idéia. As balas choviam por toda a parte: zum, zum, zum... Depois da briga, apanharam um bando de alqueires delas. Os senhores devem ter lido.

Ninguém tinha lido. E o resto?

— Ah! Foi o diabo, por detrás dos sacos de areia. Matámos soldado à bessa. Caíam às pencas, nunca vi tanto desfunto. Só deixei de atirar quando não tinha força no dedo para puxar o gatilho.

Acendeu um cigarro.

— Findo o combate, deitaram-me na padiola. Mais de cinqüenta ferimentos. Aqui por cima não, mas da barriga para baixo era uma pencira. Nem sei como escapei. O Calógeras, que estava junto, segurou-me a cabeça e recomendou: "Cuidado com o homem". No dia seguinte o Epitácio visitou-me no hospital e repreendeu-me: "Pois você, seu Nicolau, um sujeito de coragem, virar maluco!" E eu respondi: "É verdade, seu presidente, o mundo é um pau com formigas". Os senhores não leram nas fôlhas?

— Espere! atalhou o dr. Liberato. Assim é de mais. Isso foi com o Siqueira Campos.

— O Siqueira Campos? replicou o herói indignado. Então o senhor não leu a *Gazeta de Notícias*. Foi comigo. O Siqueira Campos! Tinha graça. Ele também andou lá, bom camarada, valente como cachorro doido. Aí está uma prova.

E deu as costas.

— Que prazer sentem vocês em bulir com essa criatura? disse o vigário. É uma falta de caridade. Ora vejam. Estávamos falando de caridade.

— Não sei, padre Atanásio, respondi. Gosto dêle. E tenho a impressão de que tudo aquilo é verdade.

— Talvez seja, murmurou Nazaré. Talvez seja uma verdade como as outras.

— An! grunhiu Isidoro.

E olhou com ar enfatiado as biqueiras dos sapatões quarenta e dois. O tabelião e o doutor embrenharam-se numa cavaqueira cerrada. O reverendo escutava com os bugalhos atentos fixos nêles, balançava a cabeça, diligenciando compreender. Achei a conversa muito filosófica, pensei em Adrião, despedi-me, arrastei o Pinheiro, que estava quási a dormir.

Acenderam-se as lâmpadas da iluminação pública.

— Preciso fazer um brinde amanhã, no jantar do Teixeira, rosnonou Isidoro. Que palavras esquisitas êles arranjam!

Tirou do bôlso um papel, chegou-o aos olhos:

— Que diabo quer dizer eutanásia?

Eu também ignorava.

XII

QUANDO me ia acabando de vestir para o jantar de Vitorino, Isidoro entrou, já pronto:

— Descobri agora que o Pascoal esqueceu o italiano. Esqueceu tudo.

Pascoal, zangado, gritou do quarto que ainda se recordava de *sporco, vigliaco, birbante*. E para demonstrar melhor os seus conhecimentos, largou-lhe uma expressão obscena, em italiano também. Isidoro, óptimo, sorriu sem se ofender e pôs-se a escovar as abas imensas do chapéu. Avivou o lustre dos sapatos com uma camisa que encontrou num canto e penteou-se, puxando para a testa os cabelos, que lhe vão escasseando. Depois chegou à porta:

— O dr. Liberato já veio, d. Maria?

— Não senhor. O Xavier diz que a moça está pior.

— Que diabo! exclamou Isidoro. Um companheiro de menos, um companheiro tão bom! E não preparei o brinde. Falo de improviso. Você não acabará de amarrar essa gravata, homem?

— O doutor não vai?

— Julgo que não. Está em casa do Mesquita. É por causa da Guiomar, que adoeceu. Tenho pena do Mesquita, boa pessoa. Fizeram-lhe muita picuinha, muita canalhice. Política é uma desgraça. Você está pronto?

Saímos. Quando dobrávamos a esquina da padaria, Isidoro quis ir ao Bacurau, comprar cigarros. Lá chegando, sentou-se, consultou o relógio, pediu conhaque. E, emborcando o cálice:

— Que é que eu digo no improviso? Dê-me uma idéia, estou inteiramente ôco. Uma sugestão qualquer. Não? Que maçada! E eu que desde ontem tinha o projecto de escrever o diabo do brinde! Acabou-se, fica para o ano vindouro, se o Vitorino fôr vivo.

— Maçada vamos agüentar lá, que os jantares dêle são fúnebres. A mulher paralítica, e tudo escuro, tudo fechado...

— Isso é quando a d. Josefa não está aí. Agora que veio do colégio é outra coisa. A propósito, você viu como a Teixeira voltou bonita? Sim senhor, um pancadão. Isto de saias eu conheço bem. Cada perna!

— Deixe as canelas da moça, devasso,
E levantei-me,

— Espere aí. Ainda faltam quinze minutos. Bacurísimo amigo, traga também cigarros. Este conhaque é uma infâmia. Ponha tudo na conta. E êstes cigarros estão furados. Não tem outros aí com menos buracos? Não tem? Vamos lá, seu Valério.

Na rua acendeu um cigarro, deitou fora, acendeu outro, tornou a deitar fora, acendeu o terceiro:

— Pois, menino, aquilo é um femão. A cara, os braços, com os diabos! E as pernas são bonitas, palavra, que eu ontem reparei. Até fiquei entusiasmado, homem!

A entrada do Pinga-Fogo encontrámos Adrião e Luísa.

— Vão ao jantar? perguntaram.

— Vamos ao jantar.

E senti um baque no peito. Retardámos o passo, acompanhando a marcha claudicante de Adrião. Procurei debalde uma palavra, e o Pinheiro, que entende bem de saias, mas não sabe falar com senhoras, gaguejou:

— Como vai o sapateiro, d. Luísa?

— Mal, coitado. Andam com uma subscrição para êle.

Fôra ela que sugerira a subscrição e dera quâsi tudo. Na véspera eu a tinha visto entrar sorrateiramente na oficina do desgraçado, com Zacarias prêto, que levava um pacote.

— Creio que somos os últimos, observou Adrião quando chegámos.

Havia lá dentro um rumor de conversações misturadas.

— Não se perde nada com a falta do meu brinde, sussurrou-me o Pinheiro. Está cá o Barroca, temos falação na mesa, que aquêle diabo nasceu para discursador.

Realmente Evaristo Barroca, cercado, em evidência na sala cheia de flores, explicava a padre Atanásio que a sã política é filha da moral e da razão. Recuei um pouco para deixar livre a passagem ao casal Teixeira:

— Eu já li aquilo. Você sabe de quem é aquilo?

— O quê? A sã política? É dêle, respondeu Isidoro.

O Barroca tem inteligência, tem cultura.

Entrámos. E a nossa presença quâsi passou despercebida entre as efusões com que rodearam Luísa, Adrião, um sujeito gordo e moreno que surgiu logo depois. Evaristo dispensou-me um acolhimento protector, muito de cima para baixo, e eu me senti humilhado.

Evitei-o bruscamente e fui dizer a Vitorino que o dr. Liberato estava em casa do Mesquita.

— Jantar em casa do Mesquita?

— Não, doença da filha.

Houve um rápido silêncio de constrangimento. E foi Evaristo que o quebrou lamentando, em tom de grande mágoa, o desagradável acontecimento que eu havia noticiado. Asseverava, sempre asseverara, que Fortunato Mesquita, como particular, era um cidadão de conduta irreprochável. Gravei na memória esta palavra, para procurar a significação dela no dicionário, e aproximei-me de um grupo de moças, pedi informações sobre a saúde de d. Mariana.

— Assim, assim, na cama, respondeu a Teixeira com desconsôlo.

Em seguida, movendo o braço roliço carregado de aros, cobras de ouro que tilintaram, repreendeu-me com o dedinho erguido, lembrou-me que fazia um mês que viera do colégio e ainda não me vira ali. Quando se resolvia o senhor Diversos a Diversos a deixar de ser ingrato?

— Diversos eu, d. Josefa? Sou apenas um, infelizmente. Se fôsse ao menos quatro, ficava muito bem, entre as senhoras.

E mostrei as outras: Marta Varejão, coberta de panos, Clementina, que se derretia para o sujeito gordo, d. Priscila Fernandes, carrancuda. Reflecti um momento e, em falta de objecto melhor, joguei d. Engrácia na conversa. Estava lá dentro, com Luisa, em visita a d. Mariana.

A Teixeira pediu licença para ir dar uma vista à mesa. Marta chegou-se ao piano, começou a remexer músicas.

E veio-me à lembrança uma noite de Fevereiro, cheia de movimento e doidice, com automóveis rolando no Quadro, a arrastar longas fitas de serpentinas, foliões invadindo o teatro, numa algazarra dos demônios. Nessa noite de carnaval derramei no pescoço de Marta um lança-perfume, e ela me disse qualquer coisa em francês a respeito da facilidade com que se juntam as pessoas que se assemelham. Não atinei logo com o sentido na frase; depois julguei perceber uma alusão à semelhança que talvez exista entre mim e ela. Passados alguns dias, encontrei uma resposta que podia ter aplicado. História velha. Já lá iam dez meses.

D. Priscila desfranziu a tromba, expôs a dentuça a Clementina, achou por condescendência a cidade encantadora. Olhei com agrado os beiços vermelhos de Marta, bons para morder, e, atraído por um sorriso, acerquei-me dela, perguntei-lhe se se tinha divertido muito no baile da prefeitura. Respondeu-me que agüentara três horas de insipidez medonha. Baixou a voz. Só houvera lá basbaques, quase tudo gente idosa, sisuda. Desembaraçava-se da circunspeção que a mascara:

— A única pessoa com quem me entretive foi o Monteiro, que discorreu sobre orçamentos.

Disse que não dançara, não tolerava as danças modernas. É a madrinha que lhas não consente, mas persuadi-me de que estava diante de mim uma criatura pudica em excesso. Contou que Nazaré tinha tomado um pileque. Reparando em Clementina, interrompeu-se, mostrou na parede um quadro com um palácio, um canal e uma ponte, falou em Marino Faliero, que não sei quem foi.

D. Engrácia apareceu e, vendo-nos juntos, farejou de longe. Marta puxou a manga, cobriu quatro dedos de pele que lhe ficavam à mostra. Nisto avistei Luísa perto de nós, ligeiramente pálida, e notei-lhe no rosto uma expressão que me deixou sucumbido.

Que lhe fiz eu, santo Deus? Dei um passo para ela, furtei-me às amabilidades de Marta, que me oferecia um romance por empréstimo, óptimo romance, publicação do Centro da Boa Imprensa.

A voz fanhosa de Vitorino, todos se levantaram. Atravessei o corredor, desesperado. Mulher incoerente, ora pelos pés, ora pela cabeça. E arrependi-me de haver atendido àquêle convite idiota. Era melhor ter ficado em casa, trancado no quarto, de pijama. Instintivamente, esquivei-me à companhia de Marta. E ouvia, nauseado, a dissertação do Barroca sobre a diferença que existe entre um governo moral e um governo imoral.

O sujeito gordo arreliava-se com o Miranda:

— Mas eu escrevi aquilo porque está no artigo 39, senhor. É do código.

E o tabelião, apaziguando-o com um gesto da mão aberta, um pouco trêmula:

— Pois muito bem. Eu julguei que fôsse engano. Desde que está convencido... Se tem certeza de que é do código...

— Certeza absoluta.

— Deve ser isso mesmo.

Quando me sentei à mesa, procurei os olhos de Luísa. Parecia nervosa, com o rosto coberto de sombras, os beiços franzidos, uma ruga na testa. E respondeu distraídamente a um desconchavo amável que padre Atanásio lhe endereçou.

— Nunca entro aqui, disse Evaristo Barroca, sem evocar aquêles homens antigos, aquêles varões austeros da conquista, os precursores da raça.

Palanfrório reles e postiço, de dar engulhos. Era a reprodução quase literal de um dos períodos enfunados em

honra do Mesquita. Mas o vigário gostou, falou nos patriarcas, em Abraão, em Jacob. O sujeito gordo, impressionado, articulou qualquer coisa que ninguém entendeu, confessou que Vitorino tinha muita semelhança com Abraão. Nazaré interrompeu-o alegremente. Abraão era um cavalheiro de nariz em arco, grandes barbas e cabelos compridos, adorava Jeová e vestia saia. De mais a mais a gente do tempo dêle trincava o gafanhoto, no chão, de pernas cruzadas.

— E a comparação do dr. Barroca também não é justa. Esses varões de outras idades, uns brutos, comiam com os dedos, de mangas arregaçadas, em alguidares de barro, e esvaziavam enormes cangirões, bebendo em copos de chifre. Creio que eram como os fazendeiros sertanejos, que jantam em camisa e ceroulas, cortando a carne a facão e batendo o osso corredor a macete. Tudo aqui é diferente. Não há semelhança nenhuma.

E mostrou a mesa, onde flores punham nos vidros uns tons rosados:

— Quem se importava com flores naquele tempo?

O sujeito gordo concordou, limpando a boca. Tudo era diferente, na verdade, e antigamente não havia flores.

Tinha-se acabado a sopa. Aquêle indivíduo me intrigava. Dirigi-me à vizinha da direita:

— Quem é aquêle homem moreno, d. Clementina, lá na ponta, ao lado da professora?

— É o dr. Castro.

— Que significa o dr. Castro?

— Promotor, chegou há dias, parente do dr. Barroca.

Serviram um prato que não pude saber se era peixe ou carne, fatias desenxabidas em molho branco. Evaristo iniciou um palavreado sonoro, em que de novo encaixou a sã política filha da moral e da razão, mas a frase repetida não produziu efeito. Apenas o promotor balançou a cabeça e rosnou um monossílabo aprobativo. Evaristo queria eleitores conscientes, uma democracia verdadeira. Procurei pela segunda vez os olhos de Luísa, e, não os encontrando, declarei com aversão que a democracia era blague.

— Porquê?

Naturalmente porque Luísa estava amuada. Mas julguei este motivo inaceitável e perigoso: recorri a outros, que o deputado inutilizou com meia dúzia de chavões. Vitorino disse que não votava, tinha rasgado o título, achava que eleição era batota. E não compreendia o empenho do dr. Barroca em aliciar eleitores:

— Tendo quatro soldados e um cabo, o senhor tem tudo.

O dr. Castro reconheceu que os soldados e o cabo eram de grande eficiência:

— Ora, a força do direito... isto é, o direito da força... Afinal os senhores me entendem.

— Que diz aquêle sujeito, d. Josefa? perguntei à vizinha da esquerda.

A Teixeira teve pena dêle, quis saber se se dera bem na cidade, se tencionava ficar aqui definitivamente. Adrião, Vitorino, padre Atanásio, interessaram-se também. E o dr. Castro, radiante, soltou o garfo, tomou o copo, falou da sua pessoa, dos seus gostos, da sua instalação provisória em casa de Cesário Mendonça.

— Muito hospitaleiro, muito simples. Não tem orgulho, apesar de ser rico. E traz tudo num arranjo admirável: despesa enorme, pomar, biblioteca... E a mulher, as meninas, umas pérolas. Creio que estou bem lá, enquanto espero que o Monteiro me alugue casa.

Mas já ninguém se importava com o promotor, voltavam-se todos para Evaristo, que agora preconizava o esclarecimento das massas, governadas por uma elite de gênio.

— Mas como é que o povo aprende, se os senhores não ensinam? perguntou o reverendo com acrimônia.

Andava indignado contra a ignorância depois que a tiragem da *Semana* baixara de mil e duzentos para oitocentos números. Evaristo Barroca, modesto, retirou-se dentre os governantes, encolheu-se na cadeira, fêz-se pequeno.

As garrafas esvaziavam-se. Havia agora animação na sala. As senhoras, livres do constrangimento do princípio, tagarelavam com desafôgo: risos, sussurros, gestos familiares, perguntas e respostas desencontradas, cruzavam-se. D. Engrácia referiu ao Pinheiro a cura milagrosa de umas sezões que trouxera de Passo-de-Camaragibe, cura realizada em virtude da promessa de seis velas ao S. Sebastião de Maria Quebra-Unha. Clementina, passando o braço pelo encôsto da minha cadeira, mexeu no ombro de d. Josefa. Marta descreveu ao Miranda a entronização do Sagrado Coração de Jesus em casa de d. Emiliana Teixeira.

— O colégio do Coração de Jesus? informou-se d. Priscila.

— Uma entronização, ontem, festa de muita piedade.

Tinha os olhos baixos. E eu lembrei-me do que ela me havia dito em frente do livro das músicas, cobrindo pudicamente cinco centímetros de braço, com gatimonhas de em-

beiçar a gente, metendo na conversa, fora de propósito, o Marino Faliero. Que sonsa!

— Em poucos anos apanha os quinhentos contos da vila, disse comigo. O Pinheiro acertou. Quem terá sido o Marino Faliero?

Nazaré absorveu dois copos de vinho e atacou o Barroca:

— Isso de liberdade é pilhória, doutor. Não precisamos liberdade, precisamos cacete. Foi assim que sempre governaram, e assim vai bem. Gostamos de levar pancada. Veja como admiram por aí os bandidos do Nordeste. E a instrução, para que serve instrução à canalha?

— Se tem isso em conta de novidade... interrompeu Evaristo.

— Não senhor, retrucou o tabelião, ressentido. É coisa corriqueira, mas as suas idéias também são do tempo da pedra lascada.

E tornou a beber.

— Exactamente o que eu estava pensando, gritou o dr. Castro. É isso, idéias antigas. Arecio as idéias antigas, percebem?

Evaristo defendeu o ensino obrigatório e, sem fazer caso da observação do Miranda, surripiou um período de Victor Hugo. O dr. Castro aplaudiu ruídosamente:

— É claro, não há dúvida. Necessitamos luz, muita luz.

— Com miolo de pão? perguntou Clementina.

— Com miolo de pão, respondeu d. Josefa. Miolo de pão, goma-arábica e tinta. Também se faz com papel machucado na água.

— O senhor é o presidente da junta escolar?

O dr. Castro confessou que estava na presidência, infelizmente, e que aquilo era uma espiga. Mapas todos os meses, atestados, um horror de professoras e inspectores rurais, informações à directoria e obrigação de visitar escolas. Ele, graças a Deus, nunca tinha entrado em nenhuma.

Com o olho vivo, Nazaré dizia ao Barroca:

— Sim senhor, mas tudo isso é leria. Quando o nosso matuto tem um filho opilado ou raquítico, manda domesticá-lo a palmatória e a murro. O animal aprende cartilha e fica sendo consultor lá no sítio. Torna-se mandrião, fala difícil, lê o *Lunário Perpétuo* e o *Carlos Magno*, à noite, na esteira, para a família reunida em torno da candeia. Qual é o resultado? A primeira garatuja que o malandro tenta é uma carta falsa em nome do pai, pedindo dinheiro ao proprietário.

Evaristo achou aquilo um exagero evidente, o outro jurou que era verdade.

— Pois se é verdade, a culpa deve ser do ancilóstomo. Que mal pode fazer a leitura?

Mas Adrião, que estivera calado, distraído e murcho, afigou devagar a careca, declarou que dos matutos que ele conhecia os melhores eram os analfabetos:

— O roceiro que soletra tem vergonha de pegar na enxada.

— A senhora passa aqui as férias?

— Passo. Fico até meado de Janeiro, disse d. Priscila. Vim um pouco adoentada. E como o clima é bom...

— Que vem a ser este prato, d. Josefa? perguntou Isidoro.

— Um caruru com muita pimenta.

— Ah!

E acrescentou:

— Que pena não estar aqui o dr. Liberato! Para entender de caruru, vatapá, essas trapalhadas da Baía, não há outro.

Evaristo reconheceu que saber ler, simplesmente, era com efeito pouco.

— A educação religiosa... lembrou padre Atanásio.

— A educação profissional.

— Aqui não há disso, atalhou Nazaré com voz trôpega.

E como a que temos não presta e a que poderia servir não vem, era melhor que não houvesse nada.

— Apoiado! exclamou o presidente da junta escolar. O senhor parece que adivinha os meus pensamentos. Tem razão. Exactamente o que eu estava pensando, comprehende?

— A educação religiosa... aventurou novamente o padre.

— A educação religiosa, decerto, ecoou o presidente da junta escolar. A educação religiosa é o suco.

— Não serve de nada, balbuciou o tabelião com a língua perra.

E encheu o copo.

— Porque não serve? bradou o reverendo. Isto é muito sério. Na Idade Média... Sim, perfeitamente, não é só balançar a cabeça. Diz um grande filósofo... creio até que é um santo... Deixemos o santo. Essa corja que o senhor admira, êsses Nietzsche, êsses Le Dantec, o outro demônio, como é o nome dêle, meu Deus? Esqueci. Um alemão, um tipo conhecido, que escreveu muito livro sobre coisas miú-

das... Como se chamam? Células? Tôda essa gente... Que é que o senhor ia dizendo?

Nazaré, que se esforçava por não adormecer em cima da sobremesa, levantava as pálpebras com dificuldade e tinha os pêlos do queixo quási tocando o prato, ergueu lentamente a cabeça, passou os dedos de grossos nós pelos olhos turvos, pela testa coberta de suor. Ficou um instante atentando no vigário como se o não conhecesse, depois gaguejou, arregaçando os braços, mostrando os dentes amarelos e acavalados, num sorriso idiota:

— Ah! sim... a educação religiosa. Não vale nada.

— Está pronto, murmurou Adrião.

Padre Atanásio calou-se, fêz uma carranca de rigor e desprezo ao adversário, tomando talvez aquéle deplorável estado como prova de que tudo quanto o outro havia dito em sessenta anos era êrro e iniqüidade. Recebeu a xícara de café, esvaziou-a em discussão muda com uma figurinha de japonesa que tinha a cabeça crivada de palitos. E, arredondando os bugalhos:

— Então o julgamento do Manuel Tavares foi adiado, hem?

— Isso! confirmou Adrião em voz baixa, deitando uma olhadela de través ao Barroca. Protectores fortes. E indignação geral. Adiaram. Na sessão vindoura o homem é absolvido.

— Ora muito bem, conversámos lindamente, exclamou o dr. Castro quando as senhoras se levantaram. Eu gosto destes assuntos...

Agitou a mão como se quisesse agarrar um adjetivo.

— Filosóficos, sugeriu Adrião.

— Exactamente, filosóficos, era o nome que eu tinha debaixo da língua. Um debate magnífico.

— Pois, menino, segredou-me Isidoro puxando-me para uma janela, êste promotor não fala mal. Aquilo deve ser um orador feroz no júri. E o Miranda é levado da breca. O que está é meio fisgado. Eu não entro em conversas fundas, mas ouço com satisfação. Outra coisa: você reparou nas pernas da Teixeira? Diabo! Parece que também estou bêbedo.

Afastou-se, lento e aprumado. Era noite, apareceram luzes. Fiquei ali dez minutos, fumando, ouvindo a grulhada das mulheres. Porque se havia Luísa conservado em silêncio? Passou-me pelo espírito aquéle olhar que fuzilara um instante e logo esmorecera. Sem relacioná-lo com as palavras

trocadas junto ao piano, odiei Marta Varejão. A cabeça baixa, a manga até o pulso!

Como os outros, findos os cigarros, se retirassem, acompanhei-os. Entrei na sala com a esperança de encontrar expressão diferente no rosto de Luísa. Estava sentada no sofá, escutando padre Atanásio, que lhe impingia o hospital de S. Vicente de Paulo e a Pia União das Filhas de Maria. Quis acercar-me, mostrar amabilidade, e só achei em mim confusão e desespéro.

— Veja que desgraça, veio dizer-me Isidoro. Não fiz o brinde, ninguém fêz brinde. Tanta lorota, e esqueceram o essencial. Nem o Barroca, nem o Miranda, nem o promotor...

— Você ainda me vem falar nessa bêsta, homem?

E responsabilizei o dr. Castro pela indiferença de Luísa. Resolvi alinhavar uma desculpa, sair dali, meter-me em casa, arrancar os cabelos. Procurava o chapéu, desejando que o teto viesse abaixo, quando o dr. Castro se achegou, afável, numa tentativa risonha de camaradagem:

— O amigo, se não me engano, é comerciante.

— Não senhor.

— Empregado público, talvez.

— Também não.

— Estudante?

— Nem isso. Com licença.

Dirigi-me à Teixeira, que entrava com um bandolim:

— D. Josefa, o meu chapéu... A senhora sabe?

— Para quê?

— Tinha necessidade de retirar-me.

— Não há necessidade. Ninguém sai antes das dez horas.

— É que estou meio doente. Se a senhora tivesse a bondade...

— Não há bondade. Cura-se dançando. Para o piano, Marta.

E obrigou-me a dançar com d. Priscila. O promotor deu o braço a Clementina, Luísa recusou Isidoro, pretextando enxaqueca. Depois o Barroca foi para o piano, a Teixeira desafinou o bandolim, arranjaram-se outros pares. A um convite silencioso de Marta sorri constrangido, declarei que o jantar tinha sido irreprochável. E abandonei-a ao Pinheiro, fui para o jardim, fazendo tenção de consultar, quando chegassem a casa, o dicionário.

Sentando-me num banco, muito tempo fiquei a olhar os canteiros. Onde estaria Luísa, que desaparecera depois da

enxaqueca? Talvez lá para dentro, com a cunhada paralítica, ensinando-lhe remédios ou lendo a correspondência do padre Cícero, que a boa senhora recebe com regularidade. Ainda espera arribar, coitada, com as receitas do padre Cícero.

Voltou-me de chofre o sentimento que me havia assaltado, um ódio insensato a Marta, ao Coração de Jesus da viúva Teixeira, a Marino Faliero, que está escondido no palácio do quadro, palácio de Veneza. Finda esta explosão irracional, que felizmente durou pouco, veio-me a recordação do que Luísa me disse uma noite, junto à garça de bronze. Então, como agora, a lua vagabundeava lá em cima, o vento agitava a folhagem dos tinhorões. Mas quanta diferença em mim!

Tinha recebido mais, muito mais do que desejava, e em consequência as minhas esperanças haviam crescido. Tencionava poder um dia, com o consentimento dela, apertar-lhe as mãos, correr os lábios por aquêles dedos brancos e finos, pelos braços, até o cotovelo. Em momentos de optimismo aventurei-me a chegar à espádua. Não era uma aspiração demasiado exigente, e eu punha tanto respeito nela que excluí a idéia de que aquilo constituísse uma traição ao Teixeira. Decidi logo que um homem tão prático não havia ainda babujado o braço de Luísa e que pelo menos esta parte do corpo dela não lhe pertencia. Convicção idiota, evidentemente. Eu me contentava com o braço — e achava excessivo. Uma felicidade imensa. Era assim que eu dizia comigo mesmo. Julgava assentado que Luísa se conservaria perfeitamente honesta. E que eu seria perfeitamente feliz. Aqui tudo se tornava confuso, nenhum pensamento claro me acudia. Porque a felicidade perfeita dferia da outra, imensa, e então comprehendi que as coisas indistintas do meu espírito destoavam dos nomes que eu lhes dava. Enfim, agitado por desejos oscilantes, deixei-me arrastar.

E vinha-me aquêle olhar agudo, aquêle rosto carregado. Talvez estivesse arrependida de me haver mostrado um pequeno sinal de afeição. Não sei. Que entendo eu, pobre rapaz, da alma caprichosa das mulheres? Imaginei, num deslumbramento, que Luísa gostava de mim e tinha ciúmes. Isto me pareceu exorbitante. E pedia-lhe de longe que me dissesse: "Vem". Ou que me repelisse: "Deixa-me". Que me livrasse enfim daquela angústia demasiado intensa para o meu pobre coração.

— Pois você está aí, homem? gritou Vitorino. Venha beber café.

Lá em cima ainda esperei encontrar Luísa transformada.
Não a vi.

— Que fêz o senhor tanto tempo no jardim, e só? perguntou-me d. Josefa. Pensei que se tivesse escapulado sem chapéu.

— Não senhora. É que lá é mais fresco.

Retirei uma xícara da bandeja, sentei-me no sofá. Nazaré, que agora tinha a língua destravada, também se sentou, alegre.

— Ouça, disse-me enroscando-se num movimento felino, o gesto onduloso que a filha tem quando vê homem.

Os olhinhos de víbora brilhavam-lhe, e uma expressão de malícia banhava-lhe o rosto:

— Imagine que o dr. Castro escreveu num libelo: "Provará que o réu cometeu o crime contra ascendente, descendente, cônjuge, irmão..."

— Mas eu já me expliquei. É assim que está no artigo 39, exclamou o dr. Castro, que se tinha aproximado sem ser visto. Escrevi assim porque é do código.

Nazaré perturbou-se um instante. Depois, tranqüilo:

— Ah! O senhor estava aí? Tem realmente certeza de que é do código? Não haverá engano?

— Não senhor. Está assim, ipsis-verbis, no artigo 39, parágrafo nono, entende como é?

— Ah! Se está no artigo 39, é outro caso. Eu supus que fôsse equívoco. Deve ser isso mesmo.

XIII

NO DIA seguinte o dr. Liberato, que passara a noite em casa do Mesquita, contava-nos, cheio de sono, o estado de Guiomar. Quando findou, depois de empregar uma chusma de térmos esquisitos, o Pinheiro, sombrio, rosnou:

— Que tem ela?

No mesmo instante Zacarias chegou, em busca do médico:

— Foi a sinhá que mandou chamar.

— É ela que está doente? fiz eu com um arrebatamento que espantou d. Maria José.

— Não senhor. É seu Adrião, que não pôde dormir.

— Porquê? balbuciou o Pinheiro.

Zacarias não soube informar. Devia ser coisa por dentro: por fora não se percebia nada.

— Está aí! gaguejou Isidoro, sucumbido. Vejam que coincidência.

O doutor entrou no quarto e voltou com a bengala, o chapéu, o estetoscópio. Dispus-me a acompanhá-lo:

— Não vem, Pinheiro?

— Parece que não. Vou tomar um vomitório.

E, tentando apoderar-se do estetoscópio:

— Doutor, tenha a bondade de examinar este coração.

— Não há pressa. Fica para a volta.

— Está direito. Pois esperem, faço um sacrifício. Amigo é para as necessidades, como diz o Anatole France.

Um minuto depois apareceu, abotoado no jaquetão preto, o chapéu desabado cobrindo-lhe as orelhas:

— Vamos cumprir este dever.

Defronte do casarão topámos o Neves, que saía:

— Não há perigo. Mandaram à farmácia buscar remédios de madrugada. Vim ver. Tudo bem.

— Até logo, exclamou Isidoro. Não precisam de mim. Volto. Vou daqui direitinho para a cama.

Lá dentro cumprimentei Vitorino, d. Josefa, d. Engrácia, o dr. Castro. Encontrei Luísa à entrada do corredor, com os olhos vermelhos e despenteada.

— Como vai êle?

— Melhor.

E introduziu o médico na alcova, onde Adrião arquejava, recostado a uma pilha de travesseiros. Pela porta entreaberta distingui sobre a mesa da cabeceira copos, colheres e um crucifixo.

— Então, d. Josefa, como foi isso? perguntei à Teixeira.

— Nem sei, com aquela balbúrdia. Às onze horas ouvimos pancadas, berros. Papai abriu, assustado. Era Zácarias a gritar que seu Adrião estava morrendo. Imagine como nós ficámos. Eu nem pude arranjar-me, saí de chinelos.

E mostrou o pé número trinta e três, coberto de sêda creme. Fui com a vista acima do pé, naturalmente. O Pinheiro tem razão: é uma linda perna.

— Imagine como eu fiquei, disse o dr. Castro, que se avizinhara, familiar. Logo pela manhã, antes do banho, uma notícia assim. Que presente!

— Quando chegámos, continuou a Teixeira recolhendo a perna com agrado, Luísa estava numa aflição.

— Ah! Se eu soubesse! atalhou o dr. Castro. Teria vindo passar a noite aqui, oferecer os meus préstimos.

E, a um gesto de agradecimento da moça:

— Vinha, não tem que agradecer. Eu sou lá homem para deixar um camarada morrer só? Se não servisse pa-

ra mais, havia de servir para deitar-lhe a vela na mão. Comigo é isto. Vinha.

— E depois que a senhora chegou, d. Josefa, que horror, hem?

— É verdade. Opressão, tonturas, náusea. A d. Engrácia, que apareceu por aí (não sei como adivinhou), foi acordar o vigário, trouxe um crucifixo. O papai em ocasiões de aperto desanima.

— Não somos nada neste mundo, murmurou o dr. Castro.

— É coisa de cuidado, doutor? perguntei ao médico, que saía do quarto.

— Tem ainda um resto de dispnéia, mas creio que não há perigo por enquanto. Se não sobrevierem complicações...

E falou. O dr. Liberato não perde ensejo de gastar palavrado difícil.

— Posso ir vê-lo?

— Pode.

Achei Adrião muito fatigado pelo esforço que havia feito. No pescoço, onde a pele amarelenta caía em dobras, os ossos avultavam. As pulsações da carótida percebiam-se de longe.

Uma vela acabava de extinguir-se no castiçal, havia um cheiro enjoativo de éter.

Luísa, sentada à beira da cama, passava um lenço pela testa viscosa do marido, que a olhava com olho duro, quase irritado.

— Então, assim de repente! exclamei. Eu soube agora, pelo Zacarias. Uma surpresa. A d. Josefa esteve contando.

— Uma peste! rugiu o doente. Aqui a acabar-me, sem um diabo que me desse um remédio. De manhã, quando não havia necessidade, a casa encheu-se. Mas no momento do apuro, ninguém. Bate-se o mundo todo atrás do médico. Escondido, no inferno. Sózinho, homem, sózinho!

Luísa baixou a cabeça, sorrindo com tristeza. Adrião era egoísta: não se lembrara da mulher, do irmão, da sobrinha, que se tinham moído a aturar-lhe os arrancos.

— Felizmente de madrugada melhorei um pouco, tive meia hora de madorna. Aí começaram a aparecer intrusos, invadiram o quarto. O farmacêutico... E esse bacharel de uma figura que ninguém conhece.

Interrompeu-se vendo o irmão à porta:

— Vocês abriram o armazém?

O armazém estava fechado.

— Pois deviam ter aberto. Mande chamar os empregados, João Valério.

Vitorino opôs-se. Aconselhei Adrião a que não falasse muito. E afastámo-nos.

— Tudo está óptimo, bradou o dr. Castro quando nos viu. O nosso amigo desta vez ainda vai arriba, entendem?

— Como o acha você? perguntou Vitorino arrastando-me para a varanda.

— Nem sei. O doutor não se explica.

— É o diabo! exclamou Vitorino.

E, a um aceno da filha:

— Ainda haverá novidade? As macacoas dêste homem não deixam ninguém descansar.

Entrou. Acendi um cigarro. Lembrei-me dos serões ali decorridos, recentes, mas que, em virtude das perturbações que eu experimentava desde a véspera, se tornavam remotos e me davam saudade. À luz do dia, a sala era como se fosse outra. Os quadros pareciam ter descido um pouco nas paredes agora menos altas. Na poltrona de padre Atanásio repimpava-se o dr. Castro, de braços cruzados, bochechudo, vermelho, feliz e sem testa.

Olhei a rua. À entrada do Pernambuco-Novo um automóvel parado atravancava a passagem. Uma carroça de lixo, vagarosa, rodava. Ao longe o arrabalde da Lagoa surgia em miniatura, dois renques de casas de boneca encarapitadas lá no alto.

— A sinhá mandou saber se v. mcê. queria almoçar.

Voltei-me. Era Zacarias.

— Como?

— Mandou chamar para o almôço.

— Muito agradecido, respondi furioso.

E desejei despedir-me secamente de Luísa: “Dê-me as suas ordens”.

Fui à alcova nas pontas dos pés: Adrião dormia. Sentei-me à porta.

— Venha almoçar, João Valério, disse Vitorino do corredor.

— Obrigado.

Reflecti com indignação naquele convite.

O médico e o promotor tinham desaparecido. Meio-dia.

Sim senhor! Mandar o preto convidar-me! Era, sem contestação, uma ofensa mortal. Pois não tornava a pisar ali. Fôsse tudo para o diabo. Também não me fazia grande falta deixar de ouvir tocar piano e ver jogar xadrez, que não gosto de música nem de jôgo. Que me importava o xadrez? que me importava o piano?

Do piano resvalei para Marta Varejão e para os quinhentos contos de d. Engrácia. Marta Varejão, muito bem. Não andava ora a mostrar os dentes, ora de carranca. Pois casava com ela e havia de ser feliz, em Andaraí, na Tijuca ou em outro bairro dos que vi nos livros. Uma bonita situação. E o amor de Luísa, se ela me tivesse amor, só me renderia desgostos, sobressaltos, remorsos, trezentos mil-réis por mês e oito por cento nos lucros dos irmãos Teixeira.

O criado prêto! "Diga a seu Valério que venha comer." Isto a mim, a mim que era... Procurei alguma coisa que eu fôsse. Não era nada, realmente, mas tinha boa figura e os caetés no segundo capítulo. E vinte e quatro anos, a escrituração mercantil, a amizade de padre Atanásio, vários elementos de êxito.

O Zacarias! Marta Varejão me chamara na véspera com um sorriso. E dissera muitas amabilidades junto a um palácio veneziano, falara no baile da prefeitura, no Marino Faliero.

— Está dormindo? perguntou-me a Teixeira, que entrou em companhia de Luísa e Vitorino. Porque não quis almoçar?

— Não senhora, estou acordado. E não estou com fome.

— Uma cara de poucos amigos. Que lhe aconteceu?

— A mim? Não aconteceu nada. Nunca me acontece nada. Aqui, matutando.

Ela deu um muxoxo e, brincalhona como uma garota:

— Parece que êste rapaz tem uma aduela de menos.

— Não senhora, é engano. Tenho as aduelas tôdas.

E acrescentei:

— Julgo que não sou necessário, felizmente. O homem está fora de perigo.

Disse isto com uns modos desconchavados, tomei o chapéu, cumprimentei, saí, cheio de raiva. Ao atravessar o portão, dei uma topada e esbarrei com o Silvério, que passava.

Cheguei a casa resolvido a insultar alguém. Não insultei, ou antes insultei mentalmente.

— Os outros já almoçaram, d. Maria José? interrogei entrando na sala de jantar.

— Já. Esperaram meia hora. Como o senhor não veio...

— Está bem, traga-me uns ovos, um pedaço de pão. Não tenho apetite. Traga-me logo um pouco de conhaque.

Ela trouxe a garrafa. Desprezei o cálice e deitei porção razoável num copo.

— O senhor vai beber isso tudo?

Fiz um movimento sombrio de afirmação:

— Tenho andado com vontade de suicidar-me, d. Maria. E bebi.

Ela afastou-se rindo, com uma cova no queixo redondo, as mãos nos bolsos do avental. Suportável, apesar de madura — quase quarenta anos. O Pascoal não estava mal servido. Tão simpática, tão simples, os cabelos muito pretos, os olhos grandes, úmidos... Quando, passados instantes, voltou com um bife e dois ovos estrelados, ainda ria. Não acreditava que gente de juízo pensasse em suicídio. O Pinheiro, homem de juízo, tinha estado toda a manhã apalpando o coração, com medo.

— É verdade, amanheceu cardíaco. Esse animal ainda está vivo, d. Maria José? gritei com a boca cheia.

— Está. Zangou-se com o doutor, almoçou, tomou um chá de macela e foi jogar bilhar com o Pascoal. O senhor quer mais alguma coisa? acrescentou vendo que eu tinha devorado o bife, um pão, os ovos e a sobremesa.

— Não senhora. Eu julgava que não estivesse com fome, e até almocei. Deve ter sido por causa do conhaque.

Notei então que a cólera se havia dissipado. Devia ter sido também efeito do conhaque. Afinal convidar uma pessoa por intermédio de outra não é desfeita. Compreendi que, se Luísa me tornasse a olhar como um dia me olhou junto à garça displicente, Marta Varejão, com os seus livros franceses, suas músicas e suas flores de parafina, rapidamente se extinguiria.

— Impostora! resmunguei deitando açúcar no café. Hipócrita! “Festa de muita piedade...”

Com a doença intempestiva de Adrião, tinha-me esquecido do jantar.

Uma estopada. O presidente da junta escolar aprovando tudo, Clementina e d. Josefa conversando por cima de mim, Evaristo Barroca a mexer política, padre Atanásio aperreado com a instrução, o crime de Manuel Tavares e o homem das células, Miranda Nazaré falando nas barbas de Abraão... Isto me fez pensar no José de Alencar, que também foi um cidadão excessivamente barbado.

Daí passei para a Iracema, da Iracema para o meu romance, que ia naufragando com os restos do bergantim de d. Pêro. Não era mau tentar salvá-lo, agora que, com o armazém fechado, eu podia dispor da tarde inteira. Decidi-me antes que o entusiasmo esfriasse.

— A senhora só tinha a xícara de café que me trouxe ou ainda tem mais, d. Maria?

— Tenho, sim senhor, tenho um bule cheio.

— Um bule? Pois traga-me outra xícara, por obséquio. Traga o bule cheio. Estou com muita necessidade de tomar café.

Enquanto bebia, esforcei-me por me colocar na situação de um sujeito que vai escrever uma obra de valor.

— A senhora conhece Coruripe-da-Praia, d. Maria José?

D. Maria José não conhecia.

Entrei no quarto, abri a janela que deita para a rua, tirei o manuscrito da gaveta. A dificuldade era apanhar os portugueses que tinham escapado ao naufrágio, amarrá-los, levá-los para a taba e preparar um banquete de carne humana. Trabalhei danadamente, e o resultado foi mediocre. Sou incapaz de saber o que se passa na alma de um antropófago. De indivíduos das minhas relações o que tem parecença moral com antropófago é o Miranda, mas o Miranda é inteligente, não serve para caeté. Conheço também Pedro Antônio e Balbino, índios. Moram aqui ao pé da cidade, na Cafurna, onde houve aldeia dêles. São dois pobres degenerados, bebem como raposas e não comem gente. O que me convinha eram canibais autênticos, e disso já não há. Dos chucurus não resta vestígio; os da Lagoa espalharam-se, misturaram-se.

Em falta de melhor, aproveitei os últimos remanescentes dos brutos da Cafurna, tirei-lhes os farrapos com que se cobrem, embeledei-os, besuntei-os à pressa, agucei-lhes os dentes incisivos. Matei alguns brancos, pendurei-os em galhos de árvores e esfolei-os, com a ajuda do Balbino. Depois entreguei-os às velhas, entre as quais meti a d. Engrácia, nua e medonha, tôda listrada de prêto, os seios bambos, os cabelos em desordem, suja e de pés de pato.

De repente levantei-me, fui à sala de jantar, chamei:

— Ó d. Maria José, faça o favor. A senhora sabe como se prepara uma buchada?

— Ela veio, paciente, enxugando os dedos no avental:

— Sei. O senhor quer comer buchada?

— Não. Isso é comida de selvagem. Os caetés. Depois lhe conto.

— Mas que interesse...

— É história comprida. Preciso saber como se cozinha um homem. Como é, d. Maria?

— Um homem? Está aí! Foi o conhaque.

E voltou-me as costas.

— Espere lá, criatura. Quem lhe falou em homem? Um bode, é claro, um carneiro. Tira-se o couro do bicho, esquarteja-se. Até aí eu sei. Como é o resto?

— Lava-se tudo muito bem lavado, começou a hospedeira desconfiada.

— Exactamente, numa gamela, já ouvi dizer. E viram-se as tripas pelo avesso com uma vara, também já ouvi dizer. Mas os caetés não tinham higiene.

— Como?

— Uma observação à-toa. Continue.

— É só, está pronto.

— Pronto o quê, d. Maria? A senhora não está vendo que ninguém vai comer aquilo cru?

Ela forneceu-me algumas noções, que reputei preciosas.

— Muito obrigado, d. Maria José. Vou preparar o Sardinha pela sua receita e misturo tudo com pirão de farinha de mandioca. Fica uma porcaria.

— O senhor não quer tomar uma xícara de café sem açúcar?

— Eu? Pensa que estou bêbedo? Estou no meu tino perfeito. A propósito, que horas são?

— Cinco. Os outros não devem tardar.

— Cinco? Será possível? Ora veja. A arte é coisa admirável. Com a preocupação de arranjar o jantar dos índios, esqueci o meu jantar. Pois êles que esperem, não comem hoje. E traga-me o conhaque. Deus lhe pague, d. Maria. A senhora acaba de prestar um grande serviço à pátria.

XIV

À NOITE fui a casa de Adrião, informar-me da saúde dêle. Encontrei-o na sala, enchumaçado, cercado de amigos.

Inquietou-me a presença de Marta, e simulei distracção, com medo de perceber-lhe algum olhar equívoco. Parecia-me que Luísa alcançava as infidelidades da minha imaginação.

Padre Atanásio, com o seu sistema de discutir por fragmentos, retomara algumas idéias embrulhadas da véspera e arremetia contra os positivistas. Na opinião dêle, Augusto Comte era idiota. Porquê? Porque não tinha juízo. E interrogou-me com um movimento de cabeça.

Declarei que aquêle senhor era, não obstante, um inspirado poeta, e logo me arrependi de ter falado. Sei realmente, sem nenhuma sombra de dúvida, que Augusto Comte foi grande, mas ignoro que espécie de grandeza era a dêle. Depois serenei, porque ninguém ali, exceptuando Nazaré, compreendia um disparate.

Não houve contestação. Nazaré arregalou o olho de víbora e padre Atanásio encolheu os ombros.

Mas a conversa arrastava-se com dificuldade. O piano fechado, o tabuleiro de xadrez esquecido, a ausência de Isidoro, o desaparecimento do dr. Liberato, que, após duas visitas curtas, voltara ao Mesquita, tudo concorria para alterar a feição do lugar. Além disso três personagens novas vinham aumentar a impressão de estranheza que aquilo dava: d. Priscila Fernandes, d. Josefa, ausente o ano inteiro, e o dr. Castro, íntimo de todos.

No silêncio que se fêz quando o vigário acabou de enterrar o positivismo, o tique-taque da pêndula cresceu. Procurei o mostrador: do ponto em que me achava não se percebiam os números. Aguardei a primeira pancada para me retirar.

Do sofá veio o sussurro de Clementina e de Marta. Nazaré, a quem o xadrez faz falta, aproximou-se da mesa, sem se atrever a convidar Adrião, que bocejou disfarçadamente. D. Josefa, tresnoitada, esfregava as pálpebras. Vitorino cabeceava, como sempre.

Afinal d. Engrácia levantou-se, tomou o guarda-chuva, recomendou uma tisana infalível, abaixo de Deus, saiu com a pupila. Num momento a sala se esvaziou. Só ficaram Vitorino, a filha e d. Priscila, que dormiam lá. E eu, que esperava a pancada do relógio, ergui-me também:

— Não sei se me vá embora. Precisam descansar. Em todo o caso, se houvesse necessidade, eu tinha muito gôsto...

Não havia necessidade.

— O que desejo é que sejam fracos. Não me custa.

— Muito obrigado, disse Vitorino. Vá dormir.

— Pois então... Não quero ser importuno, adeus. E se houver uma recaída, o que Deus não permita, façam o favor de avisar-me. Mandem bater na janela do meu quarto. Eu tenho o sono leve.

— Perfeitamente.

Já na calçada, notei que Luísa vinha fechar o portão. Estranhei vê-la tomar ocupações de Zacarias. E, numa exaltação instantânea:

— D. Luísa, que foi que lhe fiz ontem?

Julguei descobrir-lhe uma expressão de terror nos olhos, desmedidamente abertos, e insisti:

— Foi uma ofensa, creio. Não sei. Tenho procurado ver se adivinho.

Ela tremia.

— Diga, pelo amor de Deus, gemi. Diga depressa.

— Não houve nada.

Cerrou o portão e levou uma eternidade mexendo na chave para trancá-lo.

— Vamos! tornei com desespôro, o rosto colado à grade. Para que me trata desse modo? Que lhe fiz eu?

— Nada. Vá-se embora, bradou Luísa com uma voz irritada que eu nunca lhe tinha ouvido.

E, metendo a mão entre os varões de ferro, empurrou-me a cabeça e fugiu.

Dei alguns passos cambaleantes, a experimentar ainda no rosto o contacto dos dedos dela. Passados minutos, reconheci que, em vez de me dirigir a casa, andava para o lado oposto, estava à beira do açude. Encostei-me a uma das balaustradas que limitam o paredão. Mas não era a água negra que eu via, nem os montes que se erguiam ao fundo, indistintos. Na escuridão surgiu um colo decotado, o vento agitou uns cabelos louros, uns olhos azuis brilharam. Longos dedos brancos tocaram-me o rosto. Recuei titubeando.

Dois sujeitos que desciam do alto do cemitério, afinando violões, pararam curiosos a pequena distância, riram, como se eu estivesse embriagado. Presumo que estava realmente embriagado. Tartamudeava:

— O fim das coisas...

Esta frase foi repetida muitas vezes.

Súbitamente increpei-me com amargura por me não haver apoderado daquela mão que me repelia, não a ter coberto de beijos. Sou um desastrado.

— E era o que eu ambicionava, era só o que ambicionava, disse baixinho, depois mais alto, para convencer-me de que não mentia.

Embalei-me com a cadênciâ das palavras e suponho ter ficado com o cérebro entorpecido.

Despertei com uma idéia esquisita, que me fêz rir: o Balbino transformado em caeté de 1556. O Balbino, um pobre-diabo coxo e bêbedo, esfolando um homem pendurado por uma perna. Mas logo enxotei êste pensamento mesquinho que toldava a passagem mais brilhante da minha vida.

— Aurora! aurora! aurora! gritei às casas vizinhas, às sombras das árvores, a um cão vagabundo que passava.

Nada em redor pareceu compreender que havia uma aurora e que aquelas trevas eram absurdas.

Olhei os astros. Não conheço nenhum, mas precisei comunicar com êles, repartir com a imensidade uma ventura que me esmagava. Bradei: "Luísa me ama! Estrélas do céu, Luísa me ama!" Imaginei que as estrélas do céu ficavam cientes e isto me deu satisfação. Uma delas tremeluziu mais que as outras, respondeu-me de lá, vermelha e grande. Desejei saber o nome daquele sol complacente. Belatriz? Altair? Aldebarã? Não conheço nenhum. Se eu fosse selvagem, metê-lo-ia entre os meus deuses. Não estava ali ninguém que me pudesse informar.

Os violões tocavam longe, para os lados da rua de Baixo.

Afastei-me cheio de uma vaga tristeza por não ser selvagem. À porta da pensão encontrei o dr. Liberato, que me perguntou:

— Vem lá do Adrião? Como vai êle?

— Bem, creio que vai bem.

— É isso. Por ora não há perigo.

E atacou-me:

— A aorta...

— Espere aí, doutor, atalhei com medo da exposição. Como é que se chama uma estréla vermelha que está agora por cima dos morros do Tanque?

— Que interessa isso? fêz o médico ligeiramente desconcertado. Você quer aprender astronomia?

— Não, é cá uma dúvida. Muito grande, muito brilhante... Será Aldebarã? Uma vermelha. O doutor sabe?

O dr. Liberato confessou com secura que não entendia de estrélas.

XV

ESTÁVAMOS sentados à mesa, fumando, quando bateram palmas lá fora. D. Maria José foi ver e tornou logo:

— É a criada de d. Engrácia que tem negócio com o senhor.

— Comigo?

— Sim senhor.

Levantei-me, atravessei o corredor vagarosamente.

— Que é que há? perguntei a Casimira, que esperava à porta, grave, barbada, o rosto cheio de verrugas.

— Um livro que a menina mandou.

Entregou-me o volume.

— Um livro? Ah! sim! sei o que é, um romance. Muito obrigado, diga a d. Marta que estou muito obrigado. Isto é uma obra excelente, do Centro da Boa Imprensa, uma obra importante. Edifica. Amanhã devolvo.

Casimira arregançou os beiços num sorriso escuro e gaguejou frouxamente, com modos de cumplicidade:

— Ela quer saber se o senhor vai ao cinema... se vai à missa.

— O cinema... respondi atarantado. A missa... Não posso, estou com febre.

— Talvez fôsse melhor escrever.

Ia oferecer dez mil-réis a Casimira e pedir-lhe que esquecesse o recado, mas considerei que ela havia sido ama de leite de Marta e era uma alcoviteira honesta.

— Escrever? Para quê? Basta isto: doente, gripado. Não posso ir, sinto muito. A senhora não está vendo que sinto muito? E estou agradecido pelo romance. Amanhã devolvo. Diga a ela.

Entrei no quarto, joguei a brochura em cima da cama, voltei para a sala de jantar.

— Que tinha com você a d. Engrácia? inquiriu o Pascoal, indiscreto.

— Negócio lá do escritório, uma questão de juros. Nem sei, um desastre.

— Prejuízo para você?

— Não, é transacção com a firma, uma conta corrente.

— Pois endireite essa cara, homem, fêz Isidoro. Nós não temos culpa da conta corrente da d. Engrácia. Vamos à novena.

Fomos todos. Mas quando penetrámos no Quadro, cheio de luz e rumor, pensei em retroceder. E, ao passar pelo Bacurau:

— Até logo. A igreja, com êste calor, é fornalha. Uma cerveja bem gelada, amigo Bacurau. Tomem cerveja.

Recusaram e deixaram-me. Fiquei reflectindo naquele procedimento de Marta. Um namôro, evidentemente, com o auxílio de Casimira. Não me convinha. E dizem que Deus dá o frio conforme a roupa!

No carnaval estive meia hora a tagarelar com ela e ouvi um provérbio que me atrapalhou, em francês. Desejei-a de-

pois, por insinuações do Pinheiro. Nesse tempo ela andava com a cabeça virada para o Mendonça filho, que vale mais que eu. Voltava agora, infelizmente fora de propósito. Censurei-lhe o método. Um romance emprestado, a intervenção de Casimira, que estragava tudo. Pulhices. Sem se comprometer, pedindo-me de longe que lhe escrevesse. Tive pena. E mastiguei as evasivas que usamos no armazém para evitar fregueses importunos: "Não pode ser, minha querida senhora. Estou aflito, acredite. Se tivesse aparecido antes, ali por Março ou Abril... Agora é inteiramente impossível. Não disponho de meios."

Não dispunha. Tôda a minha alma estava empregada em adorar Luísa. E Luísa havia subido tanto que muitas vezes me surpreendi a confundí-la com a estréla amável que avultara em cima do morro, na ante-véspera. Altair? Aldebarã? Não conheço as estrélas. Nem conheço as mulheres. Que será Luísa? que haverá nela? Não sei.

Emergi destas filosofias ordinárias e gritei ao rapaz:

— Traga a cerveja, Bacurau. Que demora! Acorde.
— Um minuto, seu Valério.

Com os cotovelos na mesa de ferro, enquanto esperava que Bacurau se desenroscasse lá dentro, olhei distraído o largo, que se ia enchendo. Nas lojas, exposições de objectos vistosos. Os cavalinhos começavam a rodar. Pejavam a praça longos renques de barracas. A iluminação pública estava aumentada. Na frontaria da casa de d. Engrácia penduravam-se lanternas de papel, e as janelas, que nunca se abrem, escancaravam-se.

— Que é que há pelo convento de d. Engrácia, Bacurau? perguntei quando o rapaz trouxe a cerveja.

— Um presépio. A d. Marta encomendou ao Cassiano aleijado três reis magos, um boi e uma jumenta de barro. D. Josefa Teixeira passou o dia lá, ajudando. Fizeram um rio com areia da praia e seixos miúdos em cima de um espelho. Prento, seu Nicolau. Genebra?

— Que genebra! Eu bebo genebra! Conhaque, disse Nicolau Varejão arrastando uma cadeira para a minha mesa. Um conhaque bom. Que história de rio êsse sujeito estava contando, João Valério?

Expliquei que era uma obra de arte realizada pela filha dêle, com areia e pedras. Nicolau Varejão ficou encantado. Anuviou-se-lhe depois o carão trigueiro, que as bexigas picaram. Bebeu um trago de conhaque e puxou o chapéu para a testa. Por baixo dos óculos brilharam lágrimas. Pobre ho-

mem! Adora a filha. E não pode falar com ela, que se envergonha dêle, volta o rosto quando o encontra. Mas a perturbação durou pouco:

— Bonito, o presépio, hem? Não podia deixar de ser bonito. É uma fada, tudo quanto sai daqueles dedos sai bem feito. Você tem cigarros aí? Hei-de querer admirar êsse presépio. Esqueci os cigarros. Dê cá um cigarro.

Dei-lho. Resolvi não ler o romance do Centro da Boa Imprensa.

— Faz uma semana que ela me chama para mostrar êsses arranjos de Natal, prosseguiu Nicolau Varejão. E eu, ocupado com a lavoura, o ocultismo, a política... Sou um ingrato. Hoje pela manhã tirou-se de cuidados, foi a minha casa. Que casa! Eu tenho casa! Foi ao chiqueiro onde moro, no Sovaco, abraçou-me, disse um palavreado que me entrou no coração. É um anjo.

Coitado! Tem Marta em conta de anjo. Esconde-se para não desgostá-la; à passagem das procissões, tranca as portas. Quando está morrendo de fome, escreve-lhe uma carta, e ela manda-lhe pela Casimira vinte mil-réis.

— Todo o mundo sabe, continuou o velho, não há outra. Em instrução, Jesus! é um assombro. Como diabo pôde ela aprender tanto, tendo um pai da minha laia? Que eu dessas encrências de participação não pego nada. Catorze línguas! a pequena sabe catorze línguas! Até francês, homem! até latim, suíço e língua do México. Boa noite, doutor.

Era o dr. Castro, que se tinha sentado perto.

— Adeus, disse Nicolau Varejão baixando a voz. Não gosto da cara dêsse promotor. Vou ao presépio.

E berrou:

— Bacurau, outro conhaque.

Levantou-se, bebeu, meteu a mão no bôlso:

— Sim senhor. Quero apreciar êsses reis de barro e êsse rio de areia da praia. Veja quantas mulheres haverá por aí com aquela capacidade. Um rio! Até parece obra da Divina Providência. Você pagou a cerveja?

— Deixe lá, não se incomode.

— Pois sim. Pague também o conhaque.

— Beba mais.

— Está doido? Se beber mais, entro na carraspana e perco os bonecos do aleijado. Até mais logo. Deus o ajude.

— Quem é êsse sujeito? perguntou o dr. Castro quando Nicolau se retirou.

— Um santo.

— Que faz êle?

— Nada. Passeia pela Cafurna, pelo Tanque, pelo Chucuru, e dedica-se a espiritismo e esoterismo. É um vagabundo. S. Nicolau Varejão, mártir, uma das melhores coisas de Palmeira-dos-Índios.

— Vagabundo e bom homem? Ora essa!

— Porque não? Um santo. Como vai Manuel Tavares?

Antes que êle respondesse, chamei os companheiros de pensão, que desciam o Quadro:

— Já de volta? Que houve por lá?

— O costume, disse Pascoal. Música, flores, cantigas...

Luísa teria ido? Puxei Isidoro por um braço:

— Ó Pinheiro, chegue cá. O Adrião foi à novena?

— Creio que não. Quem esteve lá foi a Marta com a Teixeira. Pareciam umas imagens. Eu, se fôsse turco, casava com as duas. Para que quer você o Adrião?

— É a conta corrente de d. Engrácia. Os juros...

— Ah! sim! A d. Engrácia, os juros. Não foi. Provavelmente vai ao leilão. Talvez o encontre no cinema.

Eu não ia ao cinema.

— Não? Então meta-se em casa, deite-se. Quando a gente se aborrece, o que deve fazer é dormir. Pois eu aproveito. Festa é festa, e avistei uma criatura admirável, matutinha, quero ver se agarro aquilo. Venha até o cinema, pode ser que o programa lhe agrade. Os senhores ficam?

Ficavam. O dr. Liberato já começava a impingir anatomia ao dr. Castro, e o Pascoal preparava um grogue.

Saímos. Diante do teatro escondi-me na multidão para evitar Marta, d. Engrácia e a Teixeira.

— Você reparou nas olheiras da Marta? perguntou-me Isidoro quando elas passaram. Está linda. Aquilo é falta de macho. Coitadinha. Eu nem gosto de pensar, fico todo arrepiado. Vamos ver o programa.

Aproximou-se de um cartaz:

— Vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Você não entra?

— Não. A que hora começa o leilão?

— O leilão? Ah! sim! Os juros. Deve ser daqui a pouco.

Ciao, como diz o Pascoal. Vou procurar a matuta.

Dei uma volta lenta na praça. Da rua Floriano Peixoto, dos Italianos, da travessa da Cadeia, dos dois buracos que vão ter ao Pernambuco-Novo, escuros magotes afluiam. Na pâda-

ria da esquina roceiros, encostados ao balcão, enchiam as algibeiras. Na farmácia Neves, gesticulando e espumando, Balbino pedia um remédio. O boticário, caceteado:

— Traga a mulher, cavalgadura. É preciso examiná-la.

E o índio, ranzinza:

— Ora trazer! Se ela pudesse vir aqui, não estava doente. V. mcê. não é sabido? Então dê a mezinha.

Já começavam a embriagar-se nas palhoças onde se vendiam bebidas.

Ao passar pela casa de d. Engrácia, vi na sala uma floresta de crôtons, as paredes enfeitadas de palmas verdes, o presépio com um menino Jesus de biscuit, as figurinhas do Cassiano, uma estréla de lata, o célebre rio de areia da praia e vidro. Sentada, com a boca aberta, Casimira dormia.

À entrada da rua de Cima bordejava o doutor juiz de direito, cambaio. À esquina da praça da Matriz avistei d. Emilia Teixeira, a Teixeira velha, magríssima e coberta de sêdas.

Ouvi os gritos de Romualdo, pregoeiro:

— Dez tostões me dão por uma penca de flores muito cheirosas, que de mimo deram a Nossa Senhora do Amparo.

Anatólio, outro pregoeiro, berrava também:

— Afronta faço e mais não acho. Se mais achara, mais tomara.

Acerquei-me da mesa carregada de frutos, bolos, pássaros enfeitados de fitas, pratos de ovos e caixinhas de segredo. Cumprimentei senhoras apertadas em bancos incômodos: d. Priscila Fernandes e Clementina, juntas, a mulher do administrador, as xifópagas.

Luísa não estava. Desanimado, rondei por ali, procurando alguma coisa para oferecer a Clementina. Nem um jarro, nem uma estatueta, nada. Encostei-me a um poste da linha telegráfica, reparei num grupo de rapazes e de moças que não conseguiam lugar nas bancadas e se apinhavam nos degraus da igreja. Distraía-me a contar meia dúzia de namoros, quando Nazaré me interpelou:

— Já sabe? O Xavier foi demitido.

— Que está dizendo? Isso pode ser? Um funcionário que vem da monarquia! Que horror!

E falei em Xavier filho, há muito tempo estudante de medicina. Luta desesperadamente e não consegue terminar o curso.

— Que miséria!

— É verdade, prosseguiu Nazaré. O Evaristo embirrou com ele, e com razão. Tiraram-lhe o emprêgo.

— Que razão! Pense na família do Xavier. Mais de dez filhos! Bandalheira.

— Mais de dez filhos, é exacto. Quanto a isto ninguém tem culpa, que a filharada foi ele que fêz, ou alguém por ele. Era necessário colocar na secretaria da prefeitura um sobrinho do Evaristo.

— Outro? Deve ser como o promotor. Boa amostra.

— Sim, efectivamente é um belo moço.

— Um sendeiro.

— Sendeiro? De forma nenhuma.

— Foi o senhor mesmo que disse, em casa do Vitorino.

A história do libelo... Foi o senhor.

— Ninharia. É um rapaz simples, não tem orgulho.

— E que orgulho pode ter um cavalo como aquêle?

— Pode, respondeu Nazaré esfregando o espanador que lhe adorna o queixo. Pode. Tem a carta, e isto vale um pouco. Vale muito. Ora veja. Se nós andássemos lá por cima, dirigindo esta gangorra, havíamos de governar muito bem, comíamos tudo. E eu sou tabelião desde que nasci, e não passo disto; você é guarda-livros...

— Mas eu acho a minha profissão melhor que a dêle.

— História! Um bacharel é um bacharel, chega a deputado, a desembargador. Vá lá pensar em ser ministro escriturando a cachaça do Teixeira.

Guiado pelo olhar dêle, descobri junto à mesa o dr. Castro, feliz e papudo, mostrando os dentes e despejando sobre Clementina o brilho dos seus olhos pretos. Ela roçava-se no encôsto do banco e espiava-o por cima do ombro de d. Priscila. Compreendi o reviramento de Nazaré. Estava tudo em ordem. E lembrei-me do provérbio que Marta me disse uma noite: *Qui se ressemble...* Esqueci o resto. Era bonito e rimava, terminava em *emble*. Uma frase magnífica para os outros julgarem que eu digo que não sei francês por modéstia.

Vendo Zacarias, que se afastava depois de ter deixado uma caixa sobre a mesa, despedi-me rapidamente de Nazaré.

— Olhe cá, Zacarias, disse ao prêto, que alcancei ao dobrar a esquina. Como vai seu Adrião?

— Está bom, comendo castanha.

— Você sabe se ele vem ao leilão?

— Não vem, não senhor. Nem êle nem ninguém lá de casa. A sinhá mandou uma prenda, e só sai à meia-noite, prà missa.

— Meia-noite?

Dei-lhe uma prata. Logo achei aquilo insípido e deserto. Os namoros nos degraus da igreja irritaram-me.

Desci a rua Deodoro. Com que me ia ocupar até a hora da missa? Tirando a missa, não havia nada que prestasse. À entrada da rua de Baixo fiquei dez minutos vacilando. Fui à redacção da *Semana*. Fechada. Adiantei-me até a Bôca-de-Maceió. Voltei, andei à toa pela cidade, para matar o tempo. Entrei no Pinga-Fogo, estive quinze minutos sentado num monte de dormentes. Às dez horas achava-me de frente da usina eléctrica, observando, através das grades, o motor. Seguia com interesse as rotações do volante e tentava adivinhar a intenção de uns ferrinhos caprichosos, que sempre me intrigam, quando Maria do Carmo se abeirou de mim, pediu-me cinco mil-réis. Dei-os, perguntei-lhe se tinha recebido notícias do marido e se ainda continuava a enganá-lo. Ela jurou que nunca havia enganado ninguém. E roçou-me as roupas, num movimento de gata. Desviei-me com uma pudicícia que não tenho e encaminhei-me para o largo.

Perto dos cavalinhos encontrei Isidoro misturado a uma leva de matutos.

— O negócio vai em bom caminho, segredou-me. É aquela, de vermelho. Já paguei dezoito corridas, essas criaturas gostam de rodar.

E apontou uma cabocla enorme, de venta chata.

— Aquela?

— É feia de cara, mas eu não me importo com a cara. Olhe o resto, veja que peitaria. E adeus. Nisto de cavações a gente deve estar só.

Sai, muito divertido com a conquista do Pinheiro.

— Onde tem estado o senhor escondido, que ninguém lhe põe os olhos em cima?

Era d. Josefa, que passava com Marta. Apanhado de surpresa e sem poder fugir, tirei o chapéu, balbuciei:

— Meio adoentado, com febre. Não pude ir ao cinema.

— Mas não deve expor-se, opinou Marta. O sereno faz mal.

— Talvez faça. Vou recolher-me de novo.

— Está pálido.

E aproveitando um momento em que a Teixeira escolhia bugigangas num bazar, sussurrou-me algumas palavras em tom interrogativo. Respondi que sim, sem compreender.

— Pois devemos ir logo, que a missa não tarda. Josefa, seu Valério quer ver o presépio. Vamos mostrar-lhe o presépio.

— O presépio? É isso mesmo, concordei. Realmente. Vamos ver o presépio.

Fomos.

— O senhor está muito beato, gracejou a Teixeira quando entrámos. Vem também adorar o menino Jesus.

— Não senhora, vim por curiosidade. Ouvi dizer que tinham arranjado um serviço decente, quis admirar. E é um primor, com efeito, não falta nada. Boa noite, d. Eulália. Boa noite, d. Isabel.

O cumprimento foi endereçado a duas velhotas, que mal o retribuíram: d. Eulália Mendonça, grande, e d. Isabel Mesquita, pequena, encarquilhada e quase cega, ambas de preto, extasiadas diante das figurinhas que adornavam a estrebaria.

Marta fêz um gesto de aborrecimento. E logo se apossou das visitas, com aqueles modos encantadores que sabe ter, perguntou pelas duas Mendonça e pela saúde de Guiomar Mesquita.

As Mendonça, por aí, juntas, como sempre; Guiomar, melhor, graças a Deus. D. Isabel achou o presépio uma beleza. E voltou a contemplá-lo, pondo-lhe em cima o nariz armado de óculos. Marta, aflita, pareceu invocar a protecção de Casimira. E agradeceu. Aquilo era uma brincadeira, só para auxiliar o pobre do aleijado.

— Maravilha está em casa de d. Emiliana. As senhoras viram? O menino Jesus é de prata.

As devotas safaram-se, levadas pela imagem de prata da viúva Teixeira.

— Uma perfeição, o rio, murmurei. Muito branco, cheio de pedras, e largo, um rio que faz gôsto. É trabalho seu, d. Marta? E aqueles patinhos de celulóide dão uma graça... Que rio será esse, d. Josefa? É o Amazonas?

Elas aventurearam que talvez fôsse o Jordão.

— O Jordão? É verdade, deve ser o Jordão. Onde foi que Jesus nasceu? Em Nazaré... ou em Belém... O Jordão fica por essas bandas. As senhoras sabem se ele passa por Nazaré... ou por Belém? Em todo o caso deve passar perto. O Amazonas, que doidice! É o Jordão, sem dúvida. Pois sim senhoras, um Jordão excelente.

Receberam o elogio, sérias.

— E as estatuetas do Cassiano estão magníficas.

— Padre Atanásio diz que êle promete, atalhou Marta.

— A senhora leu na *Semana*? Duas colunas na primeira página. Padre Atanásio entende. E são interessantes as figurinhas. Um bocado pequenas, menores que o menino Deus.

— Querem tomar café? perguntou Casimira.

Entrou. Quando voltou, com uma bandeja, a Teixeira asseverava que havia proporção nas figuras, falava em planos.

— Planos, d. Josefa? Não percebo, deve ser isso. Mais açúcar?

— Isso já passa de onze horas, exclamou a Teixeira chegando a uma janela. O senhor ouviu se bateu a segunda chamada?

— A segunda chamada... respondi tomando-lhe a xícara vazia. Ouvi tocar o sino, mas não sei se era a segunda.

Estivemos um instante calados.

— No cinema hoje, d. Marta? perguntei para quebrar o silêncio. Hoje, dia de festa de igreja!

— Era uma fita religiosa, explicou Marta sisuda. E a madrinha queria ver a ascensão.

— O Pinheiro me contou, menti. Uma ascensão de chupeta e milagres muito razoáveis. A multiplicação dos pães. E dos peixes. Diz o Pinheiro que foi peixe a dar com um pau. A senhora com certeza vai à missa.

— Deve ter sido a segunda, opinou a Teixeira da janela. As Mendonça passaram, e a gente do Xavier, e a Clementina com o promotor de banda. Aquilo pegará? Dêem-me vocês um minuto de licença. Já venho.

Casimira também se retirou, levando a bandeja.

— Até que enfim! murmurou Marta, nervosa, denunciando-se inteiramente.

Com o cotovelo sobre a toalha branca da estrebaria, contelei estúpidamente o Jesus de biscuit, rosado e nu, a estréla de lata que servira de guia aos reis de barro. Julgo que Marta estava, como eu, embrutecida. Tremiam-lhe os dedos, escapou-lhe um suspiro, que me lisonjeou, mas não diminuiu a perplexidade em que me achava.

— Deve ter sido a segunda, arrisquei por fim. Um óptimo Jordão, sim senhora, com os patos. E muito obrigado pelo romance. Amanhã devolvo. Que diabo faz a d. Josefa lá dentro tanto tempo?

Ia neste ponto, esfregava as mãos e procurava meio de escapar-me, quando Luísa chegou à porta, em companhia de

d. Engrácia, d. Priscila e Vitorino. A Teixeira, que veio pouco depois, apontou-me com um gesto cômico:

— Por aqui, em adoração. Estava lá em baixo, no bazar, chorando com febre. Quis por força ver o presépio, tanto fêz que o trouxemos. Sabe muito: a geografia da Palestina e o Evangelho.

Luísa atirou-me um olhar de desprezo, tive a impressão de que em mim havia um desmoronamento. Nada opus aos gracejos da Teixeira. Emergi penosamente do fundo da minha miséria, dei as boas-noites a d. Engrácia e a Vitorino, articulei tremendo:

— Como vai, d. Luísa? Já me informei da saúde de seu Adrião. Julgo que melhorou.

— Vai muito bem, respondeu Luísa.

Mas este *muito bem*, pelo modo como foi pronunciado, não podia ser uma resposta à minha pergunta. Era um aplauso sarcástico ao que ela, no dia do Marino Faliero, imaginara talvez haver entre mim e Marta.

Muito bem! E ninguém entendeu. Vitorino bocejava, d. Josefa ria como uma doida, d. Engrácia cantarolava um bendito, Marta acolheu com ingenuidade o sorriso estranho de Luísa.

— Toca para a frente! comandou d. Engrácia. E não precisam mais tinta na cara. Que despotismo de tinta! Casimira, pelo sim pelo não, traga o guarda-chuva. Marcha! Os homens atrás e as mulheres adiante, era assim que no meu tempo se fazia.

— O senhor está indisposto? perguntou-me a Teixeira ao sairmos. Eu pensava que a doença fôsse mentira.

— E era. Estou bom, agradecido.

Deixei-me levar pela multidão, sem saber se ia para a missa ou para a fôrca. O Quadro se esvaziava, tôda a gente subia para a igreja. Ao chegar à rua de Cima, estaquei, despedi-me.

— Não vai? inquiriu Marta espantada.

— Não senhora.

— Quando eu digo que o senhor não tem juízo! galhofou a Teixeira.

E deu-me uma risada na cara.

— É isso mesmo. Boa noite.

Luísa nem voltou o rosto.

Desci a praça lentamente, aniquilado, aos encontrões, na turba que se deslocava em direcção oposta. Nuvens de poeira

levantavam-se, toldando as luzes. Uma velha interrogou-me quase chorando:

— Meu senhor, viu por aí um menino de chapéu de palha?

No largo, onde só ficaram os donos de botequins, percebi um vulto junto ao convento de d. Engrácia. Era Nicolau Varejão, que esperara a ausência da família para ir contemplar os objectos que as mãos da filha tinham tocado.

XVI

RECASTEI-ME na cadeira, espreguiçando-me. Quatro horas de insônia e um pesadelo. Cruzei as mãos sobre a mesa e olhei os pés do italiano. Ali estava em que haviam sido empregados, muito mal empregados, os últimos cinqüenta mil-réis que d. Maria José me extraíra. Sapatos, meias de sêda para aquele malandro.

— Deitaram fora o Xavier, hem, Pascoal?

— É verdade, disse Pascoal sem interromper o desenho em que se esmerava. É pena.

Mas naquele momento não senti pena do Xavier. Acima dos desastres alheios estava a desgraça imensa que me afigurava na véspera.

Muito bem! Com duas palavras Luísa me havia surpreendido. Considerei-me extinto. Ninguém compreendera o movimento de repulsa. Era como se ela me houvesse ajoujado à outra.

Abri uma revista, li versos e notei ao findar que não tinha percebido nada.

— Que fêz você ontem o resto da noite, Pinheiro? Sempre consegui derrubar a matuta?

— Nem me fale nisso, rugiu Isidoro, que se barbeava a um espelho pendurado à parede. Gastei cinco mil-réis nos cavalinhos, paguei nove entradas no cinema a ela e a um lote de parentes, e mais vinho, genebra, isto e aquilo, total: vinte e oito mil e setecentos. Que despesa num tempo de crise! E quando julgo a mulher segura, a miserável aproveita um momento sagrado em que tive de satisfazer necessidade urgente e escapole-se com o Silvério. Só a cacete!

Esbocei um sorriso chocho, li novamente os versos.

Muito bem! Desejava esquecer, não podia esquecer.

— Assistiu à missa, Pinheiro?

— Tôda, homem, de cabo a rabo, ajoelhado na grama, com o olho no diabo da matuta. E a vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo no cinema, e mais a ressurreição. E os cavalinhos ainda por cima. Você já viu que falta de vergonha? Vinte e oito mil e setecentos! Depois de tudo combinado, a cachorra me prega aquela peça. Eu, se não fosse um indivíduo pacato, ia ao Riacho-Fundo e dava-lhe murros.

Tentei recordar a figura da cabocla, mas apenas me lembrei dos peitos volumosos e do nariz chato. Como lamentava o Pinheiro não se ter espojado num canto de muro com aquilo? Que gôsto estragado!

— E eu que recusei a Maria do Carmo! suspirou raspando o queixo.

— A Maria do Carmo é bonitinha, observou Pascoal.

— É, concordou Isidoro, mas muito vista, muito batida. Que está você riscando?

— Um monograma para fronhas.

Serviço de d. Maria. É nessas miuçalhas que Pascoal se ocupa. Tanto sangue, tanto músculo, carcaça tão rija, tudo empregado em dourar molduras de espelhos e rabiscar monogramas. Irritante. D. Maria José não tinha discernimento. Era melhor que se arrumasse com o Monteiro, que é velho, capitalista e viúvo, homem respeitável.

Depois mudei de idéia. Procedia ela muito bem, se o italiano a fazia feliz. E o Pinheiro também andava com juízo em correr atrás da cabocla. Punham a sua felicidade onde podiam alcançá-la. Eu não podia alcançar a minha felicidade: fugira na véspera, sem voltar o rosto.

— Vocês já sabem que a Clementina vai casar? disse Pascoal suspendendo o trabalho.

A pilhária de sempre. Aquilo, assim repetido, não tinha graça. Mas o italiano afirmou que não era brincadeira:

— Desta vez é sério.

— Outro espírito? perguntou Isidoro escanhoando o beiço.

— Não, foi o promotor que a pediu ontem.

Esqueci por momentos as minhas preocupações:

— Como é que você soube, Pascoal?

— Homem! essa agora! Você tem certeza? gaguejou o Pinheiro. Se fôr verdade, fica um par magnífico. E eu estou contente, que gosto da Clementina. Ora sebo! Dei um talho na cara, com a emoção. Quem foi que lhe contou?

Tinha sido o Neves.

— O Neves? Então é certo. O Neves não mente. Sim senhor! Para alguma coisa o diabo da política havia de servir. Quando receber a comunicação, escrevo uma notícia de estouro na *Semana*. Afinal a Clementina arranjou-se. E merece, é digna. Essa coisa de histerismo... potoca! Eu, se não fôsse cardíaco, hepático, artrítico e sifilítico, tinha casado com ela.

Que mudança! Nazaré, junto à mesa do leilão, achara o promotor um excelente rapaz. Invejei o noivo, tão alegre, tão amável, a grossa gargalhada a irromper a cada instante.

— O Pascoal, que é da chave ali do armário? perguntei. Tudo trancado! Que fim levou a d. Maria?

— Foi visitar a mulher do sapateiro. A chave? Para que chave?

— Para tirar a garrafa de conhaque.

— Vai beber agora de manhã? Escangalha o estômago.

— Adeus.

Fui buscar ao quarto o chapéu e a bengala. Como tinha a carteira desprovida, retirei a Bíblia da gaveta, procurei dinheiro entre as fôlhas do Velho Testamento. Enquanto me fornecia, li: "E achei que é mais amarga do que a morte a mulher, a qual é laço de caçadores, o seu coração rêde, as suas mãos cadeias".

E a minha tristeza aumentou, porque a rêde em que por muito tempo me debati deixara fugir a presa por entre as malhas. E as cadeias, que desejei arrastar, tinham-se afrouxado de repente, abandonando-me, livre e inútil, junto a uma velha que chorava por um menino de chapéu de palha.

Sai pesadamente, fazendo curvas com a bengala na calçada. Quando penetrei no largo, que tinha agora, com os estabelecimentos fechados e as barracas desertas, uma aparência de acampamento abandonado, avistei padre Atanásio de frente do cinema, conversando com dois matutos.

— Ora viva! gritou. Caíu-me a jeito. Ia agora... Casamento de parentes é com o bispo. Precisa tirar licença, gasta aí...

— Mas, seu vigário, replicou um dos roceiros, eu não posso pagar a licença. Se v. sa. me fizesse o favor...

— Já lhe disse que é com a diocese. Vamos descendo por aqui, temos negócio. Pois não case, filho de Deus. Se você nem pode pagar licença, como sustenta família? Ou então pegue outra. Casamento de primos é ruim. E vão-se embora, não me amolem.

Os matutos desapareceram.

Entrámos na travessa da Cadeia.

— Estou cansado, exclamou padre Atanásio. Missa aqui, missa em Santa-Cruz, missa em Caldeirões. Morto de sono, não dormi um minuto. E esta cambada de tabaréus azucrinando a gente. Assim mesmo uns ateus de meia tigela acham que nós não trabalhamos. Hoje é que eu queria mostrar a êles quem é parasita. A propósito de casamento, você sabe que a Clementina foi pedida?

— Sim, pelo promotor. *Qui se ressemble...* Afinal, como diz Salomão...

Lembrei-me do período lido vinte minutos antes:

— A mulher é laço de caçador, tem coração de rête e cadeias. É do Eclesiastes.

— No Eclesiastes há isso? perguntou o vigário espangado.

— Mais ou menos, uns beliscões nas mulheres. Muito justos.

Padre Atanásio riu grosso e extraíu do interior uma explicação que lhe pareceu aceitável:

— Foi a sua namorada que lhe pregou alguma peça.

— Não senhor.

Cumprimentei Fortunato Mesquita, que descia a rua Deodoro.

— E esse negócio, padre Atanásio?

— O negócio? Ah! sim! Não me interessa, sou apenas medianeiro. Vamos andando. Pois, meu filho, se o Salomão escreveu aquilo, não procedeu bem. Ora, dizia o Doutor Angélico... (ou Santo Agostinho, não me lembro...) que todos os homens... Não, é outra coisa. Enfim Salomão foi um rei femeiro. É verdade que Santo Antônio e muitos anacoretas, na Tebaida... Mas isto não tem importância, porque houve outros, e dos maiores... Jesus Cristo mesmo não desprezava as mulheres. Veja aquela história do poço, a samaritana tirando água. É bonito. Veja Marta e Maria, as irmãs de Lázaro, um bando delas. A redoma de bálsamo! É lindo. E S. Francisco de Assis, onde foi que êle algum dia disse mal das mulheres? S. Francisco é um mundo. S. Francisco é tudo. Quando se fala em S. Francisco, Salomão se esconde.

Estávamos à porta do reverendo. Entrámos.

— A redacção hoje não se abre, padre Atanásio?

— Não, respondeu o vigário atirando o chapéu para a mesa carregada de livros, papéis, caixas, em temerosa mistura.

Moído, meu filho, parece que levei uma surra. E vou trabalhar na igreja. Você está satisfeito com os Teixeira?

— Se estou satisfeito? Porque pergunta, padre Atanásio?

— É o negócio de que falei. Sente-se. Se não é indiscrição, quanto ganha você?

— Nem sei. Às vezes mais, outras vezes menos, é conforme o tempo. Dão-me, além do ordenado, uma parte dos lucros. O senhor quer oferecer-me o lugar de sacristão?

— Não quero oferecer nada. É o Cesário que deseja convidá-lo. Melhor ordenado, também promete interesse. Não lhe dou conselho. Nem acho decente a proposta. Enfim, como o Mendonça é camarada...

— Muito bem! exclamei com entusiasmo. O senhor não imagina, padre Atanásio. Esplêndido!

E considerei que aquilo era um bom meio de evitar Luísa. Aceitava a colocação, dava adeus aos livros do Teixeira, ao piano, ao xadrez, ao jardim e à garça de bronze. Mentalmente, vi desocupado o meu lugar à mesa; na minha cadeira, no salão, o dr. Castro, feliz, contemplando Clementina; deserta a varanda onde me recostava, oculto por detrás das cortinas, e donde se avista o arrabalde da Lagoa, um feixe de pontos luminosos. Nunca mais poria os pés naquela casa, que freqüentei anos a fio, a princípio com o coração tranqüilo, depois numa agitação que foi crescendo, ameaçava transtornar-me a vida. Tinha-me sentido quase doido alguns dias antes, a gemer num soluço desesperado: "Pelo amor de Deus, d. Luísa... Que lhe fiz eu?"

— Então aceita? perguntou o vigário. Que há de extraordinário no que lhe disse para me olhar com essa cara de mal-assombrado?

— É com efeito uma boa proposta, eu não esperava por isso. E, mudando de conversa, padre Atanásio, como se chama uma estréla vermelha que às nove horas fica ali para as bandas do Tanque? Uma estréla grande. Como é o nome dela? Será Aldebarã?

— Que desconchavo é esse? bradou o padre. Aceita ou não?

— Qual aceitar, qual nada! Eu sou lá capaz de fazer isso!

— Mas onde tem você a cabeça, criatura? Disse há pouco que era um bom oferecimento.

— Foi tolice, padre Atanásio. Quando andei por aí, para cima e para baixo, procurando emprêgo, estive duas vezes em casa dêle. Não me deu um chifre.

— Perfeitamente, concordou o vigário. Recusa, mas não tem senso comum.

— Não tenho nada, nem senso nem coisa nenhuma. Sou um desgraçado.

Era um princípio de confissão. Se eu fôsse crente, ter-me-ia lançado aos pés do reverendo, abrindo as portas da minha alma. Não sou crente, por infelicidade, e apesar de sofrer muito, não queria dar a mim mesmo a ilusão de que dividia o meu infortúnio com outra pessoa.

— Desgraçado? Ora essa! Que foi que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Um rapaz meio tonto, o senhor tem razão. Falta de senso comum.

— Pois se você aceitasse o emprêgo do Cesário, eu ficava desgostoso, palavra. Procedeu com honestidade. Vamos almoçar. Valentina, ponha esse almôço. Com honestidade. Sim senhor. Vamos almoçar.

— Obrigado, padre Atanásio. Deixe lá, não mereço abraços. Não há nenhuma nobreza no que fiz.

XVII

ESTALARAM foguetes na rua, à passagem da procissão.

Soltei o livro, agarrei o chapéu e cheguei à calçada no momento em que desfilavam dois renques de velhos tristes, de opas, conduzindo tocheiros sem velas.

— Vai acompanhar, Pascoal? Você sabe o que há na igreja?

— Sermão. Sermão e tedéu. Sim, acompanho.

Vinham devagar, em filas, as crianças do catecismo, com fitinhas amarelo-verdes. Depois, duas alas de mulheres, e entre as alas uma cambulhada de anjos, rubicundos, frisados, com asas de arame e gaze. Em seguida, o estandarte das filhas de Maria, dois cordões de aspirantes e veteranas. Atrás, o andor do Coração de Jesus, beatas de beiço mole, caducas, d. Engrácia, a Teixeira velha, Casimira, outras criaturas hediondas e sem sexo, de roupas pretas e escapulários como nódoas de sangue. E três figuras simbólicas, as virtudes excelentes.

— Você conhece aquela Caridade, Pascoal? A de lá.

— Não conheço, deve ser de fora. É é bonita.

— Bonita? Com os diabos! É uma linda Caridade.

Calámo-nos. Padre Atanásio passava, de paramentos brilhantes, ladeado por dois eclesiásticos mal-encarados, sob

o pálio que seguravam o juiz substituto, o dr. Castro, Fortunato Mesquita e o Monteiro.

— Venha para cá, seu Valério, desentoque-se, disse Mendonça filho, deixando a multidão desordenada que rematava o cortejo. Isto aqui está bom.

Hesitei, com a tentação de namorar a Caridade. Encolhi os ombros:

— Vou esperar na igreja.

Dirigi-me à praça, olhando com simulada indiferença as famílias que vinham a distância. Quando Luísa passou, em companhia do marido, voltei o rosto e, para ocultar a minha perturbação, consolei um pequenino Jesus de três palmos, que chorava, perdido e amuado, com uma alpercata de menos, o resplendor caído para a nuca, as chagas das mãos diluídas em lágrimas.

Subi o Quadro, onde só havia duas ou três barracas, escuras, de palha crestada. Panos vistosos nas janelas, flores e fôlhas juncando o chão. No convento de d. Engrácia, colchas ricas.

Para afugentar as idéias dolorosas que a presença de Luísa me trouxera, pensei na Caridade.

As lojas de fazenda, as barbearias, as farmáncias, o Baturau, tudo fechado.

Defronte do bilhar encontrei Nazaré, que descia.

— O Evaristo vai para cima, hem?

— O Evaristo? Ignoro, respondi. De que se trata?

— Secretário do interior. Creio que vão fazer dêle secretário.

— Secretário? Não sei. Quem lhe contou?

— Os factos. Você não lê a *Gazeta*? Está-me palpitando que o Evaristo entra na secretaria.

— Um sujeito que se meteu em política há um ano!

— Não senhor. Meteu-se nela desde que lhe nasceram os dentes. É o chefe local que mais trabalha. Veja como esse velhaco organizou isto. E aqui para nós, a telegrafista me mostrou um telegrama em segredo. Peguei umas coisas por alto. Aquilo trepa, e se não fôr para a secretaria, dão-lhe outro lugar bom, que é de elementos assim que o governo precisa.

— Safadezas! murmurei despeitado, porque não posso o talento de Evaristo. Que sorte!

— Conversa! Que é que falta a êle?

Mordeu os beiços, contrafeito, esboçou um sorriso cheio de fel:

— Tem tudo. É bacharel, faz discursos, veste-se bem e sabe furar. Tem tudo. Recebeu um bilhete de participação que lhe mandei ontem?

Era o casamento da filha, e eu não havia felicitado o velho. Desazado.

— Perfeitamente. Distrai-me, por causa do Barroca. Nem dei parabéns. Desculpe. Quando é isso?

— Até Junho. Eu sou pelo sistema antigo. Quem tiver de se juntar junte-se logo, vá noivar na casa do diabo: às minhas barbas não. Você viu por aí o Neves?

Eu não tinha visto o Neves.

— Pois eu vou procurar o Neves. *Au revoir.*

Encaminhei-me à igreja. Ao galgar os degraus, onde mendigos esperavam o regresso da procissão, vi subirem foguetes no Pinga-Fogo.

Encostei-me à grade de ferro que circunda a calçada.

Montes à esquerda, próximos, verdes; montes à direita, longe, azuis; montes ao fundo, muito longe, brancos, quase invisíveis, para as bandas do S. Francisco. Acendi um cigarro. E imaginei com desalento que havia em mim alguma coisa daquela paisagem: uma extensa planície que montanhas circulam. Voam-me desejos por toda a parte, e caem, voam outros, tornam a cair, sem força para transpor não sei que barreiras. Ânsias que me devoram facilmente se exauram em caminhadas curtas por esta campina rasa que é a minha vida.

Os telhados da cidade estendiam-se em baixo; um cata-vento gesticulava no quintal do Cesário; a casa de Vitorino, distante, avultava, pesada e feia. Seis horas. O arrabalde da Lagoa repousava entre moitas, miúinho, como uma pintura de teatro. Para outro lado derramava-se o Chucuru, triste e seco, de areia e pedra. E o Tanque, uma série de pomares entre morros. Ficam lá os sítios do Barroca, terra esplêndida. Cultura de café, gado selecto, que ladrão! Aquelle, sim, anda sem se deter e alcança tudo com facilidade. Vence os embaraços, corta-os, e o que vai encontrando serve-lhe de meio para avançar. Que bandido!

Agora os foguetes estouravam no Melão. Os sinos repicaram. Bandos apressados desembocaram das ruas vizinhas e invadiram a igreja, em busca dos melhores lugares. Xavier filho aproximou-se de mim e pediu uma informação. Dei-a e voltei-me para cumprimentar d. Eulália Mendonça.

A procissão recolhia. Em poucos instantes a igreja resurgitou. À passagem de Luísa, afectei olhar a palmeira soli-

tária da Lagoa, o arvoredo que se cobria de sombras. Era quase noite. Cheguei-me à porta. Dentro irromperam cânticos. A imagem de Nossa Senhora do Amparo, entre velas acesas, mostrava o seu rostinho espremido e de choro. Na multidão que encluía a nave sobressaíam as vestes das irmandades religiosas. Um padre gordo subiu ao púlpito e começou a falar, mas do ponto em que me achava apenas ouvi, de mistura com o rumor da calçada, vagos chavões sobre o amor celeste e o amor mundano.

Voltei a debruçar-me à grade. Surgiram luzes. Além da campina, mancha pardacenta, as serras tornaram-se massas negras. Nos morros à direita esmorecia um resto de sol. Lá em cima tremelicaram estrélas espalhadas. O vozeirão do orador continuava a atroar.

— O senhor estava aí? perguntei ao Miranda, que saía. Já se vai embora?

— Já, respondeu o tabelião com um bocejo. Não suporto mais as bobagens daquele tipo.

— Que diz êle?

— Tudo: a virgindade de Maria, S. Vicente de Paulo, a constituição brasileira e as abóbadas do infinito. Miserável. O infinito com abóbadas! Que jumento!

XVIII

VARIAS VEZES peguei a Bíblia para tirar dinheiro, e o livro sempre se abriu no Eclesiastes, mostrando-me a frase de Salomão enjoado. Repetindo-a, senti uma atroz amargura. Uvas verdes. Que me importava Salomão?

Num sombrio acesso de desespere, pensei no suicídio. Tolice. Eu tenho lá coragem de suicidar-me? O que fiz foi passar uns dias quase sem comer. A escrituração ficou atrasada uma semana, o que me valeu duas observações de Vitorino, e abandonei o jornal de padre Atanásio e os caetés.

Para que mexer nos caetés, uma horda de brutos que outros brutos varreram há séculos?

Só Luisa me preocupava. Desejei-a dois meses com uma intensidade que hoje me espanta. Um desejo violento, livre de todos os véus com que a princípio tentei encobri-lo. Amei-a com raiva e pressa, despi-me de escrúpulos que me importunavam, sonhei, como um doente, cenas lubrificas de arrepiar. Quando ia a casa dela, mostrava-me taciturno e esquivo. Vi-

nha-me às vezes uma espécie de delíquio, parecia-me que o coração deixava de pulsar, e era um frio, uma angústia, sensação de vácuo imenso. Estava sempre a sobressaltar-me, como se em redor me lessem na alma. Transparecia nos meus modos uma irritação que procurei conter debalde; se alguém me interrogava, respondia com palavras secas e breves.

E quanto disparate! Uma noite cumprimentei dêste modo o reverendo, que chegava: "Adeus, padre Atanásio. Divirta-se".

Riram em torno, gaguejei explicações parvas e encolhime, rangi os dentes, sentindo a vaga tentação de estrangular o dr. Castro, que sorria para Clementina.

XIX

EM PRINCÍPIO de Março, Adrião foi à capital acertar contas com os fornecedores e pedir a restituuição de uns títulos resgatados. Eu havia escrito várias cartas reclamando, e o detentor dos papéis dava respostas evasivas e protelava a remessa.

No dia em que Adrião viajou dirigi-me a casa dêle, à noite, esperando entender-me com Luísa. A voz sumida, em tremuras, interroguem o negro:

- D. Luísa está aí, Zacarias?
- Está. Um bocado murcha, nem quis beber café.
- Está só?
- Sim senhor. A menina d. Josefa saiu ainda agorinha.

Entre v. mcê., eu vou avisar.

Penetrei na saleta de espera, gelado, a vista escura. Assaltou-me um pavor estúpido. Vi no espelho do porta-chapéus uns olhos atônicos e uns beiços muito brancos.

— De pé, João Valério? disse Luísa aparecendo. Demorei-me um pouco. Desculpe.

A minha figura no espelho pareceu-me burlesca.

— Uma cadeira, João Valério, continuou Luísa.

Sentou-se no sofá:

- A Josefa andou por aqui, e a Marta. Comentámos os seus modos esquisitos.
- A senhora estava deitada, exclamei. Talvez doente.
- Doente? Não, apenas meio aborrecida, por causa do calor. Pensa a Marta...

— Pois pensa mal, interrompi, metendo os pés pelas mãos. A senhora não tem outro assunto? Vim pedir-lhe um favor.

Respirei com esforço:

— Que mal lhe fiz eu? Já lhe perguntei há tempo, lembra-se? Tinha confiança em mim, e de repente... Não negue. Ora essa!

Aproximei-me, sentei-me no sofá, longe dela:

— Eu não quero saber o que os outros pensam de mim. O que me interessa é o seu pensamento. Hoje que tudo mudou...

— Eu não mudei, João Valério, murmurou Luísa bixinho.

E começou a fazer pregas numa das fitas do vestido branco.

— Não? Santo Deus! Como tem coragem de afirmar isso? Foi desde aquêle amaldiçoado jantar. E se soubesse... Enquanto dançavam, fui para o jardim, com a esperança de encontrá-la. E sonhava poder um dia beijar-lhe a mão. Não comprehende... É horrível!

Ela estava lívida:

— Muito tarde, João Valério, quando nos conhecemos... Era melhor que nos separássemos.

— Era melhor que não nos separássemos nunca, bradei numa exaltação. Vivemos mentindo, acovardados.

Zacarias entrou, foi ao salão, fechou as janelas silenciosamente, voltou, rondou por ali, inquieto:

— A senhá quer alguma coisa?

— Não, podem deitar-se.

Depois que o preto saiu, contei Luísa, esquecido. Os meus sofrimentos se atenuaram num instante, maior que meses de angústia.

— E há cinco anos vivemos nisto! exclamei, novamente despeitado. Levo esta peste de vida e tenho de mostrar cara alegre.

Uma serenata passou na rua. Cantos, sons de bandolim e flauta, perderam-se.

— Fale. Pelo amor de Deus, fale.

— Que hei-de dizer? sussurrou Luísa com lágrimas nas pálpebras.

— Eu sei lá. Aí duas palavras que me tirem dêste inferno. Seja franca, seja boa. Porque se encolerizou no dia do jantar? E, diante do presépio, noite de Natal, porque me olhou daquela forma?

Tomei-lhe as mãos:

— Ninguém se zanga sem motivo, é claro. E nós que éramos tão amigos... Aborreceu-se, amou. Acertei?

— Não posso, João Valério, soluçou Luísa com voz quase imperceptível, que estremecimentos cortavam. É como se fosse uma pessoa minha. Muita amizade. Se nos tivéssemos conhecido mais cedo...

Um deslumbramento. No silêncio que se fêz a sala encheu-se com os rumores da usina eléctrica e de automóveis rolando longe.

— E havíamos de ser felizes, segredei com o intuito de completar-lhe as frases esboçadas. E seremos felizes, porque não? Falou em amizade. Eu não lhe tenho amizade, o que tenho é um amor doido, como ninguém lhe há-de ter. Duvidou de mim, julgou que me importava... Foi uma injustiça. Que tortura, êstes dois meses!

Zumbiam-me os ouvidos, a respiração tornou-se-me ofegante:

— Um beijo!

Pancadas de relógio soaram na sala próxima e gastaram uma eternidade a escoar-se. Vi mentalmente Adrião, que era meu amigo, Vitorino, Nicolau Varejão, mentiroso, o boticário Neves, intrigante.

— Um beijo! repeti desvairado, abrasando-a com o desejo que em mim gritava. Um beijo!

Ela fêz um movimento para se levantar, tornou a cair no sofá e desviou o rosto.

— Um beijo! balbuciei como um demente.

Soltei-lhe as mãos, agarrei-lhe a cabeça, beijei-a na boca, devagar e com voracidade. Apertei-a, machucando-lhe os peitos, mordendo-lhe os beiços e a língua. De longe em longe interrompia este prazer violento e doloroso, quando já não podia respirar. E recomeçava. As mãos dela prendiam-me; através da roupa leve eu lhe sentia a vibração dos músculos.

Não tive consciência do tempo decorrido naquela noite: guardo a lembrança de que o relógio, no salão vizinho, bateu mais de uma vez.

A posição em que nos achávamos no sofá estreito era incômoda. Senti as pernas entorpecidas.

Veio-me depois grande lassidão, o súbito afrouxamento dos nervos irritados. As imagens brutais debandaram, Luísa me inspirou imensa piedade. Achei-a pequenina e fra-

ca, ali caída, numa confusão. Ergui-a, compus-lhe a roupa, encostei-a ao peito, onde ela se aninhou, trêmula. Não se assemelhava à mulher que me deixara aniquilado ao pé da manjedoura onde repousava um Jesus de biscuit, junto a um rio de vidro. Embalei-a como a uma criancinha, passando-lhe pelos cabelos os dedos pesados, numa carícia lenta. E disse-lhe coisas infantis que se sumiram depressa nas névoas daquela embriaguez. Assim estivemos até que as luzes deram sinal para apagar-se.

Cerrei as janelas e levei-a para a alcova.

Quando, com a aproximação da madrugada, me retirei, Luísa veio acompanhar-me. Na calçada, depois do último abraço, lembrei-me da noite em que ela me repeliu naquele mesmo lugar. Tomei-lhe as mãos com arrebatamento e cobri-as de beijos.

Afastei-me, tremendo na escuridão, receando que alguém me encontrasse. À porta de casa retrocedi, com a idéia esquisita de procurar a minha estréla protectora sobre o monte negro. E sorri interiormente. Fui à beira do açude, avisrei-a. Tinha mudado de lugar e estava menor.

Contemplei-a, supersticioso, quasei convencido de que ela me enviava parabéns lá de cima.

XX

ADRIÃO esteve ausente uma semana. Alta noite, colando-me aos muros para não ser visto, precaução inútil porque era tudo treva, com o coração aos baques eu entrava no jardim, subia as escadas, abafando os passos.

Luísa não mostrou arrependimento, despiu-se como se estivesse só, nada ocultava — e eu achava nela uma alma candida.

Não lhe caí aos pés, com uma devoção mais ou menos fingida. A felicidade perfeita a que aspirei, sem poder conceber-la, rapidamente se desfez no meu espírito. Livre dos atributos que lhe emprestei, Luísa me apareceu tal qual era, uma criatura sensível que, tendo necessidade de amar alguém, me preferira ao dr. Liberato e ao Pinheiro, os indivíduos moços que freqüentavam a casa dela.

Não senti vaidade: senti estupefacção. Considero-me indigno do favor recebido. Que valho eu? Consideração mortificadora, porque me trazia a idéia de que Luísa me aproveitara como aproveitaria outro nas minhas condições.

Experimentei então alfinetadas no egoísmo, afigiram-me pensamentos de avaro, que debandavam quando, ao penetrar na alcova, eu recebia os beijos dela.

Na intimidade rápida que se estabeleceu entre nós, Luísa me disse:

— O Valério não comprehende. Nunca imaginou...

Sentou-se na cama, e a camisa escorregou-lhe de um ombro. Engoli em seco e lamentei intimamente tanto ano perdido, os tormentos que passei.

— A cena de Novembro, ali no jardim, Valério. Não percebeu?

— Não percebi, confessei constrangido. Amor de irmão...

Ela sorriu.

— Eu fazia castelos, murmurei. A esperança de lhe arrancar uma palavra... Difícil. Visitas, os criados fervilhando por toda a parte... Ganhei cabelos brancos.

E ela:

— Mais cedo ou mais tarde havíamos de chegar a isto. Não estou arrependida, tenho até vergonha de precisar esconder-me.

Quanto a mim nem me lembrava de Adrião. Se às vezes me espicaçavam alguns espinhos, defendia-me com desespere. Que culpa tive eu? Certamente era melhor que não existisse aquela paixão; mas desde que existia, paciência, eu não podia arrancá-la. E por causa do mandamento de um bárbaro, que teve a desfaçatez de afirmar que aquilo vinha do Senhor, não iria eu, civilizado e guarda-livros, conservar-me em abstinência, amofinar-me no deserto.

Tinha-me vindo a tentação, uma tentação de olhos azuis e cabelos louros, e depois de escorregarmos, nada valia ralar-me por uma coisa que a cidade ignorava, que Adrião não suspeitaria.

— Realmente, disse comigo, que prejuízo traz ao mundo a preferência que ela me dá? E Deus liga pouca importância a bichinhos miúdos como nós: tem em que se ocupe e não vai bancar o espião de maridos enganados. É impossível que algum Deus considere as minhas relações com Luísa censuráveis. Ninguém as conhece, só nós podemos julgá-las — e os nossos corações não nos acusam. Padre Atanásio vive a dizer no púlpito que usar mangas curtas é immoralidade. E as mulheres desnudam o colo, mostram os braços, convencidas de que procedem mal. Luísa é inocente: não se envergonha do que faz.

XXI

UM DOMINGO à tarde, como o calor na cidade era grande, entrei no Pinga-Fogo, com a intenção de dar uma volta pelos arredores. À porta da casa de Vitorino encontrei Luísa, d. Josefa e Clementina.

— Para onde vai o senhor por esta zona? gritou-me a Teixeira.

— Por aqui, sem rumo. Boa tarde. Girando, em busca de um canto onde possa morrer sem ser queimado. As senhoras vão sair?

— Vamos. Estábamos procurando um homem, e como o primeiro que passou foi o senhor, venha connosco, que tenho medo dos cachorros do Massa-Fina. Por quem esperam vocês?

Clementina sorriu, vexada com a desenvoltura da outra, e chamou d. Engrácia, que se meteu debaixo do guarda-chuva e marchou na frente. Abrindo a sombrinha, a Teixeira disse em voz baixa:

— Que vem fazer esta velha? Estragou o passeio.

Como a viúva pisava rijo e estava suada, inquiri, julgando ser agradável:

— Essa roupa preta não incomoda, com semelhante quentura, d. Engrácia?

— Talvez fôsse melhor andar de vermelho, retorquiu a proprietária furiosa. Era decente.

— Safa! resmunguei encolhendo-me. Que brutalidade!

Luísa riu-se divertida, a Teixeira deu uma gargalhada, Clementina mordeu os beiços.

Passámos o Corte. E adiante, na frescura e na sombra das árvores que marginam a estrada, as três retomaram uma conversação a respeito do casamento de Clementina, casamento trabalhoso, adiado sem motivo. O dr. Castro não se decidia.

— Que diabo quer êle? perguntou d. Josefa. Eu, se fôsse comigo, mandava-o pentear macacos.

E a um gesto de reprovação da velha, que abominava aquêles modos, dizia que no tempo dela...

— Já sei, no tempo da senhora era tudo côr-de-rosa. As meninas não sabiam ler, para não escrever aos namorados, e viam a cara do noivo pela primeira vez no dia seguinte ao casamento.

— No dia seguinte? exclamou Luísa.

— Foi a directora do colégio quem me contou.

— Pois era um costume interessante, d. Josefa, interrompi. E difícil. A senhora aprendeu muito.

— Aprendi. Principalmente história antiga, do tempo da d. Engrácia.

— A propósito, disse Luísa, essa sua companheira que esteve aí, a professora, azulou sem se despedir, hem? Como vai essa jóia?

A jóia passava bem. Tinha escrito uma carta cheia de lábias. Estava melhor dos intestinos e mais honita.

— Uma beleza, atalhei. Últimamente estava ficando linda. Deve ter sido influência sua, d. Josefa. A senhora não volta para o Coração de Jesus?

— Não.

E entrou a falar no C. S. P., a sociedade de esportes que se tinha dissolvido. Famos passando pelo campo de futebol, agora utilizado com o plantio de mandioca e algodão. Valentim Mendonça tencionava mandar limpar aquilo, reorganizar o clube.

— Faz mal, opinou d. Engrácia. Isto assim está melhor do que cheio de vadios trocando pontapés.

— Decerto, concordou a Teixeira, incorrigível. Antigamente não havia disso.

A viúva encalhou e apressou o passo. Quando alcançámos o Massa-Fina, tinha transposto o riacho, subido a ladeira.

— Voltando atrás, perguntei, como era o casamento, d. Josefa?

— Foi a directora quem disse. Os pais faziam o arranjo, vinha o padre e embirava o casal de trouxas. A noiva, morta de medo, não olhava para os lados. Metia-se no quarto, deitava-se, enrolava a cabeça nas cobertas e via o marido no outro dia. Hoje tudo é diferente. A Clementina está cansada de ver o dr. Castro.

Juntaram-se as três de braço dado, formando uma cadeia para evitar algum trambolhão, e desceram de corrida até a beira do riacho, que só tinha uma pinguela para a passagem.

— Como é que se vai atravessar isto? perguntou Clementina, sem se atrever a pisar naquela ponte rústica.

— Vou auxiliá-la, propus. Feche os olhos, se tem vertigens.

Equilibrando-me, segurei as mãos da moça e, andando de costas, cheguei à outra margem. Depois conduzi Luísa. No meio da prancha, com os braços abertos e as mãos nas mãos

dela, como se fôsse abraçá-la, hesitei, e foi ela que me amparou. Pareceu-me que a minha vida era uma coisa estreita e oscilante, com perigo de um lado, perigo do outro lado, e Luísa junto de mim, a proteger-me. Comprimi-lhe os dedos, toda a minha alma fugiu para ela num olhar de ternura.

— Vocês querem ficar assim o resto da tarde? bradou a Teixeira.

Tive um sobressalto e tirei-me dali. D. Josefa passou a travessa em quatro pernadas, trepou o monte quâsi a correr.

Clementina colhia florinhas à beira do caminho.

— Que quer dizer aquilo? perguntei a Luísa. Terá percebido?

— Talvez tenha, fêz ela pensativa, sem baixar a voz diante de Clementina, que se aproximou com as mãos cheias de cajás.

A Teixeira estava agora sisuda, sentada num tronco, reconciliada com d. Engrácia, que nos disse, interrompendo uma descrição do Senhor Morto de Palmeira-de-Fora:

— Pensei que não chegassem hoje.

— Não há pressa, respondeu Luísa. A qualquer hora chegamos bem.

E abriu a sombrinha sob as ramagens escassas. D. Engrácia atacou Clementina:

— Enfeitar os cabelos com flores de mulungu! E comer cajá, uma porcaria que embota os dentes!

Caminhámos em silêncio até o lugar onde existiu o cruzeiro verde, um cajueiro com dois galhos em forma de cruz, que a gente dos sítios próximos vinha adorar. Falei da multidão que ali encontrei uma tarde — mendigos, mulheres com filhos pendurados aos peitos, curiosos, espertalhões que se arvoravam em sacerdotes.

Mas ninguém ligou importância à minha história. Chegámos ao caminho que vai dar à Lagoa, estreito e esburacado. D. Engrácia voltou a descrever o Senhor Morto, imagem terrível, com braços de macaco e olhos de coruja.

A Teixeira interrompeu-a e informou-se de Marta, que estava doente. Ia bem, tomando remédio de botica.

Como Luísa, para saltar um barranco, me pediu a mão, que apertou, sorri. E lembrei-me das músicas, das flores de parafina e dos livros franceses. Pensei no soneto, no carnaval, no Centro da Boa Imprensa, no Marino Faliero e no presépio. Encolhi os ombros. Que me importava Marta Varejão? Que me importava o resto?

Feliz e egoísta, vi o mundo transformado. D. Engrácia, a Teixeira, Clementina, meia dúzia de crianças amarelas e beiçudas que preguiçavam no terreiro de uma cabana, tudo mingüou, reduziu-se às dimensões das figurinhas do Cassiano. E a cidade, que divisei em baixo, por uma aberta entre os ramos, era como o tabuleiro de xadrez de Adrião, com algumas peças avultando sobre a mancha negra dos telhados: as duas igrejas, o prédio da usina eléctrica, tetos esquivos de chalets, o casarão de Vitorino atravancando o Pinga-Fogo, coqueiros esguios, o cata-vento.

Fomos agora pela estrada larga, plana, escura das árvores que a ladeiam. Retardando o passo, falei baixo a Luísa. E olhava os salpicos de luz nas fôlhas sêcas do chão quando, numa volta do caminho, o Neves, escanzelado, verde, de óculos, passou por nós, franziu os beiços, tirou o chapéu.

— Não posso tolerar este indivíduo, disse Luísa com repugnância.

— Quem? o Neves? inquiriu Clementina aproximando-se. É obsequiador, delicado. Vamos até o Sovaco?

Tínhamos desembocado na Lagoa.

— Eu não vou, opôs-se a Teixeira. Estou com as pernas bambas.

E desceu à direita, nem quis ouvir d. Engrácia, que sugeria uma visita a Maria Quebra-Unha. Fomos encontrá-la abotoando um sapato, quási à entrada da rua.

— Que sujeito insuportável! tornou a dizer Luísa com aversão.

E, como Clementina estranhasse aquela antipatia excessiva:

— Não está em mim, é birra. Insuportável!

Mais tarde, quando nos separámos, fiquei pensando no aborrecimento que Luísa tem ao Neves. A vida íntima dêle é abjecta. Rosnam coisas. A mulher, robusta ao casar, tornou-se magra, pálida e com olheiras. É um casal que não tem filhos. E picuinhas em cima do homem.

Porque será que Luísa, que não sabe nada, volta o rosto quando o vê, cheia de nojo? Lembrei-me da faculdade que ela possui de sentir a miséria alheia: a fome do sapateiro, os gemidos da tísica, as pancadas do martelo, alta noite. Talvez, por um misterioso instinto, a pobreza moral do Neves se lhe revelasse confusamente, provocando uma repulsão que a generosidade dela não pode vencer.

XXII

O MIRANDA NAZARÉ andava com influenza. Fui visitá-lo.

Encontrei-o sentado na cama, os pés metidos em sapatos de banho, pijama sem botões, no peito descoberto uma grenha amarelenta, um fio de baba a escorrer-lhe nos pêlos do queixo. Bebia chá e mastigava torradas que estalavam, cobriam de migalhas os lençóis sujos. Numa cadeirinha baixa, Clementina olhava com olhos de cão o dr. Castro.

— Veio a propósito, bradou o doente quando me viu. Eu estava pedindo a Deus uma pessoa que soubesse jogar xadrez.

Soltou a xícara, agarrou-me as mãos, nem me deixou cumprimentar a filha e o futuro genro.

— Faço tudo para domesticar êste homem, continuou. Impossível, não tem embocadura para o xadrez.

O dr. Castro riu, achou aquilo um jôgo encrencado que ninguém entendia, pior que latim. Concordei: não me entravam na cabeça aquelas combinações embrulhadas. Afinal sempre me resignava a perder uma partida. Clementina trouxe o tabuleiro.

— Qual! história! exclamou Nazaré.

Encostou-se à mesinha da cabeceira, arrumou as peças:

— Você joga até muito bem, melhor que o Adrião. Branca? Sim senhor, é o que lhe digo, substitui o Teixeira com vantagem. Saia lá, seu felizardo.

Embatuquei, tive a impressão de que me haviam tirado a roupa, deixado nu diante de Clementina e do dr. Castro.

— Xeque.

Avancei um peão. Ali estava o meu segrêdo babujado pela bôca mole daquele velhaco. Que imprudência tinha eu cometido? Fazia tempo que me abstinha de ir a casa de Adrião, e quando ia, ficava de parte, com mês da Teixeira, que não se arredava de lá. Em mês e meio apenas me avistara com Luísa três vezes: duas no jardim, alta noite, e uma no Tanque, ao pé de grandes penhascos entre árvores. O sítio era delicioso, um veio de água gemia na relva, esvoaçavam casais pelos ramos, a verdura de um lindo musgo vestia as pedras velhas.

— Xeque.

Pus o rei junto à dama, em casas da mesma côr, defesa idiota. Xeque de cavalo às duas. Sebo! lá se foi a dama,

Continuei, distraído, com o pensamento naquele retiro campestre, onde passei instantes que voaram, ouvindo a cantiga lenta do riacho e vendo, através da ramagem, pedaços de céu vermelho. Luísa havia engenhado para ir lá um pretexto cheio de complicações. Revoltava-se por ter necessidade de mentir, ela que não mente nunca. E não podíamos recomendar. É uma desgraça viver em cidade pequena, onde a qualquer hora podem encontrar-se pessoas conhecidas que espreitam.

— Mate.

— Já? Foi surpresa. Pois muito boa noite, disse eu bruscamente, levantando-me.

— Demore aí, vamos jogar outra, convidou Nazaré. Esta não valeu. E dou-lhe partido.

— Obrigado. Que prazer tem o senhor em jogar comigo? Ganha sempre. Vim apenas saber da saúde. Parece que está bom.

— Não é tanto assim, retorquiu Nazaré. Uma semana aqui de mólho, a canja e chá com torradas! Veja isto.

Mostrou-me os dedos descarnados. Recostou-se nos travesseiros, de fronhas imundas. Que interior lastimável! O dr. Castro fazia péssimo casamento. Ali a conversar a meia voz com a noiva, longe do círculo de luz que havia em torno do abat-jour, sem notar a desordem do quarto, o espelho rachado, a mesa coberta de poeira. Como a gente cega! Talvez comigo se desse o mesmo. Não que Luísa fôsse como Clementina. Graças a Deus tenho bons olhos, bom olfacto, sei o que está limpo e o que é feio. Mas tôdas as belas qualidades com que me entretive a enfeitar o meu ídolo seriam o que eu julgava?

— E veja isto, continuou Nazaré exibindo as costelas salientes, as bochechas murchas, as bambinelas do pescoço. Olhe que miséria. Que fazem vocês aí no escuro, taramelando? Venham para cá. Ah! meu caro! se eu tivesse vinte e cinco anos, uma gripezinha não me incomodava. Vinte e cinco anos, hem? Está na idade.

Outra alusão. O dr. Castro aproximou-se, declarou que ser novo era com efeito excelente.

— Para uma farra... Sim, para um divertimento honesto... emendou olhando timidamente Clementina. Os senhores me entendem. Enfim quando o cidadão é moço sempre tem melhor estômago que quando é velho.

— Assim falava Zaratustra, disse o futuro sogro.

— Quem? perguntou o promotor.

Nazaré, que estava rindo, teve um acesso de tosse, levou o lenço à boca e ficou algum tempo a sacolejar-se.

— Quem? tornou a perguntar o bacharel, desconfiado.

— Zaratustra, filho, respondeu o tabelião quando melhorou. Será possível que você não saiba quem foi Zaratustra, um sujeito conhecido? Aqui o João Valério... A propósito de Zaratustra, como vai o Adrião?

Já preparado contra aquêles remoques, encarei Nazaré friamente e, simulando indiferença:

— O senhor freqüenta a casa dêle tanto quanto eu, ou mais. Há quinze dias que lá não vou. E esse interesse...

— Decerto. Um amigo.

— É isso, concordei hipócrita. Provavelmente ele já o visitou. O senhor assim de cama...

Nazaré enfiou. Os Teixeira não o visitam. Recebem-no, admiram-lhe a inteligência, temem-lhe a língua e desprezam-no.

O docente baixou a cabeça, carrancudo, e Clementina entrou ingênuamente a lamentar que Luísa e d. Josefa não tivessem aparecido naquele apêro. Vencendo a timidez natural, animava-se, tinha um calor de ressentimento no fio de voz infantil, um pouco de sangue na face pálida:

— Não é que nós precisássemos de alguma coisa. Não, não precisamos, mercê de Deus. Mas a ingratidão... É duro. Quando se quer bem a uma pessoa, o senhor comprehende, a presença dela conforta. Só a presença, não é necessário mais nada.

Pobre rapariga. Desmazelada e histérica, mas uma pérola.

— Conforta, sem dúvida, apoiou o dr. Castro.

Arregalou o olho convencido. Não admitia que um homem vivesse neste mundo sem ser amigo íntimo dos outros:

— Conforta. Mesmo quando se tem tudo, o senhor comprehende, conforta muito. Foi o que eu sempre disse. Percebe?

— História! bradou Nazaré aborrecido. Morremos bem sózinhos. Esta é que é a verdade: o resto é fraqueza, maluqueira.

— Sim? exclamei com fingido espanto. Mas, se não me engano, o senhor há pouco pensava de maneira diferente.

Despedi-me apressado, saí, porque não podia agüentar uma discussão com êle.

E senti um ódio violento a todos os miseráveis insectos que andam a picar a dignidade alheia. Veio-me a impressão

extravagante de que as mãos do velho haviam tocado o corpo de Luísa.

Desejei vingar-me, insultar Nazaré — canalha, pau-d'água, ladrão; lembrar-lhe o que deve aos Teixeira e não paga, o que furtou aos órfãos e os quinhentos mil-réis que recebeu para abafar um processo. Pensei em voltar a casa dêle, dizer-lhe que Cesário Mendonça tinha um bilhete premiado, que padre Atanásio estava à bica para cônego, que o dr. Liberato conseguira meter um artigo no *Brasil-Médico*. Eram três golpes terríveis. Ele não pode ser cônego, naturalmente, não escreve medicina nem joga na loteria; mas certas notícias irritam-no, o êxito dos outros é um tormento para êle.

Patife! Luísa já não era a santa que imaginei. Tinha descido. Mas, quando estava alguns dias sem a ver, eu descobria nela tôdas as perfeições.

Andei a vagar pelas ruas. Irresistivelmente atraído, cheguei-me ao casarão dos Italianos. Fiquei de longe, rondando, com uma angústia desconhecida, o vago receio de que alguém me visse entrar. Talvez os vultos esquivos, freqüentadores do Pernambuco-Novo, julgassem que eu ia satisfazer necessidades torpes como as dêles. Estremeci, indignado com uma comparação tão absurda.

— O corpo! o corpo! É a alma que eu quero, disse a mim mesmo numa exaltação absolutamente desarrazoada.

Com efeito a alma dela creio que sempre a tive, e nunca deixei de mortificar-me e desejar mais.

Fui ao portão, hesitei. Toquei a campainha timidamente: ninguém; entrei no jardim: deserto. Sentei-me no banco. Lá estava à beira do lago a garça pensativa e bicuda, com a perna invisível encolhida sob a asa. Lembrei-me da entrevista que ali tive com Luísa, uma noite, enquanto o luar brigava com as nuvens. Agora não havia luar. As palmeiras, crescidas, iam quâsi ocultando a frontaria do armazém; entre as fôlhas dos tinhorões brilhavam lâmpadas escondidas; trepadeiras enlaçavam as grades.

— Aí sózinho, João Valério? bradou-me Luísa alegremente do alto da escada. Porque não chamou? Suba.

E antes que eu subisse já ela havia descido.

— Faz muito tempo que chegou?

— Pouco tempo.

Tomei-lhe as mãos e apertei-as com fôrça:

— Estava pensando no que lhe disse aqui o ano passado. Isto hoje tem muita diferença. E vinha comunicar-lhe...

— Que tem você? Está com raiva?

— Com raiva? Não é possível.

Ela sentou-se junto a mim:

— Largaram-me. Os criados fugiram, e o Adrião, enfadado, foi jogar solo em casa do Vitorino. Adormeci. Levantei-me agora mesmo. Olhe para esta cara amarrotada.

Aproximou-se, risonha, e logo recuou:

— Está com uma carranca de réu.

Agarrei-lhe bruscamente os braços:

— Tenho-lhe muita estima, acredite. Muita estima.

Sempre tive.

— Sim, eu sei, balbuciou Luísa com desconfiança. Para que êsses modos esquisitos?

— Eu ia dizer há pouco. Tenciono retirar-me daqui, vou-me embora.

Era uma idéia que me havia surgido com a presença dela e que manifestei sabendo que a não realizaria.

— Vai-se embora? Para onde? E porquê? perguntou Luísa erguendo-se. Que resolução foi essa?

Fiquei um instante calado, pensando em Nazaré e olhando as trepadeiras da grade.

— Fale, tornou Luísa com despeito. Não é só bater as asas sem mais nem menos. É preciso que se saiba. Que foi que aconteceu?

— É que receio prejudicá-la. Continuando como vamos... Imagine.

Levantei-me. Estava convencido de que tinha realmente a intenção de abandoná-la.

— Quero que acredite... é para mim um sacrifício, já se vê. Mas se isto continuar... Reflita.

— João Valério, interrompeu Luísa com voz trêmula, eu não creio que esteja aborrecido de mim e procure um pretexto para se afastar.

— Não. Ora essa! Que lembrança!

— Seja franco, diga-me o que há.

— Há apenas isto: teria muito pesar se fôsse causa de um desastre na sua vida. Nem sei, já agora sinto remorsos.

— Tem medo?

— Não é isso: é que num lugar pequeno como êste hão-de desconfiar, hão-de mexericar. Há o Miranda, há o Neves...

— Pois, meu filho, eu não estou disposta a sacrificá-lo para ser agradável aos outros. Se formos ouví-los... Ainda relutei fracamente:

— Podem saber. Há o Miranda, o Miranda é terrível. Se isto se divulgar, que escândalo!

— Se se divulgar...

Estava pálida, com os olhos quebrados, e falava precipitadamente, embrulhando tudo:

— Talvez não se divulgue... Afinal, suceda o que suceder, sofreremos as consequências.

Abracei-a com furor. Sobre o banco do jardim os nossos suspiros morreram. As fôlhas dos tinhorões agitavam-se em silêncio. E a garça displicente erguia o bico no mesmo conselho mudo, invariável, que nunca pude compreender.

XXIII

NA FARMÁCIA Neves, o dr. Liberato saíu do consultório, relendo uma receita, que entregou ao ajudante:

— Despache isto, mande levar a casa do Teixeira.

O rapaz, familiarizado com aquêles garranchos, decifrou sem demora: faltavam duas drogas. O médico tomou o lápis, riscou, substituiu:

— Mande levar logo.

E ia retirar-se quando Nazaré entrou apressado:

— O Neves está?

Tinha ido ao Riacho-do-Mel, ver umas terras, voltava à noite.

— Novidade? perguntou o dr. Liberato abrindo a portinhola.

— É a reprodução de uma fórmula, explicou o Miranda. O doutor estava aí? Desculpe, não o vi. Muito boa tarde a todos. Vinha tão aporrinhado que não vi ninguém. Uma coisa que o senhor me deu o ano passado, valeriana, bromureto, não sei quê. Lembra-se?

— Perfeitamente. Outro acesso?

— Outro acesso! respondeu o tabelião tirando o chapéu, enxugando o suor que lhe corria pela testa.

Sentou-se no banco, junto a mim e Isidoro, que fumávamos com imensa preguiça, assando ao calor das quatro horas:

— Vejam que infelicidade. Não posso ter um momento de sossêgo.

— Mas como foi isso? informou-se Isidoro. Há tanto tempo que ela não tinha nada...

— Há seis meses, mais de seis meses. Parecia curada,

até engordava. Mas hoje amanheceu triste — algum arrufo com aquêle palerma — e de repente, quando menos se espera, lá vão gritos, desatino e, zás! arranhões na cara do noivo.

— Também é culpado, balbuciou Isidoro. Não atanem desata.

— É o que eu digo, concordou Nazaré. Quem quiser casar case logo, vá noivar no inferno. Retardando, amolando... Levou unha, ficou com o focinho escalavrado. E foi bem feito. A pequena, quando está naquela desordem, gosta de arranhar. Fora daquilo é uma ovelha, uma santa, mas gosta de arranhar. Encontrou a fórmula?

— Encontrei, respondeu o empregado.

— Pois eu mando buscar o remédio daqui a pouco. Até logo.

E saiu.

— Eu nem sei se posso aviar isto, disse o ajudante chegando-se à grade.

— Outras drogas que faltam? inquiriu o doutor.

— Não senhor, é que ele não paga. Já levei a conta um bando de vezes. Não avio: acabou-se a valeriana. É melhor assim: não se gasta nada, e amanhã a moça está boa.

Isidoro indignou-se:

— Que horror! Deixar uma pessoa sofrendo por causa de cinco mil-réis, dez mil-réis! Mande a garrafada. Espere, não me interrompa. Mande. E se ele não pagar, debite-me.

Desculpou-se:

— Tenho negócio com o Miranda. Umas escrituras. Depois desconto.

Pusemo-nos a rir, sabíamos que era mentira.

— Extraordinário! chasqueou o dr. Liberato dando as costas.

De longe, no Quadro, ainda se voltou:

— Você faz sempre dessas transacções, Pinheiro?

Censurei Isidoro com amizade. Que prazer extravagante! Deitar dinheiro fora! Nazaré não precisava daquilo, era rico. E não obsequiava ninguém.

Isidoro Pinheiro, de cabeça baixa, defendeu-se:

— Eu devo ao Miranda. E gosto do Miranda. É amigo, é leal, ouro de lei. E a Clementina, coitadinha, tão alegre ante-ontem, jogando dominó com a gente em casa do Mendonça! Agora batendo, arranhando...

Deixou aquela conversa, que lhe desagradava:

— Outro assunto: eu soube aí umas histórias. Não acreditei, é claro. Protestei.

Levantou-se, foi à porta da rua, olhou para os lados, voltou, sondou o fundo do estabelecimento, certificou-se de que o empregado estava longe, manipulando.

— Como, Pinheiro? perguntei estremecendo.

— Picuinhas, cachorradas. Não acreditei, está visto.

— Diga logo. Para que êsses subterfúgios?

— Eu não sou de subterfúgios, todo o mundo sabe, João Valério. Não sou de subterfúgios, não ando com panos mornos. Quem me conhece... Afinal deixemos isto. O que me disseram foi que você estava amigado com a mulher do Adrião.

— Oh! Pinheiro! balbuciei magoado com aquela palavra dura.

— Fui bruto, realmente, confessou Isidoro. Mas não tive tempo de suavizar. Repeti o que me contaram.

— Quem lhe disse? Foi o Miranda?

— Não. Isso não importa. O essencial é terem dito. Ora, se há alguma verdade...

— Qual verdade! qual nada! Calúnia.

— Exactamente o que eu afirmei, calúnia, que o Valério não ia fazer canalhice tão grande com o Adrião. E a mulher dêle, virtude inquebrantável, incapaz, absolutamente incapaz de um deslize. Em todo o caso fica você avisado, porque enfim não é bonito que a pobre moça caia na bôca do mundo. Eu, se fôsse comigo, deixava de ir lá.

Tive o impulso de justificar-me perante aquela alma simples:

— Deixar de ir lá, Pinheiro? Mas se não tenho nada com ela! Julga que devo preocupar-me...

— Julgo que a reputação dela está sendo prejudicada por sua causa.

— Mas que culpa tenho eu? Você é testemunha, quase sempre estamos juntos. Quando os outros jogam, conversam, tocam, recitam, nem sequer fico na sala: vou para a varanda, fumar. Que foi que viram êsses excomungados bisbilhoteiros? De mais a mais — que diabo! — não se quebra assim do pé para a mão um hábito de seis anos, sem motivo.

— Motivo há, interrompeu Isidoro.

— Umas suspeitas idiotas, homem, uns aleives. Que motivo! E não posso afastar-me de supetão. Até o marido desconfiava. Outra coisa: imagine que eu goste dela. Não

como lhe disseram, mas que goste sem malícia, como nos livros. Imagine.

— Gostar de uma mulher casada! atalhou Isidoro. Você é capaz disso!

— E que ela também goste de mim. É uma hipótese. Sem malícia, naturalmente, como nos romances.

— Patacadas! Que necessidade pode sentir a Luísa de gostar de você, se já tem um homem? E deixe-se de maluqueira. Não há por aí tanta mulher?

Levantei os ombros com impaciência. Para contentar Isidoro bastava usar saias e ter volume.

— Está bem, Pinheiro, exclamei de mau humor, erguendo-me. Isto não interessa.

— Como não interessa? Interessa muito. Feitas as contas...

— Você não entende nada.

— Não entendo? retorquiu Isidoro, vermelho como um pimentão. Pois muito bem. Quando a pobrezinha estiver para aí, abandonada da família, e você, seu Don Juan de meia tigela, de cama, com uma roda de pau no costado, veremos se eu entendo. Você nem sabe em que se meteu. O Adrião é uma fera.

E levantou-se, feroz, carrancudo, soprando ruídosamente, uma chama nos olhos. Passeou alguns instantes em silêncio, da grade para a porta, como um bicho zangado. Depois acendeu um cigarro:

— Eu em questões de honra sou intransigente. E vou tomar conhaque. Quer tomar conhaque?

— Não, bom proveito, agradeci despeitado.

— Está certo. Vamos então chegando a casa, que daqui a pouco é o jantar.

Na rua atirou disfarçadamente um níquel ao bôlso de um cego. Diante da pensão, já tranqüilo, parou, bateu-me no ombro:

— Pois, menino, o que você me disse é o diabo. Se o Adrião morresse, seria um desastre, sem dúvida, que ele é a melhor pessoa do mundo, mas o seu caso ficava solucionado. Aquilo, sim! Casamento esplêndido. Que olhos! que braços! que toitiço! Você nem sabe quem está ali. Mulher ideal, fêmea sublime. Se fôssé viúva... Mas com o Teixeira vivo, realmente não sei. É o diabo.

XXIV

SERIA uma felicidade para mim, decerto, a morte de Adrião. Desgraçadamente aquela criatura tinha sete fôlegos. Hoje quási a morrer, de ôlho duro, vela debaixo do travesseiro, a casa cheia, padre ao lado, os amigos escovando a roupa preta — e amanhã arrimado à bengala, perna aqui, perna acolá, manquejando.

Decididamente o dr. Liberato é um sujeito desastrado: deixa que se vão os doentes que fazem falta e adia o fim dos inúteis. Guiomar Mesquita, com dezoito anos, flor de graça e bondade, como diz Xavier filho, depois de quatro meses ora arriba ora abaiixo, lá se foi em Março. E a mulher do sapateiro, a tísica, ainda vive. Enquanto, carregado de apreensões, eu tentava acrescentar uma página aos meus caetés, ouvia-lhe a tosse cavernosa.

Vendo Adrião estirado, a gente perguntava:

— Há perigo, doutor?

E o dr. Liberato falava no ventrículo, na aurícula, nas válvulas, e opinava:

— Se não sobrevierem complicações, julgo que não há perigo.

Não sobrevinham complicações. A aurícula, o ventrículo, as válvulas, continuavam a funcionar — e Adrião, combalido, existia.

E tudo seria tão fácil se ele desaparecesse! Afinal não era ingratidão minha desejar-lhe o passamento, que não lhe devia favor. Conservava-me porque o meu trabalho lhe era proveitoso. Amizade, protecção, lorota. Hoje não há disso. Se eu não tivesse habilidade para sapecar a correspondência com desembaraço e encoivarar uma partida sem raspar o livro, punha-me na rua.

Eu dava mais do que recebia, na opinião do Mendonça. Em todo o caso nunca ousei descobrir a mim mesmo o fundo do meu coração. Não chegaria a pedir aos santos, se acreditasse nos santos, que abreviassem os padecimentos do Teixeira. Tergiversava. As minhas idéias flutuavam, como flutuam sempre.

À noite passava tempo sem fim sentado à banca, tentando macular a virgindade de uma tira para o jornal de padre Atanásio. Impotência. O relógio batia nove horas, dez horas. O pigarro do dr. Liberato era abominável. Na

sala de jantar, Isidoro, Pascoal e d. Maria jogavam as cartas, tinham às vezes contendas medonhas.

Dançavam-me na cabeça imagens indecisas. Palavras desirmanadas, vazias, cantavam-me aos ouvidos. Eu procurava coordená-las, dar-lhes forma aceitável, extrair delas uma idéia. Nada.

Cães ladrando ao longe, galos nos quintais, gatos no telhado, serenatas na rua, o nordeste furioso a soprar, sacudindo as janelas.

“Jurado amigo...” Carta a um juiz de facto, mofina contra o júri, que absolveu Manuel Tavares, assassino. Depois de muito esforço, consegui descrever o tribunal, o presidente magro e asmático, gente nos bancos, o advogado triste e com a barba crescida, o dr. Castro soletrando o libelo. Não ia, emperrava. Tanto melhor, que padre Atanásio, bem relacionado com o Barroca, não havia de querer publicar aquilo. E que me importava que Manuel Tavares saísse livre ou fosse condenado? Um criminoso sólto. Não vinha o mundo abaixo por ficar mais um patife em liberdade.

Antes o soneto que abandonei por falta de rima. Torci, espremi — trabalho perdido. Eu sou lá homem para compor verso! Tudo falso, medido.

O que eu devia fazer era atirar-me aos caetés. Difícil. Em 1556 isto por aqui era uma peste. Bicho por toda a parte, mundéus traiçoeiros, a floresta povoada de juruparis e curupiras. Mais de cem fôlhas, quase ilegíveis de tanta emenda, inutilizadas.

Talvez não fosse mau aprender um pouco de história para concluir o romance. Mas não posso aprender história sem estudar. E viver como o dr. Liberato e Nazaré, curvado sobre livros, matutando, anotando, ganhando corcunda, é terrível. Não tenho paciência.

Enfim ler como Nazaré lê, tudo e sempre, é um vício como qualquer outro. Que necessidade tem ele, simples tabelião em Palmeira-dos-Índios, de ser tão instruído? Quem dizia bem era Adrião: “Essas filosofias não servem para nada e prejudicam o trabalho”.

Adrião. Lá vinha novamente o Adrião. Que acaso infeliz amarrara àquela estafermo a mulher que devia ser minha? Cheguei tarde. Quando a conheci, já ela era do outro.

E pensar que há indivíduos que têm tudo quanto necessitam! Para mim, dificuldades, complicações.

Tinha medo do que diziam de Luísa, encolhia-me aterrizado, evitava os conhecidos, não ousava encarar Nazaré. No escritório, certos modos impacientes de Adrião davam-me tremuras. Santo Deus! Que teria observado aquèle animal? que iria fazer quando chegasse a casa? Despropositar, martirizar a pobrezinha com uma cena de ciúme. Isto me revoltava. Que direito tinha êle de se mostrar ciumento? Um sujeito enfermiço, côr de manteiga, com as entranhas escangalhadas...

E eu a esconder-me, a fugir de Isidoro, que me aperreava:

— Se ela fôsse viúva... Isto de saias eu conheço bem. Se fôsse viúva...

— Mas não é, homem, respondi-lhe por fim, irritado. Deixe-me em paz. Eu não posso casar com uma mulher casada.

E a d. Maria José, que um dia achou inocentemente que eu era feliz, retorqui de um fôlego, com dureza:

— Feliz porquê, d. Maria? Que é que a senhora quer dizer?

Ela espantou-se. Queria sómente dizer o que tinha dito, mas se eu sentia prazer em ser infeliz, estava acabado, pedia desculpa. O italiano riu, Isidoro encolheu os ombros, o dr. Liberato fêz uma careta e decidiu:

— Você, meu caro, não está regulando. Vou examiná-lo amanhã.

XXV

O SILVÉRIO, baixinho, cabeçudo, escovou o pano verde, limpou a tabela, trouxe as bolas e giz.

— Partida em cinqüenta pontos? perguntou o italiano.

— Em cem, disse Isidoro arregaçando as mangas da camisa. Saio eu?

Jogou, saltou-lhe a cabeça do taco.

— Ora...

Não conteve uma praga obscena.

— Ó Silvério, porque é que não há aqui um diabo que preste? Está tudo rachado e torto.

Escolheu o taco que lhe pareceu menos ruim. Depois tomou o giz e examinou a qualidade:

— Sim senhor, boa marca. Também é só o que se aproveita neste bilhar, o giz. E o dono, que não é mau. Você quer acabar de uma tacada? Passou? Muito bem. Faça êsse recuo, carcamano de uma figa.

Marquei os pontos. E ia admirar o jôgo do italiano, o mais forte de nós três, quando o dr. Castro entrou por uma porta e Nicolau Varejão por outra.

— Seja bem aparecido, seu Varejão, gritou Pascoal. Começámos agora. Quer jogar?

— Obrigado, respondeu Nicolau Varejão. Já deixei isso. Antigamente, quando tinha a mão firme e a vista perfeita, não senhor, até carambolava. Naquele tempo havia muito bons jogadores. Eu conheci um homem...

— Sessão de júri amanhã, doutor? inquiriu o italiano.

— Se houver casa. Só faltam dois processos.

— Uma desgraça essa história de júri, gemeu Silvério. Um dia inteiro sem comer. Ontem fui almoçar às sete da noite.

— Pois foi muito bem feito, afirmei com um bocejo. Era melhor que ainda estivesse jejuando. Os senhores absolveram Manuel Tavares. Que é que ia dizendo, seu Varejão? Conheceu um homem...

— Levado da breca, jogava um mês sem parar. Caminhava tanto que o chão se cavava e a tabela batia-lhe no queixo.

— Admirável! exclamou Isidoro. Que diabo tem esta luz que está tremendo tanto? Continue, seu Varejão.

— E perdeu uma série bem principiada.

— Quantas carambolas fazia o homem? perguntou Pascoal.

— Tôdas, respondeu Nicolau Varejão. Três, quatro, cinco, mil, tudo. Quem sabe onde tem as ventas não acaba nunca.

Jogámos algum tempo em silêncio.

— Noventa e nove, gritou o Pinheiro. Estão fritos.

Procurou posição para um giro difícil, trepou-se na tabela e, quase de gatinhas, conseguiu carambolar.

— Cem, com todos os diabos! berrou saltando no chão. Eu bem tinha prometido ensinar êstes pexotes.

— Continuamos nós? perguntou o italiano.

— Não vale a pena, respondi. Seu Silvério, o tempo.

E, recolhendo o trôco:

— Sempre os senhores puseram na rua o Manuel Tavares, hem?

— Eu não! exclamou o dr. Castro. Foi o júri.

— Manuel Tavares, um caso triste, atalhou Isidoro. Um infeliz, coitado. Afinal de contas... Ó Silvério, mude a

água desta bacia. Como é que a gente lava as mãos nesta imundície?

— Um caso triste, sem dúvida. Mas o júri... o júri é soberano, explicou o dr. Castro. Foi o júri.

— O júri? estranhei. O senhor também. Está visto. O senhor apelou?

— Não, não apelei, disse o promotor. Não apelei porque o juiz de direito, os jurados... O senhor comprehende. E um crime como aquêle... Enfim não apelei.

— E então? Foi o senhor. Manuel Tavares, um assassino, um bandido da pior espécie!

Vendo-me um pouco exaltado, Isidoro segredou-me:

— Deixe lá, homem. Que é isso?

— Mas não é verdade, Pinheiro. Não foram os jurados, foi o promotor. Os jurados absolveram, mas quem soltou Manuel Tavares foi aqui o doutor, que se esqueceu de apelar. Foi ou não foi?

— Eu entendo de júri? resmungou Isidoro. O que sei é que vou para casa, tomar um suadouro, que estou constipado.

— Não quer dizer. Pois é claro. Um criminoso que matou um hóspede adormecido... E para roubar!

— Estava no meu direito, urrou o promotor. Não preciso que ninguém me dê lições.

— Livre, sem apelação, continuei. Que diz você, Pascoal?

O italiano pôs-se a assobiar baixinho. Eu andava indignado com as perfídias de Nazaré, e não podendo vingar-me dêle, mais de uma vez me havia tornado agressivo contra o dr. Castro, que se defendia mal.

O Silvério sorria constrangido. Isidoro, da porta, chamou-me:

— Vamos embora.

Ia retirar-me, convencido de que o promotor era um grande canalha, quando Nicolau simulou uma tentativa de pacificação, inteiramente inoportuna:

— Não se afobem, meus amigos. Contenham-se. Um fusuê a esta hora, as portas abertas, gente na rua! Não briquem. Amanhã sabem...

— Quem é que está brigando, seu Varejão? retorqui com mau modo.

— É que os senhores conversam aos gritos. E o Neves passou aí em frente, parou acolá na esquina. Quando andarem fuxicando, não vão pensar que fui eu.

— E o senhor julga que eu me importo com o Neves? Não me importo, não tenho mês dêle. Nem dêle nem de ninguém, bradei com falsa coragem, porque todos aqui temem o Neves.

— Exactamente o que eu ia dizer, declarou o dr. Castro. Não tenho mês de ninguém. Nem do Neves nem de ninguém. De ninguém! Tenho a minha consciência. Era o que eu ia dizer. A minha consciência. E sou bacharel.

— Ah! é bacharel? Meus parabéns.

E olhei-o com escárnio por cima do ombro do Pascoal, que se meteu de permeio. Aparentando calma, comecei a escovar a gola do paletó, esforçando-me por ter firmes os dedos, que tremiam ligeiramente.

— João Valério, gritou Isidoro com raiva, você vem ou fica?

— Já vou, Pinheiro. Foi você que perguntou ao dr. Castro se ele era bacharel? Eu não fui. Foi você, Pascoal? Foi o senhor, seu Varejão? Também não foi. Está aí.

O dr. Castro deu dois passos, apoiou a mão gôrda na tabela do bilhar:

— Senhor Valério!

— É discurso?

— Com mil diabos! exclamou Isidoro.

— Não senhor, gaguejou o promotor, roxo. Não sou nenhum tolo, está ouvindo? E não tenho mês de ninguém, comprehende? Nem do senhor, nem do Neves, nem de ninguém. Não sou nenhum tolo.

— O senhor já disse.

— Já. Era o que eu queria dizer. E a minha consciência é limpa.

— Qual consciência! Soltou Manuel Tavares porque lhe mandaram que não apelasse. Ora consciência!

— Consciência, sim senhor. Consciência. E não admito. Sou amigo de todos, não gosto de questões, mas não admito. Nas atribuições inerentes ao meu cargo... É isto mesmo, está certo. Tenho integridade, não vergo, tenho... tenho integridade.

— Bonito! Recebeu ordem...

— Não recebo ordens, não me submeto. Firme, entende como é? Escravo da lei, fique sabendo. Comigo é em cima do direito, percebe? Desde pequeno. A minha vida é clara. Cabeça levantada, com desassombro, na trilha do dever, ali na linha recta, comprehende? Ora muito bem. Não ando seduzindo mulheres casadas.

— Como?

— É isto mesmo. Não vivo com saltos de pulga, ninguém encontra em mim rabo de palha. Amigo de todos, mas com seriedade, sem maroteiras.

— E quais são os saltos de pulga? Quais são as maroteiras que um pulha da sua laia descobri...

— João Valério! bradou Isidoro intervindo.

— Tenha paciência, Pinheiro, isto vai longe.

E afastei o Silvério, que suplicava:

— Aqui não, meus senhores. Vou fechar as portas. Em minha casa não. Se vier a polícia... O promotor metido num rôlo!

— Pelo amor de Deus! balbuciou Nicolau Varejão. É um mal-entendido. Eu explico. Calma! No tempo da monarquia... Ouçam, é uma história interessante.

Empurrei brutalmente o Pascoal:

— Deixe-me, com os diabos! Eu sou alguma criança? O que eu quero é que êste idiota me diga...

— Idiota é sua mãe.

— ... quais são as maroteiras minhas que êle conhece.

— As que todo o mundo sabe. Safadezas com a mulher do outro. Passeios na Lagoa, no Tanque... E o pobre do Adrião sem desconfiar.

Com um pulo, desprendi-me das mãos do italiano e agarrei um taco, resolvido a quebrá-lo na cabeça do promotor:

— Repita isso, canalha. Repita, seu filho de uma...

Não acabei o insulto. Isidoro segurou o braço do bachel e cochichou:

— Não repita, doutor, não repita. Porque se repetir, quem lhe parte a cara sou eu, palavra de honra. Aconteça o que acontecer, juro por todos os santos que lhe quebro as costelas. E não torne a aparecer lá. Sou amigo da casa e hei-de achar meio... Não apareça. O senhor é um caluniador. Vamos embora, seu Valério.

— Puxa! fêz o Pascoal depois de andarmos algum tempo na rua. Que falta de ordem! Um barulho sem motivo.

Isidoro parou e pediu-me fósforo.

— Foi tolice, concordou. Que querem vocês? Eu precisava desabafar com aquêle sujeito. É bom rapaž, mas portou-se mal com a Clementina. Parece que desmancha o casamento.

XXVI

“PREZADO AMIGO:

Não tenho ânimo de assinar esta carta nem de escrevê-la com a minha letra. Venho participar-lhe um ingente infortúnio. Prepare-se para receber a notícia mais infausta que um homem de brio pode receber.

Saberá que servem de assunto a boateiros desocupados as relações pecaminosas que existem entre sua espôsa e o guarda-livros da firma Teixeira & Irmão. Envidei sumos esforços para reprimir comentários desabonadores. Inútilmente. O indigno auxiliar do estabelecimento que o amigo dirige, com muita competência, esqueceu benefícios inestimáveis e, mordendo a mão caridosa que o protegeu, acção negra, condenada em estrofes imortais pelo nosso imperador, ousou levantar olhos impudicos para aquela que sempre reputámos um modelo de virtudes.

E os sentimentos libidinosos do celerado foram bem acolhidos. Alguém viu esse ingrato passeando com a amante pelos arrabaldes, na aprazível companhia de uma respeitável matrona e duas gentis meninas, ignorantes das maldades que pululam neste mundo de provações. Também se julga com fundamento que o nefando par esteve uma tarde no Tanque, à sombra frondosa das mangueiras, como diz o poeta.

Enfim, meu caro, o seu nome está sendo atassalhado, vilmente atassalhado em todos os recantos da urbe.

Há poucos dias, num bilhar, o sedutor teve discussão acalorada com o digno órgão da justiça pública. Foram quase às vias de facto, e no decurso da contenda surgiram referências prejudiciais à honra de sua excelentíssima consorte.

Penalizado em extremo, trago-lhe estas informações lamentáveis. Peça ao Divino Mestre coragem e resignação.

Sou um dos seus amigos mais sinceros.”

Deixei cair a fôlha dactilografada sobre o diário. Depois senti nojo. Afastei-a com as pontas dos dedos e abri o razão. Creio que não pensava em nada. Ou talvez pensasse em tudo, mas era como se não pensasse em nada. Pus-me a tremer com violência e a bater os dentes. Percebi que

aquela atitude me condenava e esforcei-me por cerrar os queixos e dominar os músculos, o que não consegui.

— João Valério, gemeu Adrião, peço-lhe que me diga com franqueza...

Esfreguei os olhos para afugentar uma nuvem escura que flutuava entre mim e o livro aberto.

— A verdade, João Valério.

Atentei no velho com espanto: tinha-me esquecido da presença dêle.

— A verdade...

E lembrei-me de Nicolau Varejão, do dr. Liberato e do Miranda.

— Sim, João. Leu o papel.

— Que papel?

Meti os dedos pelos cabelos, sacudi-me para vencer um entorpecimento que se apoderava de mim. Adrião Teixeira avançou a mão e levou uma eternidade a apanhar a carta, que me entregou pela segunda vez. Reli aquela imundície e comprehendi que era trabalho do farmacêutico. Estabeleci alguma ordem nas minhas idéias e contive os nervos. Afinal Adrião não tinha visto nada.

— Então, Valério, não responde?

— Responder... Ora está aí. De duas uma: ou o senhor não acredita, e neste caso...

Olhei, por cima das grades do escritório, as pipas de aguardente e os sacos de açúcar.

— Ninguém. Foram jantar. Continue, fêz Adrião. E deixemo-nos de palavrórios difíceis, que não gosto dêles. É verdade ou mentira?

— Mentira, naturalmente.

Depois de longo silêncio, Adrião falou desalentado:

— Sou uma bêsta. Não vai confessar, é claro. Mas... nem sei. Desde ontem esta miséria! Não dormi.

Acendeu um charuto, sentou-se, pesado, junto à maquina de escrever.

— Vamos, João, exclamou. Eu preciso tomar uma providênciia, uma providênciia razoável. Desquite, separação decente.

— Não há nada, assegurei fechando os livros. Era o que eu ia dizer há pouco. Se o senhor não der crédito a esta infâmia, pode dispensar a minha resposta; se der, ainda que eu jure mil vezes...

— E você é capaz de jurar, homem?

— Com certeza.

— Ah! sim! murmurou o infeliz. Não crê em Deus. Não crê em nada. Ninguém crê em nada. E pensar que o tive em conta de filho! pensar quê... Vão-se embora.

Interrompeu-se para falar a Vitorino e aos empregados, que entravam:

— Fechem, podem retirar-se. Cinco horas? Bem, deixem uma porta aberta. E você, mano... Fechem isso! Por quem esperam?

Quando eles saíram, soltou o charuto apagado, cruzou as pernas e pôs-se a bater com o calcanhar no tablado do escritório. De repente levantou-se, agitou os punhos:

— E eu o julguei amigo seis anos! É duro! E tinha inteira confiança... Podia imaginar tudo neste mundo, tudo, menos isto. Ainda ontem descansado, longe de sonhar... Defenda-se.

Por amor de Luísa, menti descaradamente:

— Defender-me? E de quê? Eu tenho lá de que me defender! Uma carta anônima. Isto vale nada!

— E a sua cara! Você nem sabe mentir.

— É suposição. Não tem fundamento. Que foi que o senhor viu? Notou alguma transformação em sua casa? Não notou. E então! Quer à fina fôrça que eu confirme esse disparate que o Neves inventou, o Neves, um sujeito conhecido.

— O Neves?

— Não foi outro. Não há aqui ninguém capaz de semelhante patifaria. O Divino Mestre, leia. É ele, não tem dúvida. E o mundo de provações, veja. Não foi senão ele.

— É exacto, ciciou Adrião. Deve ter sido ele. Um malandro. Mas o caso é este: andam atassalhando o meu nome por todos os recantos não sei de quê, pelos bilhares. E o culpado é você.

— Eu? Eu tenho nada com isso? É um absurdo, uma acusação injusta, sem prova. Não me defendo. De quê?

E cruzei os braços. Adrião encarou-me:

— É possível que você esteja inocente. Se estiver, perdoe-me. E é possível que seja um traste. De qualquer maneira comprehende que não pode ficar nesta casa.

— Compreendo.

— É necessário sair logo.

— Perfeitamente.

— Vamos então balancear isto. E faça-me um favor. Promete?

— Prometo, respondi sem reflectir.

— Pois bem. Eu sei que você recebeu uma proposta do Mendonça. Aceite agora a proposta. Amanhã liquida aqui os seus negócios e coloca-se lá. Depois de um mês, deixa o Mendonça e vai para o Recife ou para a Baía. Acho conveniente não mudar-se logo, para não dar nas vistas. O Mendonça... você entende... melhor ordenado... um pretexto. Fale com ele. Estamos de acôrdo? O mês vindouro, como ficou resolvido, para a Baía. Leva uma carta de recomendação.

— Muito obrigado. Estamos de acôrdo, mas não aceito a recomendação. Vou para o Rio.

— É bom. E amanhã o balanço.

— Até amanhã.

Sai. Entrei no estabelecimento do Mendonça: Mendonça não estava. E Mendonça filho? Também não estava, fôra passar uma procuração no cartório do Miranda.

Corri em busca de Isidoro, queria confiar-lhe tudo.

— Ó d. Maria, chame o Pinheiro, gritei da porta.

Tinha ido a casa do Miranda. Respirei com alívio, porque de súbito me havia aparecido um grande acanhamento de contar aquela desgraça.

Desci a rua dos Italianos e estive de longe olhando o jardim, a varanda do casarão. Senti um nó na garganta, engoli um soluço e dirigi-me à rua de Baixo, como se fôsse tratar de algum negócio urgente. Não ia tratar de coisa nenhuma, mas precisava agitar-me, andar depressa.

Ao passar pela rua Floriano Peixoto,achei conveniente embriagar-me: subi ao Quadro, fui ao Bacurau e pedi coinhaque. Bebi um cálice, pedi outro, bebi, pedi o terceiro. Acendi um cigarro e esperei o efeito do álcool. As minhas idéias tornaram-se mais lúcidas; o que senti foi um apêrto no coração e desejo de chorar. Bebi o último cálice, levantei-me e enfiei pela rua de Cima.

Adiantei-me até o Melão. Noite fechada. Recuei, decidido a procurar padre Atanásio, distrair-me conversando com ele. Dei uma caminhada ao Chucuru.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Não se via quem falava, porque a escuridão era grande. Nem se ouviam os passos: o vulto movia-se como uma sombra. Mas pela voz, muito suave, reconheci o caboclo. Que andaria êle fazendo por ali àquela hora? Talvez procurando recurso para me pagar quinze mil-réis que lhe mandei quando esteve preso. Pagava. Mata para roubar, mas não deve dinheiro a ninguém.

— Boa noite, Manuel Tavares. Passeando?

— Sim e não. Sim porque gosto de caminhar; não porque estou de serviço. Vou levar um ofício a Quebrangulo.

Recordei o corpo de gigante, as mãos enormes, os olhos miúdos, o rosto duro, a barba emaranhada, tudo a contrastar com a doçura da voz.

— Do promotor, o ofício?

— Não senhor, do doutor delegado. Eu agora estou ajudando o destacamento.

— Ah! Você é soldado?

— Sou e não sou. Soldado, propriamente, não sou. Pra fazer sentinela não sou. Mas quando há diligência, trabalho do cão, e os macacos do governo amunhecam, sou.

— Pois é um bom emprêgo, Manuel Tavares. Continue.

Às nove horas entrei na redacção da *Semana*. Padre Atanásio, debruçado sobre a mesa, dormia profundamente, o rosto escondido nos braços. Respirava com ruído e tinha roxas as orelhas enormes. Sentei-me à banca que foi minha, lá desocupada desde Janeiro. Obedecendo a um velho hábito, abri a gaveta e tirei um maço de aparas de papel.

— Por aqui, seu Valério? exclamou o sargento chegando à porta da tipografia. Pensei que nos tivesse deixado. É uma ingratidão. O seu Pinheiro é que não falha, pontual, firme nas *Sociais*. Quer que acorde o patrão?

Fiz um gesto negativo com a cabeça.

— Sabe se o dr. Castro está na cidade, sargento? perguntei bruscamente, levantando-me.

— Não sei. Ele também aparece aqui às vezes. Até escreveu uma poesia. O senhor leu? Uma história de luar e de sapos. Saíu no fim da quarta página. O reverendo meteu dois versos que faltavam, mas seu Miranda diz que está tudo quebrado. Brigaram. Julgo que o casamento gorou. O senhor não traz nada?

— Não trago nada, sargento. E isso é exacto, a briga dêles? Adeus.

Que azar de Clementina! Sempre os casamentos que dão em ossos de minhoca! Melhor para ela. Antes continuar arranhando, que um marido como aquilo não presta. E melhor para mim: ia procurar o Pinheiro, o que não faria se receasse encontrar o bacharel.

Ao passar pela casa do Miranda, vi Clementina à janela:

— O Pinheiro está aí, d. Clementina?

— Está, sim senhor. Fizeram um jôgo lá dentro, por causa do dr. Barroca, que chegou hoje.

— A senhora faz o obséquio de pedir a êle que venha até aqui?

— Ao dr. Barroca?

— Não senhora, ao Pinheiro.

— Pois não. Porque não entra? Estão na sala de jantar, o Valentim Mendonça também. Entre.

— Ah! O Mendonça está aí?

Acompanhei-a. Diante da mesa de jôgo falei duas vezes antes que os parceiros me respondessem: tinham os olhos em chamas e puxavam as cartas uma a uma, lentamente. Finda a partida, Evaristo Barroca estendeu-me a mão com aquêle modo de superioridade protectora, que lhe fica bem e que abomino.

— Ó Pinheiro, dá-me aqui fora uma palavra? É um instante.

— Impossível, meu filho, inteiramente impossível. Ocupadíssimo. O poker é uma grande instituição. Faça uma perna.

Detesto as cartas, mas naquela ocasião julguei que elas me seriam úteis. Se o Teixeira soubesse que eu tinha estado a jogar, talvez se imaginasse injusto.

— O senhor entra? perguntou Evaristo baralhando.

— Entrada de quanto?

— Cem mil-réis, disse o tabelião entregando-me as fichas.

Paguei e sentei-me:

— Cinco mil-réis?

— Cinco, respondeu Evaristo. O senhor joga? Pois eu sou forçado a reabrir. Quer cartas?

— Duas.

Evaristo Barroca soltou o baralho:

— Fala o senhor.

— Mesa.

E pensei nas amarguras que me iam aparecer no dia seguinte. O que eu devia fazer era esperar o Neves à saída da sessão de espiritismo e dar-lhe uma sova. Era o que eu devia fazer, mas sou um indivíduo fraco, desgraçadamente.

— Para iniciar aposto apenas uma, disse Evaristo com aquela voz sossegada, aquêle olhar tranqüilo que nunca mostra o que êle tem por dentro.

— Vejo, doutor.

E atirei a ficha.

— Que tem o senhor? perguntou êle.

Mostrei uma trinca de damas.

— Ganha.

E franziu os beiços delgados.

— Homem, essa agora! exclamou Valentim Mendonça. O doutor estava feito. Como foi que o senhor conheceu que aquilo era bluff? O doutor não pediu.

Abandonei um par de ases:

— Preciso falar com o senhor hoje ou amanhã cedo, seu Mendonça. Com o senhor e com seu pai. Ele está aí?

Mendonça filho levantou o queixo quadrado e propôs que fôssemos procurar Mendonça pai. Se era assunto de interesse, devíamos ir logo.

— Como! bradou o Pinheiro. Negócio a esta hora? É uma indignidade. Outro bluff, doutor? Muito bem. O bluff é uma grande instituição. Dê cartas, Mendonça, que diabo! Você está namorando com o Valério?

Arriscou uma reabertura com trinca branca e atacou o Miranda, que tinha seqüênciâ:

— É possível? Você pede duas e faz seqüênciâ? E máxima? Abra os dedos, criatura, isso assim na mão ninguém vê. Confiança, naturalmente, todos nós somos de confiança, mas jôgo é na mesa, e tenho visto muita seqüênciâ errada.

Joguei duas horas, distraído.

O que eu queria era saber por que razão não me vinha o ânimo de esbofetejar o Neves uma tarde, à porta da farmácia. No bilhar do Silvério levantei o taco para rachar a cabeça do dr. Castro. E arreceava-me de molestar o Neves. Porque se-rá que aquêle velhaco me faz medo?

— Joga?

— Jogo, respondi separando três reis.

Evaristo reabriu.

— Outra reabertura, doutor? Santa Maria! o senhor leva o dinheiro todo, reclamou Valentim Mendonça.

Tirei um rei. Evaristo e Mendonça não quiseram cartas.

Já que me faltava coragem, não seria mau dar cinqüenta mil-réis a Manuel Tavares e mandar que êle desancasse o boticário, no Chucuru, que é quâsi deserto.

— Fala você, João Valério, resmungou o tabelião. Assim, não se acaba isto.

— Aposto duas.

— Duas e mais quatro, disse Evaristo.

Mendonça fugiu.

— Vem ver? perguntou o Barroca.

— Não senhor, reaposto. Mais quatro.

E deitei na salva as oito fichas que me restavam.

— Vamos então com mais oito, gracejou Evaristo. E desta vez estou forte, pode crer.

— Ainda reaposta, doutor? Vejo. Dê-me aí oito fichas, Pinheiro. Vejo com um four de reis.

— Perde, fêz Evaristo calmamente.

E mostrou um four de ases. Levantei-me.

— Safa! exclamou Valentim Mendonça. Já é ser cai-pora. Onde estava eu metido! Deixa? Também vou. Os senhores continuam?

E contou as suas fichas, apressado, entregou-as a Nazaré para recolher.

— O Pinheiro, chamei, quando voltar para casa, preciso falar-lhe, ouviu? Boa noite, meus senhores.

Isidoro, que *chorava* as cartas com ferocidade, teve um grunhido que terminou numa praga:

— Ora pílulas! Estas miseráveis estragam tudo no fim. Vão-se embora, hem? É uma traição.

Saímos. Quando nos separámos, à esquina da padaria, Mendonça interrompeu o estribilho que ia cantarolando:

— Então, êsse negócio que tem connosco...

— É isto. Os senhores me fizeram uma proposta por intermédio de padre Atanásio.

— Sim, em Dezembro.

— E escreveram insistindo. Respondi que não aceitava, mas que se me desempregasse, contassem comigo. Caso ainda estejam pelo oferecimento... Deixo os Teixeira.

Lembrei-me de que tinha prometido a Adrião só ficar na cidade um mês:

— Isto é, se houver vaga. Não quero prejudicar ninguém.

— Há vaga, confessou Mendonça. O guarda-livros de lá enrascou a escrituração e levou-o o diabo. O senhor tem alguma pega com os Teixeira?

— Ah! não! É que há vantagem. E ando necessitado. A crise... Adeus.

— Apareça.

Desci até o fim dos Italianos, encostei-me à esquina do armazém.

Vigia prolongada. Se pudesse falar com Luísa... De quando em quando surgiam sombras entre as palmeiras do jardim, mas era a minha impaciência que se distraía a criar fantasmas. Acerquei-me da grade.

Esperança doida de encontrar Luísa. Que lhe teria dito Adrião? Imaginei-o de pijama e chinelos, cçxeando pelo quarto, a bradar com os punhos cerrados: "Pensar que sempre tive confiança na senhora! Defenda-se!" E a carta, cem vezes relida, amarrrotada entre os dedos magros.

Desgraçado desejo de conhecer as coisas. Melhor teria sido para êle não acreditar na denúncia e continuar como ia.

Voltei para a calçada do armazém e ruminei o procedimento do Neves. Que interesse tinha êle em revelar aquilo? Nenhum. Mostrar que sabia.

— Animal infeliz! exclamei em voz alta.

Referia-me ao Neves, a Adrião, a mim, ao Miranda Nazaré, a tôda a gente. Necessidade idiota de saber e espalhar o que sabemos. Depois de muitos dias ou muitos anos de censura e conjectura, um sujeito descobre uma lei da natureza — outro faz uma carta anônima contando os amores de Luísa Teixeira com um João Valério como eu.

XXVII

RECOLHI-ME tarde, deitei-me vestido e às cinco horas consegui adormecer. Antes que o despertador tocasse, Isidoro bateu-me à porta. Levantei-me precipitadamente.

— Que era isso que você queria comigo ontem à noite? perguntou entrando.

E, enquanto eu descerrava a janela:

— Se é o dinheiro que lhe devo, tenha paciência, meu velho, que ontem me arrasaram.

Sosseguei-o.

— Não é? Pois sim. Pelaram-me, arrancaram-me duzentos mil-réis aquêles malvados. Também está decidido, não torno a pegar em cartas. Uma lição. De madrugada quâsi estouro aqui, berrando. Você estava morto? Que negócio é êsse?

Narrei a carta, o furor de Adrião, a minha promessa de ir para o Rio. Isidoro empalideceu:

— Fale baixo: o Pascoal pode ouvir.

Andou, alvorocado, de um lado para outro, depois sentou-se na cama e pôs-se a dar pancadinhas com a unha do polegar nos dentes.

— É terrível! Você com certeza negou, hem? Naturalmente. E não há nada, é claro. Ele terá percebido alguma coisa?

— Não. Creio que não, só a carta.

— Só a carta... O que você deve fazer é procurar o autor dessa miséria e quebrar-lhe os ossos. Eu queria saber...

— Que é que você queria saber? Foi o Neves.

— O Neves? O Neves é capaz disso? Um tipo circunspecto.

— Foi ele. Havia espiritismo na denúncia: o Divino Mestre e as provações. E no dia da encrenca no bilhar, com o promotor, ele estava de parte, escutando. O Varejão notou. Foi ele. É o único.

Isidoro ergueu-se, aproximou-se da janela, abriu a rótula:

— Pois, menino, agora volto atrás. Se foi o Neves que escreveu isso, o caso é diferente. Eu não creio, mas se foi ele, fêz com boa intenção. O Neves é um sujeito de moral muito rija. Que diabo tem aquêle povo a correr desembestado?

Acendeu um cigarro, contente por haver encontrado meio de desculpar o boticário:

— Não tenha dúvida. Boa intenção, pode jurar. Os espiritas são assim intransigentes.

Debruçou-se para fora e, noutro tom:

— Mas que demônio é aquilo? Todo o mundo correndo e o Vitorino em mangas de camisa! E é em casa do Adrião. O homem terá feito alguma asneira?

Saímos para a calçada. O dr. Liberato passava, com um estôjo na mão.

— Que foi, doutor?

O médico não respondeu.

— Vamos ver, balbuciou Isidoro, lívido.

— Vamos ver.

Com o rosto por lavar, despenteado e sem chapéu, acompanhei-o, aturdido, nem reconheci Xavier filho, que deu de cara comigo.

— Que diabo é aquilo, Xavier? Você esteve lá? perguntou Isidoro.

— Um tiro no peito. Não ouviram? O homem suícidou-se.

— Quem? interroguem apavorado.

— O Adrião. Ainda não souberam? Está num mar de sangue. Vou buscar algodão e gaze.

Apressámos o passo. Entrámos com dificuldade, encontrando gente que ia e gente que vinha. No portão havia um comêço de rixa. Um sujeito apostava que tinha sido tiro; outro afirmava que fôra uma navalhada no pescoço — e não se entendiam. As flores dos canteiros estavam machucadas. Ao pisar a escada, ouvi gritos de mulher lá em cima.

Parei, com um violento tremor nas pernas, segurei-me ao corrimão, tomei a passagem a d. Josefa, que chegava, alva como céra e com um pé descalço. Naturalmente perdera um sapato no caminho. Sem pedir licença, empurrou-me e subiu.

— Pinheiro, murmurei acovardado, julgo que não devo entrar. Não devo entrar aqui.

Isidoro fez uma careta:

— Vamos sempre. Eu também não posso tolerar. Não está em mim. Questão de nervos. Mas vamos.

Galgou quatro degraus:

— Se você não viesse, compreendiam logo. Uma tentativa, percebe? Salvar a reputação dela.

Achámos o salão cheio de intrusos que tinham invadido a casa e se apinhavam nas portas, interrompendo o trânsito. Zacarias trouxe uma bacia de água. D. Josefa veio com uma braçada de toalhas e roupa branca. Depois foi Xavier filho acotovelando tudo, carregado de pacotes.

— Tudo para fora, gritou o dr. Liberato, arreliado e invisível. Façam o favor de desocupar a sala, que não são necessários. Para fora.

Lentamente, a massa de basbaques refluíu. Penetrámos na saleta.

— Horrível! murmurou Isidoro. Que insensatez! Logo de manhã, antes do café...

Vitorino, caído para um canto, o rosto escondido entre o braço e o antebraço, soluçava. Tinha a roupa manchada de sangue.

— Que desastre, meu filho! exclamou padre Atanásio entrando e abraçando, atrapalhado, o Pinheiro. Como foi? porque foi?

— Não sei, padre Atanásio, gaguejou o nosso amigo. De improviso, em jejum, sem avisar ninguém. Que loucura! Quando a gente menos esperava, zás! uma bala para dentro. Aqui no peito, foi o Xavier que disse. Um tiro, ninguém sabia. Eu ouvi, mas pensei que fosse bomba, agora pelo S. João.

O vigário, afrontado, soprou ruídosamente, passou o lenço pela testa, levantou os braços e olhou o teto:

— Deus do céu! Quem havia de imaginar! *Sursum corda!* Não é pela morte, porque afinal todos lá vamos quando chegar a hora. Mas vejam vocês, a extrema-unção... Misericórdia!

Caíu numa cadeira, junto a Vitorino, e pôs-se a chorar também. Fui até a porta do salão, espreitei. À entrada do corredor, d. Engrácia, Clementina e Marta gesticulavam. Dirigi-me para elas, nas pontas dos pés.

— Que diz o doutor, d. Engrácia? perguntei ao ouvido da velha.

— Eu sei lá! É trabalho perdido, aquêle está pronto. Veio da alcova um gemido prolongado.

— Não senhora, sussurrou Clementina, pode ser que escape. O Neves tratou de um homem...

Outro gemido cortou-lhe a palavra. Rumor de água, tinar de ferros.

— O Neves tratou de um homem que fêz o mesmo e ficou bom, continuou Clementina. O Neves. A senhora acredita? Estava contando há pouco, lá em baixo.

— Pode ser, concordou d. Engrácia. Mas a menina devia estar calada, que num aperto dêste ninguém fala. Foi assim que me ensinaram.

Disse isto quâsi gritando.

Voltei para a saleta como um sonâmbulo. Coisa estranha: ainda não tinha visto Luísa, e nem uma só vez havia pensado nela. Confessei a mim mesmo que era o causador da morte de Adrião, mas no estado em que me achava esqueci a natureza da minha culpa.

Vitorino continuava a soluçar. Num quarto vizinho, Evaristo Barroca falava com d. Josefa. Padre Atanásio assava-se de manso.

Aproximei-me do sofá, onde Isidoro e Nazaré conversavam em voz baixa, sentei-me ao lado dêles. Mas levantei-me de súbito. Ali abracei Luísa pela primeira vez. Revi tôda a cena: os beijos que lhe dei, beijos de carnívoro, o desfalecimento que ela teve. Lembrei-me de lhe ter mordido a língua com brutalidade, senti gôsto de sangue na bôca.

Olhei a roupa manchada de Vitorino e virei o rosto, refugiei-me ao pé da janela que dá para o jardim.

Isidoro, espantado:

— Como tem você coragem de sustentar isso?

E Nazaré, docemente:

— Fêz muito bem. Doente, escangalhado, vivendo para aí a vara e a remo! Antes acabar logo.

Evaristo Barroca entrou na sala, inclinou a cabeça de leve, bateu com afecto no ombro de Vitorino e levou-o para o interior.

Olhei o renque de palmeiras, os tinhorões, a garça de bronze, o banco. Voltei as costas.

— Mas um suicídio, homem! exclamou Isidoro.

E Nazaré, erguendo a voz:

— Tanto faz morrer assim como assado. Tudo é morrer. Crucificado ou de prisão de ventre, em combate glorioso ou na fôrca — o resultado é o mesmo.

Interrompeu-se: o dr. Liberato chegava, ainda com as mangas arregaçadas, enxugando as mãos. Levantaram-se todos:

— Então?

O doutor não parecia contente.

— Onde foi o tiro? começou padre Atanásio.

— O percurso... ia dizendo o dr. Liberato.

Mas Isidoro atalhou:

— Não é isso, o percurso é difícil. Queremos saber se a bala foi ao coração.

— Que disparate! replicou o outro. Se o homem está vivo! Atingiu um pulmão, é lá que ela deve alojar-se.

— Ah! o senhor não extraíu? perguntou Nazaré.

— Extrair o quê? Os senhores pensam que é só meter o ferro ali dentro e ir arrancando à vontade. Vá mexer naquilo. Está lá guardada.

— No pulmão? fêz Isidoro com alívio. Então pode ser que se salve. O Poincaré também tem uma bala no pulmão.

— Quem é o Poincaré? disse o vigário.

— Ficou mais calmo, acrescentou o dr. Liberato. Se não sobrevierem complicações...

— Quem é o Poincaré? tornou a perguntar o reverendo.

— Um grande homem, padre Atanásio, explicou Isidoro. O senhor não conhece? Um que foi presidente da república na França... ou na Inglaterra, não estou bem certo. Tem uma bala no peito, eu li num jornal. O Poincaré... ou o Clemenceau, um dos dois.

Clementina chegou-se como uma sombra:

— Ele quer falar com o senhor.

— Comigo, d. Clementina? Quem? exclamei.

— Seu Adrião. Venha depressa.

— Mau! fêz o dr. Liberato com arrebatamento. Digam que não está.

— Mas êle quer, insistiu Clementina. E nós dissemos que estava.

— Pinheiro, gemi ao ouvido de Isidoro, não posso, é terrível! Não tenho coragem.

— Meia dúzia de palavras quando muito, concedeu o médico. Um minuto, é só entrar e sair.

Isidoro acompanhou-me ao salão:

— Ânimo! Seja forte. O desejo de um moribundo... Vá. E tenha calma.

Entrei na alcova, cerrei a porta, acerquei-me da cama, tremendo.

— João Valério, ciciou Adrião, é você? Sente-se aqui perto, dê-me a sua mão.

Sentei-me ao pé dêle, tomei-lhe os dedos frios.

— Está aí? está ouvindo? Não vejo nada.

— Estou ouvindo.

E curvei-me, quase lhe cheguei a orelha à bôca para perceber-lhe a voz indistinta.

— É uma despedida, meu filho. Preciso pedir-lhe desculpa. Separámo-nos zangados. Aperte-me a mão, Valério.

Já lha havia apertado.

— Já? Não senti, não sinto nada do cotovelo pra baixo.

Calou-se, julguei que ele estivesse morrendo, quis levantar-me para chamar o médico.

— Deixe lá, rapaz. Ainda não chegou a hora.

Tentei sossegá-lo com algumas trivialidades que me ocorreram.

— Isso não interessa, murmurou Adrião. E não tenho tempo para conversar muito. Ouça. A história da carta foi tolice. Exaltei-me, perdi os estribos. Luísa está inocente, não é verdade?

— É verdade.

— Acredito. E já agora, com um pé na cova, não devo ter ciúmes. Não faça caso do que lhe disse ontem.

Diligenciei acomodá-lo, mas temi que ele se magoasse.

— Isto passa logo, Valério. De qualquer forma estou bem. E não se aflija com a minha morte. Esta vida é uma peste. Havia de acabar assim. Adeus. Dê-me um abraço. Adeus... até o dia do juízo.

Abracei-o, com o coração rasgado:

— Até a semana vindoura, ou a outra quando muito, que o senhor fica bom.

— Até lá em cima, se nos encontrarmos lá em cima. Padre Atanásio está aí? e o Miranda, os amigos todos? Pois eu quero despedir-me dêles.

Saí. Ao atravessar o salão, encostei-me a uma parede, porque os móveis em torno começaram a girar. Isidoro, que me esperava à entrada da saleta, amparou-me. Apertei a cabeça com as mãos e entrei a soluçar desesperadamente. Eram soluços secos, ásperos, que me agitavam todo o corpo. Ao mesmo tempo sentia marteladas nas fontes, zumbiam-me os ouvidos.

Como uma criança, acompanhei Isidoro. E como uma criança, comecei a dar pancadas na testa com a mão fechada. Depois tive necessidade de afrouxar a gravata e o colarinho.

Lembrei-me do desejo de Adrião, quis chamar os amigos da casa, mas não pude descerrar os queixos. Para desembraçar-me da incumbência, puxei o braço de padre Atanásio, que se desviou assustado. Fiz o mesmo com Isidoro e com o Miranda. Creio que êles me tomaram como doido. Mergulhei as mãos nos cabelos. Estaria realmente doido?

— Sossegue, criatura, disse padre Atanásio. Todos nós sentimos muito. Mas enfim... a opinião da ciência... Onde está o Vitorino?

Recobrei a voz a custo.

— Despedida? fêz o dr. Liberato. Não. Ele já falou de mais.

E a Clementina, que apareceu novamente:

— Tenha paciência, d. Clementina. Doente é calado, na cama.

Clementina sumiu-se.

— O pior é que com esta confusão ainda não almocei, continuou o doutor. Estou moído. E morto de fome.

Chamou a Teixeira:

— O Xavier saiu? Pois eu também vou sair. Volto logo. E não deixe essa gente invadir o quarto, d. Josefa. Até já.

Quando me sentei à mesa, depois de ensaboar a cara e mudar a roupa, o dr. Liberato dava pormenores inúteis.

Que entendo eu de alvéolos? que me importava a pleura? O que eu queria era saber se Adrião morria ou escapava. Repeli o prato, levantei-me.

— O senhor não almoça? perguntou d. Maria José. Por quê? Ainda hoje não comeu, está de jejum natural. Venha almoçar.

— Não senhora. Vou tomar um banho.

XXVIII

PASSADOS oito dias, Adrião morreu. Morreu pela madrugada, enquanto Nazaré estava no quarto a velar. Eu bocejava, derreado na poltrona de padre Atanásio, quando o tabelião me tocou de leve no ombro:

— Afinal o homem descansou.

Ergui-me, sem compreender. Percebi, vagamente, e bradei:

— Como?

Ele pediu silêncio:

— É bom não fazer espalhafato. Vamos avisar os outros. E entrou na saleta.

— Que foi, Valério? que foi? perguntou d. Josefa, saindo repentinamente da sombra do corredor.

Depois daquela crise, na promiscuidade e na azáfama dos dias de angústia, existia entre nós todos uma familiaridade estanhável. Dormíamos quase sempre juntos, homens e mulheres, sentados, como selvagens. Muitas necessidades sociais tinham-se extinguido; mostrávamos às vezes impaciência, irritação, aspereza de palavras; pela manhã as senhoras apareciam brancas, arrepiadas, de beiços amarelentos; à noite procurávamos com egoísmo os melhores lugares para repousar. Enfim numa semana havíamos dado um salto de alguns mil anos para trás.

— Que foi, João Valério? tornou a Teixeira.

— Não sei, respondi procurando esquivar-me. O Miranda disse aí umas coisas, mas eu não entendi. É melhor a senhora ir perguntar a ele.

Ela correu à alcova, voltou e abraçou-se comigo, soluçando.

— É possível? exclamou Isidoro, que veio da saleta com Vitorino. A esta hora! Não acredito. Só vendo.

Mas não foi ver, porque tem horror aos mortos. Tentei acalmar a Teixeira, que já me havia molhado o ombro de lágrimas.

— Vamos chamar Luísa, disse ela afastando-se rápida e recuperando a decisão costumada.

Corajosa. Nem parece filha de Vitorino.

Encontrámos Luísa na sala de jantar, encostada à mesa, dormindo sobre um braço estirado. Marta ressonava, dei-

tada num banco. Encolhida entre o guarda-louça e a parede, Clementina cochilava. Levantaram-se. E nem foi preciso que falássemos: pela minha perturbação, pelo rosto alterado da Teixeira, compreenderam logo. No silêncio só se percebia a voz de d. Engrácia, que atormentava as criadas na cozinha.

Fazia uma semana que eu não falava com Luísa. No primeiro dia ela ficara para um canto, cheirando éter e bebendo flor de laranja. Não a vi. Depois, naquela organização de acampamento bárbaro, baixava a cabeça e estremecia quando a encontrava. Creio que ela também fugia de mim. Em consequência as suspeitas haviam esmorecido. O arrufo que d. Josefa mostrara uma tarde, no passeio à Lagoa, desapareceu. Nazaré olhava-me às vezes com modo estranho, franzia a testa e estirava o beiço. O suicídio de Adrião era explicado como efeito de longos padecimentos e embaraços comerciais. "Uma nevrose", dissera o dr. Liberato. E esta frase curta, que poucos entenderam, teve grande utilidade.

— Então? perguntou Luísa.

Como continuássemos calados, tombou na cadeira e começou a chorar. Marta Varejão acercou-se dela, tremendo. Clementina foi até a porta do corredor, recuou com medo de d. Engrácia, que passava, e gaguejou:

— Pode ser que escape. Já se tem visto. O Neves tratou de um homem que fêz o mesmo... Às vezes é uma síncope.

Tinha os olhos molhados.

Constrangido entre aquelas duas espécies de dor, voltei para o salão, onde d. Engrácia arengava:

— Mas o senhor deixou o homem morrer sem vela, seu Miranda?

— É verdade.

— E para que estava o senhor no quarto? Bonito enfermeiro! Era melhor que tivesse ficado em casa: passávamos sem o seu auxílio. A vela benta aí há uma semana!

— Deixe lá, replicava Nazaré sem se alterar. Morreu bem sem isso.

Vitorino, na alcova, sacudia o irmão, tentando ainda reanimá-lo. Esgotado por oito dias de sobressaltos e insônia forçada, eu andava às tontas. Não retinha nada no espírito, e aquele desenlace surgia-me como uma cena indistinta entre as névoas de um sonho ruim.

Havia claridade na sala. Abri uma janela, olhei o sol que nascia, num desperdício de tintas derramadas pelos montes. Voltei as costas com indiferença.

— É necessário tratar desses arranjos, disse Isidoro. O Vitorino não pode. Quer encarregar-se, Miranda? Não? Hesitou um instante.

— Pois vou eu. Vamos nós, João Valério.

Descemos. No portão encontrámos o dr. Liberato.

— Que aborrecimento! exclamou. Quando já ia parecendo fora de perigo!

Seguimos em direcção ao Quadro.

— Como é que se faz isso? perguntou Isidoro. Eu de funerais não entendo.

— Nem eu.

— Diabo! Naturalmente é preciso encomendar caixão. E sepultura. Que trapalhada! Afinal foi bom termos vindo: sempre é melhor do que estarmos no meio daquela choradeira. Adeus. Vou acordar padre Atanásio. Ele me ensina.

Afastou-se. E, como eu quisesse acompanhá-lo:

— Não senhor. Enterró é coisa séria.

Entrei em casa, estive deitado meia hora. Pareceu-me ouvir a respiração gorgolejada, as pragas, os gemidos de Adrião. E vi debaixo das cobertas a figura de Luísa, muito modificada. Avaliei que ela devia ter perdido de três para cinco quilos. Pálida, com os cabelos em desalinho, uma ruga na testa. Alvéolos pulmonares, era assim que o dr. Liberato dizia. Para o inferno!

Levantei-me, peguei a toalha e dirigi-me ao banheiro. De volta, encontrei d. Maria José dando milho ao canário.

— O senhor hoje madrugou, hem? estranhou com um sorriso. Como vai o doente?

— Morreu.

E, para arrefecer-lhe a curiosidade:

— Finou-se, é com Deus, descansou, foi-se embora. E eu quero que a senhora me dê um pouco de conhaque.

— A esta hora? Tome antes uma xícara de café.

— Não senhora. Preciso dormir, e não posso dormir.

Traga o conhaque.

Ela trouxe a garrafa, de mau humor. Tinha aconselhado, mas cada qual era senhor do seu nariz. Meteu rodeios e falou de novo na morte de Adrião. Ouvi distraído, bebi o conhaque, tranquei-me no quarto e adormeci profundamente.

Despertei cerca de meio-dia, às pancadas repetidas que o italiano dava na porta. Ergui-me sobressaltado, quase com

vergonha: gente de comércio sempre se apoquenta quando acorda tarde. Depois tranqüilizei-me: o escritório não se abria. Vesti-me devagar, novamente atormentado com a lembrança daquela outra Luísa desleixada e de olhos queimados pelas lágrimas.

— Você estava bêbedo? perguntou-me o italiano quando entrei na sala de jantar. Quasi derrubo a porta. Que sono! Naturalmente foi a carraspana que tomou pela manhã.

D. Maria José espinhou-se. Invencionice! Contara apenas que eu tinha bebido um cálice de conhaque, e o Pascoal não fazia bem em continuar com aquelas brincadeiras.

O dr. Liberato falou em Adrião. Organismo estragado. Era possível que ele não tivesse morrido em consequência do tiro.

— E de que morreu? inquiriu Pascoal. Ora essa! Todo o mundo está vendo.

— De males antigos, explicou o médico. Uma criatura combalida, todos os meses na cama...

Aludi às regiões que a bala havia tocado, e isto bastou para que o outro se retráisse.

Mastiguei quatro bocados amargos e voltei o rosto, enojado. Ia beber o último gole de café quando notei a ausência de Isidoro.

E o Pinheiro? informei-me. Onde andava o Pinheiro? Ninguém sabia. O italiano vira-o pela manhã na loja do Mendonça, depois na botica do Neves, à procura de incenso, e por fim a conferenciar com Jau marceneiro, defronte do cinema.

D. Maria José referiu que o sineiro tinha vindo à hospedaria, pedir desculpas: não podia dobrar os sinos por um suicida.

— E é pena. Um homem tão religioso enterrar-se como pagão!

— Interessante, disse o dr. Liberato rindo. Ignorava isso. Vai para lá agora, João Valério?

— Muito cedo. A que hora é o enterramento?

— Às quatro, parece.

Quando entrámos no casarão, tudo lá estava transformado. Ao desconcérto da longa semana tinha sucedido uma ordem aparente e falhada, que devia durar um dia. Por todo o canto haviam passado as mãos hábeis e diligentes de Marta, recompondo, aumentando, eliminando.

No centro do salão, sobre duas mesas juntas, vestidas de preto, descansava o caixão funerário, entre círios acesos. Dos

ângulos pendiam coroas de flores naturais, com fitas roxas. Nas paredes os quadros desapareciam, disfarçados por grandes manchas negras. Uma colcha escura cobria o piano, e as almofadas tinham máscaras de luto. As cortinas, baças, permaneciam. Os tapetes também. Faltava um, vermelho, e no lugar dêle avultava outro, enorme e tenebroso. Da alcova, através da porta meio aberta, voava um fio de incenso. E havia um cheiro enjoativo. A disposição dos móveis fôra alterada.

Nas cadeiras, em redor do féretro, padre Atanásio, Evaristo Barroca, Nazaré, Cesário Mendonça, o administrador e o dr. Castro conversavam quase em silêncio. Com um papel na perna, Vitorino tentava redigir um telegrama. Senhoras iam e vinham: d. Engrácia, d. Eulália Mendonça, a Teixeira velha, Marta Varejão, d. Josefa. Na saleta de espera Clementina arranjava numa cesta de laços pretos cartas e cartões de pêsames, ainda com os envelopes intactos. Ao pé da janela aberta sobre o jardim, Mendonça filho fumava, às escondidas. Fêz-me um aceno e cochichou:

— Quando é isso? O senhor sabe?

Puxou o relógio:

— O convite que recebi marcava para quatro horas. Passam quinze minutos. Se esta maçada continuar, dou o fora.

Atirou pela janela a ponta do cigarro:

— E aquêle negócio? Eu falei com o velho. O senhor não apareceu...

— Não pude aparecer. E agora não contem comigo.

— Foi o senhor que se ofereceu. Veio espontaneamente, é bom lembrar.

— De acordo, mas não esperava isto.

Vi Nicolau Varejão lá em baixo, de roupa verde, chapéu branco, sapatos amarelos. Ia convidá-lo a subir quando Isidoro entrou no jardim:

— Por aqui, seu Varejão? Como vai a bizarria? Chegue cá para cima. O senhor aí derrete as banhas.

Nicolau Varejão tirou o chapéu, abanou-se, disse que gostava do calor. Coitado. Ficava ali, ao sol, com medo da filha.

— Então volta a palavra atrás? inquiriu Mendonça filho. Fica o dito por não dito...

— Naturalmente, respondi dando-lhe as costas. Fica o dito por não dito.

E fui ao encontro de Isidoro:

— Você almoçou, Pinheiro?

— Não, comi um pão com sardinha no Bacurau.

Ensopou o lenço no suor que lhe corria pelo rosto, diligenciou aprumar o colarinho empapado:

— Afinal acabei a tarefa, e penso que não esqueci nada. Você viu as cartas de convite que mandei imprimir? Não tive tempo de escrever, a redacção é de padre Atanásio. Primorosa. Encontrei na tipografia um clichê bonito e mandei colocá-lo no frontispício — um anjo com as asas abertas em cima de um túmulo. Esplêndido!

Fortunato Mesquita chegava com o doutor juiz de direito, Xavier pai, Xavier filho e o Monteiro agiota.

Nazaré aproximou-se de mim:

— Por quem esperamos? Temos gente de sobra.

Realmente no salão havia pessoas em pé. Estavam lá os indivíduos que vão aos bailes da prefeitura, os que levam o pálio nas procissões e os que freqüentam a *Semana* — comerciantes, empregados públicos, proprietários rurais dos sítios próximos. Na calçada do armazém fronteiro estacionavam sujeitos que não tinham querido entrar, por timidez. Quasi todos deviam favores aos Teixeira: Silvério do bilhar, o sapateiro protegido de Luísa, o sargento, Bacurau, que às vezes auxiliámos em pagamentos de pequenos saques.

— Que diabo estamos fazendo? perguntou novamente o tabelião. São quasi cinco horas. Que é que falta?

— A música, disse Clementina, que ainda arrumava os cartões na cesta. Ele era presidente da Santa Cecília.

— Sem saber música! rosnou o Miranda.

E encolheu os ombros: detestava formalidades.

— Se é só o que falta, podemos sair, interveio Mendonça filho. A filarmônica está no portão.

— Uf! soprou Nazaré. Que trabalho, depois de morto! Pior que um parto.

E levou o Barroca para junto do caixão, segurou com él as alças da cabeceira. Cesário Mendonça e o administrador pegaram as do meio. Xavier filho chamou-me para as últimas, mas Isidoro tomou o meu lugar.

Vitorino prorrompeu em soluços. Houve uma agitação no corredor.

Os seis homens atravessaram o salão e a ante-câmara, desceram a escada.

— Não vem, padre Atanásio?

— Não, vou consolar esta gente.

Na calçada formou-se o cortejo, uma espantosa marcha fúnebre soou. Deixámos a rua dos Italianos e seguimos em direcção à pracinha. Defronte da usina eléctrica, curiosos levantaram-se, tiraram o chapéu.

Isidoro soltou a alça do caixão, que entregou ao Monteiro, deu-me o braço e foi-se retardando até ficarmos na cauda do préstito, junto a Zacarias, que chorava, carregado de coroas.

Passámos o açude, as casinholas que se encostam ao morro do Sovaco, acercámo-nos do cemitério. Os condutores, fatigados, revezavam-se a cada instante.

Isidoro conservou-se a distância, e ao pé dos muros sujos, das grades de ferro, simulou um horror exagerado à mansão derradeira, como disse, muito sério, acendendo um cigarro.

— Safa! exclamou. Ainda hoje não fumei.

Ajuntou:

— Está dado o grande passo. Com decência. Creio que lhe fizemos um enterramento conveniente.

Apontou, através das grades, pequeninas cruzes de pau que apodreciam, velhos sepulcros meio desmantelados, túmulos vistosos, a capelinha em ruína ao fundo:

— Isto não nos interessa. Já cumprimos o nosso dever de amigos e de cristãos.

Voltámos. Outros voltavam também, em grupos, desfarrando-se do recolhimento em que tinham vindo.

— Então acabou tudo hoje, hem, Pinheiro?

E esperei uma confirmação, porque achava extraordinário que Adrião tivesse *realmente* morrido naquele dia. Havia-me habituado a julgá-lo morto desde a semana anterior, cem vezes tinha visto mentalmente o rosário de cenas fúnebres: a família em pranto, roupas de luto, padre Atanásio embrulhando consolações, a vela benta de d. Engrácia.

— Preciso escrever uma notícia, uma notícia comprida, disse Isidoro. E não é só a notícia: o que eu devo fazer é um artigo sobre o Adrião, para domingo, na primeira página.

— Sim senhor! exclamou Nicolau Varejão aproximando-se. Foi-se para a eternidade um cavalheiro muito...

Procurou um adjetivo e embutiu:

— Muito importante. Sempre lhes vou contar um caso. Improvisou uma história para realçar a importância do finado. Não lhe dei ouvidos.

Dominava-me aquela idéia absurda. Pareceu-me que Adrião iria morrer continuadamente. D. Josefa me chamaria sempre para despertar Luísa, Clementina e Marta, e eu che-

garia à varanda tôdas as manhãs para ver o sol nascer, e sentiria eternamente aquêle horrível cheiro de incenso que me estava prêso às narinas.

Recuei vendo o Miranda, encostei-me à balaústrada do açu-de, temi que êle me viesse comunicar pela segunda vez a morte de Adrião.

— Felicitemo-nos, disse Nazaré encostando-se também. Vamos sossegar. Se o nosso amigo teimasse em viver mais algum tempo, eu ia com êle. Não podia agüentar aquilo.

Debruçou-se, ficou a olhar a muralha verde:

— Oito dias sem dormir, mal comido, mal bebido! Isto desmantela um homem. Devo estar com tudo por dentro espatifado. Como vai o espiritismo, Varejão?

Nicolau Varejão confessou que tinha abandonado o espiritismo e agora pendia para os protestantes.

— Diabo! rosnou o tabelião. Você fêz isso com o Allan Kardec? Você não é camarada.

E voltou-se para Isidoro:

— O que eu sinto é ter perdido um bom parceiro de xadrez.

— Não fale assim, replicou Isidoro. O Adrião tinha ótimas qualidades.

— Devia ter muitas. Eu conheci uma: jogava xadrez. Para mim é uma qualidade excelente. É por isso que tenho pena dêle.

Calou-se. E sùbitamente, endireitando-se, esfregando as mãos:

— Estava aqui pensando na conta que o dr. Liberato vai mandar à viúva.

Estremeci: Luísa era viúva. Nazaré fechou um olho, calculou:

— Dinheiro como o diabo, aí de cinco para dez contos, além do que o Adrião já rendeu. Esses médicos têm uma sorte danada.

Isidoro indignou-se:

— Como pode você ocupar-se com isso, agora, de volta do cemitério? Você é um monstro.

Nazaré sorriu:

— Eu? Está enganado. Que é um monstro? Uma criatura diferente das outras da sua espécie, não é? Pois eu sou como os outros homens. Um pouco melhor que uns, um pouco pior que outros. Vulgar. Monstro é você, Pinheiro.

Você é esquisito, uma espécie de santo. Apesar de todos os seus defeitos, devia ter deixado para nascer daqui a dez mil anos. Você é monstruosamente bom, Pinheiro.

XXIX

PASSARAM-SE dois meses. Uma noite, à entrada do Pinha-Fogo, Isidoro parou junto a um poste da luz eléctrica e atacou-me:

— Em que fica essa história?

— Que história, Pinheiro?

— Essa embrulhada. Lembra-se da conversa que tivemos uma tarde na farmácia do Neves? Bulimos com o pobre do Adrião, coitado.

Tossiu, andou dez metros e estacou defronte da igreja de S. Pedro:

— Está visto que sinto a morte dêle. Naturalmente. Era um carácter adamantino. Mas enfim — que diabo! — não pode ressuscitar. *Parce sepultis!* como diz padre Atanásio. E está o seu caso resolvido.

Baixei a cabeça:

— Eu, Pinheiro, se não me engano... Convém proceder com ponderação. Reflecti...

— Não há ponderação, atalhou Isidoro. O que há é que você deve casar com a moça, esta é que é a ponderação. Não sei o que houve entre os dois. Provavelmente não houve nada. Ou talvez tenha havido. Isso é lá segredo seu. O que é certo é que rosaram por aí, você andava doido por ela e o Adrião deu o couro às varas.

— Mas deixaram de falar, retorqui apressado. Você ouviu alguma coisa, Pinheiro? Que diz êsse povo?

— Que povo! Quem se importa com o povo? A sua obrigação... Não se faça desentendido. E um homem honrado... Você está hoje de uma estupidez espantosa, Valério.

Nos Italianos, apontou o casarão:

— E onde se encontra mulher como aquela? Procure, veja, compare. Eu, se fôsse mais moço, dedicava-lhe um poema.

Muitas vezes me ocorrera o que Isidoro acabava de sugerir-me. Indecisão.

Dois meses sem ver Luísa. À noite distraía-me a repetir a mim mesmo que ainda a amava e havia de ser feliz com

ela. Hipocrisia: todos os meus desejos tinham murchado. Tentei renová-los, recompus mentalmente os primeiros encontros, na ausência de Adrião, entrevistas a furto no jardim, a tarde que passámos no Tanque, sob árvores. Mas apenas consegui recordar com viveza um raio de sol que atravessava a ramagem e vinha arrastar-se sobre a pedra coberta de musgo, a garça displicente, um sinal escuro que Luísa tem abaixo do seio esquerdo. Lembrei-me também de me haver ela uma vez plantado os dentes no pescoço. Ao cabo de algumas horas a parte mordida estava vermelha e necessitando o disfarce de uma rodelha de pano. Depois a mancha se havia tornado gradualmente esverdeada, amarelada, afinal desaparecera.

Naquele tempo eu vivia no céu.

— Que céu! Como se vai morder uma pessoa, brutalmente?

E achei que não fazer caso da opinião dos outros é censurável.

— Imprudente! disse comigo.

Alterando a palavra, corrigi com severidade:

— Impudente!

Entretanto Isidoro pensava que eu devia casar com ela. E eu penso sempre como Isidoro.

— Você tem razão, Pinheiro. É preciso tratar disso, declarei mais tarde na hospedaria. Vou lá.

— Agora? Vai falar casamento com a mulher assim de supetão, e de noite?

— Não. É só uma visita, por enquanto.

Fui. E ao chegar já me arrependia de ter dado aquêle passo difícil. Zacarias trouxe-me a notícia de que a senhora estava adoentada.

— Diabo! murmurei retirando-me entre despeitado e contente. Isto por aqui também mudou.

No dia seguinte pela manhã voltei:

— A senhora pode receber, Zacarias?

— Está tomando banho, respondeu o prêto do alto da escada. É melhor o senhor vir depois.

Muito bem. Eu ia tornar-me importuno, não a deixaria tão cedo, e a responsabilidade do rompimento ficava para ela. Fui ao casarão oito dias a fio. Antes do trabalho, acendia um cigarro, chegava lá, apressado:

— A senhora já saiu do banheiro, Zacarias?

E ia para o escritório.

— Julgo que tenho procedido com cavalheirismo, entrei a matutar uma noite. Amanhã, ponto final nisto. Com certeza ela imagina que vivo doido por encontrá-la.

Quando, no outro dia, penetrei no jardim, fazia a promessa de nunca mais pôr ali os pés.

— A sinhá mandou pedir que esperasse um momento. Não entendi.

— Como foi que você disse, Zacarias?

— Lá em cima, fêz êle mostrando os dentes alvos.

Subi, desconsolado.

Receber-me! E eu que me tinha habituado a ouvir recusas!

Zacarias abriu o salão. Tudo transformado: o piano coberto, outras cortinas, uma tristeza que dava frio.

Sentia-me obtuso. Nem sabia como tratar Luísa. Fulana ou d. Fulana? Complicação. Talvez ela se melindrasse com um tratamento familiar. Mas atirar-lhe dona, cara a cara, sem testemunha, era tolice. Dificuldade.

Ia em plena atrapalhação quando Luísa entrou. Estava de preto e muito pálida, foi só o que vi.

Com a cabeça baixa, aceitei a cadeira que ela me indicou e fiquei a olhar a mancha deixada pela sola do meu sapato numa almofada que desazadamente pisei. Sem me dar a mão, Luísa sentou-se. Creio que também se conservou cabambaixa. Houve um silêncio estúpido.

— Vim aqui... arrisquei.

— Vem aqui sempre, atalhou ela. Não tenho querido recebê-lo.

Emendou:

— Não tenho podido. É a verdade: não posso.

Mordi os beiços. E, para acabar depressa:

— O que eu queria era declarar que me considero obrigado... moralmente obrigado...

Ela estremeceu, encarou-me:

— Obrigado a quê, João Valério? A casar comigo?

— A acolher qualquer resolução sua, respondi timidamente. Supus... comprehende? Não sei... Todos os dias me preparava para vir.

— E vem depois de dois meses, João Valério?

— Que havia de fazer? Um golpe, um abalo tão grande... E tive acanhamento. É natural. Se foi por isso que me fechou a porta uma semana...

— Não, disse ela erguendo-se. Não precisa justificar-se.

E, aproximando-se, falando-me quásí ao ouvido:

— É que desapareceu tudo.

— Tem certeza? perguntei levantando-me.

E percebi logo que a pergunta era idiota.

— Eu estava com algum escrúpulo, continuou Luísa. Talvez o Valério ainda fôsse o mesmo. Estou agora tranqüila. Nenhum de nós sente nada, e o Valério finge tristeza. Para que mentir?

— Faz pena, murmurei comovido.

Pareceu-me ouvir a voz mortiça de Adrião: "Não se preocupe com a minha morte, rapaz. Havia de fazer o que fiz, estava escrito".

— Horrível!

E tentei adornar Luísa com os atributos de que a tinha despojado.

— Para quê? reflecti. É melhor assim.

Eu agora era um pequenino João Valério, guarda-livros mesquinho.

— Adeus, balluciou Luísa com uma lágrima na pálpebra.

— Adeus, gemi.

Apertei-lhe a mão, fria, mas os dedos dela permaneceram inertes sob a pressão dos meus. Quis beijá-los — faltou-me o ânimo.

— Adeus.

Fui até a porta da saleta, voltei-me ainda uma vez. Luísa soluçava, caída para cima do piano. Vacilei um instante e depois saí.

XXX

DECORRERAM mais três meses. Passei a sócio da casa, que Vitorino não pode dirigí-la só; Luísa é hoje comanditária; a razão social não foi alterada.

Abandonei definitivamente os caetés: um negociante não se deve meter em coisas de arte. Às vezes desenterro-os da gaveta, revejo pedaços da ocara, a matança dos portugueses, o morubixaba de enduape (ou canitar) na cabeça, os destroços do galeão de d. Pêro. Vem-me de longe em longe o desejo de retomar aquilo, mas contenho-me. E perco o hábito.

Vou quásí tôdas as noites à redacção da *Semana*. Não para escrever, é claro, julgo inconveniente escrever. Limito-me a dar, quando é necessário, algum conselho ao Pinheiro.

Há uns verbos que êle estraga, uns pronomes que atrapalha. Escorregaduras sem importância: na *Semana* de qualquer maneira que estejam estão bem.

E ouço com atenção e respeito as cavaqueiras de Nazaré com o dr. Liberato. Quando têm pouco fundo e posso nelas tomar pé, agrada-me escutá-los, rio interiormente, na ilusão de que não sou ignorante de todo. Depois êles afastam-se, mergulham, somem-se, e eu fico desalentado, olhando tristemente padre Atanásio, que procura segui-los, e o óptimo Isidoro, que permanece junto a mim.

Todos os dias, das oito da manhã às cinco da tarde, trabalho no escritório, e trabalho com vigor. Temos ocupação: precisamos inspirar confiança à freguesia e sossegar os fornecedores, mostrar-lhes que podemos gerir o estabelecimento na falta do chefe que desapareceu.

Continuo na pensão de d. Maria José, mas aos domingos janto com Vitorino. Quasi sempre vai Isidoro. A Teixeira, excelente dona de casa, traz aquilo muito bonito. Há no salão duas païsagens a óleo. Os móveis da sala de jantar foram substituídos por outros, onde porcelanas e cristais novos brilham. Uma habitação confortável.

Quando chegamos, fazemos uma visita rápida a d. Maria-nna, que lá está na cama, paralítica, soletrando a correspondência do padre Cícero. O aposento dela antigamente era um buraco de ratos; hoje é um lugar cheio de ar e luz, com as janelas abertas sobre os canteiros do jardim, as paredes forradas de santos.

Depois do jantar, ficamos à mesa, fumando, tomando café, conversando. À noite, na sala, a Teixeira toca, Isidoro recita, Vitorino cochila — serões bem agradáveis.

E se temos a Clementina, são aquelas canções ingênuas que ela diz com um fio de voz muito suave, que nos faz bem à alma e nos enche de piedade e ternura.

Gosto da Teixeira. Tem uma linda perna, uns lindos olhos, várias habilidades, e é alegre como um passarinho. No silêncio do meu quarto, penso às vezes que a vida com ela seria doce. E digo a mim mesmo que ainda podemos ter quatro filhos vermelhos, fortes e louros. Parece-me que vou casar com a Teixeira.

A lembrança da morte de Adrião pouco a pouco se desvaneceu no meu espírito. Afinal não me devo afligir por uma coisa que não pude evitar. A minha culpa realmente não é grande, pois estão vivos numerosos homens que certas

infidelidades molestam. E sou incapaz de sofrer por muito tempo. O dr. Liberato falou em nevrose, e eu não tenho razão para pretender saber mais que o dr. Liberato. Repito isto a mim mesmo para justificar-me.

XXXI

UMA TARDE, girando por estas ruas, parei na beira do açude, lembrei-me da estréla vermelha e da noite em que Luísa me repeliu. Afastei-me lento, subi pelos Italianos. O casarão estava fechado agora, e as grades do jardim eram um muro verde de trepadeiras. O pequenino lago, os tinhorões, a garça de bronze, tudo invisível. Como aquilo ia longe!

Entrei a vagar pela cidade, maquinalmente, levado por uma onda de recordações. À bôca da noite achava-me na calçada da igreja.

Da païsagem admirável apenas se divisavam massas confusas de serras cobertas de sombras.

A estréla vermelha brilhava à esquerda. Pareceu-me pequena, como as outras, uma estréla comum. Comum, como as outras. E estive um dia muito tempo a contemplá-la com respeito supersticioso, contando-lhe cá de baixo os segredos do meu coração. E lamentei não ser selvagem para colocá-la entre os meus deuses e adorá-la.

O vento zumbia no fio telegráfico. À porta do hospital de S. Vicente de Paulo gente discutia. A escuridão chegou.

Não ser selvagem! Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido, com uma ténue camada de verniz por fora? Quatrocentos anos de civilização, outras raças, outros costumes. E eu disse que não sabia o que se passava na alma de um caeté! Provavelmente o que se passa na minha, com algumas diferenças. Um caeté de olhos azuis, que fala português ruim, sabe escrituração mercantil, lê jornais, ouve missas. É isto, um caeté. Estes desejos excessivos que desaparecem bruscamente... Esta inconstância que me faz doidejar em torno de um soneto incompleto, um artigo que se esquiva, um romance que não posso acabar... O hábito de vagabundear por aqui, por ali, por acolá, da pensão para o Bacurau, da *Semana* para a casa de Vitorino, aos domingos pelos arrabaldes; e depois dias extensos de preguiça e tédio passados no quarto, aborrecimentos sem motivo que me atiram para a cama, embrutecido e pesado... Esta inteligência confusa, pronta a receber sem exame o que lhe impingem... A timidez que me obriga a

ficar cinco minutos diante de uma senhora, torcendo as mãos com angústia... Explosões súbitas de dor teatral, logo substituídas por indiferença completa... Admiração exagerada às coisas brilhantes, ao período sonoro, às missangas literárias, o que me induz a pendurar no que escrevo adjetivos de enfeite, que depois risco...

A cidade estendia-se, lá em baixo, sob uma névoa luminosa. O vento continuava a zumbir no arame. Fazia frio. Violões passaram gemendo.

Um caeté, sem dúvida. O Pinheiro é um santo, e eu às vezes me rio dele, dou razão a Nazaré, que é canalha. Guardo um ódio feroz ao Neves, um ódio irracional, e dissimulo, falo com ele: a falsidade do índio. E um dia me vingarei, se puder. Passo horas escutando as histórias de Nicolau Varejão, chego a convencer-me de que são verdades, gosto de ouví-las. Agradam-me os desregramentos da imaginação. Um caeté.

Para os lados do Chucuru, meia dúzia de luzes indecisas, espalhadas. Aquilo há pouco tempo era dos índios. Outras luzes na Lagoa, que foi uma taba. No Tanque, montes negros como piche. Ali encontraram, em escavações, vasos de barro e pedras talhadas à feição de meia-lua. Negra também, a Cafurna, onde se arrastam, miseráveis, os remanescentes da tribo que lá existiu.

Que semelhanças não haverá entre mim e eles! Porque procurei os brutos de 1556 para personagens da novela que nunca pude acabar? Porque fui provocar o dr. Castro sem motivo e fiz de um taco ivarapema para rachar-lhe a cabeça?

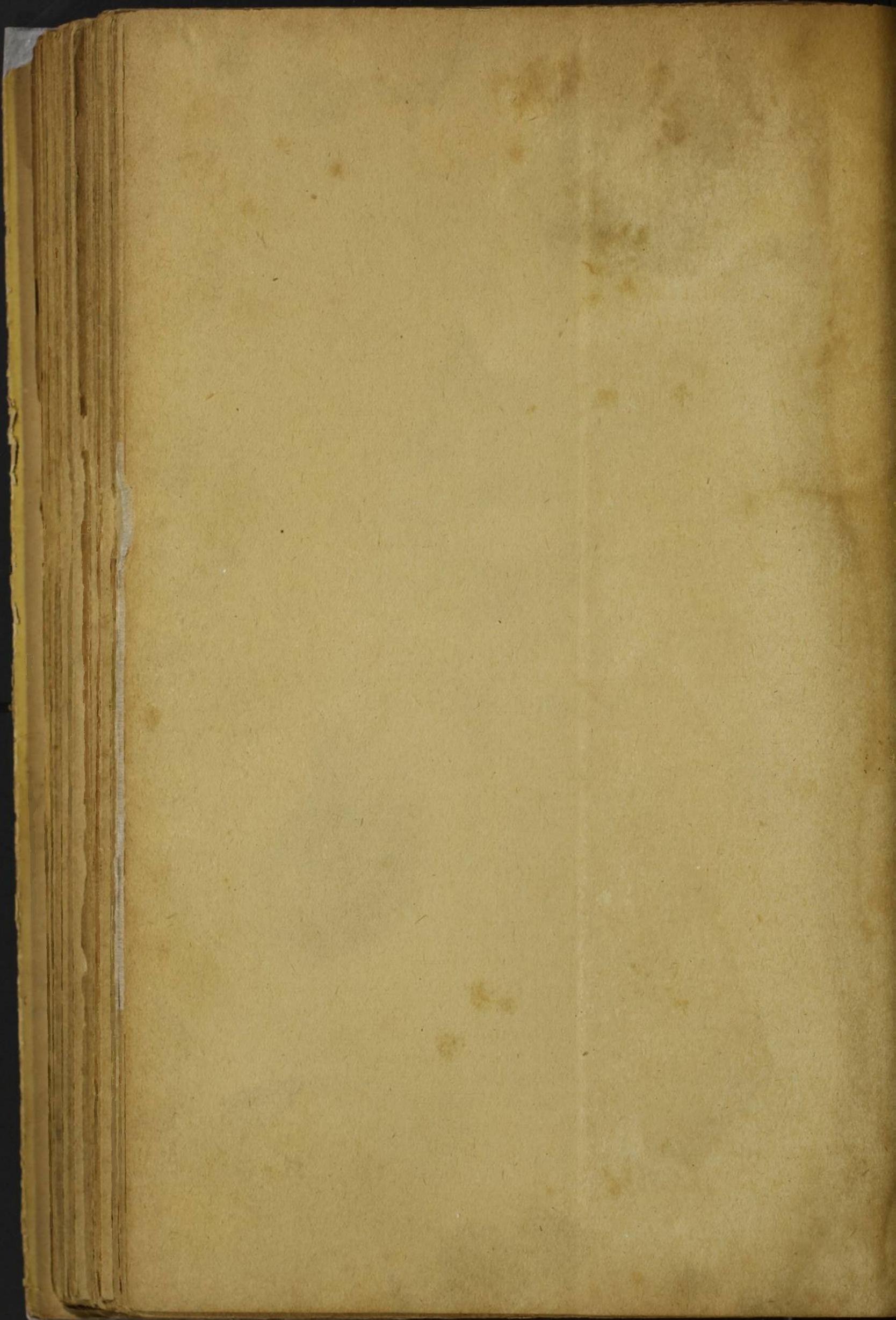
Um caeté. Com que facilidade esqueci a promessa feita ao Mendonça! E este habito de fumar imoderadamente, este desejo súbito de embriagar-me quando experimento qualquer abalo, alegria ou tristeza!

Se Pedro Antônio, Balbino, pobres-diabos que por aí vivem, soubessem exprimir-se, quantos pontos de contacto!

Diferenças também, é claro. Outras raças, outros costumes, quatrocentos anos. Mas no íntimo, um caeté. Um caeté descrente.

Descrente? Engano. Não ha ninguém mais crédulo que eu. E esta exaltação, quase veneração, com que ouço falar em artistas que não conheço, filósofos que não sei se existiram!

Ateu! Não é verdade. Tenho passado a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo — uma estréla no céu, algumas mulheres na terra...



★ Este livro foi composto e impresso
nas oficinas da Empresa Gráfica da
"Revista dos Tribunais" Ltda., à rua
Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para
à Livraria José Olympio Editora, em
Janeiro de 1947.

51669

visível pela realidade que está construída dentro do seu espírito e da sua memória. Ele não faz rir, mas sofrer, mas voltar o homem para o espetáculo do próprio homem, mas enfrentar a arte como um espelho capaz de permitir uma visão através das aparências exteriores. Cada um dos seus poemas, até mesmo os mais herméticos ou desconcertantes, contém um sentido, um golpe de vista no interior das coisas, a surpresa de uma revelação. E ser misterioso ou desconcertante não é só uma atitude de *humour*, mas uma forma de poesia, um privilégio das imagens poéticas, como justificou André Breton no *Manifeste du Surrealismo*: "Il n'est pas mauvais qu'elles le déconcertent finalement, car deconcerter l'esprit c'est le mettre dans son tort". Faz parte do destino da poesia contrariar violentamente os aspectos convencionais e comuns das coisas. Nem sempre, porém, o sr. C. D. de Andrade se revela humorista e desconcertante. Alternam-se nos seus livros os poemas de *humour* e os poemas, digamos, líricos, os poemas de deformação da realidade e os poemas de emoção em face dessa mesma realidade." "...É um autêntico lirismo que não se confunde com as formas verbais do brilhantismo, com a eloquência ou a retórica. E de nenhum poema do sr. C. D. de Andrade, aliás, será lícito dizer que é obscuro ou impenetrável de um modo absoluto. Podemos gostar ou não, estimar ou desdenhar, mas sempre se poderá atingir o seu sentido pelos recursos de inteligência e sensibilidade. Toda compreensão depende do leitor, da sua capacidade de interpretação poética. Dizia Mallarmé a Edmond Goncourt: "Un poème est un mystère dont le lecteur doit chercher la clef".

(In "Jornal de Crítica", 3.ª série)



LIVRARIA
JOSE OLYMPIO
EDITORIA

É DO GRANDE ROMANCISTA DE FOGO MORTO
A CRÔNICA QUE VAMOS TRANSCREVER, SÔBRE
UMA DAS OBRAS-PRIMAS DA LITERATURA RUSSA

ALMAS MORTAS

de NICOLAI GOGOL

“Temos em português, em edição completa da Livraria José Olympio Editora, o doloroso livro de Gogol, *Almas Mortas*. É este, talvez, o primeiro grande livro universal da Rússia, como fôra o *Quixote* para a Espanha. Há homens assim como Gogol que nasceram para ser uma espécie de central elétrica para os povos. É de Gogol que se irradia para o mundo a verdadeira alma da Rússia. Nascera em 1809, com Goethe vivo na Alemanha, e tem três anos quando os Exércitos de Napoleão invadem o solo da patria. A infância de Gogol foi assim de guerras, vivia com o povo russo atormentado pela tirania e pelo invasor. Napoleão havia caído, como Carlos XII, na lama da neve, mas dentro da Rússia ficaram a fome e a escravidão. Gogol, em 1840, aos 31 anos, termina a narrativa de suas “almas mortas”. Quando ela lera para Puschkine o seu trágico poema em prosa, este tremendo romance da servidão, o poeta ficou triste e calado. Então Gogol lhe pede a opinião. E Puschkine lhe diz, em tom de profunda mágoa: “Meu Deus, como é triste a nossa Rússia!”

Gogol tinha penetrado na alma do povo. E o que comovia, com pungente tristeza da realidade, foi qualquer coisa que abalasse o mundo. O poder da arte fizera que a Rússia vivesse, na sua miséria, na sua dor, na melancolia de sua gente, de seus párias e de seus senhores, nos seus frios, nas suas fomes, através das histórias de Gogol. A tristeza da Rússia que Puschkine encontrava nas *Almas Mortas* daria, mais tarde, uma literatura de amargor, de sangue, de feridas abertas, de gritos de revolta, de piedade, de renúncia, e terror como nunca se vira na Europa. O mundo eslavo começou com Gogol a ser como aquele outro mundo anglo-saxão que Shakespeare descobrira. Gogol, na história da literatura universal, foi um Colombo, um revelador de mundos desconhecidos e de terras estranhas. Sem as *Almas Mortas* não teria havido lugar para as grandezas de Tolstoi e de Dostoievski. Existe a Rússia de antes e depois das *Almas Mortas*. Toda a crueldade das sátiras de Gogol, todas as lágrimas de sua piedade revelaram a alma escondida de um povo que viria para a comunhão dos homens com a vocação de revelar verdades eternas.”

JOSÉ LINS DO REGO

Tradução e prefácio de COSTA NEVES

Introdução de OTTO MARIA CARPEAUX

Um vol. in-8.^o de 480 pags., trazendo um retrato do autor.



LIVRARIA JOSÉ OLIMPIO EDITORA
Rua do Ouvidor, 110, - Rio — Rua dos Gusmões, 104 - São Paulo